

PHILIP REEVE

LIVRO 2

O OURO DO PREDADOR

A SEQUELA DE ENGENHOS MORTÍFEROS,
O PREMIADO ROMANCE FANTÁSTICO AGORA ADAPTADO AO CINEMA

«Com uma escrita inteligente
e de grande intensidade,
esta é uma história
empolgante e irresistível.»

SUNDAY TIMES

 EDITORIAL PRESENÇA

Wook

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Table of Contents

[Philip Reeve](#)

[Primeira Parte](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Segunda Parte](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Terceira Parte](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

Philip Reeve

O Ouro do Predador

Mortal Engines

Editorial Presença

Primeira Parte

Capítulo 1

O Norte Gelado

Freya acordou cedo e deixou-se ficar deitada na escuridão, sentindo por baixo a sua metrópole a tremer e a balançar enquanto os potentes motores a faziam deslizar pelo gelo. Ainda sonolenta, esperou que os criados a viessem ajudar a levantar-se da cama. Até que após alguns segundos se lembrou de que tinham todos morrido.

Atirou os cobertores com os pés, acendeu os candeeiros de árgon e encaminhou-se para a casa de banho abrindo caminho por entre as pilhas empoeiradas de roupas velhas que estavam espalhadas pelo chão. Há já várias semanas que andava a ganhar coragem para tomar um duche mas naquela manhã foi mais uma vez vencida pelos complicados comandos daquele chuveiro, ou seja, não conseguiu fazer com que saísse água quente. Por fim, voltou a encher como de costume o lavatório e lavou a cara e o pescoço. Ainda havia um resto de sabonete e aproveitou para esfregar o cabelo e de seguida mergulhou a cabeça na água. Os seus criados de quarto teriam usado champô, cremes, bálsamos, amaciadores e todo o tipo de óleos aromáticos mas infelizmente estavam todos mortos e ela sentia-se intimidada pelas várias prateleiras de frascos dispostos no armário da casa de banho. E ao ver-se confrontada com uma escolha tão vasta, preferiu não usar nenhum.

Pelo menos, tinha conseguido aprender a vestir-se sem ajuda. Agarrou num dos seus vestidos amarrotados que estava no chão, pô-lo em cima da cama e enfiou-o pela cabeça abaixo enquanto lá por dentro *lutava até* conseguir enfiar os braços e a cabeça nos buracos certos. O colete comprido com cós de pêlo que vestiu por cima já *foi* mais fácil de vestir embora tivesse tido um certo trabalho com os botões. As suas criadas apertavam-lhe sempre os botões de

forma muito rápida e fácil à medida que iam conversando e rindo do dia que as esperava e nunca se enganavam a apertá-los. Mas também elas tinham morrido.

Freya praguejou durante uns quinze minutos enquanto se penteava desajeitadamente com uma certa força e por fim, observou atentamente o resultado no seu espelho coberto de teias de aranha. *Nada mal*, pensou, tendo em conta o resto. Talvez umas jóias a favorecessem. Mas quando foi à Câmara das Jóias, percebeu que a maior parte das boas peças tinha desaparecido. Ultimamente tudo desaparecia. Freya não conseguia sequer imaginar onde poderiam ter ido parar. De qualquer forma, ela não precisava de colocar uma tiara no cabelo peganhento, lavado com sabonete, nem de pôr um colar de âmbar e ouro à volta do pescoço nojento. É claro que a mãe não iria aprovar o facto de ela estar sem jóias, mas a mãe também tinha morrido.

Nos corredores silenciosos e vazios do palácio, a camada de pó ia-se acumulando como se fosse neve. Chamou um pajem e enquanto esperava por ele, ficou a olhar pela janela. Lá fora, o crepúsculo sombrio, ártico, apresentava uma tonalidade acinzentada nos telhados gelados da sua metrópole. Na subdivisão das máquinas, o chão tremia com o movimento das rodas dentadas e dos pistões, mas aqui em cima, sentia-se pouco a trepidação. Estavam a atravessar os Glaciares Superiores, o norte dos nortes onde não havia qualquer tipo de elevações, apenas uma planície branca que brilhava suavemente com o reflexo do céu.

O pajem chegou endireitando a cabeleira coberta de pó.

— Bom dia, Smew — cumprimentou ela.

— Bom dia, Vossa Resplandecência.

Por momentos, sentiu uma súbita vontade de pedir a Smew que a acompanhasse aos seus aposentos para lhe pedir que fizesse qualquer coisa para acabar com todo aquele pó, com as roupas

espalhadas pelo chão e com as jóias desaparecidas. E para lhe mostrar como é que o chuveiro funcionava. Mas ele era um homem e seria uma quebra impensável da tradição, deixar entrar um homem nos aposentos da Margravine. Em vez disso, limitou-se a dizer o que dizia todas as manhãs:

— Acompanha-me à sala do Dejejum, Smew.

Enquanto desciam no elevador para o andar inferior, Freya começou a imaginar a sua metrópole a atravessar rapidamente a camada de gelo como se fosse uma barata negra a rastejar sobre um enorme prato branco. A pergunta mantinha-se, para onde se dirigiam? Era exactamente isso que Smew desejava saber. Era visível no seu rosto pela forma inquisidora com que insistentemente a observava. O Comité de Navegação também o deveria querer saber. Estava na altura de parar de fugir dos predadores famintos e tinha chegado o momento de Freya decidir qual iria ser o futuro da sua metrópole. Durante milhares de anos o povo de Anchorage tinha deixado ao cuidado da Casa de Rasmussen a tomada de tais decisões. Afinal de contas, as mulheres de Rasmussen eram especiais. Não tinham sido elas a governar Anchorage após a Guerra dos Sessenta Minutos? Não tinham os Deuses Gelados falado com elas durante os seus sonhos, dizendo-lhes para onde é que a Metrópole deveria seguir de forma a encontrar bons parceiros mercantis e a evitar as armadilhas do gelo e os predadores?

Mas Freya era a última descendente da sua linhagem e os Deuses Gelados não tinham falado com ela. Hoje em dia, já quase ninguém falava com ela e quando o faziam era para lhe perguntarem da forma mais educada possível, qual a rota que tencionava seguir. *Por que é que me perguntam a mim?* Era o que lhe apetecia responder. *Sou apenas uma miúda! Nem queria ser Margravine!* Mas não havia mais ninguém a quem pudessem perguntar.

Pelo menos esta manhã, Freya teria uma resposta para lhes dar. Só não tinha a certeza se iriam gostar dela.

Tomou o pequeno-almoço sozinha, sentada numa enorme cadeira preta de costas altas a uma mesa comprida igualmente preta. O barulho da faca no prato e da colher na chávena pareciam-lhe ensurdecedoramente altos no meio daquele silêncio. Nas paredes sombrias, os quadros dos seus divinos antepassados observavam-na com um ar levemente impaciente como se também eles estivessem à espera que ela decidisse qual seria o destino a seguir.

— Não se preocupem — disse-lhes. — Já me decidi.

Quando terminou o pequeno-almoço entrou o camareiro.

— Bom dia, Smew.

— Bom dia, Luz dos Campos Gelados. O Comité de Navegação aguarda o prazer da companhia de Sua Resplandecência.

Freya acenou afirmativamente com a cabeça e o camareiro abriu a porta da sala de Dejejum para o Comité entrar. Antigamente eram vinte e três, agora resumiam-se apenas a Mr. Scabious e à Menina Pye.

Windolene Pye era uma mulher de meia-idade, alta e simples com o cabelo puxado para cima, preso num coque, o que dava a impressão de que ela andava com um bolo de noiva no alto da cabeça. Tinha sido secretária do falecido director de navegação e parecia compreender os mapas e tabelas razoavelmente bem, mas na presença da sua Margravine ficava bastante nervosa e desfazia-se em pequenas medidas só pelo simples facto de Freya espirrar.

Já o seu colega Søren Scabious era bastante diferente. Desde que a Metrópole se tinha tornado móvel que todos na sua família se tinham tornado Mestres de Máquinas e para além disso, era a única

pessoa que Freya considerava mais dentro do seu género. Se tudo tivesse corrido como habitualmente, ela casar-se-ia no próximo Verão com o filho dele, Axel. Era normal a Margravine aceitar um homem vindo da subdivisão das máquinas para seu consorte de forma a manter as classes de máquinas satisfeitas. Mas já nada corria normalmente e Axel tinha morrido. Lá no fundo, Freya tinha ficado feliz por Scabious já não ser seu sogro. Era um velho demasiado severo, triste e calado. As suas vestes negras enlutadas fundiam-se com a escuridão da sala do Dejejum como que a camuflá-lo, mostrando o seu rosto suspenso no meio nas sombras como uma máscara branca de morte e como se não tivesse corpo.

— Bom dia, Vossa Resplandecência — cumprimentou ele, fazendo uma vénia muito rígida enquanto ao seu lado, a Menina Pye se desfazia em medidas, saltitando muito corada com o nervosismo.

— Qual é a nossa posição? — perguntou Freya.

— Ah, Vossa Resplandecência, estamos a cerca de duzentas milhas a norte das Montanhas Tannhäuser — disse rapidamente a Menina Pye. — Estamos em pleno mar gelado e não avistámos mais nenhuma metrópole.

— O sector das máquinas aguarda as suas instruções, Luz dos Campos Gelados — continuou Scabious. — Deseja voltar para oriente?

— Não! — estremeceu Freya ao lembrar-se de como no passado quase tinham sido devorados. Se voltassem para ocidente ou rumassem para sul de forma a seguirem as margens do glaciário, os Predadores de Arkangel certamente o viriam a descobrir e com a tripulação reduzida ao mínimo para conseguir manobrar os motores, Freya estava quase certa de que a sua metrópole não conseguiria fugir novamente do grande predador.

— Talvez devêssemos tentar o ocidente, Vossa Resplandecência? — sugeriu nervosamente a Menina Pye. —

Existem ao longo da margem oriental da Gronelândia, algumas pequenas Metrópoles que sobreviveram ao Inverno. Talvez consigamos fazer algum comércio.

— Não — respondeu Freya com firmeza.

— Então, talvez Vossa Resplandecência tenha algum outro destino em mente? — perguntou Scabious. — Terão os Deuses Gelados falado convosco?

Freya acenou solenemente com a cabeça. De facto, a ideia que ela tinha tido já andava a fermentar na sua cabeça há cerca de um mês e ela achava que não tinha vindo de deus nenhum. Era a única forma possível que ela tinha conseguido encontrar para manter a sua metrópole livre para sempre de predadores, de pestes e de dirigíveis espiões.

— Marque a rota para o Continente Morto — disse ela. — Vamos voltar para casa.

Capítulo 2

Hester E Tom

Hester Shaw estava a começar a habituar-se a ser feliz. Após todos aqueles anos lamacentos e famintos a viver nas fossas e nas cidades necrófagas do Grande Terreno de Caça, ela tinha finalmente encontrado o seu lugar no mundo. Tinha o seu próprio dirigível, o *Jenny Haniver* (e esticando o pescoço conseguia ver a curvatura superior do balão de seda vermelha por trás do cargueiro de especiarias no cais dezassete) e tinha Tom. Gentil, bonito e inteligente, que ela amava verdadeiramente, e que, apesar de tudo, parecia também amá-la.

Durante muito tempo achou que aquela relação não iria durar. Eram demasiado diferentes e Hester não era propriamente a beleza em pessoa. Um autêntico espantalho de rapariga, muito alta e desleante com o cabelo acobreado dividido em duas tranças muito apertadas, o rosto cortado ao meio por um antigo golpe de espada que lhe tinha roubado um olho e grande parte do nariz e que lhe tinha deixado a boca com uma expressão sarcástica e desdentada. *Não vai durar*, dizia para consigo própria enquanto esperavam na Ilha Negra que os construtores navais acabassem de arranjar o pobre *Jenny Haniver*. *Ele só está comigo por pena*, compreendeu enquanto voavam sobre África e atravessavam a América do Sul. *O que será que ele vê em mim?* Pensava para consigo enquanto enriqueciam a transportar abastecimentos para as grandes metrópoles da Antárctida perfuradoras de petróleo voltando logo de seguida a empobrecer ao terem de deitar a carga toda pela borda fora sobre a *Tierra del Fuego* para conseguirem fugir aos piratas do ar. Ao regressarem pelo Atlântico azul com uma coluna de dirigíveis mercantes ela sussurrava para si mesma, *É impossível que isto dure*.

E no entanto, tinha durado. E já durava há mais de dois anos. Hester deu por si sentada sob o sol de Setembro na varanda do Crumple Zone, um dos vários cafés de Airhaven High Street, a pensar que se calhar ia durar para sempre. Apertou a mão de Tom por baixo da mesa e sorriu com aquele seu sorriso distorcido e ele olhou para ela com o mesmo amor com que ela o tinha beijado pela primeira vez sob a trémula luz da MEDUSA na noite em que Londres tinha morrido.

Durante aquele Outono, Airhaven tinha rumado para norte e agora pairava a alguns milhares de metros da Frost Barrens, enquanto algumas pequenas cidades necrófagas que durante os meses do sol da meia-noite tinham andado no gelo, se aglomeravam por baixo para negociar. Balão atrás de balão iam surgindo para atracar nos atracadouros do porto-livre aéreo, escoando negociantes de Tecnologia Antiga que, mal as suas botas tocavam nas leves placas do convés, começavam logo a apregoar os seus produtos. O Norte Gelado era um excelente terreno de caça para os vasculhadores de tecnologia perdida, que por sua vez vendiam partes de Caçadores, acumuladores de armas Tesla, pontas e bocados de mecanismos sem nome deixados por meia dúzia de civilizações diferentes e até partes de uma Antiga máquina voadora que tinha permanecido intacta nos Glaciares Superiores desde a Guerra dos Sessenta Minutos.

Por baixo deles, Frost Barrens estendia-se ao longo da neblina para sul, oriente e ocidente. Era um território frio e gélido onde os Deuses Gelados governavam oito meses por ano e onde pedaços de neve se acumulavam já nos sombrios fundos das ziguezagueadas lagartas das metrópoles. A norte elevava-se a negra parede de basalto das Montanhas Tannhäuser, a cadeia de vulcões que marcava o limite norte do Grande Terreno de Caça. Alguns expeliam as suas espirais de fumo cinzento como pilares a sustentarem o céu. E, no meio, através de um ténue véu de cinzas,

Hester e Tom conseguiam vislumbrar na imensidão branca dos Desertos Gelados algo que se aproximava com um aspecto enorme, sujo e implacável como uma montanha tresmalhada.

Hester tirou o telescópio de um dos bolsos do casaco e colocou-o no olho girando o foco até que a imagem desfocada se tornasse nítida. Estava a olhar para uma metrópole com oito plataformas de fábricas, barracões de escravos, chaminés obscenas a cuspirem fumo, uma escolta aérea que deixava rasto, dirigíveis parasitas a peneirar o fumo dos escapes em busca de resíduos minerais e, mais abaixo, gigantescas rodas que giravam através de véus de neve e de rochedos pulverizados.

— Arkangel!

Tom arrancou-lhe o telescópio.

— Tens razão. Costuma seguir para o sopé no extremo norte das Tannhäusers no Verão, devorando as cidades necrófagas à medida que vão passando. A camada de gelo polar é mais grossa agora do que antigamente mas continuam a existir zonas demasiado finas para comportarem o peso de Arkangel até ao final do Verão.

Hester riu-se.

— Sabichão.

— É mais forte que eu — respondeu Tom. — Fui Aprendiz de História, lembras-te? Tínhamos de memorizar uma lista das Maiores Metrópoles de Tracção do Mundo e Arkangel era uma das primeiras, por isso é natural que não me esqueça.

— Exibicionista! — resmungou Hester — Só gostava que fosse Zimbra ou Xanne-Sandansky. Já não farias um ar tão entendido.

Tom continuava a espreitar pelo telescópio.

— Um dia destes, vai subir as lagartas, baixar as lâminas de ferro e esquiar por aí fora em busca de metrópoles de gelo e de cidades necrófagas Gelófilas para devorar...

Para já, Arkangel parecia dedicar-se apenas a negociar. Era demasiado grande para se içar pelas passagens estreitas das Tannhäusers mas os dirigíveis levantaram das suas docas e voaram para sul através da neblina em direcção a Airhaven. O primeiro fez um arrogante corta-mato através do turbilhão de balões que rodeavam a cidade flutuante e seguiu em voo picado direito ao atracadouro da plataforma seis, mesmo por baixo do poleiro de Tom e Hester que sentiram uma suave vibração quando as garras de atracação se prenderam ao desembarcadouro. Era um dirigível esguio de ataque e de curto alcance, com um lobo vermelho pintado no seu balão negro e o nome escrito em letras góticas: *Clear Air Turbulence*.

Os homens saíram da barquinha blindada com um ar arrogante caminhando pesadamente pelo desembarcadouro, subindo em seguida as escadarias que iam dar a High Street. Eram homens imponentes, corpulentos com mantos e chapéus de pele e por baixo das túnicas tinham um resguardo cintilante de cota de malha. Um deles usava um capacete de aço de onde saíam duas enormes campânulas reluzentes feitas de gramofones. Um fio eléctrico ligava o capacete a um microfone de metal preso com grampos ao pulso de outro homem, cuja voz amplificada trovejava por Airhaven à medida que ele ia subindo as escadas.

— Saudações, aereolinguianos! Saudações do Grande Arkangel, Martelo dos Glaciares Superiores, Flagelo do Norte, Devorador do Estático Spitzbergen! Temos ouro para trocar por todas as informações que nos possam dar sobre localizações de metrópoles geladas! Trinta soberanos por uma informação que nos leve a uma captura!

Começou a abrir caminho por entre as mesas da Crumple Zone ainda a apregoar a sua oferta enquanto à sua volta, os aviadores abanavam a cabeça com um olhar carrancudo e voltavam o rosto. Agora que havia tão poucas presas, por todos os lados surgiam grandes predadores a oferecerem recompensas àqueles que as encontrassem mas eram poucos os que as bradavam aos sete ventos. Os mercadores aéreos honestos começavam a recear que brevemente fossem banidos das metrópoles geladas mais pequenas. Mas que Presidente da Câmara arriscaria autorizar a atracação de um dirigível que poderia levantar voo no dia seguinte e vender a sua rota a algum grande e ganancioso *urhívoro* como Arkangel? Contudo havia sempre outros tais como, ladrões, semipiratas e mercadores cujos dirigíveis não proporcionavam os lucros esperados mas que estavam prontos a aceitar a fortuna do predador.

— Quem tiver negociado este Verão a bordo do Kivitoo, do Breidhavig ou do Anchorage que venha ter comigo ao Balão ou à Barquinha e vão ficar a saber onde é que eles planeiam passar o Inverno! — insistiu o recém-chegado. Era um jovem com ar de estúpido, rico e bem alimentado. — Trinta em ouro, meus amigos. O suficiente para manterem os vossos dirigíveis e balões com combustível e gás durante um ano.

— Aquele é Piotr Masgard — Hester ouviu uma aviadora Dinka comentar com os amigos numa das mesas ao lado da sua. — É o filho mais novo do Director do Arkangel. Chama ao bando que o acompanha os Predadores. E não são para brincadeiras. Ouvi dizer que aterram o dirigível em pequenas cidades pacíficas que são demasiado rápidas para que Arkangel as consiga apanhar e depois obrigam-nas a parar ou a dar a volta, ameaçando-as com espadas, a rumarem direitos às mandíbulas de Arkangel!

— Mas isso não é justo! — gritou Tom, que também tinha estado a ouvir a conversa mas infelizmente as suas palavras

soaram mais alto num dos momentos em que Masgard interrompia o discurso. O Predador voltou o seu grande rosto, indolente e bonito e sorriu para Tom.

— Não é justo, aereolinguiano? O que é que não é justo? Este é um mundo de cidades que se comem umas às outras, não sabias?

Hester fez um ar tenso. Uma das coisas que nunca tinha compreendido acerca de Tom era por que razão ele achava que tudo tinha de ser justo. Supôs que fosse devido à educação que ele tinha recebido. Uns anos a viver com as suas crenças numa cidade necrófaga tê-lo-iam mudado imediatamente, mas ele tinha crescido com todas aquelas regras e costumes do Grémio dos Historiadores, de modo a manter a vida real à distância, mesmo apesar do que entretanto tinha visto, ainda se conseguia chocar facilmente com pessoas como Masgard.

— Só estou a querer dizer que é contra todas as regras do *Darwinismo Municipal* — explicou Tom, olhando para o homem enorme. Levantou-se mas percebeu que continuava a olhar para cima, pois o Predador era uma torre com pelo menos mais trinta centímetros do que ele. — As cidades mais rápidas comem as mais vagarosas e as mais fortes comem as mais fracas. É assim que é suposto funcionar, tal como na natureza. Oferecer recompensas a quem as encontre e raptar presas contraria o equilíbrio. — Continuou como se Masgard não passasse de um opositor na Sociedade de Debate dos Aprendizes de Historiadores.

Masgard abriu ainda mais o sorriso. Atirou o manto para o lado e desembainhou a espada. Ouviram-se exclamações assustadas, gritos e um barulho de cadeiras a caírem ao chão enquanto todos os que estavam nas imediações tentavam afastar-se o mais possível. Hester agarrou Tom e começou a puxá-lo enquanto mantinha o olhar na espada reluzente.

— Tom, seu idiota, pára com isso!

Masgard olhou para ela, soltou uma gargalhada ruidosa e voltou a embainhar a espada.

— Olhem! O aereolinguiano tem uma linda amiguinha para o proteger!

A sua tripulação também se riu e Hester corou às manchas agarrando na sua velha echarpe vermelha para esconder o rosto.

— Vem ter comigo mais tarde, querida! — gritou Masgard. — Estou sempre disponível para uma beldade! E lembra-te, se tiveres a rota de alguma cidade para me vender, dou-te trinta soberanos em ouro! Assim já podes comprar um nariz novo!

— Lembrar-me-ei. — prometeu Hester empurrando rapidamente Tom dali para fora. A fúria percorria-a como um corvo aprisionado. Apetecia-lhe voltar atrás e lutar. Ela tinha quase a certeza de que Masgard não sabia usar aquela espada de que tanto se orgulhava... Mas a parte vingativa, obscura e assassina dela era algo que ultimamente tentava manter escondida, por isso, contentou-se em fazer deslizar a sua faca e cortou silenciosamente o fio do microfone de Masgard quando passou por ele. A próxima vez que tentasse anunciar alguma coisa, seria ele o motivo da chacota.

— Desculpa — disse Tom timidamente enquanto corriam em direcção ao atracadouro que estava agora atolado de mercadores e de visitantes acabados de chegar de Arkangel — não foi de propósito... Eu apenas quis...

— Não faz mal — interrompeu Hester. Queria dizer-lhe que se de vez em quando ele não tivesse atitudes assim tão corajosas e idiotas, que não seria o Tom que ela conhecia e que tanto amava. Mas como não era capaz de o dizer por palavras, empurrou-o para um espaço que havia debaixo da plataforma de suporte e após

certificar-se que ninguém estava a olhar, colocou os seus magros braços à volta do pescoço dele, baixou o véu e beijou-o. — Vamos embora.

— Mas ainda não temos carregamento. Não íamos tentar encontrar um mercador de peles ou...

— Aqui não há mercadores de peles, apenas de Tecnologia Antiga e não vamos começar a transportar esse género de coisas, pois não? — ele fez um ar inseguro e ela voltou a beijá-lo antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa. — Estou farta de Airhaven. Apetece-me voltar às Estradas de Pássaros.

— Está bem — concordou Tom sorrindo e acariciando a boca de Hester, a face e o defeito no olho onde tinha a cicatriz. — Está bem. Já vi o suficiente dos céus do Norte. Vamos.

Mas não ia ser assim tão fácil. Quando chegaram à plataforma dezassete estava um homem à espera deles ao lado do *Jenny Haniver*, sentado em cima de um grande saco de cabedal. Hester, ainda irritada por causa da chacota de Masgard, escondeu o rosto novamente. Tom largou a mão dela e correu em direcção ao estranho.

— Bom dia! — gritou o homem levantando-se. — Mr. Natsworthy? Menina Shaw? Presumo que sejam os donos deste pequeno e esplêndido dirigível? Bolas, tinham-me dito no escritório do atracadouro que eram jovens mas nunca pensei que fossem assim tão jovens! São praticamente umas crianças!

— Eu tenho quase dezoito anos — defendeu-se Tom.

— Não liguem, não liguem! — disse alegremente o estranho. — A idade não conta quando o coração é grande e tenho a certeza de que possuem um grande coração. Perguntei ao meu amigo Mestre da Doca quem era aquele rapaz tão bem parecido ao que ele me respondeu: «É Tom Natsworthy, piloto do *Jenny Haniver*».

Pennyroyal, disse para comigo, *aquele rapaz poderá ser exactamente a pessoa de quem estás à procura!* E aqui estou eu!

E ali estava ele. Um homem baixo, careca e com um certo peso a mais, que usava uma barba branca aparada. As suas roupas eram as de um típico necrófago do Norte. Casaco de pele comprido, chapéu de *pele*, *uma túnica* cheia de bolsos, calções grossos e botas cobertas de pele. Mas pareciam roupas demasiado caras, como se tivessem sido feitas de propósito para ele por algum *alfaiate* conhecido como indumentária de alguma peça em cena nos Desertos Gelados.

— Então? — perguntou.

— Então o quê? — perguntou Hester para quem um só segundo tinha sido o suficiente para antipatizar com este estranho cheio de pose.

— Desculpe — respondeu Tom de forma mais educada. — Não estamos a perceber o que é que o senhor *deseja...*

— Ah, desculpem, perdoem-me — balbuciou o estranho. — Permitam-me explicar! O meu nome é Pennyroyal, Nimrod Beauregard Pennyroyal. Andei a fazer umas pequenas explorações por estas enormes e terríveis montanhas de fogo e agora estou de regresso a casa e gostaria de reservar um lugar a bordo do vosso adorável dirigível.

Capítulo 3

O Passageiro

O nome Pennyroyal dizia qualquer coisa a Tom, mas ele não se conseguia lembrar exactamente de quê. Tinha a certeza de que alguém o tinha mencionado nalguma palestra quando era Aprendiz de Historiador mas o que é que Pennyroyal poderia ter feito ou dito que valesse a pena ser mencionado numa palestra, já não se lembrava. E a maior parte do tempo, Tom tinha passado a sonhar alto, acabando por não prestar muita atenção aos professores.

— Não transportamos passageiros — respondeu Hester com firmeza. — Vamos em direcção a sul e viajamos sozinhos.

— O sul seria perfeito e excelente! — exclamou Pennyroyal radiante. — A minha metrópole natal é Brighton, a grande massa de gelo flutuante de veraneio e durante o Outono vai navegar no Middle Sea. Estou ansioso por chegar a casa, Menina Shaw. Os meus editores Fewmet e Spraint estão impacientes para receberem um novo livro meu até ao Festival da Lua e preciso da calma e do sossego do meu escritório para começar a trabalhar no meu rascunho.

À medida que falava ia lançando uns rápidos olhares por cima do ombro, observando os rostos dos transeuntes no atracadouro. Suava ligeiramente e Hester achou que contrariamente ao que tinha dito, ele não estava com grande vontade de voltar para casa. Mas Tom ficou intrigado.

— O senhor é escritor Mr. Pennyroyal?

— *Professor* Pennyroyal — respondeu o homem radiante, corrigindo-o educadamente. — Sou um Explorador, Aventureiro e Historiador Alternativo. Talvez já tenha visto alguma das minhas

obras: *As Cidades Perdidas das Areias*, talvez ou *A Deslumbrante América — a Verdade acerca do Continente Morto...*

Tom lembrou-se subitamente de onde tinha ouvido aquele nome. Chudleigh Pomeroy tinha uma vez mencionado o nome de Nimrod B. Pennyroyal numa palestra acerca das Recentes Tendências na História. Pennyroyal (segundo tinha dito o velho historiador) não tinha qualquer respeito pela verdadeira pesquisa histórica. As suas arriscadas expedições não passavam de truques e enchia os livros de teorias loucas e contos chocantes de romance e aventura. Tom gostava muito de teorias loucas e de contos chocantes e tinha andado à procura das obras de Pennyroyal na Biblioteca do Museu mas o emproado Grémio dos Historiadores tinha-se recusado a permitir que lhes fosse dado espaço naquelas prateleiras, de forma que Tom nunca tinha chegado a descobrir onde é que as expedições de Pennyroyal o tinham levado.

Olhou de relance para Hester.

— Het, nós temos lugar para um passageiro. E o dinheiro até nos dava jeito...

Hester fez um ar carrancudo.

— Dinheiro não é problema — prometeu Pennyroyal mostrando uma bolsa cheia e a tilintar. — Digamos, cinco soberanos agora e mais cinco quando atracarmos em Brighton? Não é um negócio tão bom como aquele que Piotr Masgard vos propôs para traírem uma cidade mas não é nada mau e além disso estarão a fazer um grande favor à literatura.

Hester pôs-se a olhar para a roldana de um dos cabos do desembarcadouro. Sabia que tinha perdido. Este estranho demasiado amigável sabia exactamente como dar a volta a Tom e até ela tinha de admitir que dez soberanos iam dar muito jeito. Fez uma última tentativa para tentar evitar o inevitável, deu um pontapé no saco de Pennyroyal e perguntou:

— O que é que leva no saco? Não transportamos Tecnologia Antiga. Já vi o suficiente do que isso é capaz de fazer.

— Céus! — exclamou Pennyroyal. — Não podia estar mais de acordo! Posso ser Alternativo mas não sou idiota. Também eu já vi o que acontece a quem passa a vida inteira a desenterrar máquinas velhas. Acabam envenenados por estranhas radiações ou explodem devido ao mau funcionamento de alguma engenhoca. Não, tudo o que carrego é uma muda interior e alguns milhares de anotações e desenhos para o meu próximo livro, *Montanhas de Fogo — Fenómeno Natural ou Erro dos Antigos?*

Hester deu outro pontapé no saco que por sua vez escorregou suavemente para o outro lado mas não fez qualquer tipo de barulho metálico que sugerisse que Pennyroyal estivesse a mentir. Olhou para os pés e depois ainda mais para baixo, para a terra, através das perfuradas placas de convés de Airhaven, onde se via uma metrópole a afastar-se suavemente para oeste deixando a enorme sombra atrás de si. *Enfim*, pensou para consigo. O Middle Sea devia ser quente e azul e completamente diferente destes sombrios Barrens e numa semana deveriam lá chegar. Certamente que ela iria ser capaz de dividir Tom com o Professor Pennyroyal durante uma semana, não? Já que depois ficaria com ele para o resto da vida.

— Está bem — concordou ela, arrancando a bolsa do explorador e retirando os cinco soberanos de ouro antes que ele mudasse de ideias. Ao seu lado, Tom proferia:

— Podemos arranjar-lhe uma cama no porão da frente, Professor e se quiser pode usar a enfermaria como escritório. Eu estava a planear passar aqui esta noite e partir ao amanhecer.

— Se não lhe fizer qualquer diferença, Tom — respondeu Pennyroyal olhando novamente para o atracadouro com um ar ner-

voso — eu preferia sair imediatamente. Não quero deixar a minha musa à espera...

Hester encolheu os ombros e fechou a bolsa.

— Saímos assim que o Mestre da Doca nos der autorização — respondeu ela. — E terá um acréscimo de dois soberanos.

O Sol pôs-se a ocidente num tom de fogo que ia mergulhando na bruma das Tannhäuser. Os balões continuavam a subir vindos de baixo da aglomeração mercante enquanto dirigíveis e balões vinham de sul pelas altas terras basálticas do grande Arkangel. Um deles, pertencia a um amável velhote chamado Widgery Blinkoe, um negociante de velharias de Tecnologia Antiga que tinha feito fortuna alugando quartos por cima da sua loja na subdivisão da doca de Arkangel e como informador a quem quer que lhe pagasse.

Deixou as esposas a atracar o balão e seguiu directamente para o escritório do Mestre da Doca e perguntou:

— Viu este homem?

O Mestre da Doca olhou para a fotografia que Mr. Blinkoe tinha colocado em cima da mesa e respondeu:

— Mas é o Professor Pennyroyal, aquele senhor historiador.

— Senhor uma ova! — gritou Blinkoe furioso. — Ficou hospedado estas últimas seis semanas em minha casa e mal Airhaven deu à costa fugiu sem pagar o que me devia! Onde é que ele está? Onde é que eu posso encontrar esta criatura?

— Demasiado tarde, amigo — sorriu o Mestre da Doca, que sentia um certo prazer em dar más notícias. — Ele chegou num dos primeiros balões de Arkangel a perguntar por dirigíveis que fossem para sul. Pu-lo em contacto com os jovens que pilotam o *Jenny Haniver* mas largaram há cerca de dez minutos rumo ao Middle Sea.

Blinkoe resmungou e passou com lassidão a mão pelo rosto grande e pálido. Ele não merecia perder os vinte soberanos que Pennyroyal lhe tinha prometido. Mas por que é que ele não tinha obrigado o escória a pagar adiantado? Mas tinha ficado tão lisonjeado quando Pennyroyal lhe tinha oferecido um exemplar autografado de *A Deslumbrante América* (Para o meu prezado amigo Widgery com um grande abraço) e tão excitado com a promessa de que faria menção ao seu nome no seu próximo grande trabalho que nem lhe cheirou a esturro quando Pennyroyal começou a pôr na conta as facturas das caixas de vinho. E nem sequer fez qualquer objecção quando ele começou a meter-se com a mais jovem das Mrs. Blinkoes! Que se lixem os escritores todos!

Mas subitamente, algo que o mestre da doca disse fez com que aquele nevoeiro de autocomiseração e a incipiente dor de cabeça que tinham estado a ensombrar os seus pensamentos se dissipassem. Um nome. Um nome familiar. Um nome legítimo!

— Disse *Jenny Haniver*?

— Disse, sim senhor.

— Mas isso é impossível! Desapareceu quando os deuses destruíram Londres!

O Mestre da Doca abanou a cabeça.

— Nada disso, senhor. Nem por isso. Segundo ouvi dizer, tem andado por céus estrangeiros nestes últimos dois anos a negociar com as metrópoles Ziggurat dos Novos Maias.

Mr. Blinkoe agradeceu e correu de volta para o atracadouro. Era um homem corpulento e não costumava correr muito mas desta vez parecia valer a pena fazer uma corrida. Afastou umas crianças que espreitavam à vez por um telescópio montado na grade e usou-o para perscrutar o céu. Um pouco para sudeste, os últimos raios de sol iluminavam as janelas da popa de um dirigível. Era pequeno,

vermelho com uma barquinha feita de escórias e hélices de direcção aéreas bimotoras Jeunet-Carot.

Mr. Blinkoe voltou rapidamente para o seu dirigível, o *Temporary Blip* e para as suas resignadas esposas.

— Rápido! — gritou ao entrar na barquinha. — Liguem o rádio!

— Com que então Pennyroyal voltou a fugir — disse uma das esposas.

— Que novidade! — comentou outra.

— Foi exactamente o que aconteceu em Arkangel — disse uma terceira.

— Silêncio mulheres! — gritou Blinkoe. — Isto é importante!

A quarta esposa fez uma expressão carrancuda.

— Pennyroyal nem vale o esforço.

— Coitado do querido Professor Pennyroyal — choramingou uma quinta.

— Esquece o Pennyroyal — berrou o marido, tirando o chapéu e enfiando os auscultadores do rádio. Sintonizou o transmissor para um comprimento de onda secreto e fez sinal à quinta esposa para parar de choramingar e girar o manipulador.

— Conheço quem me vá pagar muito bem por aquilo que acabei de saber! O mercador Pennyroyal acabou de partir no antigo dirigível de Anna Fang!

Só então é que Tom percebeu a falta que sentia dos outros historiadores. Hester gostava muito de ouvir os estranhos factos e histórias que ele contava dos seus tempos de Aprendiz mas em contrapartida ela pouco tinha para retribuir. Desde criança que vivia de acordo com as suas necessidades e apesar de saber como saltar

para dentro de um dirigível em andamento, de como apanhar e esfolar um gato vivo e de como dar um pontapé a um ladrão no sítio certo, nunca se tinha dado ao trabalho de aprender mais sobre a história do seu mundo.

E agora, tinha aqui o Professor Pennyroyal com a sua amável personalidade a encher o convés do *Jenny*. Para ele existia sempre uma teoria ou uma anedota para tudo e ouvi-lo fazia com que Tom sentisse uma certa nostalgia dos bons velhos tempos que tinha passado no Museu de Londres quando vivia rodeado de livros, factos, relíquias e de palestras escolares.

— Por exemplo, estas montanhas — dizia Pennyroyal gesticulando para fora da janela de estibordo enquanto atravessavam o longo pico das Tannhäuser em direcção a sul e o brilho da lava numa cratera activa, reluzia no rosto do explorador —, vão ser o tema da minha próxima obra. De onde vieram? Sabemos pelos mapas que sobreviveram e que não existiam no tempo dos Antigos. Então como é que cresceram tão repentinamente? O que é que as originou? Aconteceu exactamente o mesmo em Shan Guo. Zhan Shan é a maior montanha à face da terra e no entanto nos registos dos Antigos não lhe faziam qualquer menção. Serão novas montanhas resultantes do vulcanismo natural como já antes nos tinham dito? Ou estaremos a ver alguns resultados da Tecnologia Antiga que correram terrivelmente mal? Uma fonte de energia experimental ou até talvez uma terrível arma! Um fabricante de vulcões! Já pensaste na descoberta que isto significaria, Tom?!

— Não estamos interessados em descobrir Tecnologia Antiga — disse automaticamente Hester que estava junto à mesa das cartas marítimas a tentar traçar uma rota e Pennyroyal estava a irritá-la cada vez mais.

— É claro que não, minha querida! — exclamou Pennyroyal olhando para a antepara que estava ao lado dela (não se sentia

ainda preparado para olhar para o seu hediondo rosto sem estremecer). — Claro que não! Um preconceito muito nobre e muito sensível. E no entanto...

— Não é um preconceito — cortou Hester apontando o compasso aberto na sua direcção de tal forma que Pennyroyal receou que ela o pudesse magoar. — A minha mãe era arqueóloga. Uma exploradora, aventureira e historiadora como o senhor. Foi para as terras mortas da América e desenterrou aí algo que trouxe para casa. Algo chamado MEDUSA. Os Governantes de Londres mal ouviram falar nela, enviaram o seu homem de confiança, Valentine, para a matar. Foi ele que fez isto ao meu rosto quando acabou o trabalho. Em seguida, levou a MEDUSA para Londres e os Engenheiros puseram-na a funcionar e *Pum!* Incendiou-se e foi o seu fim.

— Ah, sim! — respondeu Pennyroyal, pausadamente. — Todos sabem o que aconteceu à MEDUSA. E lembro-me exactamente do que é que eu estava a fazer na altura. Estava a bordo da Cittàmotore na companhia de uma adorável jovem chamada Minty Bapsnack. Conseguimos ver o clarão de luz no céu para Leste, a cerca de meio mundo de distância...

— Bem, nós estávamos mesmo ao lado. Fomos levados pela forte deslocação de ar e vimos na manhã seguinte o que tinha restado de Londres. A metrópole toda, a cidade de Tom completamente reduzida a cinzas por algo que a minha mãe tinha descoberto. Foi por isso mesmo que resolvemos afastar-nos da Tecnologia Antiga.

— Ah! — comentou Pennyroyal com um ar perfeitamente incomodado.

— Vou-me deitar — disse Hester. — Estou com dores de cabeça. — O que era verdade, pois umas horas a ouvir as histórias de Pennyroyal tinham-lhe provocado uma forte e latejante dor por

trás do seu olho cego. Dirigiu-se ao lugar do piloto para dar um beijo de boa-noite a Tom mas como não queria fazê-lo com Pennyroyal a olhar para eles, roçou-lhe levemente na orelha e disse: — Acorda-me quando precisares de descansar — e dirigiu-se para o camarote na popa.

— Bolas! — comentou Pennyroyal quando ela se afastou.

— Ela tem um feitio complicado — admitiu Tom embaraçado com o rompante de Hester. — Mas é adorável. É apenas tímida. Quando a conhecer melhor...

— Claro, claro — interrompeu Pennyroyal. — Qualquer um se apercebe que por baixo de toda aquela capa exterior ela é simplesmente, hã... — mas como não lhe ocorria nada de bom para dizer sobre a rapariga, deixou que a voz fosse desaparecendo enquanto que pela janela observava as montanhas sob o luar e as luzes de uma pequena cidade que se movia nas planícies por baixo deles.

— Ela está enganada acerca de Londres, sabia? — disse por fim.

— Ou seja, sobre o facto de ter ficado reduzida a cinzas. Falei com pessoas que lá estiveram. Há ainda muitos destroços. Partes inteiras da Entranha jazem em ruínas no Terreno Exterior a ocidente de Batmunkh Gompa. Uma arqueóloga minha conhecida chamada Cruwys Morchard contou-me que esteve mesmo *dentro* de um dos enormes fragmentos. Parece-me extraordinário. Esqueletos carbonizados espalhados por todo o lado e enormes bocados semiderretidos de edifícios e de maquinaria. As remanescentes radiações da MEDUSA fizeram com que coloridas luzes se incendiassem no meio dos destroços como fogo-fátuo... ou mais precisamente fogos-fátuos?

Foi a vez de Tom se sentir pouco à vontade. A destruição da sua cidade era ainda uma ferida não cicatrizada dentro dele. Dois anos e meio depois, ainda o resplendor crepuscular daquela enorme

explosão assolava os seus sonhos. Como não queria continuar a falar sobre os destroços de Londres, Tom resolveu mudar o rumo da conversa para o tema preferido do professor: o próprio Professor Pennyroyal.

— Presumo que tenha viajado por lugares muito interessantes?

— Interessantes? Isso é apelido, Tom! As coisas que eu vi! Quando chegarmos ao atracadouro de Brighton vou direito à livraria e compro-te as minhas obras completas. Até me admiro que um jovem inteligente como tu não tenha lido nenhuma delas.

Tom encolheu os ombros.

— Receio que não as tivéssemos na Biblioteca do Museu de Londres...

— É claro que não! O Grémio dos supostos Historiadores! Pois! Uns velhos emproados e poeirentos... Sabias que uma vez me candidatei a ser um deles? Mas o Presidente dos Historiadores, Thaddeus Valentine, recusou-me! Só porque não gostou das descobertas que fiz na minha viagem à América!

Tom ficou intrigado. Não gostava de ouvir o seu antigo Grémio a ser designado por emproado e poeirento mas quanto a Valentine a história já era outra. Pois ele já o tinha tentado matar e tinha assassinado os pais de Hester. Todos aqueles de quem Valentine não tinha gostado, significava que para Tom eram boas pessoas.

— E *o que é que* descobriu na América, Professor?

— Bem Tom, isso já é outra história! Queres ouvi-la?

Tom acenou afirmativamente com a cabeça. Aquela noite com o vento tão forte vindo de sul não podia deixar a torre e nada melhor que uma boa história para o manter acordado. De qualquer forma, a conversa de Pennyroyal tinha despertado em Tom a memória de tempos mais simples, em que se aconchegava nos seus cobertores

do dormitório dos Aprendizes de Terceira Classe e lia as histórias dos grandes historiadores-exploradores como Monkton Wylde e Chung-Mai, Spofforth, Valentine e Fishacre e Compton Cark.

— Sim, Professor, por favor — respondeu.

Capítulo 4

O Lar Dos Corajosos

— A América do Norte — começou Pennyroyal — é um Continente Morto. Todos sabem disso. Foi descoberto no ano de 1924 por Cristóvão Colombo, o grande explorador e detective, e tornou-se a pátria de um império que em tempos governou o mundo mas que foi totalmente destruído na Guerra dos Sessenta Minutos. Era uma terra assolada por desertos vermelhos, pântanos venenosos, crateras provocadas por bombas atómicas, ferrugem e rochas sem vida. Só alguns exploradores audazes se aventuraram a lá ir e arqueólogos como Valentine e a pobre mãe da tua jovem amiga para recuperarem restos de Tecnologia Antiga dos antigos complexos de paióis.

«E no entanto ouvem-se rumores, histórias, lendas contadas por velhos e bêbados lobos do ar quando perseguiram e capturavam Caravansarás Aéreos. Patranhas sobre dirigíveis que tinham sido atirados para fora de rota pelo vento e quando davam por eles estavam a sobrevoar uma América totalmente diferente, com florestas e pradarias verdejantes a perder de vista e enormes lagos azuis. Há cerca de cinquenta anos atrás, um avião chamado Snøri Ulvaeusson terá mesmo aterrado num enclave verdejante a que chamou de *Vineland* e fez um mapa desse mesmo lugar entregando-o ao Presidente da Câmara de Reykjavik mas é claro que, quando os investigadores actuais foram à procura do dito mapa, não encontraram qualquer indício dele na biblioteca de Reykjavik. Quanto aos outros relatos, o desfecho é sempre o mesmo: um avião que passa anos a tentar encontrar aquele lugar, mas nunca o descobre. Ou então, aterra o seu dirigível apenas para constatar que todo aquele verde que tinha um aspecto tão

convidativo visto do ar não passava de um viveiro de algas tóxicas enfiadas na cratera de um lago.

«Porém, os verdadeiros historiadores como nós, Tom, sabem que por trás destas lendas há sempre um fundo de verdade. Reuni todas as histórias que tinha ouvido e decidi que havia ali algo que valia a pena investigar. Terá a América morrido mesmo como nos dizem os sábios como Valentine? Ou será que existe um lugar, mais a norte das cidades mortas que os caçadores de Tecnologia Antiga costumam visitar, onde os rios de água derretida vindos dos Desertos Gelados arrastaram os venenos e fizeram com que o Continente Morto voltasse a florescer?

«Eu, Pennyroyal, resolvi descobrir a verdade! Na Primavera de 89 zarpei para tentar ver o que descobria. Eu e mais quatro colegas a bordo do meu dirigível *Allan Quatermain*. Atravessámos o *Atlântico Norte* e rapidamente chegámos à costa Americana, perto de um local que os antigos mapas designam por Nova Iorque. Estava tão morto como nos tinham prometido. Uma série de crateras imensas fundidas nas extremidades pelo calor intenso do velho conflito milenar e transformadas numa substância conhecida por «Amálgama».

«Levantámos novamente voo e dirigimo-nos para oeste, direitos ao coração do Velho Continente e foi então que o grande desastre ocorreu. Tempestades de uma fúria sobrenatural destruíram o meu *Allan Quatermain* no meio de um imenso e poluído deserto. Três dos meus companheiros morreram no embate e o quarto morreu uns dias depois envenenado pela água de um lago que parecia limpa mas que deveria ter sido contaminada por algum sinistro químico da Tecnologia Antiga, pois ao bebê-la tornou-se azul e começou a inalar um odor a meias sujas.

«Aventurei-me sozinho pelo norte atravessando a Planície das Crateras onde em tempos tinham existido as cidades de Chicago e

Milwaukee. Já tinha perdido toda e qualquer esperança de vir a encontrar a minha América verdejante. A minha única esperança era conseguir chegar à orla dos Desertos Gelados e ser salvo por um grupo de Gelófilos nómadas. Por fim, até aquela esperança morreu. Já exausto pelo cansaço e falta de água, deitei-me num vale seco entre grandes montanhas negras com reentrâncias. E num acto de desespero gritei “Será mesmo este o fim de Nimrod Pennyroyal?” e até as rochas pareceram ter respondido “Sim”. Toda e qualquer esperança tinha desaparecido, percebes? Encomendei a minha alma à Deusa da Morte e fechei os olhos na expectativa de só os abrir já como espírito no País sem Sol. Quando dei por mim, estava embrulhado em peles e deitado no fundo de uma canoa e uns simpáticos jovens levavam-me para norte.

«A princípio pensei que eram exploradores do Terreno de Caça mas afinal não. Eram nativos! Pois é, existe uma tribo que vive numa das zonas mais a norte do Continente Morto! Até então, eu tinha aceitado a tradicional história (que tenho a certeza de que te contaram no Grémio dos Historiadores) de que as pobres almas que tinham sobrevivido à queda da América, tinham voado para norte para o glaciário e se tinham juntado aos Inuítes, gerando a raça dos Gelófilos que actualmente conhecemos. Percebi então que alguns tinham ficado para trás! Descendentes selvagens e não civilizados de uma nação cuja ganância e egoísmo tinha em tempos levado o mundo à ruína, mas que no entanto possuíam humanidade suficiente para salvarem um pobre e faminto desgraçado como Pennyroyal!

«Através de sinais e de gestos consegui estabelecer uma conversa com os meus salvadores. Era um casal. A rapariga chamava-se *Máquina de Lavar* e o rapaz *Entrega Feita em Doze Dias*. Quando me encontraram, regressavam de uma expedição às ruínas de uma antiga cidade chamada Duluth em busca de “Amalgamas” (descobri, por acaso, que os membros da sua tribo

atribuíam tanto valor a um colar de “Amálgamas” como qualquer jovem bem-vestida em Paris ou em Traktiongrad. Os meus dois novos amigos usavam braceletes e brincos daquele material). Eram peritos a sobreviverem nos terríveis desertos Americanos. Voltavam pedras em busca de alimento e descobriam água potável pela simples observação do crescimento de certos tipos de algas. Mas aqueles baldios não eram a sua terra natal. Não, eles tinham vindo de uma zona mais a norte e parecia que iam regressar à sua tribo e levar-me com eles!

«Imagina a minha excitação, Tom! Subir aquele rio era como regressar aos primórdios do mundo. Para começar, não havia nada para além de rochas áridas, esburacadas aqui e ali, pela passagem dos anos de pedras ou por vigas distorcidas que era tudo o que restava de alguma imponente construção dos Antigos. Até que um dia reparei num pedaço de erva verde e depois noutro! Uns dias depois mais para norte, comecei a ver erva, fetos, juncos agrupados em cada margem. O rio estava cada vez mais límpido acabando por permitir a *Em Doze Dias* pescar o peixe que mais tarde e em terra a *Máquina de Lavar* cozinhava todas as noites numa fogueira. E as árvores, Tom! Videiros, carvalhos e pinheiros cobriam a paisagem e o rio abria num imenso lago e foi então que nas margens reparei nas primitivas habitações da tribo. Que visão para um historiador! A América viva depois de todos estes milénios!

«Não te vou incomodar com a forma como vivi durante três anos com a boa gente daquela tribo. Nem a forma como salvei a linda filha do chefe, chamada *Código Postal*, de um urso enraivecido, nem de como ela se apaixonou por mim e de como fui obrigado a fugir do seu noivo furioso. Nem de como voltei a viajar para norte, regressando ao glaciário e ao Grande Terreno de Caça após muitas mais aventuras. Poderás ler todas estas aventuras quando chegarmos a Brighton no meu *best-seller* interpolitano *A Deslumbrante América*,

Tom deixou-se ficar algum tempo sentado e calado a pensar em todas aquelas maravilhosas visões que Pennyroyal tinha descrito tão bem. Nem conseguia acreditar que nunca tinha ouvido falar daquela grande descoberta do professor. Era Esmagadora! Monumental! Que idiotas que tinham sido os membros do Grémio dos Historiadores por não o terem aceite!

Por fim disse:

— Mas nunca chegou a voltar lá, Professor? Certamente numa segunda expedição com melhor equipamento...?

— Aí é que está, Tom! — suspirou Pennyroyal. — Nunca consegui encontrar quem financiasse uma nova expedição. Não te esqueças que todo o equipamento e as câmaras ficaram destruídos com o acidente do *Allan Quatermain*. Trouxe alguns artefactos da tribo quando me vim embora mas acabei por perdê-los durante a viagem. E sem provas, como é que eu poderia conseguir quem me subsidiasse outra expedição? Descobri que a palavra de um Historiador Alternativo não é o suficiente. Porque — continuou tristemente — ainda hoje há quem acredite que eu nunca fui à América.

Capítulo 5

Os Fox Spirits

Quando Hester acordou na manhã seguinte ainda se ouvia a voz de Pennyroyal a dissertar. Teria ele ficado ali a noite toda? Talvez não, deduziu ela lavando o rosto numa pequena bacia na cozinha do *Jenny*. Ao contrário de Tom, Pennyroyal tinha-se ido deitar mas ao sentir o cheiro a café que Tom tinha preparado tinha-se levantado novamente.

Hester voltou-se para espreitar pela vigia da cozinha enquanto lavava os dentes pois qualquer coisa era preferível ao seu próprio reflexo que via no espelho sobre a bacia. O céu parecia da cor do leite-creme com tonalidades de ruibarbo. Três pequenos pontos negros impediam-lhe a visão. *Manchas de sujidade no vidro*, pensou Hester, mas quando tentou limpá-las com o punho percebeu que estava errada. Franziu o sobrolho, agarrou no telescópio e observou cuidadosamente as manchas durante um minuto. Depois franziu ainda mais o sobrolho.

Quando chegou ao convés de voo Tom estava a preparar-se para tirar uma soneca. A ventania não tinha diminuído mas agora voavam mais afastados das montanhas e apesar do vento os fazer abrandar, já não havia perigo de serem atingidos por alguma nuvem vulcânica ou de serem atirados contra uma encosta. Tom estava cansado mas satisfeito e sorriu para Hester quando ela surgiu na abertura do convés. Pennyroyal estava sentado no lugar do co-piloto com uma chávena do melhor café do *Jenny* na mão.

— O Professor esteve a contar-me algumas das suas expedições — contou-lhe Tom ansiosamente levantando-se para deixar Hester assumir o comando. — Nem ias acreditar nas aventuras que viveu!

— Provavelmente não — concordou Hester. — Mas neste momento, a única coisa que quero saber é por que é que temos uma quadrilha de dirigíveis bombardeiros a aproximarem-se de nós.

Pennyroyal soltou um grito de medo e colou rapidamente a mão à boca. Tom dirigiu-se para a escotilha de bombordo e olhou para onde Hester apontava. Os pontos negros estavam agora mais perto e via-se nitidamente que eram dirigíveis. Os três em formação.

— Devem ser mercadores que se dirigem para Airhaven — respondeu esperançado.

— Aquilo não é uma escolta — disse Hester. — É uma formação de ataque.

Tom tirou os binóculos de campanha do gancho que ficava por baixo dos comandos principais. Os dirigíveis estavam a cerca de dez milhas de distância mas ele conseguia ver que eram rápidos e que estavam bem armados. Tinham um espécie de insígnia verde pintada nos balões mas de resto eram totalmente brancos. O que lhes dava um ar absurdamente sinistro. Dirigíveis fantasmas a rasgarem a aurora.

— São caças da Liga — disse Hester pensativa. — Reconheço aquelas coberturas amovíveis das hélices de direcção. São Fox Spirits Murasaki.

Estava com um ar assustado e com razão para tal. Nestes últimos dois anos ela e Tom tinham tido o cuidado de evitar a Liga Antitracção porque o *Jenny Haniver* tinha em tempos pertencido a um agente da Liga, a pobre Anna Fang já falecida, e apesar de não o terem roubado sabiam que a Liga poderia não ver as coisas por esse prisma. Pensavam que se ficassem no norte estariam mais a salvo pois desde a queda da *Estática* Spitzenbergen no ano anterior que as forças da Liga se tinham espalhado ainda mais.

— Mais vale virar de bordo — disse Hester. — Apanhamos o vento de proa e tentamos ultrapassá-los ou despistamo-los nas montanhas.

Tom hesitou. Apesar do aspecto que a barquinha de madeira e que as hélices de direcção do ferro-velho lhe davam, o *Jenny* era muito mais rápido mas ele duvidava que conseguisse fugir dos Fox Spirits.

— Fugir vai dar-nos um ar de culpados — disse ele. — Não fizemos nada de mal. Eu falo com eles para ver o que eles querem...

Dirigiu-se ao aparelho de rádio mas Pennyroyal agarrou na mão dele.

— Tom, não faças isso! Já ouvi falar destes dirigíveis brancos. Não são meros dirigíveis da Liga Antitracção! Pertencem à Green Storm, um novo e pequeno grupo de dissidentes da Liga que opera em bases aéreas secretas aqui no Norte. São extremistas e juraram destruir todas as cidades e metrópoles habitadas! Valham-nos os Deuses, se deixares que nos apanhem, seremos todos mortos da nossa barquinha!

O rosto de explorador tinha adquirido a tonalidade de um queijo caro com pingos de suor que reluziam na sua testa e nariz. A mão que segurava no pulso de Tom tremia. A princípio, Tom não percebia qual o problema. Era óbvio que um homem que tinha sobrevivido a tantas aventuras como o Professor Pennyroyal não podia estar com *medo!*

Hester voltou para a janela a tempo de ver um dos dirigíveis que se aproximava a lançar um míssil para barlavento, fazendo com que o *Jenny Haniver* balouçasse e com que ela própria quase caísse pela borda fora. Não sabia se havia de acreditar em Pennyroyal mas havia algo de assustador naqueles dirigíveis. Tinha a certeza de que não tinham encontrado o *Jenny* por acaso. Tinha sido enviados para o encontrarem.

Tocou no braço de Tom e disse:

— Vamos.

Tom agarrou-se com força ao leme baloiçando o *Jenny* até ele estar voltado para norte com o vento por trás. Puxou uma sequência de alavancas de metal para a frente e o ronco dos motores aumentou assustadoramente. Puxou outra alavanca e pequenas velas desdobraram-se, formando semicírculos de seda de silício que se estiraram entre as hélices e os flancos do balão dando um empurrão extra para ajudar o *Jenny* a cortar os céus.

— Estamos a conseguir! — gritou ele espreitando pelo periscópio para a imagem invertida e granulada da vista da popa. Mas os Fox Spirits eram persistentes. Alteraram a rota para igualarem o *Jenny* e conseguiram aumentar a força dos seus motores. Ao fim de uma hora já estavam suficientemente perto para Tom e Hester conseguirem distinguir o símbolo pintado nos flancos. Não era o leme partido da Liga Antitracção mas sim um raio verde em ziguezague.

Tom perscrutou a paisagem acinzentada por baixo deles na esperança de ver alguma cidade ou metrópole que lhes pudesse dar abrigo. Não havia nenhuma, a não ser duas cidades agrícolas Lapp que se moviam lentamente e seguiam as suas manadas de renas pela tundra em direcção a Leste mas ele também não conseguiria chegar junto delas sem que os Fox Spirits o apanhassem. O único abrigo possível eram as montanhas Tannhäuser que barricavam o horizonte com os seus desfiladeiros e nuvens escuras.

— O que é que havemos de fazer? — perguntou Tom.

— Continua em frente — respondeu Hester. — Talvez os consigamos despistar nas montanhas.

— E se eles nos atacarem? — lamuriou-se Pennyroyal. — Estão cada vez mais próximos! E se começarem a disparar sobre

nós?

— Eles querem o *Jenny* inteiro — assegurou-lhe Hester. — Não vão arriscar-se a usar mísseis.

— Querem o *Jenny*? Por que é que alguém haveria de querer uma lata velha como esta? — a tensão estava a deixar Pennyroyal irritado. Quando Hester explicou o porquê, ele desatou aos gritos. — Este era o dirigível da Anna Fang? Pela Grande Clio! Todo-poderoso Poskitt! Mas a Green Storm venera a Anna Fang! O movimento deles foi fundado no meio das cinzas da Frota Aérea do Norte e juraram vingar todos aqueles que foram mortos pelos agentes de Londres em Batmunkh Gompa! É óbvio que querem recuperar o dirigível! Deuses Misericordiosos, por que é que não me disseram que este dirigível tinha sido roubado? Exijo que me reembolsem por inteiro!

Hester afastou-o do caminho e dirigiu-se para a mesa dos mapas.

— Tom? — começou ela observando os mapas das Tannhäuser. — Existe uma falha na cadeia de vulcões a oeste daqui: o Desfiladeiro de Drachen. Talvez aí esteja alguma metrópole a coberto da qual nos possamos esconder.

Continuaram a voar subindo pelo ar rarefeito sobre os picos brancos fugindo perigosamente e por uma das vezes uma espessa nuvem de fumo que saiu da garganta de um jovem vulcão quase os apanhou. Durante uma hora não avistaram nem qualquer falha, nem qualquer metrópole e os três Fox Spirits estreitaram com perseverança a sua rota até que uma bateria de mísseis dardejou pelas janelas explodindo mesmo na proa a estibordo.

— Por Quirke! — gritou Tom, mas Quirke tinha sido um dos deuses de Londres e se não tinha conseguido salvar a sua própria metrópole por que é que viria ajudar um pequeno dirigível desgastado, perdido nas correntes de ar sulfurosas das

Tannhäusers? Pennyroyal tentou esconder-se por baixo da mesa dos mapas.

— Eles a lançar mísseis!

— Ah, obrigada, estávamos mesmo a pensar o que seriam aquelas coisas enormes que explodiam — respondeu Hester irritada por a sua previsão estar errada.

— Mas disseste que não o iriam fazer!

— Estão a fazer pontaria às hélices de direcção — explicou Tom. — Se as conseguirem inutilizar, ficaremos à deriva no céu e eles só terão de nos abordar e de enviar uma comissão de boas-vindas...

— E não podes fazer nada? — perguntou Pennyroyal. — Não podes ripostar?

— Não temos mísseis — respondeu tristemente Tom. Depois daquela terrível batalha aérea sobre Londres em que ele tinha abatido a tiro o *Elevador do 13.º andar* ficando a ver a tripulação a morrer carbonizada dentro da sua barquinha em chamas, que Tom tinha jurado que o *Jenny* passaria a ser um dirigível pacífico. Desde então os seus projectores de mísseis tinham sido esvaziados. Mas agora arrependia-se daquela sua atitude. Graças a ele, Hester e o Professor Pennyroyal ficariam em breve à mercê da Green Storm.

Passou outro míssil por eles. Estava na hora de tomar uma atitude desesperada. Voltou a evocar Quirke e de seguida baloiçou o *Jenny* com força para bombordo e diminuindo a velocidade levou-a para o labirinto das montanhas, iluminando as sombras das rochas escarpadas de basalto esculpidas pelo vento e voltou a sair para a luz do sol.

E por baixo dele, mais abaixo e mais adiante viu outra perseguição em curso. Uma pequena cidade necrófaga fugia para sul por uma fenda nas montanhas e atrás dela com as mandíbulas

bem abertas seguia uma Metrópole de Tracção de três plataformas enorme e ferrugenta.

Tom dirigiu o *Jenny* naquela direcção espreitando de vez em quando pelo periscópio, para controlar os três Fox Spirits que continuavam a segui-los. Pennyroyal roía as unhas e evocava os nomes de deuses obscuros:

— Ai Grande Poskitt! Ai Deeble, preserva-nos! — Hester voltou a ligar o rádio e chamou a metrópole que se aproximava rapidamente pedindo permissão para atracar. Seguiu-se uma pausa. Um míssil atingiu a encosta de uma montanha e o fumo e as lascas caíram a uns escassos metros da popa. Depois ouviu-se a voz de uma mulher no rádio a falar esperanto aéreo com uma forte pronúncia eslava.

— Daqui fala a Comissão da Doca de Novaya-Nizhni, o vosso pedido foi negado.

— Quê? — gritou Pennyroyal.

— Mas não é... — começou Tom.

— Trata-se de uma emergência! — exclamou Hester pelo rádio. — Estamos a ser perseguidos!

— Nós sabemos — respondeu a voz pesarosa mas firme. — Não queremos problemas. Novaya-Nizhni é uma cidade pacífica. Afastem-se por favor ou abriremos fogo.

Um míssil vindo do líder dos Fox Spirits veio em espiral e explodiu mesmo junto à popa. As vozes ásperas dos aviadores da Green Storm abafaram por momentos as ameaças de Novaya-Nizhni, mas depois a voz da mulher regressou insistindo:

— Afaste-se *Jenny Haniver* ou abriremos fogo!

Tom teve uma ideia.

Não havia tempo para explicar a Hester o que ia fazer. Ele achava que ela não iria aprovar visto que ele se tinha lembrado desta manobra de um dos episódios de Valentine das *Aventuras de Um Historiador Prático*. Um livro que ele tinha adorado ler nos seus tempos de aprendiz antes de descobrir como eram as aventuras na vida real. A cuspir gás dos seus respiradouros dorsais, o *Jenny* mergulhou na direcção da iminente metrópole e foi a todo o gás em rota de colisão contra ela. A voz da rádio soltou um súbito grito e Hester e Pennyroyal também gritaram quando Tom fez o dirigível voar mais baixo sobre as ferrugentas fábricas na borda da plataforma do meio e o dirigiu por entre dois enormes pilares de suporte para as sombras da terceira plataforma mais abaixo. Atrás dele, dois dos Fox Spirits travaram a tempo mas o líder era mais ousado e seguiu-o pelo coração da metrópole.

Esta era a primeira visita que Tom fazia a Novaya-Nizhni e estava a ser bastante rápida. Pelo que ele conseguia ver, a metrópole estava praticamente no mesmo estado que a velha e pobre Londres com extensas ruas que irradiavam do centro de cada plataforma. No meio de uma delas o *Jenny Haniver* deslocava-se à altura dos postes de electricidade enquanto rostos chocados olhavam para ele pelas janelas das plataformas superiores e os transeuntes corriam em busca de abrigo nos passeios. Perto do eixo da plataforma elevava-se um aglomerado de pilares de suporte e de poços de elevadores, um circuito de desvios pelo qual o pequeno *dirigível* se enfiou com pouco espaço para se mexer raspando o balão e riscando a tinta das pás das hélices de direcção. O Fox Spirit perseguidor não teve tanta sorte. Nem Tom, nem Hester viram o que lhe aconteceu, mas ouviram o barulho da destruição mesmo sobre o roncar dos motores do *Jenny* e o periscópio mostrou-lhes os destroços a caírem sobre o convés e a barquinha baloiçando perigosamente de uma linha férrea suspensa.

E saíram pelo outro lado mais afastado da metrópole em direcção à brilhante e súbita luz solar. Parecia que tinham escapado e até o petrificado Pennyroyal aplaudia naquele súbito ímpeto de felicidade que os unia. Mas a Green Storm não desistiu assim tão facilmente. O *Jenny* baloiçou pelo nevoeiro do fumo de escape que a metrópole ia deixando para trás e no meio daquele ar puro estavam os dois outros Fox Spirits à espera deles.

Um míssil atingiu os motores a estibordo e a explosão rebentou com as janelas do convés de voo atirando Hester para o chão. Ela içou-se e encontrou Tom inclinado sobre os comandos com o cabelo e a roupa cobertas de vidros estilhaçados. Pennyroyal estava caído sobre a mesa dos mapas e o sangue escorria de um golpe que tinha sofrido na careca provocado por um dos extintores de metal do *Jenny* que lhe tinha acertado antes de cair ao chão. Hester arrastou-o até perto da janela. Pennyroyal ainda respirava mas os seus olhos tinham revirado de tal forma que só se viam duas meias luas brancas. Parecia que estava a estudar algo verdadeiramente interessante dentro da sua própria cabeça.

Foram atingidos por mais mísseis. A empenada lâmina de uma hélice passou a zumbir, descendo em direcção aos campos de neve como um *boomerang* a cair. Tom continuava a mexer nos comandos mas o *Jenny Haniver* já não lhe obedecia. Ou os lemes tinham desaparecido ou os cabos que os operavam tinham sido destruídos. Uma violenta rajada de vento soprando de uma fenda nas montanhas atirou-os contra os Fox Spirits. O que estava mais perto fez um movimento brusco para evitar a colisão acabando, por colidir com o seu dirigível gémeo.

A explosão deu-se a escassos metros a estibordo enchendo o convés de voo do *Jenny* com uma luz cor de fogo. Quando Hester voltou a conseguir ver, já o céu estava coberto de destroços que iam caindo. Conseguia ouvir o barulho dos bocados maiores dos Fox Spirits a caírem pelas encostas das montanhas em direcção à

passagem que ficava lá em baixo. Conseguia ouvir o roncar dos motores de Novaya-Nizhni a algumas milhas mais à popa, o chiar e o retumbar dos seus trilhos à medida que se içava para sul. Conseguia ouvir o próprio bater do seu coração, muito alto e muito rápido quando se apercebeu que os motores do *Jenny* tinham parado. Pela forma desesperada com que Tom puxava e martelava os comandos, parecia que havia muito pouca esperança de que eles voltassem a funcionar. Um vento gelado entrou pelas janelas partidas trazendo consigo flocos de neve e um odor fresco e limpo a gelo.

Hester rezou pelas almas dos aviadores do Green Storm para que os seus espíritos fossem rapidamente para o País sem Sol e que não permanecessem para arranjar mais problemas. Depois, juntou-se a Tom muito tensa. Ele desistiu da luta inútil que estava a travar com os comandos e abraçou-a e ali ficaram os dois a observarem a vista à sua frente. *Jenny* seguia à deriva sobre a saliência de um enorme vulcão. Para além dele não havia mais montanhas, apenas uma planície interminável azul e branca que se estendia pelo horizonte. Estavam à mercê do vento que os levava sem dó nem piedade para os Desertos Gelados.

Capítulo 6

Sobre O Gelo

— É impossível! — disse Tom. — Não consigo reparar os estragos dos motores sem pousar e se pousarmos aqui...

E nem precisou de dizer mais nada. Já tinham passado três dias desde o acidente no Desfiladeiro de Drachen e por baixo do acidentado *Jenny Haniver* que seguia à deriva havia uma paisagem hostil que parecia uma lua gelada. Um deserto gelado com uma espessa camada de gelo antigo e recortado. De vez em quando surgia no meio daquela brancura alva, o pico de uma montanha mas também ele branco e inóspito e sem vida. Não havia qualquer sinal de cidades, metrópoles ou de grupos de Gelófilos a vaguearem e nem qualquer resposta aos regulares pedidos de socorro do *Jenny*. Apesar de ainda ser cedo, já o Sol se estava a pôr, mostrando uma grande bola vermelha e baça que já não emanava calor.

Hester pôs os braços à volta de Tom e sentiu-o a tremer dentro do espesso e acolchoado casaco de aviador. Estava um frio enregelante como se um ser vivo se tivesse colado ao corpo em busca de uma forma para se enfiar pelos poros e extinguir o enfraquecido núcleo de calor do corpo. Hester sentia-o como se já tivesse entrado pelos seus ossos. Conseguia senti-lo a penetrar o sulco que a espada de Valentine tinha deixado no seu crânio. Mas pelo menos conseguia estar mais quente do que Tom que tinha passado a última hora nas hélices de direcção a estibordo a tentar tirar o gelo que se tinha formado e a fazer reparações.

Levou-o até à ré e sentou-o no beliche da cabina, tapando-o com todos os cobertores e os casacos que havia e aninhou-se a seu lado para lhe dar um pouco do seu próprio calor.

— Como é que está o Professor Pennyroyal? — perguntou Tom. Hester resmungou. Era difícil responder. O explorador ainda não tinha recuperado a consciência e ela já começava a suspeitar de que não a iria recuperar. Naquele momento estava deitado numa cama que ela tinha improvisado na galé e tinha-o coberto com o seu próprio saco-cama e com alguns cobertores de que ela e Tom não iriam precisar.

— Sempre que penso que ele finalmente morreu e que está na hora de o deitar pela borda fora, ele mexe-se, geme e percebo que ainda não é desta.

Hester adormeceu. Era tão fácil e agradável dormir. No seu sonho, uma estranha luz invadia a cabina. Era uma luz fraca que brilhava e tremeluzia como a luz da MEDUSA. Ao lembrar-se daquela noite, Hester agarrou-se mais a Tom e os seus lábios encontraram os dele. Quando abriu o olho, a luz dos seus sonhos ainda persistia iluminando o lindo rosto de Tom.

— Aurora boreal — sussurrou ele.

Hester espreguiçou-se.

— Quem? Onde?

— As Luzes do Norte — explicou ele sorrindo e apontando para a janela. Algures na noite pairava sobre o gelo um véu tremeluzente de cores, ora verde, ora vermelho, ora tom de ouro, ora com todas as cores, ao mesmo tempo em que por vezes quase se desvaneciam e outras vezes resplandeciam e formavam espirais de ondas deslumbrantes.

— Sempre as quis ver — continuou Tom —, desde que li um artigo sobre elas no livro de Chung-Mai Spofforth, *Uma Temporada com os Gelofilos*. E agora aqui estão. Como se tivessem sido deixadas só para nós.

— Parabéns — disse Hester e pressionou o rosto contra o macio buraco abaixo do queixo dele para não ver as luzes. Eram de facto maravilhosas mas era uma beleza imensa e desumana e ela não conseguia deixar de pensar que em breve se iriam tornar as luzes do seu próprio funeral. Brevemente, o peso do gelo que se ia acumulando no balão e nas amarras do *Jenny* obrigá-lo-iam a descer e naquele frio escuro e sussurrante ela e Tom mergulhariam num sono do qual não voltariam a acordar.

Ela não se sentia muito assustada. Era agradável estar ali a dormir abraçada a Tom, sentindo o calor a desaparecer. E todos sabiam que os amantes que morriam abraçados iam juntos para o País sem Sol e eram os favoritos da Deusa da Morte.

O único problema é que ela precisava de fazer chichi. E quanto mais ela tentava ignorar e se compenetrava em esperar calmamente pelo toque da deusa da escuridão, maior era a pressão que sentia na bexiga. Não queria morrer distraída mas também não queria simplesmente deixar-se ir. E não seria nada romântico partir para a outra vida toda molhada.

Resmungando e blasfemando saiu de debaixo dos cobertores e seguiu em frente a escorregar pelo gelo que se tinha formado no convés. A casa de banho química que existia por trás do convés de voo tinha sido destruída por uma das explosões dos mísseis mas no seu lugar existia agora um buraco muito jeitoso no chão. Agachou-se e fez o serviço o mais rápido que conseguiu bafejando por causa do frio.

Queria ir imediatamente ter com Tom e mais tarde chegaria à conclusão de que o deveria ter feito mas algo a impeliu a seguir em frente para o silencioso convés de voo. Era até uma visão muito bonita com a luz ténue do painel de instrumentos a brilhar através das camadas de gelo. Ajoelhou-se em frente ao pequeno altar onde estavam as estátuas da Deusa dos Céus e do Deus dos Aviadores.

A maior parte dos aviadores decorava os altares do convés de voo com fotografias dos antepassados mas como nem ela nem Tom tinham fotografias dos seus falecidos pais, arranjam uma fotografia de Anna Fang que descobriram num baú na cabina do *Jenny*, quando o tinham estado a arranjar. Hester rezou uma pequena oração por Anna Fang na esperança de que ela se lembrasse deles quando chegassem ao País sem Sol.

Mas quando se levantou para voltar para junto de Tom reparou que do outro lado do gelo havia um aglomerado de luzes. Primeiro pensou que fosse apenas o reflexo daquela estranha luz de fogo no céu e que tinha deixado Tom tão feliz, só que estas eram pontos fixos e não mudavam de cor e brilhavam apenas levemente no ar gelado. Aproximou-se mais da janela com os vidros partidos. O frio fê-la lacrimejar mas passado pouco tempo conseguiu vislumbrar uma sombra escura à volta das luzes e um rasto pálido de nevoeiro ou de fumo sobre ela. Era uma pequena metrópole a cerca de dez milhas para sotavento que se dirigia para norte.

Tentando ignorar o seu estranho e ingrato sentimento de desapontamento, foi acordar Tom, tocando-lhe no rosto até que ele grunhiu e se espreguiçou.

— O que foi?

— Deve haver algum deus que gosta muito de nós — disse ela. — Estamos salvos.

Quando ele chegou ao convés de voo já a metrópole estava mais perto, pois o afortunado vento estava a levá-los directamente para ela. Era pequena com duas plataformas deslizando sobre largas lâminas de ferro. Tom focou os binóculos e viu as suas mandíbulas curvas e inclinadas, em forma de limpa-neve e um enorme e enganchado leme à popa que a impeliam pelo gelo. Era uma metrópole elegante com enormes casas brancas na plataforma superior e uma espécie de palácio perto da popa mas tinha um ar

levemente soturno e havia pedaços com ferrugem e várias janelas sem luzes.

— Não percebo por que é que não apanhámos o seu sinal! — dizia Hester mexendo nos controlos do aparelho de rádio.

— Talvez não tenham — respondeu Tom.

Hester foi rodando as bandas sonoras na esperança de conseguir apanhar o sinal de rádio. Mas não se ouvia nada. Achou aquilo tudo muito estranho e sinistro, uma metrópole sozinha a dirigir-se em silêncio para norte. Mas quando ela chamou pelo canal aberto conseguiu ouvir nitidamente a amigável voz do mestre da doca a responder em língua angla. Cerca de meia hora depois apareceu o sobrinho do mestre da doca a bordo de um pequeno rebocador aéreo verde chamado *Graculus* para rebocar o *Jenny*.

Pousaram numa doca aérea quase deserta perto da entrada da plataforma superior da metrópole. O Mestre da Doca e a esposa eram mestiços e formavam um casal simpático e rechonchudo vestidos com parcas e bonés de pele. Conduziram o *Jenny* para um hangar coberto que se abria como uma flor a desabrochar. E em seguida, levaram Pennyroyal de maca para a casa deles que ficava por trás do escritório da doca. Os recém-chegados tinham à sua espera na cozinha aquecida, café, *bacon* e bolinhos quentes e, enquanto Tom e Hester atacavam o lanche, os anfitriões iam observando radiantes por eles estarem a gostar e diziam:

— Bem-vindos viajantes! Sejam muito bem-vindos a Anchorage!

Capítulo 7

A Cidade Fantasma

Era quarta-feira e às quartas-feiras, o motorista de Freya costumava levá-la de carro ao Templo dos Deuses Gelados para ela rezar e pedir-lhes conselhos. O templo ficava a uns escassos metros do palácio na mesma plataforma subida perto da popa da metrópole de forma que não era propriamente necessário ter de chamar o motorista, subir para a carruagem oficial, ser conduzida durante aquela curta distância e voltar a sair da carruagem. Mas Freya fazia-o na mesma pois não seria apropriado que a Margravine caminhasse.

Mais uma vez, ajoelhou-se naquele templo refrigerado, fracamente iluminado pela luz das velas e olhou para cima para as estátuas do Deus e da Deusa e pediu-lhes para lhe dizerem o que é que deveria fazer ou pelo menos para lhe darem um sinal de que o que tinha já feito era o mais acertado. E mais uma vez não obteve resposta. Nem uma luz milagrosa, nem vozes a sussurrarem na sua mente, nem bocados de gelo a movimentarem-se formando palavras no chão, apenas o constante roncar dos motores que faziam com que as placas do convés trepidassem contra os seus joelhos e a alvorada invernal se encostasse aos vidros. A sua mente continuava à deriva, a pensar em coisas estúpidas como a quantidade de coisas que tinham desaparecido do Palácio. Irritava-a mas também lhe provocava um certo receio que alguém pudesse entrar nos seus aposentos e levar as suas coisas. Tentou perguntar aos Deuses Gelados quem era o ladrão mas é claro que também não obteve resposta.

Por último, rezou pela mãe e pelo pai imaginando como é que eles se estariam a sentir no País sem Sol. Desde a sua morte que ela tinha percebido que na realidade nunca os tinha conhecido muito

bem, pelo menos não da forma como as outras pessoas os tinham conhecido. Havia sempre amas e criadas para tomarem conta de Freya e ela só via a mãe e o pai ao jantar e em ocasiões formais. Tratava-os por «Sua Resplandecência» e por «Senhor». O mais perto deles que ela tinha estado tinha sido em determinadas noites de Verão em que faziam piqueniques na barcaça de gelo da Margravine. Eram simples encontros familiares em que ia apenas Freya, a mãe, o pai e cerca de setenta empregados e cortesãos. Depois surgiu a peste e nem sequer lhe foi permitido vê-los e pouco depois acabaram por morrer. Alguns empregados deitaram fogo à barcaça e lançaram-na no glaciar. Freya tinha ficado à janela a observar o fumo a subir e teve a sensação de que eles nunca tinham existido.

À porta do templo o motorista esperava por ela andando de um lado para o outro e fazendo desenhos na neve com a biqueira da bota.

— Para casa, Smew — anunciou ela e enquanto ele se apressava a abrir-lhe a porta da carruagem, ela olhou para os arcos pensando no ridículo da pouca iluminação que actualmente existia na metrópole superior. Lembrou-se de ter emitido um comunicado sobre as casas vazias estabelecendo que os trabalhadores da subdivisão das máquinas que quisessem podiam mudar-se dos seus pequenos e sombrios apartamentos da parte inferior para que tomassem conta das moradias vazias da plataforma superior, mas foram poucos os que o fizeram. Talvez *preferissem* os seus sombrios apartamentos. Talvez sentissem tanto como ela, a falta do conforto dos seus pertences familiares.

Na doca aérea que ficava na parte inferior evidenciava-se uma mancha vermelha berrante no meio dos tons brancos e cinzentos.

— Smew? Mas o que é aquilo? Certamente não foi um dirigível que chegou?

O motorista fez uma vénia.

— Chegou ontem à noite, Vossa Resplandecência. É um mercador chamado *Jenny Haniver*. Foi atingido por piratas aéreos ou algo parecido e segundo o Mestre da Doca Aakuiq está a precisar de grandes reparações.

Freya espreitou para o dirigível na esperança de conseguir ver melhor os pormenores. Mas era difícil conseguir ver alguma coisa com os turbilhões de neve que ia sendo soprada dos telhados pelo vento. Era esquisito pensar em ter estranhos a bordo do Anchorage depois deste tempo todo!

— Por que razão não me disseste antes? — perguntou ela.

— A Margravine não costuma ser avisada da chegada de simples mercadores, Vossa Resplandecência.

— E quem vinha a bordo deste dirigível? Alguém interessante?

— Dois jovens aviadores, Vossa Resplandecência. E um homem mais velho, um passageiro que traziam a bordo.

— Ah! — respondeu Freya perdendo o interesse. Por momentos até se sentiu entusiasmada ao imaginar-se a convidar aqueles recém-chegados para o palácio mas era claro que era impossível a Margravine de Anchorage começar a conviver com aviadores pobres e com um homem que nem tinha dinheiro para ter o seu próprio dirigível.

— Os nomes que Mr. Aakuiq me disse foram Natsworthy e Shaw, Vossa Resplandecência. — continuou Smew ajudando-a a entrar para a carruagem. — Natsworthy, Shaw e Pennyroyal.

— Pennyroyal? Não pode ser o Professor *Nimrod* Pennyroyal?

— Parece-me que sim, Vossa Resplandecência.

— Então eu... então eu... — Freya voltou-se de um lado para o outro, ajustou o chapéu e abanou a cabeça. As tradições que tinham

sido o seu guia desde que todos tinham morrido não diziam nada sobre O Que Fazer Com O Acontecimento de Um Milagre. — Ah! — sussurrou ela — ah, Smew, tenho de lhe dar as boas-vindas! Vamos para a doca aérea! Leva-o para a sala do conselho, não, para a grande sala de audiências. Assim que me deixares em casa, tens de ir e... não, vai imediatamente! Eu volto a pé para casa!

E correu para dentro do templo para agradecer aos Deuses Gelados pelo sinal que ela há tanto tempo esperava.

Até Hester já tinha ouvido falar de Anchorage. Apesar de pequena, era uma das metrópoles mais famosas das metrópoles geladas pois o seu nome remontava ainda à velha América. Um grupo de refugiados tinha levantado voo na Anchorage original mesmo antes da eclosão da Guerra dos Sessenta Minutos e tinha fundado uma nova colónia numa ilha mais a norte devastada pelas tempestades, onde tinham sobrevivido a pestes, tremores de terra e períodos glaciares até há oito séculos atrás quando a grande explosão da Tracção tinha atingido o Norte. Depois, todas as metrópoles tinham-se visto obrigadas a recomeçar a andar, caso contrário, seriam devoradas por aquelas que já andavam e o povo de Anchorage reconstruiu a sua casa e partiu na sua eterna jornada pelo gelo.

Mas Anchorage não era um predador e as pequenas mandíbulas serviam apenas para recuperar bens ou apanhar água fresca do gelo para alimentar as caldeiras. O seu povo vivia do comércio nas orlas dos Desertos Gelados onde se ligavam a outras metrópoles pacíficas através de pequenas e elegantes pontes de embarque e providenciavam um mercado onde os vasculhadores e arqueólogos podiam juntar-se para vender tudo o que tinham encontrado no gelo.

Mas então, o que é que andava aqui a fazer, a milhas das rotas comerciais, dirigindo-se para norte no pino do Inverno? A pergunta tinha surgido a Hester enquanto estava a ajudar a atracar o *Jenny Haniver* e continuava a incomodá-la mesmo depois de acordar de um sono profundo e refrescante na casa do Mestre da Doca. Através do nebuloso crepúsculo que passava lentamente a dia, ela conseguiu vislumbrar que o aumento das mansões brancas com vista para a doca aérea estavam raiadas de ferrugem e que muitos dos edifícios tinham as janelas partidas que abriam para uma negrura como se fossem órbitas de caveiras. O próprio atracadouro parecia estar na iminência de desaparecer sob uma onda de decadência. O vento agreste atirava o lixo e a neve à deriva contra o hangar vazio e um cão magricela alçava a perna contra a pilha de destroços de um avião militar.

— É realmente uma pena — disse Mrs. Aakuiq, a mulher do mestre da doca enquanto preparava um segundo pequeno-almoço para as suas jovens visitas. — Se tivessem conhecido este maravilhoso lugar nos seus velhos tempos. Tanta riqueza e tantas chegadas e partidas. Quando eu era jovem, costumávamos ter dirigíveis que se mantinham em espera por um ancoradouro até mais de vinte níveis. E ainda, veleiros aéreos, dirigíveis de recreio e dirigíveis de corrida apareciam para tentarem a sua sorte na Regata Boreal assim como espectaculares paquetes aéreos com nomes de estrelas de cinema do antigo mundo, como *Audrey Hepburn* e *Gong Li*.

— E o que é que aconteceu? — perguntou Tom.

— Ah, o mundo pregou-nos uma partida — respondeu tristemente Mrs. Aakuiq. — As presas formam-se tornando cada vez mais escassas e as grandes metrópoles predadoras como Arkangel, que nunca nos tinham ligado nenhuma, passaram a perseguir-nos sempre que podiam.

O marido abanou afirmativamente a cabeça enquanto servia café a ferver aos seus hóspedes.

— E entretanto nesse ano surgiu a peste. Acolhemos a bordo um grupo de Gelófilos vasculhadores que tinham acabado de descobrir algures no gelo bocados de uma antiga e destruída plataforma orbital armada, perto do pólo e que afinal estava infectada com um tipo de vírus terrível de engenharia da Guerra dos Sessenta Minutos. Não façam um ar tão preocupado, essas velhas viroses de guerra fazem rapidamente o que têm a fazer e depois transformam-se em algo inofensivo. Mas espalhou-se pela cidade como um rastilho de pólvora matando centenas de pessoas. Até a antiga Margravine e o seu consorte foram vitimados. E quando terminou e a quarentena foi levantada, muita gente não via qualquer futuro para Anchorage de modo que agarraram nos dirigíveis que havia e dirigiram-se para outras metrópoles. Duvido que sejamos mais de cinquenta pessoas a viverem actualmente aqui.

— Só? — perguntou Tom espantado. — Mas como é que tão pouca gente consegue manter uma cidade destas a funcionar?

— Não conseguem — respondeu Aakuiq. — Para sempre, não. Mas o velho Mr. Scabious, o mestre de Máquinas, tem feito autênticos milagres tais como uma série de sistemas automatizados, engenhocas inteligentes de Tecnologia Antiga e afins e tem conseguido manter-nos a andar há tempo suficiente.

— Tempo suficiente para quê? — perguntou Hester desconfiada.

— Para onde é que vão?

O sorriso do mestre da Doca desvaneceu-se.

— Não lhe posso dizer, Menina Hester. Quem nos garante que quando levantar voo, a Menina não vá vender a nossa rota a Arkangel ou a qualquer outro predador? Não queremos que estejam

à nossa espera numa emboscada nos Glaciares Superiores. Agora comam os vossos hambúrgueres de foca e depois vamos ver se conseguimos arranjar algumas peças sobressalentes para arranjar aquele vosso pobre e desgastado *Jenny Haniver*.

Depois de comerem, seguiram-no pelas docas até um enorme armazém anexo à popa. No sombrio interior grandes quantidades oscilantes de hélices de direcção velhas e painéis de barquinhas competiam por espaço com partes arrancadas de conveses de voo de dirigíveis desmontados e estruturas de alumínio de balões como se fossem costelas gigantes. Hélices de todos os tamanhos estavam penduradas e balançavam gentilmente com o movimento da metrópole.

— Pertencia ao meu primo — explicou Aakuiq varrendo as pilhas de material com a luz de uma lanterna — mas ele morreu com a peste, de modo que julgo que agora me pertença. Não há razão para se afligirem, pois não há praticamente problema que um dirigível tenha que eu não saiba resolver. E hoje em dia, quase não tenho nada para fazer.

À medida que o seguiam através daquela escuridão bolorenta, algo muito pequeno chocalhou e pareceu gatinhar para o meio das empilhadas prateleiras de destroços. Hester, sempre preocupada, voltou a cabeça naquela direcção perscrutando no escuro com o seu único olho. Mas nada se movia. Os objectos mais pequenos deviam estar sempre a cair em lugares velhos e atravancados como aquele, certo? Principalmente num edifício com amortecedores duvidosos que oscilavam e estremeciam à medida que Anchorage lavrara o gelo? E no entanto, não conseguia afastar a ideia de que estava a ser observada.

— Motores *Jeunet-Carot*, certo? — perguntava Mr. Aakuiq. Era óbvio que simpatizava com Tom. A verdade é que toda a gente gostava de Tom. E estava a esforçar-se por ajudar, andando de um lado

para o outro pelas pilhas de destroços enquanto tirava apontamentos num enorme livro-mestre manchado de bolor. — Acho que tenho uma coisa que vai dar. Pelo aspecto, as vossas células de gás são velhas Thibetan. Parecidas com essas não consigo arranjar mas vou substituídas por umas boas RJ50 de um Zhang-Chen Hawmoth. Sim, acredito que o vosso *Jenny Haniver* ficará como novo dentro de três semanas.

Na escuridão da noite e afastados dali, três pares de olhos olhavam para um pequeno ecrã, observando através de uma imagem granulada, Tom, Hester e o mestre da doca. Três pares de ouvidos brancos como cogumelos subterrâneos esforçavam-se para tentar perceber o que diziam aquelas vozes distorcidas e baixas que surgiam daquele mundo superior como um sussurro.

De regresso à casa do mestre da doca, Mrs. Aakuiq equipou Tom e Hester com caneleiras e botas para a neve, roupa interior térmica, camisolas grossas de lã impermeáveis, luvas, lenços e blusões. E ainda tinham máscaras para o frio que consistiam em objectos de pele acolchoados com lentes antinevoeiro e um filtro por onde respirar. Mrs. Aakuiq não lhes disse de onde tinham vindo todas aquelas coisas, mas Hester reparou nas fotografias que estavam no altar de família com fitas de luto e presumiu que ela e Tom estavam a usar as roupas dos falecidos filhos dos Aakuiq. E esperava que os germes da peste estivessem realmente tão mortos como o mestre da doca lhes tinha assegurado. Contudo gostou particularmente da máscara.

Quando regressaram à cozinha, encontraram Pennyroyal sentado ao pé do fogão com os pés enfiados numa bacia de água quente e uma ligadura à volta da cabeça. Estava com um ar pálido, mas para além disso parecia ter voltado ao normal, sorvendo uma

chávena de chá de musgo preparado por Mrs. Aakuiq e cumprimentando alegremente Tom e Hester.

— Estou tão feliz por estarem a salvo! As aventuras por que passámos, hein? Mais uma coisa para o meu próximo livro, espero eu...

Um telefone de latão, que estava perto do fogão, tiniu suavemente. Mrs. Aakuiq apressou-se a levantar o auscultador ouvindo atentamente a mensagem que lhe estava a ser transmitida pela sua amiga Mrs. Umiak da central telefónica. O seu rosto abriu-se num brilhante sorriso e quando pousou o auscultador no gancho voltou-se para os seus convidados, mal conseguindo falar com a excitação.

— Excelentes notícias, meus queridos! A Margravine concedeu-vos uma audiência! A Margravine em pessoa! E vai mandar o motorista para vos levar ao Palácio de Inverno! Que honra! Só de pensar que vão direitos da minha humilde cozinha para a sala de audiências da Margravine!

Capítulo 8

O Palácio De Inverno

— O que é uma Margravine? — sussurrou Hester ao ouvido de Tom, quando voltaram a sair para o frio cortante. — Parece uma coisa para se espalhar na torrada...

— Presumo que seja uma espécie de esposa do presidente da Câmara — respondeu Tom.

— Uma Margravine — intrometeu-se Pennyroyal — é a versão feminina de um Margrave. Muitas destas pequenas metrópoles do Norte são governadas por elas. É uma espécie de tradição familiar dos títulos que vão passando de uma geração para outra. Margrave. Burgomestre. Graf. O *Electro Urbano* de Eisenstadt. O Direktor de Arkangel. Aqui são muito ciosos das suas tradições.

Uma carruagem esperava-os junto às grades do atracadouro. Era um veículo eléctrico do género dos que Tom se lembrava de ver em Londres embora não se recordasse de nenhum tão bonito como aquele. Estava pintada de vermelho vivo, com um R pintado a dourado rodeado de arabescos nos flancos. Tinha uma única roda na traseira maior do que a de uma carruagem normal com correntes para agarrar a neve. Nos côncavos guarda-lamas que arqueavam sobre as duas rodas da frente tinham sido montadas duas enormes lanternas através das quais se viam os flocos de neve a dançar alegremente nos feixes de luz.

Quando os viu aproximarem-se, o motorista abriu o pálio de Glástico. Estava vestido com um uniforme vermelho com galões e dragonas douradas e quando se pôs de pé e os saudou só chegava à cintura de Hester. Uma criança, pensou ela a princípio, e depois reparou que na realidade ele era muito mais velho do que ela, com uma cabeça de homem preso a um atarracado e pequeno corpo.

Depressa se apercebeu de que tinha ficado a olhar para ele da mesma forma cruel, intrometida e misericordiosa com que por vezes as pessoas olhavam para ela.

— O meu nome é Smew — apresentou-se ele. — Sua Resplandecência mandou-me vir buscá-los para os levar ao Palácio de Inverno.

Entraram para a carruagem, apertando-se no banco traseiro ao lado de Pennyroyal que para um homem de pequena estatura ocupava muito espaço. Smew fechou a porta e seguiram viagem. Tom olhou para trás para acenar aos Aakiuqs que por sua vez observavam de uma das janelas de casa, mas a doca aérea já tinha desaparecido no meio da tempestade de neve e da escuridão ventosa. A carruagem seguia por uma comprida e larga via de onde saíam arcadas para ambos os lados. Viam-se lojas, restaurantes, moradias que surgiam de vez em quando sem vida e sombrias.

— Isto é o Rasmussen Prospekt — anunciou Smew. — Uma rua muito elegante. Atravessa a metrópole superior da popa à proa.

Tom olhou pela janela da carruagem. Estava impressionado pela beleza desolada daquele lugar mas, apesar de tudo, o vazio deixava-o nervoso. Por que se dirigia assim tão rapidamente para a zona morta a norte? Estremeceu por dentro das suas roupas quentes ao lembrar-se de quando tinha estado a bordo de outra cidade com um destino misterioso: Turnbridge Wheels, cujo louco presidente da câmara, os tinha conduzido ao fundo do Mar de Khazak.

— Chegámos — anunciou subitamente Smew. — Este é o Palácio de Inverno, morada da Casa de Rasmussen durante oitocentos anos.

Estavam a chegar ao pé da parte mais complicada da cidade e o motor eléctrico da carruagem começou a falhar e a guinchar enquanto os carregava pela longa rampa acima. No topo ficava o

palácio que Tom tinha vislumbrado na noite anterior. Um entrançado de metal branco com espirais e varandas cobertas de gelo. Os pisos superiores tinham um ar vazio e abandonado, mas no piso inferior havia luz em algumas janelas e chamas de gás dançavam nos tripés de bronze junto à principal porta circular.

A carruagem parou bruscamente na alameda gelada e Smew segurou no dossel enquanto os passageiros desciam e em seguida apressou-se a chegar às escadas do palácio e abriu a porta exterior deixando-os entrar para uma pequena sala conhecida por condicionador de calor. Fechou a porta e passados alguns segundos, quando o ar frio que tinha entrado com os visitantes foi aquecido pelos aquecedores do telhado e das paredes, abriu-se uma porta interior. Os três visitantes seguiram Smew por um corredor almofadado em que as paredes estavam cobertas de tapeçarias. Umas portas duplas gigantes surgiram mais à frente, revestidas com ligas de preço incalculável da Antiga Tecnologia. Smew fez-lhes sinal e murmurou:

— Esperem aqui, por favor — e desapareceu a correr por uma passagem lateral. O edifício rangeu suavemente com o movimento da metrópole. Havia um certo odor a mofo no ar.

— Isto não me está a agradar — comentou Hester olhando para os espessos véus de teias de aranha enfaixados nos candelabros e que pendiam das condutas de aquecimento. — Por que nos terá ela convidado a vir cá? Pode ser uma armadilha.

— Que ideia mais sem nexo, Menina Shaw — troçou Pennyroyal tentando não fazer um ar muito assustado com aquela sugestão. — Uma armadilha? Por que razão a Margravine nos atrairia a uma armadilha? Ela é um ser muito superior, uma espécie de esposa do presidente da câmara.

Hester encolheu os ombros.

— Ainda só conheci dois presidentes da câmara e nenhum deles era assim tão superior. Tinham até ambos um ar de doidos varridos.

As portas abriram de súbito deslizando para os lados e chiando suavemente nas chumaceiras. Por trás delas, estava Smew vestido agora com uma longa túnica azul e um chapéu sexangular empunhando um báculo duas vezes maior do que ele. Deu as boas-vindas solenemente aos convidados como se nunca antes os tivesse visto e de seguida bateu três vezes com o báculo no chão de metal.

— Professor Pennyroyal e amigos — anunciou e deu um passo para o lado para os deixar passar para um enorme espaço com colunas que ficava por trás.

Uma linha de globos de árgon estavam suspensos do tecto em abóbada projectando cada um deles uma luz circular no chão por baixo deles como pedras de luz a desenharem um caminho para dentro daquela imensa sala. Alguém os esperava sentada de forma indolente num trono ornado sobre um estrado mais elevado. Hester agarrou na mão de Tom e seguiram lado a lado atrás de Pennyroyal pelo lusco-fusco até chegarem junto às escadas do estrado e olharem para cima para o rosto da Margravine.

Por razões óbvias, estavam ambos à espera de que fosse alguém mais velho. Tudo nesta silenciosa e ferrugenta casa tinha um ar velho e decadente, de antigos costumes preservados muito depois dos seus objectivos terem sido esquecidos. Mas a rapariga que os olhava de forma altiva era ainda mais nova que eles, não deveria ter mais de dezasseis anos. Era uma rapariga bonita e gorda com um vestido trabalhado de um tom de azul brilhante e um manto branco com o colarinho de pele de raposa. Tinha traços de Inuíta semelhantes aos de Aakuiq e da esposa mas a sua pele era muito clara e um cabelo dourado muito bonito. *Da cor das folhas do*

Outono, pensou Hester, escondendo o rosto. A beleza da Margravine fê-la sentir-se pequena, insignificante e desnecessária. Começou a procurar defeitos nela. *E demasiado gorda. E precisa de lavar muito bem aquele pescoço. E as traças andaram a banquetear-se naquele bonito fato e os botões estão todos mal abotoados...*

Ao seu lado, Tom pensava, *tão nova e com uma metrópole inteira a seu cargo! Não admira que tenha um ar tão infeliz!*

— Permita-me Vossa Senhoria — disse Pennyroyal curvando-se quase até ao chão — dizer-lhe o quão agradecido estou pela gentileza com que vós e o vosso povo me acolheram a mim e aos meus companheiros...

— Devereis tratar-me por «Sua Resplandecência» — corrigiu a rapariga — ou por «Luz dos Campos Gelados».

Seguiu-se um silêncio embaraçoso. Ligeiros ruídos de arranhadelas e estalidos vinham das condutas de aquecimento que serpenteavam pelo tecto aquecendo o palácio com o calor reciclado dos motores. A rapariga olhou para os seus convidados de sobrolho carregado e por fim disse:

— Se de facto és Nimrod Pennyroyal, então por que razão estás tão mais gordo e careca que na fotografia?

Pegou num livro que estava numa pequena mesa de apoio, levantou-o e mostrou a contracapa. Via-se a imagem de alguém que mais parecia o irmão mais novo e mais em forma de Pennyroyal.

— Ah, bem, liberdade artística — respondeu o explorador corando. — Tolice do pintor, pedi-lhe para me desenhar tal como eu sou, com barriga e testa grande e tudo o mais, mas sabe como são os artistas, adoram idealizar, mostrar o homem interior...

A Margravine sorriu (era ainda mais bela quando sorria. Hester decidiu de imediato que não tinha gostado nada dela).

— Só me queria certificar de que se tratava mesmo do senhor, Professor Pennyroyal. — respondeu ela. — Compreendo perfeitamente a questão retrato. Também eu estava sempre a mandar fazer o meu por causa das placas, selos e moedas antes da peste chegar, e era *raro* acertarem...

Parou subitamente de falar como se alguma ama interior lhe tivesse lembrado que uma Margravine não se põe a tagarelar em frente aos convidados como se fosse uma adolescente entusiasmada.

— Podem sentar-se — anunciou de forma mais formal e bateu palmas. Abriu-se uma porta por trás do trono e de lá surgiu Smew apressadamente, arrastando um conjunto de pequenas cadeiras. E já tinha mudado novamente de indumentária: um chapéu em forma de marco do correio e uma túnica de colarinho subido de pajem. Por momentos, Tom ainda pensou se a Margravine teria ao seu serviço três pequenos homens idênticos mas quando o observou mais de perto percebeu de imediato que se tratava de Smew, pois estava sem fôlego devido às suas rápidas e constantes mudanças e a cabeleira de camareiro aparecia num dos bolsos.

— Despacha-te — pediu a Margravine.

— Perdão, Vossa Resplandecência — Smew colocou as três cadeiras na zona mais baixa, de frente para o trono e em seguida desapareceu pelo meio das sombras. Momentos depois estava de volta empurrando um carrinho aquecido onde se via um bule de chá e uma bandeja com biscoitos de amêndoa. Acompanhava-o outro homem, alto, carrancudo e mais velho, todo vestido de preto. Fez um aceno de cabeça aos recém-chegados e assumiu a sua posição ao lado do trono enquanto Smew servia o chá em chávenas de «Amálgamas» e as oferecia aos convidados.

— Presumo então que conheça o meu trabalho, O Luz dos Campos Gelados? — perguntou Pennyroyal sorvendo um pouco de

chá.

A máscara de etiqueta palaciana da Margravine voltou a cair, dando novamente lugar à adolescente entusiasmada.

— Claro que sim! Costumava lê-los sempre... bem, antes de me tornar Margravine. Li todos os clássicos: Valentine, Spofforth e Tamarton Foliot. Mas os seus, Professor Pennyroyal, eram os meus preferidos. Foram eles que me deram a ideia de...

— Atenção Margravine — interrompeu o homem que estava a seu lado. A sua voz parecia um rugido suave, como um motor bem afinado.

— Bem — continuou a Margravine —, é por isso que foi tão maravilhoso que os Deuses Gelados o tivessem enviado! É um sinal, sabe? Um sinal de como fiz a escolha acertada e de como vamos encontrar aquilo que procuramos. Com a sua ajuda, como é que poderíamos falhar?

— Louca varrida — sussurrou Hester para Tom.

— Sinto-me perdido, Vossa Resplandecência — admitiu Pennyroyal. — Suspeito de que o meu cérebro esteja ainda meio atordoado devido à pancada que levei na cabeça. Receio não a estar a compreender.

— É bastante simples — respondeu a Margravine.

— Margravine. — Avisou o homem que estava a seu lado.

— Ah, não seja assim tão quadrado, Mr. Scabious! — retorquiu ela. — Este é o Professor Pennyroyal! Podemos confiar nele!

— Não duvido, Vossa Resplandecência — respondeu Scabious. — São os seus jovens amigos que me preocupam. Se eles desconfiarem da nossa rota, há sempre o perigo de nos venderem a Arkangel mal o seu dirigível esteja reparado. O Direktor Masgard ia adorar meter as suas mãos nos meus motores.

— Jamais faríamos algo do género! — exclamou Tom e ter-se-ia lançado na direcção do velho homem se Hester não o tivesse segurado.

— Julgo poder responder pela minha tripulação, Vossa Resplandecência — respondeu Pennyroyal. — O Capitão Natsworthy é um historiador tal como eu, instruído pelo Museu de Londres.

A Margravine voltou o rosto para observar atentamente Tom pela primeira vez com um ar tão admirado que ele corou e desviou o olhar para os pés.

— Seja muito bem-vindo, Mr. Natsworthy — respondeu suavemente. — Espero que fique por cá e nos dê uma ajuda.

— Ajudá-los em quê? — perguntou Hester abruptamente.

— Na nossa viagem para a América, claro — respondeu a rapariga. Voltou o livro que estava a segurar e mostrou a capa. Mostrava um Pennyroyal muito belo e musculado a lutar com um urso e a ser incitado por uma rapariga de biquíni de pele. Era a primeira edição de *A Deslumbrante América*.

— Este foi sempre o meu preferido — explicou a Margravine. — Presumo que tenha sido por isso que os Deuses Gelados puseram na minha cabeça a ideia da América. Nós vamos descobrir o nosso caminho pelo gelo para a nova região verdejante e desabitada que o Professor Pennyroyal descobriu. Iremos então trocar os nossos patins de aterragem por rodas e deitar abaixo as árvores para servirem de combustível e negociar com os selvagens e apresentá-los às vantagens do *Darwinismo Municipal*.

— Mas, mas, mas... — começou Pennyroyal agarrando nos braços da cadeira como se estivesse a andar numa montanha russa — mas eu referia-me à Camada de Gelo Canadiana, a Oeste da Gronelândia... mas nunca uma metrópole o tentou...

— Eu sei, Professor — concordou a rapariga. — Será uma longa e perigosa viagem para nós tal como foi para si quando veio a pé da América pelo gelo fora. Mas os deuses estão connosco. Têm de estar. Senão, não o teriam enviado até nós. Vou nomeá-lo Navegador Honorário Chefe e com a sua ajuda tenho a certeza de que chegaremos em segurança ao nosso novo terreno de caça.

Tom estremeceu com a visão arrojada da Margravine e voltou-se para Pennyroyal:

— Mas que sorte tão espectacular, Professor! — disse ele alegremente. — Afinal, sempre vai poder regressar à América!

Pennyroyal gorgolejou e os seus olhos esbugalharam-se.

— Eu... Navegador Chefe? Sois demasiado gentil, Luz dos Desertos Gelados, demasiado gentil...

A chávina que segurava na mão caiu, estilhaçando-se no chão de metal enquanto ele desmaiava. Smew deu estalidos com a língua porque aquele serviço era uma antiga relíquia da Casa de Rasmussen mas Freya nem ligou.

— O Professor Pennyroyal ainda está fraco devido às suas aventuras — disse ela. — Ponham-no na cama! Preparem os quartos da ala dos hóspedes para ele e para os seus amigos. Temos de o pôr novamente bom e o mais depressa possível. E pára de te lamuriar por causa dessa chavenazinha idiota, Smew. Assim que o Professor nos levar até à América, poderemos desenterrar a quantidade de «Amálgamas» que desejarmos!

Capítulo 9

Bem-Vindos Ao Complexo

Mais para sul, para além das margens geladas, emergia uma ilha do mar gelado. Era negra e recortada, listrada pelos dejectos das gaivotas e de outras aves que faziam os seus ninhos no alto dos rochedos. O barulho das aves ouvia-se a milhas de distância quando elas guinchavam, gritavam e brigavam, mergulhando nas ondas à procura de peixe ou voando em grandes bandos à volta do pico mais alto. Por vezes, empoleiravam-se nos telhados dos toscos edifícios acorados ou nas balaustradas ferrugentas dos precários passeios de metal que saíam das encostas escarpadas como um aglomerado de fungos presos ao tronco de uma árvore morta. Embora parecesse deserto, era habitado por pessoas. Os hangares dos dirigíveis tinham sido arrancados às rochas e aglomerados de tanques de combustível cilíndricos amontoavam-se como ovos de aranhas em apertadas fendas. Estávamos em Rogues' Roost, onde Red Loki e o seu legendário bando de piratas do ar tinha construído o seu ninho.

Loki já tinha morrido mas ainda se viam marcas das explosões dos mísseis em alguns dos edifícios que mostravam que ele não tinha morrido facilmente. Durante uma calma noite, uma unidade da Green Storm tinha tomado de assalto aquele lugar, chacinado os piratas e tomado controlo do Roost, estabelecendo uma base de que nenhuma cidade faminta se conseguia aproximar.

O Sol estava a pôr-se e as tonalidades vermelhas, púrpuras e laranjas esborratavam o céu a oriente fazendo com que a ilha parecesse ainda mais sinistra do que o habitual ao mesmo tempo que o *Temporary Blip* se aproximava vindo de barlavento. As plataformas dos canhões giravam como cabeças armadas seguindo o rastro do velho e volumoso dirigível. À medida que se aproximava

do hangar principal, a escolta de Fox Spirits ia voando em círculos às sua volta, como se fossem cães de guarda a mandarem uma ovelha relutante juntar-se ao rebanho.

— Mas que lixeira! — queixou-se uma das mulheres de Widgery Blinkoe, espreitando por uma das janelas da barquinha.

— Tinhas-nos prometido que aquele velho dirigível nos traria sorte e fortuna — concordou outra. — Disseste que em breve estaríamos todas a tomar banhos de sol numa estância de veraneio flutuante e não para aqui a fazer perseguições pelo fim do mundo.

— Prometeste-nos vestidos novos e escravos!

— Silêncio, mulheres! — gritou Blinkoe, tentando concentrar-se nos manípulos de comando enquanto a tripulação de terra o guiava para dentro do hangar com bandeiras coloridas. — Mostrem algum respeito! Isto é uma base da Green Storm! É uma honra sermos convidados para atracarmos aqui. É um sinal de como dão valor aos meus serviços! — mas a verdade é que ele estava tão desanimado como elas por ter sido intimado a comparecer em Rogues' Roost. Depois de ter indicado via rádio a posição do *Jenny Haniver* à base da Storm que se encontrava nas Tannhäuser, estava à espera de receber um agradecimento e talvez uma boa gratificação. Mas não estava mesmo nada à espera de ser assaltado por uma formação de Fox Spirits, mal deixara assim que tinha deixado Airhaven, que o tinham arrastado até ali.

— Sinceramente! — resmungaram as esposas, abanando a cabeça umas para as outras.

— É uma pena que Green Storm não o respeite tanto como ele os respeita a eles?

— Darem valor aos seus serviços, não haja dúvida!

— Já imaginaram os negócios que estamos a perder por termos de andar por aqui?!

— A minha mãe bem me avisou para não me casar com ele.

— Também a minha!

— E a minha também!

— Ele sabe perfeitamente que isto é um erro crasso! Já viram como está preocupado?!

Quando desceu do *Temporary Blip* para o hangar caótico e barulhento Mr. Blinkoe continuava com um ar preocupado mas a sua expressão mudou para um sorriso de prazer quando uma bonita subalterna se apressou a vir cumprimentá-lo. Widgery Blinkoe tinha um fraquinho por mulheres jovens e por esse mesmo motivo tinha acabado por se casar com cinco e embora aquelas cinco fossem bastante histéricas e burras e tivessem o hábito de se juntar contra ele, não conseguiu deixar de brincar com a situação e pensar em perguntar à subalterna se estaria interessada em ser a número seis.

— Mr. Blinkoe? — perguntou ela. — Seja bem-vindo ao Complexo.

— Pensava que se chamava Rogues' Roost, minha querida?

— O comandante prefere que lhe chamemos Complexo.

— Ah!

— Estou aqui para o levar junto dela.

— Dela? Não sabia que havia assim tantas senhoras na vossa organização.

O sorriso da rapariga desvaneceu-se.

— A Green Storm acredita que tanto homens como mulheres devem ter o seu papel na guerra vindoura de forma a destruir os Traccionistas bárbaros e a fazer com que a Terra volte a florir.

— Claro, claro! — respondeu imediatamente Mr. Blinkoe. — Não podia estar mais de acordo... — ele detestava aquele tipo de conversa e a guerra era um péssimo prenúncio para os negócios. Mas os últimos dois anos tinham sido muito maus para a Liga Antitracção. Londres tinha ido quase parar aos portões de Batmunkh Gompa e os seus agentes tinham incendiado a Frota Aérea do Norte. O que significava que não tinha havido dirigíveis disponíveis para socorrerem a Estática Spitzbergen quando Arkangel a tinha atacado durante o último Inverno. Desta forma a última grande metrópole Antitraccionista tinha sido engolida pela entranha do predador. Era natural que alguns dos jovens oficiais da Liga tivessem ficado impacientes com o temor do Conselho Supremo e ansiassem por vingança. Felizmente acabaria por não dar em nada.

Seguiu atrás da subalterna enquanto tentava avaliar o poderio desta pequena base. Havia dois Fox Spirits bem armados prontos para qualquer eventualidade nos hangares das docas e uma série de soldados de uniforme branco com capacetes de protecção de bronze e braçadeiras com um raio que simbolizava a Green Storm. *Forte segurança*, pensou ele, passando o olhar rapidamente pelas suas metralhadoras de pressão. Mas porquê? O que é que se estaria aqui a passar, neste fim de mundo que valesse tudo isto? Uma fileira de tropas passou por ele a pé levando enormes caixotes de metal muito bem fechados com sinais que diziam «Frágil» e «Ultra-secreto». Um homem baixo e careca que trazia vestida uma gabardina transparente de plástico sobre o uniforme ia alertando os soldados.

— Vão com cuidado, sim? Não empurrem! Esses instrumentos são muito sensíveis! — ao sentir que Blinkoe o observava, voltou-se de repente para ele. Tinha entre as sobrancelhas uma pequena tatuagem com a forma de uma roda vermelha.

— O que é que vocês estão exactamente aqui a fazer? — perguntou Blinkoe à sua acompanhante, seguindo-a enquanto ela

saía do hangar pelos túneis húmidos e subia as escadarias até ao coração da rocha.

— É segredo — respondeu ela.

— Mas com certeza que a mim me pode contar?

A subalterna abanou a cabeça. Era uma rapariga mal-educada, impertinente e militar e Blinkoe chegou à conclusão de que não era de todo material para uma sexta Mrs. Blinkoe. Voltou a atenção para os cartazes pendurados nas paredes da passagem. Mostravam dirigíveis da Liga a lançarem mísseis sobre metrópoles móveis e por baixo tinha escrito frases revoltosas que exortavam o leitor a **DESTRUIR TODAS AS METRÓPOLES**. Entre os cartazes viam-se folhas com sinais que indicavam o caminho para os blocos prisionais, casernas, várias plataformas de armas e para um laboratório. O que parecia igualmente estranho pois a Liga Antitracção tinha desde sempre desdenhado tudo o que se relacionava com a ciência. Achavam que qualquer tecnologia mais complicada que um dirigível ou uma bateria de mísseis era bárbaro e que mais valia ignorar. Mas pelos vistos, a Green Storm tinha outras ideias.

Mr. Blinkoe começou a sentir-se um pouco assustado.

O escritório da comandante ficava num dos velhos edifícios no cume da ilha. Tinha sido em tempos os aposentos de Red Loki e as paredes estavam decoradas com murais provocantes que a comandante tinha mandado cair previamente. A camada de tinta era fina e em algumas zonas já se conseguia ver, apesar de desbotados, alguns rostos como se fossem os espíritos dos piratas mortos que observavam e desaprovavam os novos tenentes do Roost. Na parede do fundo havia uma enorme janela circular quase sem vista.

— Blinkoe? Sê bem-vindo ao Complexo.

A comandante era muito jovem. Mr. Blinkoe tinha esperanças de que fosse bonita mas não passava de uma pequena serigaita com um ar severo e o cabelo negro cortado à escovinha e uma tez castanha escura.

— És o agente que avistou o *Jenny Haniver* em Airhaven? — perguntou ela. As suas mãos não paravam de mexer como se fossem umas inquietas aranhas castanhas. E a forma como ela o observava com aqueles enormes olhos escuros! Blinkoe pensou se ela não seria meio louca.

— Sim, Vossa Senhoria — respondeu nervosamente.

— E tens a certeza de que era ele? Não te enganaste? Esta não é mais uma história que resolveste inventar para extorquir dinheiro à Green Storm?

— Não, não! — respondeu Blinkoe apressadamente. — Pelos Deuses que não. Era o dirigível de *Wind Flower* tão claro como dia!

A comandante voltou-lhe as costas e dirigiu-se para a janela espreitando pelo vidro congelado em direcção ao céu que ia escurecendo e passado um momento disse:

— Uma esquadrilha de Fox Spirits foi enviada de uma das nossas bases secretas para interceptar o *Jenny* e nenhum deles regressou.

Widgery Blinkoe ficou sem saber o que dizer.

— Pelos deuses — arriscou.

Ela voltou-se para ele novamente mas ele não conseguia distinguir a sua expressão por ela estar em contraluz.

— Os dois infiltrados bárbaros que roubaram o *Jenny Haniver* de Batmunkh Gompa podiam parecer uns miúdos do Terreno Exterior mas na realidade eram uns agentes altamente treinados ao

serviço de Londres. Não há dúvida de que usaram a sua terrível astúcia para despistar e destruir as nossas naves e de seguida voaram para norte em direcção aos Desertos Gelados.

— Bem, é perfeitamente possível, Comandante — concordou Widgery Blinkoe pensando em como tudo aquilo seria pouco provável.

Ela aproximou-se dele. Era uma rapariga baixa, magra e os seus olhos fulminavam os dele.

— Temos muitos Fox Spirits. A Green Storm torna-se cada dia mais forte. Muitos dos comandantes da Liga estão do nosso lado e estamos preparados para enviar soldados e dirigíveis para fortalecer as nossas bases. O que nos falta é uma rede inteligente. É por isso que precisamos de ti, Blinkoe. Eu quero que encontres o *Jenny Haniver* assim como os bárbaros que a pilotam.

— Bem, talvez seja possível, sim — respondeu Blinkoe.

— Serás bem recompensado pelos teus serviços.

— Bem como? Não quero parecer mercenário mas eu tenho cinco mulheres para sustentar...

— Dez mil quando nos vieres devolver o dirigível.

— Dez m...!

— A Green Storm recompensa bem os seus subordinados — assegurou-lhe a comandante. — Mas também punimos os que nos traírem. Se soltares uma palavra que seja sobre isto ou sobre o que aqui viste no Complexo a quem quer que seja, nós iremos atrás de ti e matar-te-emos. De forma bastante dolorosa. Entendido?

— Claro! — guinchou Blinkoe dando voltas ao chapéu que tinha nas mãos. — Hã... posso só fazer uma pergunta? Por que razão este dirigível é assim tão importante? Achei que talvez tivesse

algum valor sentimental, como uma espécie de símbolo para a Liga mas nem parece valer...

— Ele vale aquilo que te estou a oferecer. — respondeu a comandante sorrindo pela primeira vez, com um sorriso fino, frio e cortante como se estivesse a agradecer a um familiar afastado a sua comparência ao funeral. — O *Jenny Haniver* e os bárbaros que o roubaram podem ser vitais para o trabalho que estamos aqui a desenvolver. — respondeu ela. — É tudo o que precisas de saber. Encontra-o e traz-mo de volta, Mr. Blinkoe.

Capítulo 10

A Wunderkammer

Todos os médicos de Anchorage tinham morrido. E a melhor enfermeira que poderiam arranjar para o Professor Pennyroyal era Windolene Pye do Comité de Navegação que em tempos tinha feito um curso de primeiros socorros. A Menina Pye estava sentada ao lado do Professor na cama dele num dos luxuosos quartos de hóspedes do Palácio de Inverno enquanto segurava o pulso de Pennyroyal entre os dedos finos e lhe media a pulsação com o relógio de bolso.

— Presumo que tenha apenas desmaiado — anunciou ela. — Talvez devido à exaustão ou ao choque retardado depois de tantas aventuras, pobre senhor.

— Então, por que razão nós também não desmaiámos? — perguntou Hester. — Nós também passámos por terríveis aventuras e não nos vê para aí a desfalecer como se fôssemos umas tias solteironas.

A Menina Pye que também era uma solteirona lançou um olhar severo a Hester.

— Acho melhor deixarmos o professor em paz. Ele precisa de silêncio e de cuidados vinte e quatro horas por dia. Vá, toca a andar, todos daqui para fora...

Hester, Tom e Smew retiraram-se para o corredor e Windolene Pye fechou a porta com força quando eles saíram. Tom comentou:

— Acho que foi apenas a comoção. Passou tantos anos a tentar arranjar quem lhe patrocinasse uma segunda expedição à América que ao descobrir, assim de repente, que a Margravine ia levar a metrópole inteira para lá...

Hester riu-se.

— É impossível! Ela é louca!

— Menina Shaw! — sobressaltou-se Smew. — Como é que é capaz de dizer tais barbaridades? A Margravine é a nossa soberana e a representante dos Deuses Gelados na terra. Foi a sua antecessora, Dolly Rasmussen, que tirou da América os sobreviventes do primeiro Anchorage por uma questão de segurança. É natural que seja uma Rasmussen a levar-nos de regresso a casa.

— Não percebo por que razão a defendes — resmungou Hester. — Ela trata-te como se fosses uma coisa que tivesse encontrado presa à sola do sapato. E espero que saibas que não enganas ninguém com todas essas mudanças de roupa. Percebemos muito bem que és apenas um.

— Eu não estou a tentar enganar ninguém — respondeu Smew com muita dignidade. — A Margravine tem de ser assistida por determinados criados e oficiais, tais como motoristas, chefes, camareiros, pajens, etc. Infelizmente, morreram todos, por isso tive de ser eu a entrar em cena. Eu faço a minha parte e mantenho as antigas tradições.

— E o que é que fazias antes? Eras motorista ou camareiro?

— Era o anão da Margravine.

— E para que é que ela queria um anão?

— A família da Margravine *sempre* teve um anão, para a divertir.

— Como?

Smew encolheu os ombros.

— Suponho que pelo simples facto de ser pequeno.

— E isso é divertido?

— É tradição, Menina Shaw. Desde que a peste chegou que temos andado satisfeitos com as nossas tradições em Anchorage. Eis os vossos quartos.

E abriu as portas de dois quartos ligeiramente afastados do quarto de Pennyroyal. Cada um tinha janelas compridas, uma cama enorme e grossas condutas de aquecimento. E cada um era do tamanho da barquinha do *Jenny Haniver*.

— São encantadores — agradeceu Tom. — Mas só precisamos de um.

— Isso está fora de questão — respondeu Smew, entrando no primeiro quarto para ajustar os comandos das condutas. — Seria inaceitável no Palácio de Inverno que um casal de jovens solteiros, do sexo oposto, dividisse o mesmo quarto. Podia dar azo a vários tipos de carícias. Está fora de questão. — Um barulho dentro de uma das condutas distraiu-o por um instante, mas depois voltou-se para Hester e Tom piscando o olho. — No entanto, existe uma porta de ligação entre estes dois quartos e se alguém quiser escapulir-se por lá, ninguém o viria a saber...

Mas havia alguém que sabia tudo o que se passava em Anchorage. Olhando para os monitores no meio da escuridão, os observadores viram uma imagem granulada e abaulada de Tom e Hester a seguirem o anão até ao segundo quarto.

— Ela é tão feia!

— E não parece lá muito feliz.

— E quem estaria com um rosto daqueles?

— Não, não é isso. Está com ciúmes. Não repararam na forma como a Freya olhou para o namorado dela?

— Estou farto desta gente. Vamos mudar.

A imagem mudou, saltando para outras. Os Aakiuqs na sala, Scabious na sua casa deserta, o trabalho ritmado e paciente da subdivisão das máquinas e a zona da agricultura...

— Não devíamos avisar os Aakiuqs? — perguntou Tom, enquanto Smew ajustava as condutas do segundo quarto e se preparava para sair.

— Devem estar à nossa espera.

— Já os avisámos, senhor — respondeu Smew. — Agora são convidados da Casa de Rasmussen.

— Mr. Scabious não vai ficar lá muito contente — comentou Hester. — Parecia não ter simpatizado nada connosco.

— Mr. Scabious é um homem pessimista — respondeu Smew.

— A culpa não é dele. É viúvo e o seu único filho Axel morreu vitimado pela peste. E ele não se recuperou bem da perda. Mas não pode evitar que a Margravine vos ofereça a sua hospitalidade. São ambos muito bem-vindos aqui, ao Palácio de Inverno. Se precisarem de alguma coisa é só tocarem a campainha, para chamarem o criado... sim, claro, eu. O jantar será servido às sete, mas poderiam descer um pouco mais cedo? A Margravine gostaria de vos mostrar a sua Wunderkammer.

A sua quê? Pensou Hester mas como estava farta de passar por estúpida e ignorante à frente de Tom, ficou calada. Quando Smew saiu abriram a porta de comunicação e ela sentou-se na cama de Tom saltando para testar as molas.

— A América! — exclamou Tom. — Já pensaste bem? Esta Freya Rasmussen é muito corajosa. Poucas são as metrópoles que se aventuram para ocidente da Gronelândia e nunca nenhuma tentou chegar ao Continente Morto.

— Pois não, porque está *morto* — respondeu Hester friamente.

— Eu acho que não arriscaria uma metrópole inteira por causa de um dos livros de Pennyroyal.

— O Professor Pennyroyal sabe do que está a falar. — respondeu Tom lealmente. — De qualquer forma, não é o único a escrever sobre os lugares verdejantes da América.

— Referes-te a todas aquelas lendas que os velhos aviadores contam?

— Sim. E ao mapa de Snøri Ulvaeusson.

— Aquele de que me falaste? Aquele que desapareceu de forma muito conveniente antes que alguém o pudesse verificar?

— Estás a insinuar que o professor está a mentir? — perguntou Tom.

Hester abanou a cabeça. Não estava segura da sua opinião mas custava-lhe a acreditar nas histórias de Pennyroyal sobre as florestas virgens e os nobres selvagens. Mas quem era ela para duvidar dele? Pennyroyal era um famoso explorador que já tinha escrito livros e Hester nem sequer tinha *lido* um livro que fosse. Tom e Freya acreditavam nele e eles entendiam mais destas coisas que ela. Era simplesmente porque ela não conseguia imaginar que aquele homenzinho timorato, que estremecia e gemia de cada vez que um míssil se aproximava do *Jenny Haniver*, tivesse alguma coisa a ver com o corajoso explorador que tinha lutado com ursos e feito amizade com americanos selvagens.

— Amanhã vou visitar Mr. Aakiuq — disse ela. — Ver se ele pode apressar o arranjo do *Jenny*.

Tom acenou com a cabeça mas nem olhou para ela.

— Gosto de estar aqui — respondeu. — Desta cidade. É triste mas adorável. Faz-me lembrar as melhores alturas de Londres. E

não anda por aí a comer outras metrópoles como Londres fazia.

Hester imaginou uma brecha a abrir-se entre os dois, como uma finíssima fenda no gelo que a qualquer momento poderia tornar-se um fosso intransponível. E respondeu:

— É apenas mais uma Metrópole de Tracção, Tom. Comerciantes e Predadores são todos iguais. Muito agradáveis à primeira vista mas lá no fundo não passam de escravidão, sujidade, sofrimento e corrupção. Quanto mais cedo nos formos embora, melhor será para nós.

Smew veio buscá-los às seis e conduziu-os por uma longa escadaria que descia em espiral até uma sala onde Freya Rasmussen os aguardava.

A Margravine parecia ter tentado arranjar o cabelo de maneira interessante, mas era como se tivesse desistido a meio. Pestanejou sob a sua enorme franja ao vê-los e disse:

— Receio bem que o Professor Pennyroyal continue indisposto mas estou certa de que em breve ficará bom. Os Deuses Gelados não o enviariam cá para o deixar morrer, não acham? Não seria justo. Mas um historiador como tu, Tom, vai ficar interessado na minha Wunderkammer.

— Que raio é uma Wunderkammer? — perguntou Hester cansada de ser ignorada por aquela adolescente mimada.

— É o meu museu pessoal — respondeu Freya. — A minha Câmara de Preciosidades. — Espirrou e ficou à espera que uma criada se aproximasse para lhe limpar o nariz, mas depois lembrou-se de que todas tinham morrido e limpou-o à manga. — Sabes Tom, eu adoro história. Todas aquelas coisas antigas que as pessoas descobrem. Coisas tão banais que as pessoas normais usaram em tempos e que com o tempo se tornaram tão especiais. — Tom

acenou ansiosamente e ela sorriu ao sentir que tinha encontrado um parceiro espiritual. — Quando eu era pequena não queria de todo ser Margravine. Queria ser uma historiadora como tu e o Professor Pennyroyal. Por isso resolvi fazer o meu próprio museu. Vem conhecê-lo.

Smew indicou o caminho e a Margravine continuou a sua brilhante conversa enquanto percorriam corredores, passavam por um salão de Festas onde os candelabros jaziam inertes sob lençóis poeirentos e saíram para um claustro envidraçado. Lá fora, as luzes mostravam a escuridão da noite iluminando a neve que rodopiava e uma fonte coberta de gelo. Hester enfiou as mãos nos bolsos cerrando-as e seguiu atrás de Tom. *Quer dizer que ela não é apenas bonita, pensou, ela leu os mesmos livros que ele e sabe tudo sobre história e ainda está à espera que os deuses sejam justos. Parece a imagem reflectida de Tom. Como é que eu posso competir com isto?*

A viagem terminou num vestíbulo circular junto a uma porta guardada por dois Caçadores. Ao reconhecer as suas formas angulares, Tom recuou e quase gritou de terror, pois uma vez, uma daquelas antigas máquinas blindadas de combate tinha-o perseguido a ele e a Hester durante uma boa parte do Terreno de Caça. Entretanto Smew acendeu um globo de árgon e ele reparou que aqueles Caçadores não passavam de relíquias. Uns exosqueletos de metal ferrugentos, arrancados do gelo e postos ali à entrada da Wunderkammer de Freya Rasmussen a servirem de decoração. Olhou de relance para Hester para ver se ela partilhava o seu medo mas ela estava a olhar para outro lado e antes que ele conseguisse chamar-lhe a atenção, já Smew tinha aberto a porta e a Margravine os encaminhava para dentro do seu museu.

Tom seguiu-a pelo meio da escuridão e do pó com a estranha sensação de estar a regressar a casa. Verdade seja dita que aquela enorme sala mais parecia uma loja de quinquilharias do que

propriamente as cuidadosas vitrinas que ele estava habituado a usar em Londres mas não deixava de ser uma gruta de tesouros. Os Desertos Gelados tinham sido a ascensão e queda de duas civilizações desde a Guerra dos Sessenta Minutos e Freya possuía importantes relíquias de cada uma delas. Havia igualmente um modelo do Anchorage como devia ter sido nos tempos estáticos, uma prateleira de potes da Cultura de Metal Azul e algumas fotografias dos Círculos Gelados, um fenómeno misterioso que por vezes ocorria nos Glaciares Superiores.

Tom ia caminhando como um sonâmbulo por entre os objectos expostos de tal modo que nem reparou até que ponto Hester estava relutante em segui-lo.

— Olha! — chamou-a, olhando por cima do ombro com um ar encantado. — Hester! Olha!

Hester olhou mas viu apenas coisas cujo significado não compreendia pois não tinha o grau de instrução suficiente para tal e entre o seu próprio e hediondo reflexo no vidro das vitrinas. Viu Tom a afastar-se dela enquanto dissertava acerca de uma estátua de pedra antiga danificada e parecia tão ciente do que dizia que ela achou que o seu coração se ia partir.

Um dos tesouros preferidos de Freya estava dentro de uma caixa ao fundo da sala. Era uma folha quase perfeita de um fino metal prateado descoberto nas lixeiras do Império Americano espalhadas pelo mundo inteiro e à qual os Antigos tinham posto o nome de «folha de alumínio». Ela colocou-se ao lado de Tom e pôs-se a olhar para ela, desfrutando da imagem dos seus rostos reflectidos lado a lado naquela superfície ondulada.

— Tinham tanta *coisa* estes Antigos.

— É impressionante — concordou Tom sussurrando, pois aquela coisa dentro da vitrina era tão antiga e preciosa que até parecia sagrada, tocada pela Deusa da História. — E pensar que

existiam pessoas tão ricas ao ponto de deitarem fora coisas desta importância! Mesmo o mais pobre dos pobres vivia como um Presidente da Câmara.

Seguiram para a vitrina seguinte onde se via uma colecção daqueles estranhos anéis de metal tantas vezes encontrados em caixotes de lixo, alguns ainda com um pendente preso em forma de lágrima que dizia PUXAR.

— O Professor Pennyroyal não acredita que estas coisas tenham sido deitadas fora — comentou Freya. — Ele diz que os lugares a que os arqueólogos modernos chamam caixotes de lixo eram na realidade centros religiosos onde os Antigos sacrificavam objectos para os seus Deuses Consumistas. Não leste o livro dele acerca disto? Chama-se *Coisas sem Valor? Coisas sem Valor!* Eu empresto-te um exemplar...

— Obrigado — agradeceu Tom.

— Obrigado, Vossa Resplandecência — corrigiu Freya mas com um sorriso tão amável que era óbvio que não tinha ficado ofendida.

— É claro que — continuou ela passando os dedos pelo pó da vitrina, — o que este lugar precisa mesmo é de um conservador. Antigamente havia um, mas deve ter morrido vítima da peste ou então fugiu. Já não me lembro. Agora está tudo a ficar cheio de pó e algumas coisas foram roubadas como algumas boas peças de joalharia e maquinaria. Apesar de não conseguir imaginar quem as poderia querer e de como terão entrado aqui dentro. Mas será importante podermos lembrar o passado quando chegarmos à América. — E voltou a olhar para ele a sorrir. — Podias ficar, Tom. Ficaria mais descansada sabendo que tinha um historiador competente a cuidar do meu pequeno museu. Podias aumentá-lo e abri-lo ao público. Poderíamos chamar-lhe o Instituto Rasmussen...

Tom inspirou mais profundamente o ar do museu, inalando os odores bolorentos do pó, da cera do chão e dos animais empalhados com marcas das traças. Quando era aprendiz de historiador tudo o que mais desejava era fugir para viver aventuras mas agora que a sua vida se tinha tornado uma perfeita aventura, a ideia de trabalhar num museu parecia-lhe estranhamente tentadora. Depois olhou através de Freya e viu Hester a observá-lo, uma figura delgada e solitária meio escondida nas sombras ao pé da porta com uma das mãos a segurar o lenço vermelho sobre o rosto. Pela primeira vez sentiu-se incomodado com a sua presença. Se ao menos ela fosse bonita e mais sociável!

— Lamento — respondeu. — Mas Hester não iria gostar de cá ficar. É mais feliz nos céus.

Freya olhou de soslaio para a rapariga. Não estava habituada a receber uma recusa quando oferecia um posto a alguém. Começava a simpatizar com este jovem e bonito historiador. E já tinha começado a imaginar se não teriam sido os Deuses Gelados a enviarem-no como presente para ela como forma de se redimirem do facto de não haver rapazes adequados a bordo de Anchorage. Mas por que razão eles teriam decidido enviar também a Hester Shaw? A rapariga não era apenas feia, era francamente horrorosa e interpunha-se entre ela, Freya e aquele simpático jovem como um demónio a guardar um príncipe encantado.

— Bem — continuou ela como se a recusa dele não a tivesse desapontado —, presumo que Aakuiq vá levar algumas semanas a reparar o vosso dirigível. Por isso, vais ter muito tempo para pensar no assunto. *E muito tempo*, acrescentou em pensamento, *para largar aquela namorada hedionda*.

Capítulo 11

Espíritos Irrequietos

Tom dormiu muito bem naquela noite e sonhou com museus, enquanto que Hester deitada a seu lado quase não pregou olho. A cama era tão grande que mais valia ter ficado no outro quarto. A forma como ela mais gostava de dormir era no estreito beliche do *Jenny Haniver* aninhada em Tom com o rosto junto ao cabelo dele, os joelhos contra a parte de trás dos joelhos dele, os dois corpos encaixados como os dentes de uma serra. Mas neste colchão enorme e macio, ele rolava para longe dela enquanto dormia, deixando-a só no meio de um amontoado de lençóis suados. O quarto estava demasiado quente e o ar seco agravava a sinusite de Hester; além disso, sons metálicos suaves e desagradáveis que vinham do tecto lembrando o barulhinho de ratos nas paredes.

Por fim, cerca das três da manhã agarrou no casaco e nas botas e saiu do palácio para o frio cortante das ruas. Uma escada dupla descia por uma câmara selada que conduzia à subdivisão das máquinas, uma zona tremendamente ruidosa onde as caldeiras borbulhavam e os tanques de combustível se aglomeravam como cogumelos no meio da escuridão por entre os suportes da plataforma. Hester dirigiu-se para a popa a pensar, *Agora vejamos como a jovem Rainha das Neves trata os seus subordinados*. Tinha esperança de mudar a opinião de Tom acerca daquele lugar. Estragar-lhe-ia o pequeno-almoço com o relatório que lhe iria fazer sobre as condições da plataforma inferior.

Atravessou uma ponte de ferro suspensa ladeada por enormes rodas dentadas que chiavam e produziam um forte som repetitivo como se fossem o interior de um relógio colossal. Desceu por uma enorme conduta segmentada até um nível subterrâneo onde os pistões subiam e desciam accionados por um conjunto de motores

de Antiga Tecnologia presos uns aos outros. Era um modelo que ela nunca tinha visto antes em que umas esferas blindadas zumbiam e tiniam lançando feixes de luzes violeta. Viam-se vários homens e mulheres que caminhavam determinadamente a passos largos carregando caixas de ferramentas ou conduzindo enormes máquinas de trabalho multi-armadas mas não havia qualquer sinal de escravos acorrentados ou de capatazes com ar arrogante como Hester estava à espera de ver. O rosto insípido de Freya Rasmussen contemplava-os dos cartazes presos aos suportes da plataforma e os trabalhadores baixavam respeitosamente a cabeça à medida que iam passando por baixo.

Talvez o Tom tivesse razão, pensou Hester enquanto rondava escondida pelas orlas das guarnições dos motores. Talvez a Anchorage fosse mesmo tão civilizada e pacífica como aparentava. Talvez ele pudesse ser feliz ali. A metrópole poderia até sobreviver à sua viagem rumo à América, e ele podia ficar a bordo como conservador do museu de Freya Rasmussen e mostrar às tribos selvagens o mundo que os seus distantes antepassados tinham criado. Podia manter o *Jenny* como o seu iate aéreo privado e nos dias de folga ir fazer prospecção de Tecnologia Antiga nos assombrados desertos...

Mas ele não vai precisar de ti, pois não? Perguntou uma vozinha dentro dela. *E o que é que vais fazer sem ele?*

Tentou imaginar-se a viver sem Tom mas não conseguiu. Ela sempre soubera que aquilo não ia durar eternamente, mas agora que o fim estava iminente só lhe apetecia gritar, *Agora, não! Quero mais! Só mais um ano de felicidade. Ou talvez até dois...*

Limpou as lágrimas que insistiam em nublar o seu olho e desatou a correr sentindo o frio e o ar gelado vindos de algures fora da vasta fábrica de reciclagem térmica. O barulho dos estranhos motores foi-se dissipando atrás dela dando lugar a um sibilar

constante e agudo que ia aumentando à medida que ela se aproximava da popa. Alguns minutos depois, foi parar a uma alameda tão extensa quanto a cidade. Havia um escudo protector feito de painéis de grades de aço e por trás destes viam-se as Luzes do Norte que se espelhavam insistentemente na massa rolante da enorme roda à popa de Anchorage.

Hester atravessou o passeio e encostou o rosto à grelha fria, olhando através dela. A roda estava tão areada e luzidia que espelhava e na cascata de reflexos ela apercebeu-se dos espigões de metal que a guarneciam e eram constantemente ejectados, passando por ela para se cravarem no gelo e propulsionando a Anchorage de forma a mantê-la na sua rota. Saía dali uma chuva fina e fria de água derretida e fragmentos de gelo soltos que eram projectados e batiam no escudo. Alguns dos fragmentos eram bem grandes. A escassos metros de Hester havia uma parte da grelha que tinha sido de tal forma batida que já estava solta e balançava para dentro sempre que era atingida por outro bloco de gelo, abrindo ainda mais a fenda através da qual passava a geada e pedaços mais pequenos de gelo que se espalhavam pela alameda.

Seria tão fácil passar pela fenda! Num momento estaria a cair e depois a roda passaria novamente sobre ela deixando uma marca vermelha no gelo que rapidamente seria esquecida. Não seria mais agradável ver aquilo do que ver Tom a afastar-se dela? Não seria melhor morrer do que ficar novamente só?

Estendeu a mão para agarrar a ponta solta da grelha mas foi então que outra mão agarrou-lhe no braço e uma voz gritou-lhe ao ouvido:

— Axel?

Hester voltou-se tentando agarrar a faca. Søren Scabious permaneceu atrás dela. Quando ela se voltou, os olhos dele pareciam brilhar de esperança marejados de lágrimas. Ao

reconhecê-la o seu rosto voltou a adquirir o já habitual ar de tristeza profunda.

— Menina Shaw — grunhiu ele. — Aqui no meio da escuridão, pensei que fosse...

Hester afastou-se dele cobrindo o rosto. Há quanto tempo estaria ele a observá-la?

— O que é que está aqui a fazer? — perguntou ela. — O que é que quer?

Envergonhado, Scabious respondeu num tom colérico.

— Eu podia perguntar-lhe o mesmo, aviadora! Veio espiar a minha subdivisão das máquinas, não foi? Presumo que tenha dado uma bela vista de olhos.

— Não estou interessada nas vossas máquinas — respondeu Hester.

— Não? — Scabious aproximou-se novamente agarrando-lhe no pulso. — Custa-me muito a crer. As Esferas Scabious foram aperfeiçoadas pela minha família nas últimas vinte gerações. É um dos sistemas de motores mais eficiente do mundo. Tenho a certeza de que está desejosa para ir contar a Arkangel ou a Ragnaroll a quantidade de riquezas que encontrariam se nos devorassem.

— Não seja estúpido! — disse Hester. — Eu jamais aceitaria o ouro do predador! — um pensamento assolou-a de súbito de forma fria e intensa como se fosse um dos estilhaços de gelo que atingiam a grade por trás dela. — E quem é Axel? Não era o seu filho? Aquele de quem Smew esteve a falar? O que morreu? Achou que eu era o espírito dele?

Scabious largou o braço dela, a sua fúria desapareceu rapidamente como um fogo subitamente extinto. O seu olhar voltou-

se para a roda de tracção e para as luzes que rasgavam o céu. Olhava para qualquer lado menos para Hester.

— O seu espírito vagueia — murmurou.

Hester soltou um riso curto e disforme mas parou imediatamente. O velhote falava a sério. Olhou rapidamente para ela e depois desviou novamente o olhar. O seu rosto parecia suavemente iluminado pela luz incerta e tremeluzente.

— Os Gelófilos acreditam que as almas dos mortos habitam a Aurora, Menina Shaw. Dizem que nas noites em que ela está extremamente brilhante, eles descem e caminham pelos Glaciares Superiores.

Hester não respondeu e limitou-se a encolher os ombros sentindo-se desconfortável com a sua loucura e pesar. E disse desajeitadamente:

— Ninguém regressa do País sem Sol, Mr. Scabious.

— Mas voltam sim, Menina Shaw — acenou Scabious fervorosamente. — Desde que iniciámos a nossa viagem para a América que as visões começaram. Movimentos. Coisas que desaparecem de quartos trancados. Há pessoas que ouvem passos e vozes em certas zonas da subdivisão que foram fechadas e abandonadas desde a peste. É por isso que sempre que posso e que a Aurora está brilhante venho aqui abaixo. Já o vislumbrei duas vezes. Um rapaz louro que me observa do meio da escuridão e que desaparece mal eu o vejo. Nesta metrópole não há rapazes louros que tenham sobrevivido. É o Axel, tenho a certeza de que é.

Ficou mais uns momentos a olhar para o céu luminoso e depois voltou-se e foi-se embora. Hester ficou a vê-lo afastar-se até que a sua silhueta desapareceu quando dobrou a esquina na outra ponta da galeria. Observou-o e ficou a pensar. Acreditaria mesmo Scabious que esta metrópole conseguiria chegar à América? E até

se preocupava com isso? Ou estaria simplesmente a seguir os excêntricos planos da Margravine porque esperava encontrar o espírito do filho à sua espera nos Glaciares Superiores?

Hester estremeceu. Ainda não se tinha dado conta do frio que fazia ali na popa da metrópole. Apesar de Scabious já se ter ido embora, ela continuava com a sensação de estar a ser observada. Os pelinhos da nuca começaram a eriçar-se-lhe. Olhou de soslaio para trás de si e ali, no meio da entrada de uma zona de passagem ela viu, ou julgou ver, a mancha pálida de um rosto a desaparecer rapidamente na escuridão, deixando apenas a imagem residual de uma cabeça loura.

Ninguém volta do País sem Sol. Hester sabia disso o que não impedia que todas as histórias de fantasmas que tinha ouvido não se mantivessem bem vivas na sua memória. Voltou-se e desatou a correr o mais depressa que conseguiu pelas súbitas sombras ameaçadoras para voltar às ruas povoadas.

Atrás dela, por entre um emaranhado de canos e condutas suspensas sobre a galeria da popa havia algo metálico que andava rapidamente fazendo um leve barulho e depois parava.

Capítulo 12

Hóspedes Não Convidados

Mr. Scabious estava tão certo como errado acerca dos fantasmas. Esta metrópole estava assombrada sim, mas não era por espíritos de mortos.

A assombração tinha começado um mês antes e não tinha sido em Anchorage mas sim em Grimsby, uma cidade deveras estranha e secreta. Tinha começado com um ligeiro ruído, um estalido surdo, como se fosse uma unha a raspar na borracha de um balão. Seguiu-se um som de electricidade estática, o ruído de alguém a segurar num microfone e a coluna do tecto de Caul começou a falar com ele.

— Levanta-te rapaz. É o Tio que te está a chamar. Tenho um trabalho para ti, rapaz. Sim.

Caul emergiu da confusão dos sonhos e percebeu após um susto rápido que se tratava da vida real. Rolou para fora do beliche e pôs-se de pé meio zozinho. O quarto era pouco maior que um armário e tirando o enorme beliche tipo prateleira e algumas espectaculares manchas de humidade, a única coisa que havia ali era um emaranhado de fios no meio do tecto onde estavam presos uma câmara e um microfone. Os miúdos chamavam a estes acessórios fixos os Olhos e os Ouvidos do Tio. Mas nada acerca da Boca do Tio. E no entanto ele estava a falar com ele.

— Estás acordado, rapaz?

— Sim, Tio! — respondeu Caul tentando que as palavras saíssem claramente. Ele tinha passado a noite anterior a trabalhar até tarde no *Furtário* a tentar apanhar um bando de rapazes mais novos, a quem o Tio tinha mandado ensinar as artes do roubo subtil e do passar despercebido, mas infelizmente eles tinham-se perdido pelo meio dos corredores e escadarias. E por isso tinha-se deitado

morto de cansaço e devia ter dormido umas boas horas mas sentia como se só há cinco minutos as luzes se tivessem apagado. Abanou a cabeça tentando afastar a camada de sono dos seus pensamentos. — Estou acordado, Tio!

— Ainda bem.

Uma câmara desceu na direcção de Caul. Parecia uma cobra muito comprida e reluzente feita de segmentos de metal hipnotizando-o com o seu único olho fixo. Ele sabia que nos aposentos do Tio, no alto da velha câmara municipal, o seu rosto aparecia ampliado num monitor de vigilância. Agarrou de repente na coberta da cama e cobriu o corpo nu.

— O que deseja de mim, Tio?

— Tenho uma metrópole para ti — respondeu a voz. — Anchorage. Uma pequena e adorável metrópole gelada, que segue por sua conta e risco para norte. Agarra na «lapa» *Screw Worm* e vai assaltá-la.

Caul tentou pensar em algo sensato para dizer ali de pé enrolado numa coberta frente ao olhar firme da câmara.

— Então, rapaz — atalhou o Tio. — Não queres o trabalho? Achas que não te sentes apto a comandar uma «lapa»?

— Claro que sim! Sim? Sim! — exclamou Caul avidamente. — Mas é que... pensei que a *Screw Worm* fosse a «lapa» do Wrasse. Não deveria ser ele ou algum dos mais velhos a ir?

— Não questiones as minhas ordens, rapaz. O Tio É Quem Sabe. O problema é que tenho de mandar o Wrasse para sul noutra missão, o que nos deixa totalmente desprevenidos. Geralmente não entregaria a um novato como tu uma viagem de assalto, mas acho que já estás pronto e Anchorage é um prémio demasiado bom para se perder.

— Sim, Tio — Caul já tinha ouvido falar daquele misterioso trabalho a sul para onde cada vez os mais velhos e as melhores «lapas» estavam a ser transferidos. Constava que o Tio estava a planear o assalto mais arrojado da sua longa carreira mas ninguém sabia do que se tratava. Não que isso tivesse alguma importância para Caul e nem que a ausência de Wrasse significasse que ele ia ficar no comando da sua própria «lapa»!

Aos quatorze anos, Caul já tinha feito parte da tripulação de doze missões de «lapa» mas tinha de esperar pelo menos mais duas temporadas antes de ter autorização para poder comandar alguma. Os comandantes das «lapas» eram habitualmente rapazes mais velhos, com um porte imponente e com casa própria nas plataformas superiores, muito diferente das pequenas coelheiras dos andares bolorentos sobre o Furtário em que Caul estava habituado a viver por onde a água salgada se infiltrava vinda dos rebites ferrugentos e onde a tensão do metal preenchia as noites com a sua lamúria. E onde quartos inteiros tinham implodido sem aviso prévio matando os rapazes que lá se encontravam dentro. Se ele conseguisse que esta sua missão fosse um sucesso e trouxesse para casa coisas de que o Tio gostasse, poderia muito bem acabar finalmente por se ver livre destes aposentos sombrios para sempre!

— Vais levar o Skewer contigo — continuou o Tio — e um dos novatos, o Gargle.

— O Gargle! — exclamou Caul tentando não parecer muito incrédulo, mas já era demasiado tarde. Gargle era o idiota do grupo deste ano. Era nervoso, desastrado e com uma personalidade que parecia atrair a provocação dos mais velhos. Nunca tinha conseguido passar do nível dois do Furtário sem ser apanhado. Geralmente era Caul que o apanhava, arrastando-o rapidamente antes que se tornasse vítima de um dos outros treinadores, como Skewer que sentia um especial prazer em bater nos alunos que falhavam. Caul já tinha perdido a conta das vezes que tinha

transportado rapaz completamente branco e a choramingar para o dormitório dos caloiros. E agora o Tio estava à espera que ele levasse o pobre miúdo para um trabalho a sério!

— Gargle é desastrado mas é esperto — continuou o Tio (o Tio sabia sempre no que eles estavam a pensar, mesmo que não dissessem nada). — É bom com máquinas. Bom a mexer nas câmaras. Ele tem estado a trabalhar nos arquivos mas estou a pensar em mudá-lo aqui para cima a tempo inteiro, mas para isso, preciso primeiro que o leves e lhe mostres como é que é a vida de um Menino Perdido. Estou a pedir-te a ti porque és mais paciente do que o Wrasse, o Turtle ou qualquer um dos outros.

— Sim, Tio — respondeu Caul. — O Tio É Quem Sabe.

— Pois claro que sei. Embarcas no *Screw Worm* mal comecem os turnos do dia. E traz-me coisas bonitas, Caul. E histórias. Muitas histórias.

— Sim, Tio!

— E Caul...

— Sim, Tio?

— Não te deixes apanhar.

E aqui estava Caul, um mês depois e a centenas de milhas de Grimsby escondido e prendendo a respiração no meio da escuridão enquanto esperava que o som dos passos corridos de Hester desaparecessem. Mas o que é que lhe teria dado desde que aqui tinha chegado para estar a correr tantos riscos? Um bom ladrão não se deixa ver mas Caul tinha quase a certeza de que aquela jovem aviadora o tinha visto e quanto a Scabious... Estremeceu só de pensar no que poderia acontecer se o Tio soubesse disto. Quando teve a certeza de que estava só, deslizou do seu esconderijo e

seguiu rapidamente e quase sem fazer barulho por um caminho secreto em direcção ao *Screw Worm*, que por sua vez estava escondido por baixo da barriga de Anchorage no meio das sombras oleosas não muito longe da roda de tracção. Era uma velha «lapa» ferrugenta e em mau estado de conservação mas Caul sentia orgulho nela e na forma como já se estava a começar a encher com todas as coisas que ele e a sua equipa iam roubando das lojas e das casas abandonadas da metrópole superior. Despejou o último saco das pilhagens e deslizou por entre os montes de pacotes e caixas para o compartimento da frente, onde no meio do suave zumbido dos motores e da vibração constante dos monitores, o aguardava o resto da tripulação do *Screw Worm* composta pelos três rapazes. Era claro que tinham visto tudo. Enquanto Caul andara a seguir Hester silenciosamente pela subdivisão das máquinas, eles tinham estado a vê-la através das suas câmaras secretas e ainda estavam a gozar com a conversa que ela tinha tido com o mestre de máquinas.

— Buuuuu! Fantasmagórico! — disse Skewer a rir.

— Caul, Caul! — chamou Gargle. — O velho Scabious julga que és um fantasma! Do filho que voltou para dizer olá!

— Eu sei! — respondeu Caul. — Eu ouvi. — Empurrou Skewer para poder passar e sentou-se numa das cadeiras de pele que chiavam, sentindo-se subitamente irritado com a desordem e a confusão em que o *Screw Worm* tinha ficado depois da fria limpeza da metrópole superior. Olhou de soslaio para os seus companheiros que continuavam a observá-lo com sorrisos idiotas estampados no rosto à espera que ele se juntasse à zombaria sobre o velho Scabious. Também eles pareciam mais pequenos e menos vitais comparados com as pessoas que ele tinha estado a observar.

Skewer era da mesma idade de Caul embora mais alto, mais forte e mais seguro de si. Caul às vezes achava estranho que o Tio

não tivesse posto antes Skewer a comandar esta expedição e até algumas das piadas de Skewer denotavam que também ele tinha a mesma opinião. Gargle com apenas dez anos de idade e sempre alerta devido à emoção da sua primeira missão de roubo, parecia não dar pela tensão que existia entre ambos. Gargle tinha acabado por se demonstrar tão desastrado e inútil como Caul tinha receado. Inapto como ladrão, a gelar de terror sempre que um «Gamado» se aproximava dele e voltava das expedições à metrópole sempre com as mãos a tremer e as calças molhadas. Skewer que estava sempre pronto a gozar com as fraquezas dos outros tê-lo-ia chateado e gozado sem dó nem piedade se não fosse Caul a impedi-lo. Ainda se lembrava do seu primeiro trabalho em que tinha ficado preso a dois rapazes mais velhos e muito antipáticos numa «lapa» sob o Zeestadt Gdansk. Afinal, todos os ladrões têm de começar por algum lado.

Skewer continuava a sorrir.

— Estás a desleixar-te, Caul! A deixar que as pessoas te vejam. A tua sorte é o velho estar louco. Com que então um fantasma! Buuuuuuu!

— Não tem piada, Skew — respondeu Caul. O que o Mr. Scabious tinha dito tinha-o deixado tenso e estranho. Não sabia explicar porquê. Verificou o seu reflexo na janela da cabina. Não encontrava muitas semelhanças com as fotografias de Axel que tinha visto no escritório de Scabious. O filho de Scabious deveria ser mais velho, mais alto mais bonito e de olhos azuis. Caul tinha a constituição típica de um ladrão, esqueleticamente magro e de olhos escuros. Mas tinham ambos o mesmo tipo de cabelo despenteado e louro platinado. E para um velho com o coração destroçado, vislumbrar uma cabeça semelhante à do filho no meio da escuridão ou da neblina, podia levá-lo a tirar certas conclusões, não podia?

Apercebeu-se repentinamente de que Skewer estava a falar com ele e que já algum tempo que o estava a fazer.

— ... e já sabes o que o Tio vai dizer. Primeira Regra do Roubo: Não Ser Apanhado.

— Eu não vou ser apanhado, Skew. Eu sou cuidadoso.

— Então como é que foste visto?

— Toda a gente tem por vezes azares. O Big Spadger de Burglar Bill teve de matar um «Gamado» que na última temporada o viu nos conveses inferiores da Anchorage.

— Mas isso é diferente. Tu passas demasiado tempo a observar os «Gamados». Não há problema se for pelo monitor mas tu andas mesmo por ali a observá-los.

— Pois é — concordou Gargle satisfeito por agradar. — Já o vi.

— Cala-te — respondeu Skewer distraído dando um pontapé no miúdo.

— Eles são interessantes — comentou Caul.

— São «Gamados»! — respondeu Skewer impaciente. — Sabes qual é a opinião do Tio sobre eles. São como gado. Os seus cérebros não são tão ágeis como os nossos. Por isso é que está certo roubá-los.

— Eu sei! — respondeu Caul. Tal como Skewer também ele tinha sido injectado com tudo aquilo quando era ainda caloiro do Furtário. — *Somos os Meninos Perdidos, Os melhores ladrões do mundo. Tudo aquilo que não tenha sido apanhado é nosso.* — Mas ele sabia que Skewer tinha razão. Às vezes sentia que não tinha vocação para Menino Perdido. Gostava mais de observar as pessoas do que de roubá-las.

Deu um impulso para se levantar e tirou o seu último relatório da prateleira por cima dos controlos do monitor. Treze páginas do

melhor papel de carta oficial de Freya Rasmussen escritas com a sua caligrafia enorme e encardida. Agitou-a frente ao rosto de Skewer quando ele se dirigia para a popa.

— Vou enviar isto para a base. O Tio fica furioso quando não é actualizado semanalmente.

— Isso não é nada comparado com a fúria com que ele vai ficar se nos apanharem — murmurou Skewer.

A zona do *Screw Worm* que ficava por baixo da cabina onde os rapazes dormiam tinha adquirido um forte cheiro a suor e a meias sujas. Havia grades para dez *mensageiros* mas três deles já estavam vazias. Caul sentiu um aperto no peito quando começou a preparar o Número 4 para o lançamento. Dentro de seis semanas largariam o último *mensageiro*. Depois estaria na hora de o *Screw Worm* descolar do Anchorage e regressar a casa. Iria sentir a falta de Freya e do seu povo. Mas era uma estupidez, não era? Não passavam de «Gamados» estúpidos. E de meras imagens num estúpido monitor.

O *mensageiro* parecia um torpedo de prata lustroso e posto de pé deveria ser mais alto que Caul. Como sempre um certo receio apoderou-se dele quando foi verificar o depósito de combustível do *mensageiro* e colocou o seu relatório enrolado num compartimento hermeticamente fechado perto do nariz. Por todo o norte, os capitães de «lapas» estavam tal como ele a enviar *mensageiros* para casa, para que o Tio pudesse saber de tudo o que se estava a passar e poder assim planear roubos ainda mais arrojados. O que fazia com que Caul se sentisse ainda mais culpado por gostar dos «Gamados». Tinha muita sorte em ser um Menino Perdido. Tinha muita sorte em trabalhar para o Tio. O Tio É Quem Sabe.

Minutos mais tarde, o *mensageiro* deslizou da barriga do *Screw Worm* e caiu despercebido para fora das sombras, sob o bojo Anchorage e seguiu directo para o gelo. Enquanto a metrópole se

afastava para norte, o *mensageiro* começou a perfurar a neve, por baixo do gelo, até que por fim atingiu as escuras águas que ficavam por baixo da camada de gelo. O seu velho cérebro computadorizado de Antiga Tecnologia ia gemendo e resmungando. Não era inteligente mas sabia o caminho de regresso a casa. Estendeu as suas barbatanas curtas e grossas e o pequeno propulsor e seguiu velozmente ronronando, em direcção a sul.

Capítulo 13

A Sala De Navegação

Hester não contou a Tom o estranho encontro que tinha tido. Não queria que ele pensasse que ela era uma tonta a divagar sobre fantasmas. A forma que ela tinha visto no meio das sombras tinha sido fruto da sua imaginação e quanto a Mr. Scabious, não passava de um louco varrido. A metrópole estava louca se acreditavam em Freya e Pennyroyal e nas respectivas promessas de alcançarem um novo terreno de caça verdejante para além do gelo e Tom era tão louco quanto eles. Não valia a pena discutir nem fazê-lo ver as coisas com clareza. Mais valia concentrar-se em tirá-lo dali são e salvo.

Passaram-se dias, semanas e Anchorage continuava o seu percurso rumo a norte pelas imensas planícies de mar gelado enquanto seguia o escudo montanhoso da Gronelândia. Hester começou a passar a maior parte do tempo na doca aérea a ver Mr. Aakuiq a arranjar o *Jenny Haniver*. Não sendo mecânica, não havia muito que pudesse fazer para ajudar, mas podia passar-lhe as ferramentas e ir buscar coisas à loja e servir-lhe da garrafa térmica chávenas de cacau roxo-escuro a esquentar. Ela achava que pelo simples facto de ali estar podia acelerar o passar do tempo para que chegasse depressa o dia em que o *Jenny* ficaria pronto para a levar para longe daquela metrópole assombrada.

Por vezes, Tom ia ter com ela ao hangar, mas isso era raro acontecer.

— Mr. Aakuiq não nos quer aos dois ali a incomodar — dizia ele a Hester — porque o atrapalhamos.

Mas ambos sabiam a verdadeira razão: ele estava a gostar demasiado da sua nova vida a bordo de Anchorage. E só agora é

que se tinha apercebido das saudades que sentia de viver a bordo de uma metrópole móvel. São os *motores*, disse para consigo. Aquela suave e confortável vibração que fazia com que os edifícios parecessem vivos. Aquela sensação de que ia para algum lado e que a cada manhã acordaria com uma nova paisagem na janela do seu quarto, mesmo que fosse mais uma vista de escuridão e gelo.

E talvez, apesar de não o admitir, tivesse alguma coisa a ver com Freya. Encontrava-a muitas vezes na Wunderkammer ou na biblioteca do palácio e apesar dos encontros serem bastante formais com Smew ou a Menina Pye sempre a servirem de «pau de cabeleira», Tom sentia que estava a começar a conhecer a Margravine. Ela intrigava-o. E era tão diferente de Hester e tão parecida com as raparigas com que tinha sonhado enquanto aprendiz solitário em Londres. Bonita e sofisticada. Era verdade que ela era um pouco arrogante e obcecada com rituais e etiquetas, mas isso era compreensível tendo em conta a forma como tinha sido educada e de como estava acostumada a viver. E ele gostava cada vez mais dela.

O Professor Pennyroyal tinha entretanto recuperado por completo e mudado para a residência oficial do Director de Navegação que ficava numa torre alta em forma de lâmina chamada Sala de Navegação, situada numa zona fechada do Palácio de Inverno perto do templo. O último andar albergava a ponte de comando da metrópole, mas por baixo existia um apartamento de luxo onde Pennyroyal se tinha instalado com ar de satisfação. Sempre se considerara uma pessoa importante e era agradável estar a bordo de uma metrópole onde toda a gente pensava da mesma forma.

Era óbvio que ele não sabia como conduzir uma cidade gelada, desta forma toda a parte prática do dia-a-dia do percurso de

Anchorage era feita por Windolene Pye. Ela e Pennyroyal passavam uma hora todas as manhãs a estudarem cuidadosamente os poucos e vagos mapas do ocidente gelado. Durante o resto do tempo, Pennyroyal relaxava na sua sauna ou enfiava-se no escritório a descansar ou então ia para as lojas abandonadas do Projecto Rasmussen e da Suprema Arcada vasculhar com o objectivo de escolher roupas caras que condissessem com o seu novo cargo.

— Não haja dúvida de que nos demos muito bem quando aterámos em Anchorage, meu caro Tom! — comentou com Tom quando este o foi visitar num final de tarde sombrio. Pennyroyal mostrou com a sua mão adornada de jóias a enorme sala com tapetes requintados e quadros, as luzes incandescentes nos tripés de bronze, as enormes janelas de onde se avistava o gelo por onde iam passando, por entre os recortes dos telhados. Lá fora, estava a levantar-se um vento cortante, transportando, a neve pela cidade, mas nos aposentos do Director de Navegação estava tudo aquecido e em paz.

— E já agora, como é vai o arranjo daquele vosso dirigível? — perguntou Pennyroyal.

— Lento — respondeu Tom. Na verdade, há já alguns dias que ele não ia à doca aérea e não sabia como é que estavam a decorrer as reparações do *Jenny Haniver*. Nem queria pensar muito nisso pois quando as reparações estivessem completas, Hester iria querer ir-se logo embora arrastando-o desta adorável metrópole e de Freya. *Ainda assim*, pensou ele, *é simpático da parte do professor perguntar*. — E quanto à viagem para a América? — perguntou. — Está tudo a correr bem, Professor?

— Absolutamente! — exclamou Pennyroyal, acomodando-se num sofá e compondo as suas vestes acolchoadas de seda de silicone. Serviu-se de mais uma taça de vinho e ofereceu outra a Tom. — Há algumas garrafas excelentes na adega do Director de

Navegação e acho um desperdício não as aproveitarmos antes que... bem...

— Devia guardar a melhor para brindar à chegada à América — comentou Tom sentando-se numa pequena cadeira junto aos enormes pés de Pennyroyal. — Já decidiu que rota vai seguir?

— Bem, sim e não — respondeu Pennyroyal alegremente, gesticulando com a sua taça, entornando vinho e salpicando o sofá de pele. — Sim e não, Tom. Quando chegarmos à zona oeste da Gronelândia, o caminho será basicamente sempre em frente. Windolene e Scabious algo muito complicado, ou seja, serpenteando por entre uma série de ilhas que até talvez já nem existam e depois seguindo pela costa ocidental da América. Felizmente consegui mostrar-lhes uma rota mais acessível — e apontou para um mapa que estava pendurado na parede. — Passaremos ao largo da Ilha de Baffin em direcção à Baía de Hudson. A camada de mar gelado é mais espessa e sólida e estende-se até ao coração do continente norte americano. Foi assim que regressei depois da minha expedição. Passaremos rapidamente essa zona, depois içamos a nossa roda à popa e limitamo-nos a deslizar com as nossas lagartas pelo terreno verdejante. Vai ser canja.

— Quem me dera ir consigo — suspirou Tom.

— Nem pensar nisso, meu caro! — respondeu bruscamente o explorador. — O teu lugar é nas Estradas dos Pássaros. Mal aquele teu dirigível estiver pronto, tu e a tua adorável companheira devem regressar aos céus. Por falar nisso, ouvi dizer que Sua Robustez, a Margravine te emprestou alguns dos meus livros.

Tom corou só de ouvir mencionar Freya.

— E então, o que achaste deles? — perguntou Pennyroyal servindo-se de mais vinho. — Bons?

Tom não sabia bem o que dizer. Não havia dúvida que os livros de Pennyroyal eram entusiásticos. O problema é que parte da história do Historiador Alternativo era *demasiado* alternativa para a mente de Tom treinada por Londres. No volume *A Deslumbrante América*, ele contava ter visto as vigas de antigos arranha-céus projectadas do pó do Continente Morto, mas mais nenhum explorador tinha descrito tais visões que certamente teriam sido devoradas pelo vento e pela ferrugem há eternidades. Estaria Pennyroyal alucinado quando as viu? E depois em *Coisas sem Valor? Coisas sem Valor!* Pennyroyal declarava que os pequenos comboios de brincar e os carros telecomandados por vezes encontrados em zonas Antigas não eram propriamente brinquedos. «*Não há dúvida — escrevia ele — de que estas máquinas eram pilotadas por minúsculos seres humanos, geneticamente alterados pelos Antigos por razões desconhecidas e que só a eles diziam respeito.*»

Tom não duvidava de que Pennyroyal fosse um grande explorador, mas quando se sentava frente a uma máquina de escrever, parecia que a sua própria imaginação ganhava vida.

— E então, Tom? — perguntou Pennyroyal. — Não seas tímido. Um bom escritor nunca põe objecções a uma crítica construtiva. Ou seja, a cretinismo consumista.

— Professor Pennyroyal! — gritou a voz de Windolene Pye irrompendo por um telefone de indução de metal preso à parede. — Venha depressa! Os postos de observação informaram-nos de que há algo mais à frente no gelo!

Tom sentiu-se enregelar só de pensar numa metrópole predadora escondida algures no gelo, mas Pennyroyal encolheu os ombros.

— E o que é que a idiota da velha está à espera que eu faça? — perguntou ele.

— Bem, o Professor agora é o Director de Navegação — recordou-lhe Tom. — Talvez devesse estar na ponte numa altura destas.

— *Honorarário* Director de Navegação, Tim — respondeu Pennyroyal e Tom percebeu que ele estava bêbedo.

Pacientemente ajudou-o a pôr-se de pé e levou-o para um pequeno elevador privado que os transportou até à Sala de Navegação. Saíram para uma sala envidraçada onde a Menina Pye esperava nervosamente ao lado do telégrafo da subdivisão de máquinas enquanto os seus ajudantes espalhavam os mapas pela mesa de navegação. Um timoneiro corpulento aguardava instruções junto à enorme roda do leme.

Pennyroyal deixou-se cair na primeira cadeira por onde passaram, mas Tom precipitou-se para a parede envidraçada à espera de que o limpa-vidros passasse novamente para ele conseguir vislumbrar o que se estava a passar. Grossos flocos de neve invadiam a metrópole tapando tudo menos os edifícios mais próximos.

— Não consigo ver — começou por dizer. E de repente um rápido intervalo na tempestade mostrou-lhe luzes cintilantes a norte da grande metrópole.

E no meio do vazio, diante de Anchorage surgiu um subúrbio caçador-assassino.

Capítulo 14

O Subúrbio

Freya tentava elaborar uma lista de convidados para jantar. Era um assunto complicado porque, por tradição, só os cidadãos de alta patente é que podiam jantar com a Margravine, o que actualmente significava Mr. Scabious, que não era propriamente uma boa companhia. Não havia dúvida de que a chegada do Professor Pennyroyal tinha animado um pouco as coisas e era aceitável que o Director de Navegação se sentasse à mesa com ela, mas até as fascinantes histórias do professor estavam a começar a tornar-se ligeiramente enfadonhas e além disso ele tinha tendência para beber demasiado.

O que ela queria de verdade (embora se esforçasse por não o admitir para si própria enquanto se sentava à secretaria no seu escritório) era convidar Tom. Apenas Tom, para que ele a admirasse à luz das velas e lhe dissesse como era bela. Ela estava certa de que ele também o desejava. O único problema é que ele não passava de um mero aviador. E mesmo que ela quebrasse a tradição e o convidasse, ele iria levar a sua desagradável namorada e não era propriamente esse tipo de serão que Freya queria.

Recostou-se na cadeira dando um suspiro. Os quadros das anteriores Margravines observavam-na docemente das paredes do escritório e ela pôs-se a imaginar como é que elas teriam resolvido uma situação destas. Mas era óbvio que para elas nunca tinha surgido uma situação destas. Para elas, as antigas tradições da cidade tinham funcionado sempre, fornecendo um guia simples e infalível do que poderiam ou não fazer. Assim, as suas vidas funcionavam como um relógio. *Sorte a minha ter de governar quando a feminilidade desponha*, pensou Freya tristemente, *Sorte a*

minha ter de ficar presa a regras e tradições infundáveis que já não se adequam.

Mas ela sabia que se acabasse com a tradição teria de enfrentar uma série de novos problemas. As pessoas que tinham permanecido a bordo da sua metrópole só o tinham feito por respeito à Margravine. Estariam eles preparados para prosseguir com os seus planos se Freya deixasse de se comportar como uma Margravine?

Voltou os olhos para a sua lista de convidados e tinha acabado de desenhar um pequeno cão no canto inferior esquerdo, quando Smew entrou de rompante, voltou a sair da mesma forma e então bateu as já tradicionais três vezes à porta.

— Podes entrar, Camareiro.

Entrou sem fôlego com o chapéu às três pancadas.

— Perdão, Vossa Resplandecência. Trago más notícias da sala de navegação. Um Predador mesmo à nossa frente.

Quando ela chegou à ponte, o tempo tinha-se fechado por completo e já não se via nada para o exterior excepto a neve cerrada.

— E então? — perguntou ela, saindo de elevador antes que Smew tivesse tempo para a anunciar.

Windolene Pye fez uma pequena vénia assustada.

— Ah, Luz dos Campos Gelados! Tenho quase a certeza de que se trata de Wolverinehampton! Eu vi, mesmo antes da tempestade rebentar, aquelas três imponentes torres de metal. Deveria estar ali à espreita na esperança de atacar qualquer metrópole-baleeira que passasse ao largo de Gronelândia...

— O que é Wolverinehampton? — perguntou Freya, pensando que deveria ter prestado mais atenção aos seus dispendiosos tutores.

— Aqui tendes, Vossa Resplandecência...

Só quando Tom falou é que ela reparou nele. Agora que o tinha visto, sentiu uma leve sensação de calor a percorrê-la. Ele passou-lhe um livro com dobras nos cantos das folhas e disse:

— Fui procurar no *Almanaque das Cidades de Tracção de Cade*.

Ela tirou-lhe o livro a sorrir mas o seu sorriso desvaneceu-se quando abriu na página em que ele tinha marcado e viu o diagrama de Mrs. Cade com a seguinte legenda por baixo:

WOLVERINEHAMPTON: Um subúrbio de expressão anglo que migrou para norte em 768 TE tornando-se um dos pequenos predadores mais temíveis dos Glaciares Superiores. As suas enormes mandíbulas e a sua tradição de encher as subdivisões de máquinas com escravos vergonhosamente mal tratados fazem dela uma cidade a evitar ao máximo.

O convés por baixo de Freya vibrou e estremeceu. Ela fechou rapidamente o livro já a imaginar as enormes mandíbulas de Wolverinehampton a fecharem-se sobre a sua metrópole, mas afinal eram apenas as Esferas de Scabious a pararem. Anchorage abrandou e naquele estranho silêncio, ela conseguiu ouvir a neve a bater nas paredes envidraçadas.

— O que é que se passa? — perguntou Tom. — Há algum problema com os motores?

— Estamos a parar — respondeu Windolene Pye — por causa da tempestade.

— Mas anda lá fora um predador!

— Eu sei, Tom. É uma péssima altura. Mas nós paramos e ancoramos sempre que há uma grande tempestade. É demasiado perigoso continuarmos. O vento dos Glaciares Superiores pode soprar até quinhentas milhas por hora e já é conhecido por ter virado pequenas metrópoles. A desgraçada Skraelingshavn no Inverno de 69 ficou virada de pernas para o ar como se fosse uma barata.

— Podíamos baixar as lagartas — sugeriu Freya.

— Lagartas? — gritou Pennyroyal. — Que lagartas? Sou alérgico...

— Sua Resplandecência referia-se aos tractores de lagartas, Professor — explicou a Menina Pye. — Poderiam fornecer uma tracção maior mas não seria o suficiente, pelo menos com esta tempestade.

O sopro do vento parecia concordar e as paredes envidraçadas arqueavam para dentro, rangendo.

— Que história é essa de Wolverinetonham? — perguntou Pennyroyal ainda refastelado na sua cadeira. — Também vão parar, não vão?

Olharam todos para Windolene Pye que abanou a cabeça.

— Lamento informar que não, Professor Pennyroyal. Eles são mais baixos e mais pesados do que nós e vão conseguir atravessar esta tempestade facilmente.

— Bolas! — lamuriou-se Pennyroyal. — Então vamos mesmo ser devorados! Eles deviam estar informados sobre a nossa posição antes de a tempestade ter rebentado! E agora vão limitar-se a seguir os seus narizes e *badabum!*

Apesar de bêbado, Tom achou que o explorador era a única pessoa naquela ponte a falar com lógica.

— Não podemos ficar aqui à espera de sermos devorados! — concordou ele.

A Menina Pye olhou para as agulhas que giravam nos seus anemómetros.

— Anchorage nunca navegou com ventos tão fortes...

— Talvez esteja na altura de começar! — gritou Tom e de seguida voltou-se para Freya. — Fale com Scabious! Peça-lhe para apagar as luzes, mudar o curso e dirigir-se o mais rapidamente que conseguir para a tempestade. É preferível capotarmos do que sermos devorados, não acha?

— Como é que se atreve a falar com Sua Resplandecência dessa forma! — exclamou Smew, mas Freya sentiu-se emocionada e satisfeita por Tom se preocupar tanto com a sua metrópole. Contudo havia que ter em conta a tradição. Por isso respondeu:

— Não sei se poderei, Tom. Nunca uma Margravine deu uma ordem dessas.

— Mas também nunca uma Margravine resolveu rumar à América. — sublinhou Tom.

Por trás dele, Pennyroyal pôs-se de pé e antes que Smew ou qualquer um dos outros o pudesse impedir, empurrou Tom para o lado e precipitando-se para Freya agarrou-a pelos ombros roliços e abanou-a de tal forma que até as jóias chocalharam.

— Faça o que o Tim disse! — gritou. — Faça o que ele disse, sua miúda pateta, antes que acabemos todos como escravos na barriga de Wolverteeningham!

— Professor Pennyroyal! — guinchou a Menina Pye.

— Tire as suas patas nojentas de cima de Sua Resplandecência! — gritou Smew por sua vez, desembainhando a espada e baixando-a ao nível dos joelhos do explorador.

Freya soltou-se assustada, indignada e furiosa limpando os perdigotos de Pennyroyal do rosto. Nunca ninguém tinha falado com ela daquela forma e por momentos pensou, *É o que acontece quando se quebra a tradição e se nomeia um mero cidadão comum para um lugar de chefia!* Depois lembrou-se de Wolverinehampton a dirigir-se a toda a velocidade pelo meio da tempestade em direcção à sua metrópole com as suas enormes mandíbulas provavelmente já abertas e prontas e as fornalhas das suas entranha acesas. Voltou-se para os navegadores e disse:

— Faremos como Tom disse! Não fiquem para aí a olhar! Avisem Mr. Scabious! Mudem a rota! A todo o gás!

As âncoras da metrópole soltaram-se rapidamente do gelo que as prendia e as estranhas turbinas no interior das Esferas de Scabious recomeçaram a girar. As grossas marcas das esteiras das lagartas que sobressaíam das bordas de Anchorage através de braços hidráulicos começaram a movimentar-se por entre difusores de vapor e de anticongelamento. Desceram até que as lagartas tachadas se agarraram ao gelo. Anchorage baloiçou suavemente com o vento que batia com força na sua superestrutura e mudou rapidamente de rota. Se os Deuses Gelados fossem gentis, Wolverinehampton não detectaria a manobra. Mas a rota de Wolverinehampton e o que é que andava ali a fazer no meio daquela escuridão rodopiante, só os Deuses Gelados poderiam saber. E a tempestade só agora tinha começado, uma tempestade ártica e agreste que arrancava persianas e painéis dos telhados dos edifícios abandonados da plataforma superior e os lançava pelo céu enquanto Anchorage apagava as suas luzes e seguia cegamente pelo meio da densa escuridão.

Caul estava na subdivisão de máquinas numa loja vazia a encher o seu saco de pilhagem com partes de motores quando a metrópole mudou de rota. O súbito movimento quase que o fez perder o equilíbrio. Agarrou no saco com força contra o peito para que o saque que trazia lá dentro não chocalhasse e saltasse lá de dentro e seguiu rapidamente pelo labirinto de ruas já familiares em direcção ao centro da subdivisão e ao local onde as Esferas de Scabious estavam armazenadas. Agachou-se entre dois alimentadores de combustível vazios e ouviu os trabalhadores a gritarem uns para os outros enquanto saíam a correr das suas estações e aos poucos foi-se apercebendo do que se estava a passar. Curvou-se ainda mais no meio das sombras a pensar no que poderia fazer.

Ele sabia o que devia fazer. As regras do Tio eram muito claras. Sempre que uma metrópole hospedeira estivesse em perigo de ser devorada, todas as «lapas» que estiverem presas a ela deveriam soltar-se e escapar de imediato. Fazia parte da grande regra que dizia: Não Te Deixes Apanhar. Se uma «lapa» fosse alguma vez apanhada e as metrópoles do norte ficassem a saber de como eles se tinham colado e roubado durante todos estes anos, começariam a colocar guardas e a tomar medidas de segurança. A vida que os Meninos Perdidos levavam tornar-se-ia impossível.

Mas Caul ainda não se tinha ainda começado a dirigir para o *Screw Worm*. Não queria deixar já Anchorage e muito menos desta forma. Tentou convencer-se de que era porque aquela metrópole era o seu território e havia ainda coisas muito boas para pilhar e não ia ser um estúpido predador-subúrbio que o ia obrigar a sair dali. De forma alguma iria regressar mais cedo a casa do seu primeiro golpe comandado, derrotado e com os porões só meio cheios!

Mas ele sabia bem no fundo da sua mente que aquela não era a verdadeira razão mesmo que à superfície fervilhasse de raiva pela impertinência de Wolverinehampton.

Caul tinha um segredo. Era um segredo tão profundo e obscuro que nem se atrevia a contá-lo a Skewer ou a Gargle. A terrível verdade era que ele *gostava* do povo que estava a roubar. Ele sabia que estava errado mas não conseguia evitá-lo. Preocupava-se com Windolene Pye e compreendia o seu medo secreto de não ser suficientemente competente para conduzir a metrópole até à América. Preocupava-se com Mr. Scabious e comoveu-se com a coragem de Smew e dos Aakiuqs e dos homens e mulheres que constituíam a subdivisão de máquinas, o gado e as quintas de algas. Sentia-se atraído por Tom pela sua bondade e pela vida que levava nos céus (achava que se o Tio não o tivesse transformado num Menino Perdido que teria sido muito parecido com Tom).

Quanto a Freya não conseguia descrever a mistura de novos sentimentos que ela tinha despertado nele.

A vibração das Esferas de Scabious atingiu o seu pico. A metrópole balançou nervosamente fazendo com que os objectos pesados caíssem no convés rolando depois algures pelas ruas por trás do esconderijo de Caul, mas ele sabia que não podia sair dali. Não podia abandonar aquelas pessoas que agora conhecia tão bem. Iria arriscar-se e esperar pelo fim da perseguição. Skewer e Gargle não descolariam sem ele e mesmo que o vissem ali escondido, não poderiam imaginar em que é que ele estava a pensar. Dir-lhes-ia que não se tinha atrevido a regressar ao *Screw Worm* no meio de todo aquele caos. Iria correr tudo bem. Anchorage iria sobreviver. Ele tinha fé que a Menina Pye, Scabious e Freya iam conseguir.

Tom já tinha visto várias perseguições a cidades dos conveses de observação da segunda plataforma de Londres, onde todos incitavam a sua metrópole a perseguir outras pequenas cidades

comerciais, industriais e mais lentas, mas nunca tinha tido a experiência da perseguição do ponto de vista da presa e não lhe estava a agradar nada. Desejou ter um trabalho para fazer como Windolene Pye e a sua equipa que andavam ocupados a colocar mais mapas e a prender as pontas reviradas com canecas de café. Desde que a perseguição tinha começado que eles não paravam de beber cafés e de lançar olhares piedosos para as estatuetas dos Deuses Gelados que estavam no altar da Sala de Navegação.

— Por que razão estão todos tão nervosos? — perguntou Tom voltando-se para Freya que estava ali ao lado com tão pouco para fazer como ele. — O vento não está assim tão forte, pois não? Não nos pode virar, pois não?

Freya enrugou os lábios e acenou com a cabeça. Ela conhecia melhor a sua metrópole que Tom e conseguia sentir o tremor inconstante que passava pelas placas de convés à medida que a ventania deslizava por baixo do casco e o tentava levantar. Mas não era apenas o vento que deviam recear.

— A maior parte dos Glaciares Superiores é seguro — explicou ela. — Grande parte da camada de gelo tem a espessura de cerca de trinta metros de profundidade e em algumas zonas vai mesmo até ao fundo do mar. Mas há outras zonas em que é fina. E depois ainda existe uma espécie de lagos de água derretida algures no meio do gelo, para além dos Círculos Gelados que embora sejam mais pequenos, ainda nos podem virar ao contrário caso alguma das lâminas mergulhe. Aqueles lagos não são muito difíceis de evitar pois são mais ou menos estáveis e estão assinalados nos mapas da Menina Pye. Mas os círculos aparecem ao acaso no gelo.

Tom lembrava-se de ter visto as fotografias na Wunderkammer.

— O que é que os provoca?

— Ninguém sabe — respondeu Freya. — Talvez correntes no gelo ou a vibração de outras cidades a passar. Vemo-los muitas

vezes em zonas por onde passaram outras metrópoles. São muito estranhos e perfeitamente circulares com as bordas polidas. Os Gelófilos dizem que são feitas por fantasmas quando cortam buracos para pescar — continuou ela sorrindo, satisfeita por estar a falar dos mistérios dos Glaciares Superiores em vez de estar a pensar no verdadeiro predador que andava pelo meio da tempestade. — Existem várias lendas sobre os Glaciares Superiores. Tal como os caranguejos fantasmas, que são umas aranhas do mar, do tamanho de icebergues, que algumas pessoas conseguem vislumbrar com a luz da aurora. Quando eu era pequena costumava ter pesadelos com eles...

Aproximou-se de Tom até que o seu braço roçou a manga da túnica dele. Sentia-se mais atrevida. Ao princípio tinha sido assustador ir contra os velhos costumes, mas agora que iam largados através da tempestade, desafiando tanto Wolverinehampton como todas as tradições de Anchorage, tornava-se mais assustador. Estimulante, era a palavra certa. E estava contente por ter Tom ali ao seu lado. Se sobrevivessem a tudo isto, decidiu que quebraria outra tradição e convidá-lo-ia para jantar a sós com ela.

— Tom... — começou ela.

— Cuidado! — gritou Tom. — Menina Pye! O que era aquilo?

Para além dos contornos escuros dos telhados de Anchorage, uma fileira de luzes brilhou subitamente no meio da escuridão e de seguida, umas gigantescas rodas dentadas e as janelas iluminadas de edifícios passaram repentinamente nos ângulos rectos da nova rota de Anchorage. Era a popa de Wolverinehampton. As pesadas rodas inverteram a marcha mas quando os seus vigias vislumbraram Anchorage as enormes mandíbulas do subúrbio levaram tanto tempo a dar a volta que a tempestade tinha entretanto

voltado a atacar e a neve espessa e furiosa escondia o predador da sua presa.

— Obrigada, Quirke! — sussurrou Tom e sorriu de alívio. Freya espremeu os seus dedos e ele acabou por descobrir que com o choque de ver o predador eles se tinham aproximado um do outro e a mão quente e gorducha dela estava aninhada na dele. Ele largou-a rapidamente envergonhado. Desde que a perseguição tinha começado que ele nem sequer tinha pensado em Hester.

A Menina Pye ia ordenando alteração de rota, atrás de alteração de rota conduzindo a metrópole pelos profundos labirintos da tempestade. Passou uma hora e a seguir mais outra e lentamente uma sensação de alívio foi-se instalando na Sala de Navegação. Wolverinehampton não iria desperdiçar mais combustível a tentar segui-los pelo breu da noite e quando a madrugada chegasse já a tempestade teria apagado os seus rastos. A Menina Pye abraçou os colegas, o timoneiro e depois Tom.

— Conseguimos! — exclamou ela. — Escapámos!

Freya estava radiante. O Professor Pennyroyal ao sentir que o perigo já tinha passado deixou-se adormecer a um canto.

Tom retribuiu o abraço da navegadora e sorriu, feliz por estar vivo e muito, muito feliz por estar a bordo desta metrópole rodeada deste povo tão bom e amigável. Iria falar com Hester mal a tempestade passasse para lhe fazer ver que não havia necessidade de partirem logo que o *Jenny Haniver* estivesse arranjado. Colocou a mão espalmada em cima da mesa dos mapas e deixou que o bater constante dos motores de Anchorage batessem contra ela e sentiu-se como se estivesse em casa.

Por trás do aeródromo num hotel barato, as cinco mulheres de Widgery Blinkoe adquiriram uns tons esverdeados.

— Aiii! — gritavam elas apertando os estômagos com força, à medida que o subúrbio se inclinava e virava perscrutando furiosamente a tempestade em busca da sua presa.

— Nunca estive a bordo de uma cidadezinha tão horrível!

— Será que este hotel não tem amortecedores?

— Em que é que estavas a *pensar*, marido, quando nos enfiaste aqui?

— Já deverias saber que não ias encontrar vestígios do *Jenny Haniver* a bordo deste subúrbio!

— Quem me dera ter ido embora com o Professor Pennyroyal. Ele estava perdidamente apaixonado por mim, sabias?

— Quem me dera ter dado ouvidos à minha mãe!

— Quem me dera estar novamente a bordo de Arkangel!

Widgery Blinkoe tapou cuidadosamente os ouvidos com uns tampões de cera para não as ouvir, mas também ele estava agoniado, assustado e com saudades do conforto da sua casa. Maldita Green Storm que o tinha enviado nesta louca caça aos gambozinos! Há já várias semanas que percorria os Desertos Gelados como um Gelófilo caixeiro-aéreo, parando em todas as cidades que via para saber notícias do *Jenny Haniver*. Pessoas a quem ele perguntou em Novaya Nizhni disseram-lhe que o tinham visto voar para norte depois de despedaçar os caças da Green Storm mas depois disso nunca mais tinham tido notícias. Parecia que aquele infeliz dirigível tinha desaparecido!

Desiludido começou a pensar na metrópole de que Wolverinehampton se tinha tentado apoderar. Anchorage. Se arrancasse mal a tempestade passasse, poderia ainda ver onde estava e apanhá-la... Mas para quê? Ele tinha a certeza de que aqueles dois aviadores não poderiam ter conseguido trazer o seu velho dirigível

tão para oeste. Além disso, já estava a pensar que seria mais fácil enfrentar os assassinos da Green Storm a ter de contar às mulheres que iam ter de aterrar noutra pequeno e sombrio atracadouro.

Estava na hora de alterar os planos.

Tirou os tampões dos ouvidos mesmo a tempo de ouvir a terceira mulher a lamuriar-se:

— ... e agora perderam a sua presa e os rufiões desta cidade vão ficar fulos e bravos! Vamos ser assassinadas e tudo por culpa do Blinkoe!

— Disparate, mulheres! — explodiu Blinkoe pondo-se de pé para lhes mostrar que ele é que era o chefe da casa e que uma perseguição vertiginosa pelo meio de uma tempestade a bordo de um subúrbio não o incomodava. — Ninguém vai ser assassinado! Assim que esta tempestade passar, iremos buscar o nosso *Temporary Blip* ao hangar e regressaremos a casa, a Arkangel. Venderei aos predadores algumas bugigangas das cidades por onde andámos e assim a nossa viagem não terá sido em vão e quanto à Green Storm... Bem, todo o género de aviadores passa pelo Mercado aéreo de Arkangel. Perguntarei a todos. Algum deles deverá saber alguma coisa sobre o *Jenny Haniver*.

Capítulo 15

Hester Abandonada

A tempestade continuava a soprar e o agudo ecoar do vento ia aumentando cada vez mais. Na plataforma superior muitos dos edifícios tinham caído e muitos dos telhados e das janelas tinham sido levados pelo vento. Dois dos empregados de Mr. Scabious aventuraram-se até à proa para amarrar uma das placas do convés e foram levados pelo vento para fora da metrópole desaparecendo na escuridão para sotavento presos aos cabos pendentes como meros adornos de um pesado papagaio.

Hester estava a trabalhar com Mr. Aakuiq no hangar do *Jenny* quando o sobrinho dele entrou desembestado com notícias da perseguição. O primeiro instinto de Hester foi correr para o Palácio de Inverno para se juntar a Tom mas quando tentou sair, o vento atingiu-a como um colchão bem direccionado espalmando-a contra um dos lados do hangar. Uma olhadela à neve que caía nos tanques vazios do convés fê-la perceber que não conseguiria ir além da casa do mestre da doca. Esperou pelo fim da tempestade na cozinha dos Aakuiq enquanto lhe preparavam um guisado de algas e lhe contavam acerca de outras tempestades muito piores que esta, em que a velha Anchorage tinha conseguido escapar quase ilesa.

Hester sentiu-se grata por eles estarem a tentar tranquilizá-la mas ela já não era uma criança e percebia que por trás dos seus sorrisos, eles estavam tão assustados como ela. Não era apenas esta pressão artificial e inesperada de estarem a ir direitos ao centro da tempestade mas também pensarem que aquele predador estava ali para os engolir. *Agora não!* Pensou Hester roendo os polegares de lado até fazer sangue. *Não podemos ser comidos agora. Só mais uma semana, só mais uns dias...*

O *Jenny Haniver* estava quase pronto para voltar a voar. Os lemes e as hélices de direcção estavam arranjadas, o balão remendado, as células de gás cheias, estava só à espera de uma nova camada de tinta e de mais algumas pequenas reparações na parte eléctrica. Seria uma terrível ironia do destino se fosse devorado antes de poder descolar.

Por fim o telefone tocou. Mrs. Aakuiq atendeu e voltou esfuziante.

— Era a Mrs. Umiak! Soube através da Sala de Navegação que conseguimos escapar a Wolverinehampton. Vamos manter a rota durante mais um tempo e depois ancoramos e esperamos que a tempestade amaine. Parece que foi o amável Professor Pennyroyal que aconselhou Sua Resplandecência a prosseguir independentemente da tempestade. Aquele bom senhor! Deveríamos todos agradecer aos Deuses Gelados por o terem enviado. E Hester, minha querida, devo informar-te que o teu jovem amigo está a salvo. E já regressou ao Palácio de Inverno.

Pouco depois, o próprio Tom ligou a contar mais ou menos a mesma coisa. A sua voz soava metálica e artificial por vir filtrada desde o palácio pelos quilómetros de fios emaranhados. Mais parecia que estava a falar de outra dimensão. Ele e Hester trocaram breves palavras entre si.

— Quem me dera estar contigo — disse ela colocando o rosto junto ao bocal e falando baixinho para que Mrs. Aakuiq não ouvisse.

— O quê? Não, é melhor ficarmos por aqui. A Freya contou-me que por vezes as pessoas morrem congeladas na rua devido a tempestades como esta. Quando o Smew nos veio trazer ao palácio vindos da Sala de Navegação, a carruagem quase voou!

— Ai agora é Freya, não é?

— Quê?

— O *Jenny* está quase pronto. Podemos partir no final da semana.

— Ah! Pelos deuses! — ela apercebeu-se da hesitação da sua voz e de outras vozes que por trás dele conversavam alegremente como se o palácio estivesse cheio de gente, a celebrar. — Mas talvez pudéssemos ficar mais uns tempos. — respondeu ele esperançoso. — Eu gostaria de ficar até chegarmos à América e depois, bem, logo se via...

Hester sorriu, fungou e tentou falar mas naquele momento não conseguia. Ele tinha falado com tanta doçura e amor daquele lugar que parecia injusto ficar zangada com ele ou sublinhar que ela preferia ir para qualquer lugar menos para o Continente Morto.

— Hester? — disse ele.

— Amo-te Tom.

— Não te estou a ouvir muito bem.

— Não faz mal. Até breve. Irei ter contigo mal a tempestade passe.

Mas parecia que a tempestade nunca mais passava. Anchorage deslizou calmamente durante mais algumas horas rumo a oeste, ávida por conseguir ganhar mais terreno entre ela e Wolverinehampton mas de forma mais cautelosa. Agora o motivo de preocupação não eram apenas os lagos e a fina camada de gelo. A metrópole aproximava-se das orlas nordestinas da Gronelândia onde as montanhas se projectavam pela camada de gelo para arrancar o fundo das metrópoles confiantes. Mr. Scabious reduziu a velocidade para metade e depois novamente para metade. Os holofotes sondavam mais à frente como se fossem longos e compridos dedos brancos a tentar descortinar a neve e equipas hidrográficas tinham sido enviadas em trenós motorizados para sondar o gelo. A Menina Pye confirmou e reconfirmou os seus

mapas e rezou para que um vislumbre das estrelas lhe confirmasse a sua posição. Por fim, mesmo com as preces da navegadora sem resposta, Anchorage foi obrigada a parar.

O dia amanheceu sombrio. Hester sentou-se junto ao fogão dos Aakuiq e olhou para as fotografias dos filhos do casal já falecidos dispostos no altar da família e para a colecção de pratos comemorativos dos nascimentos, casamentos e jubileus da Casa de Rasmussen pendurados na parede. Todos os rostos se assemelhavam ao de Freya que naquela altura deveria estar muito confortável com Tom no Palácio de Inverno. Deveriam estar provavelmente a beber vinho quente com canela e a falar de história e dos seus livros preferidos.

O olho de Hester ficou marejado de lágrimas. E antes que os Aakuiq comesçassem a perguntar o que se passava, ela pediu licença e correu para o andar de cima, para a mansarda onde eles tinham preparado uma cama para ela dormir. *Para quê prosseguir com algo que me faz sentir tão triste?* Perguntou para si mesma. Seria mais fácil terminar tudo. Ela poderia ir ter com Tom quando a tempestade acalmasse e dizer, *Acabou, se quiseres fica aqui com a tua Rainha Gelada, que eu nem quero saber...*

Mas ela não o ia fazer. Ele era a única coisa boa que alguma vez tinha tido. Para a Freya e para o Tom era diferente. Eram simpáticos, meigos e bonitos e teriam ainda muitas hipóteses para encontrarem o verdadeiro amor, enquanto que para Hester não existiria mais ninguém. *Só gostava que Wolverinehampton nos tivesse devorado*, disse para consigo deixando-se adormecer cheia de dores de cabeça. Assim, nos porões dos escravos Tom voltaria a precisar dela.

Quando acordou era já meia-noite e a tempestade tinha passado. Hester calçou as luvas, a máscara e as roupas para o frio e desceu as escadas rapidamente. Um suave ressonar vinha do

quarto dos Aakuiq quando Hester passou por lá silenciosamente. Deslizou até à cozinha onde abriu a porta do armazenador de calor e saiu para o frio da noite. A lua já ia alta deitada sobre o horizonte sulista como uma moeda perdida e pela intensidade da luz, Hester percebeu que todos os edifícios da plataforma superior estavam cobertos de gelo, provocado pelos ventos que formavam estranhos picos e filamentos alongados. Estalactites pendiam dos cabos superiores, das torres e guindastes da doca aérea e tocavam uns nos outros com a brisa suave envolvendo a cidade com uma estranha melodia. O único som a quebrar o perfeito silêncio da neve.

Ela queria Tom. Queria partilhar com ele toda esta beleza gelada. A sós com ele naquelas ruas desertas ela sentia-se capaz de lhe dizer o que sentia. Correu desembestada, trepando com as botas de neve emprestadas sobre montes que por vezes tinham escassos centímetros de altura abrigados dos edifícios enquanto o gelo a queimava mesmo sob a máscara, atravessando-a até ao fundo da garganta. Ao cimo das escadas, vindos da cidade inferior ouviam-se súbitas gargalhadas e acordes de música enquanto a subdivisão de máquinas celebrava a vitória de Anchorage. Zonza de frio, Hester subiu a longa rampa que levava ao Palácio de Inverno.

Depois de tocar à campainha da porta durante cerca de cinco minutos, apareceu Smew que lhe abriu a porta.

— Desculpa — disse Hester empurrando-o direita ao armazenador de calor e deixando entrar uma lufada de ar frio pelo corredor adentro. — Eu sei que é tarde, mas preciso de falar com Tom. Eu conheço o caminho por isso não precisas de te incomodar...

— Ele não está no quarto dele — resmungou Smew apertando a camisa de dormir mais junto ao corpo enquanto mexia nos

comandos do armazenador de calor. — Está na Wunderkammer com Sua Resplandecência.

— A esta hora?

Smew acenou sombriamente.

— Sua Resplandecência não quer ser incomodada.

— Pois vai ser incomodada quer queira, quer não — murmurou Hester empurrando-o para o lado e desembestando a correr pelos corredores do palácio. À medida que ia subindo tentava convencer-se a si mesma que era tudo perfeitamente inocente. Que Tom e a rapariga Rasmussen tinham apenas ido dar uma espreitadela à sua incomparável colecção de lixo estranho e velho e que tinham perdido a noção do tempo. Ia provavelmente encontrá-lo embrenhado em alguma conversa profunda sobre as cerâmicas do Século 43 ou sobre as runas da Era Hat Raffia...

A porta da Wunderkammer estava aberta e lá de dentro saía uma luz intensa. Hester abrandou o passo à medida que se aproximava. O melhor seria entrar de rompante com um enorme sorriso e dizer «Olá» mas ela não era propriamente do género sorridente. Era mais o género de ficar escondida na escuridão. Descobriu um canto mais escuro por trás de uma das armações dos Caçadores e escondeu-se lá. Conseguia ouvir Tom e Freya a conversar mas não conseguia perceber sobre o quê. Tom riu-se e ela sentiu um aperto no coração. Depois da queda de Londres, houve uma altura em que só *ela* é que o conseguia fazer rir.

Deslizou do seu esconderijo e esgueirou-se para dentro da Wunderkammer. Tom e Freya estavam mais afastados, a cerca de meia dúzia de vitrinas empoeiradas de distância de Hester, do outro lado da sala. Através das várias camadas de vidro grosso, ela viu-os vagamente ondulados como reflexos num espelho distorcido. Estavam de pé muito perto um do outro e as suas vozes pareciam mais baixas. Hester tentou abrir a boca para falar, esperando fazer

algun ruído que os distraísse um do outro mas não conseguiu dizer nada. E enquanto ela os observava, Freya aproximou-se de Tom e de repente estavam nos braços um do outro a beijarem-se. Continuou sem conseguir emitir qualquer som, pois só conseguia olhar para os dedos brancos de Freya a mexerem no cabelo escuro de Tom e as mãos dele nos ombros dela.

Desde que tinha morto Valentine que ela não sentia uma vontade tão violenta de matar alguém. Esticou-se pronta a agarrar numa das antigas armas presas na parede e golpear sem parar aqueles dois, principalmente Tom, o Tom! Voltou-se horrorizada e saiu completamente às cegas de dentro daquele museu. Havia no claustro um armazenador de calor e ela empurrou-o e saiu para a noite gelada.

Lançou-se sobre um monte de neve e deixou-se ali ficar deitada, indefesa e a soluçar. Mais terrível que o próprio beijo era o sentimento violento que tinha surgido dentro de si. Como é que ela poderia sequer ter pensado em fazer mal a Tom? A culpa não era dele! Era da rapariga, aquela rapariga tinha-o enfeitiçado. Hester tinha a certeza de que ele nunca tinha olhado para outra rapariga até aparecer aquela rechonchuda Margravine. Imaginou-se a matar Freya. Mas para quê? Tom iria odiá-la por isso e além disso, não era apenas Freya mas também a metrópole inteira que tinha conquistado o seu coração. Era o fim. Ela tinha-o perdido. Ficaria ali deitada ao frio até morrer e quando o dia amanhecesse, ele encontraria o seu corpo congelado e sentir-se-ia arrependido...

Mas ela tinha gasto demasiado tempo a sobreviver para se deixar morrer assim tão facilmente. Momentos depois, pôs-se de gatas e tentou acalmar a respiração enraivecida e magoada. Sentia o frio na garganta e a queimar os lábios e as pontas das orelhas e foi então que uma ideia começou a desenrolar-se do seu cérebro como uma cobra cascavel.

Era uma ideia tão terrível que por momentos nem queria acreditar que a ideia tivesse sido mesmo dela. Limpou o gelo de uma das janelas e olhou para o seu próprio e vago reflexo a pensar. Resultaria? Atrever-se-ia? Mas ela não tinha outra hipótese a não ser experimentar pois era a sua única esperança. Puxou o capuz para cima e voltou a colocar a máscara no sítio e partiu rumo à doca aérea pelo meio da neve e do luar.

Tinha sido um dia muito estranho para Tom que tinha ficado preso no Palácio de Inverno com a tempestade a bater nos vidros e Hester perdida do outro lado da cidade. Um dia estranho e uma noite ainda mais estranha. Estava ele sentado na biblioteca a tentar concentrar-se num dos livros de Pennyroyal quando Smew apareceu vestido com a sua indumentária de camareiro para lhe dizer que a Margravine o convidava para jantar.

Pela expressão de Smew, Tom percebeu que aquele convite era uma grande honra. Tinham-lhe arranjado vestes formais cuidadosamente lavadas e passadas.

— Pertenciam ao antigo camareiro — explicou Smew ajudando-o a vestir-se. — Parece-me que são do seu tamanho.

Tom nunca tinha usado vestes antes e quando se viu ao espelho deu com uma pessoa muito bem parecida e sofisticada que não tinha nada a ver com ele. Sentiu-se muito nervoso ao seguir Smew até à sala de jantar privada da Margravine. O vento deveria ter amainado pois batia com menos força nas persianas. Ele comeria o mais rapidamente possível e a seguir iria procurar Hester.

Mas era impossível comer depressa. Pelo menos num jantar destes com Smew vestido de pajem a trazer vários pratos seguidos em que corria para a cozinha, colocava o seu chapéu de cozinheiro e preparava mais umas coisas ou corria até à adega para ir buscar mais outra garrafa de vinho tinto da metrópole-vinicultora de

Bordeaux-Mobile. E depois de alguns pratos Tom chegou à conclusão de que não lhe apetecia inventar qualquer desculpa para se enfiar no meio da tempestade. Freya era uma ótima companhia e sabia tão bem estar a sós com ela. Havia algo de cintilante nela como se o facto de o ter convidado para jantar tivesse sido algo de desafiador. Ela falava de forma mais aberta acerca da família e da história de Anchorage mesmo antes da sua antiga antepassada Dolly Rasmussen, uma adolescente que tinha tido visões da Guerra dos Sessenta Minutos, mesmo antes de ela ter eclodido, e que tinha liderado o seu pequeno grupo de seguidores para fora de Anchorage antes de ser vaporizada.

Enquanto a observava a falar, Tom reparou que ela tinha tentado fazer algo de muito impressionante com o cabelo e que tinha colocado o vestido mais brilhante e menos marcado pelas traças. Ter-se-ia ela dado a todo aquele trabalho só por causa dele? A ideia fez com que se sentisse emocionado e culpado. Afastou o olhar dela e viu a expressão desaprovadora de Smew enquanto retirava os pratos de sobremesa e servia o café.

— Desejais mais alguma coisa, Vossa Resplandecência? Freya deu um gole observando Tom pela borda da chávena.

— Não Smew, obrigada. Podes recolher-te. Eu e o Tom ainda vamos até à Wunderkammer.

— Certamente, Vossa Resplandecência. Acompanhar-vos-ei.

Freya olhou bruscamente para ele.

— Não há necessidade, Smew. Podes ir.

Tom percebeu o desconforto do criado. E também ele se sentiu incomodado, mas talvez fosse apenas o vinho a subir à cabeça da Margravine. E comentou:

— Talvez outro dia...

— Não, Tom — respondeu Freya, esticando-se e tocando na mão dele com a ponta dos dedos. — Agora. Esta noite. Ouve, a tempestade passou. A Wunderkammer vai ficar maravilhosa ao luar...

A Wunderkammer estava de facto maravilhosa sob o luar mas não tão bela como Freya. Enquanto encaminhava para o pequeno museu, Tom percebeu por que motivo o povo de Anchorage a amava e a seguia. Se ao menos Hester fosse mais parecida com ela! Nestes últimos dias dava por ele a arranjar desculpas para Hester, que ela era assim devido às más coisas que lhe tinham acontecido mas Freya também tinha passado por más experiências e nem por isso era amarga nem raivosa.

A lua espreitava pelo vidro dissimulado pela neve transformando com a sua luz os já familiares artefactos. A folha de alumínio exposta na sua vitrina parecia uma janela para outro mundo e quando Freya se voltou para ele naquele vago reflexo, Tom percebeu que ela queria que ele a beijasse. Parecia que alguma estranha gravidade atraía os seus rostos e quando os seus lábios se tocaram, Freya deu um suave gemido de felicidade. Ela aproximou-se mais dele e os seus braços rodearam-na sem ele querer. Ela exalava um suave odor a suor como quem não tivesse tomado banho que a princípio era estranho mas que depois se foi tornando mais doce. O seu vestido enrugou-se sob as suas mãos e a boca dela tinha um sabor a canela.

De repente um leve ruído vindo da porta, uma corrente de ar frio no corredor, fizeram-na olhar para cima e Tom teve de fazer uma certa força para a afastar gentilmente.

— O que foi aquilo? — sussurrou Freya. — Pareceu-me ouvir alguém.

Satisfeito por se poder afastar do seu calor e do seu atraente odor Tom foi até à porta.

— Ninguém. Parece-me que são apenas as condutas térmicas. Estão sempre a fazer barulhos e estalidos.

— Sim, eu sei. É uma grande maçada. Tenho a certeza de que antes de irmos para os Glaciares Superiores isso não acontecia... — voltou a aproximar-se esticando as mãos. — Tom...

— Tenho de ir andando — disse Tom. — Já é tarde. Desculpe. Obrigado.

Correndo pelas escadas em direcção ao seu quarto, Tom tentou ignorar o gosto quente a canela que ainda tinha na boca e pensar em Hester. Pobre Het! Ela parecia tão infeliz ao telefone quando ele falara com ela. Deveria ir ter com ela. Ia descansar uns momentos, arrumar as suas ideias e depois vestiria as suas roupas para o frio e iria até à doca. Mas aquela cama era tão macia! Fechou os olhos e sentiu o quarto às voltas. Vinho a mais. Ele só tinha beijado Freya por causa do vinho. Era Hester por quem ele estava apaixonado. Então por que razão não conseguia parar de pensar em Freya? *Estúpido!* disse em voz alta.

Sobre a sua cabeça as condutas de aquecimento começaram a fazer barulho como se algo lá dentro estivesse a concordar com ele. Mas Tom nem ligou pois já tinha adormecido.

Hester não tinha sido a única a ver o beijo de Tom e Freya. Caul estava sozinho, sentado na cabina dianteira da «lapa», enquanto Skewer e Gargle tinham ido fazer mais umas pilhagens e estava a dar uma espreitadela aos diversos canais quando viu Tom e Freya abraçados.

— Tom, seu idiota — sussurrou.

A bondade era a característica de Tom que Caul mais gostava. Bondade essa que, não era valorizada em Grimsby pelos mais

velhos que por sua vez eram encorajados a atormentar os mais novos que por sua vez iam atormentar os mais novos ainda.

— É um bom exercício para a vida — dizia o Tio. — O que nos espera lá fora são pancadas fortes! — mas talvez o Tio nunca tivesse conhecido ninguém como Tom que era bondoso para com os outros e que parecia não esperar nada mais que bondade em troca. E o que é que podia ser mais bondoso do que andar com Hester Shaw e fazer com que aquela feia e inútil rapariga se sentisse amada e desejada? Para Caul aquilo parecia quase piedade. Era horrível ver Tom a beijar Freya daquela forma, a trair Hester e a si próprio e pronto a deitar tudo a perder.

Mas se calhar talvez Caul estivesse com uns certos ciúmes.

Vislumbrou a mancha de um rosto junto à porta por trás do casal. Aproximou a imagem mesmo a tempo de reconhecer Hester no momento em que ela se voltou e fugiu. Quando voltou à imagem anterior já os outros dois se tinham separado. Olhavam de forma insegura para a porta e falavam num tom de voz baixo e envergonhado. *Já é tarde. Tenho de ir andando.*

— Ai, Hester! — Caul saltou da Wunderkammer percorrendo os outros canais à procura dela. Nunca imaginou que só de pensar o que ela estava a sofrer o pudesse incomodar tanto. Talvez em parte fosse inveja e a esperança de que se ela fizesse alguma estupidez obrigasse a Tom acabar com Freya. Mas o que quer que fosse fez com que as suas mãos comesçassem a tremer e a mexer desajeitadamente nos comandos.

Não havia sinais dela nas outras câmaras do Palácio. Mudou para uma sobressalente que estava em cima do telhado e rodou-a, verificando os recintos e as ruas circundantes. Os seus trôpegos pés tinham escrevinhado uma longa e ilegível frase numa das páginas brancas do Prospekt Rasmussen. Caul inclinou-se mais

sobre os ecrãs, observando com atenção à medida que ia mudando as posições das câmaras na doca aérea. Onde *estaria* ela?

Capítulo 16

O Voo Nocturno

Quando Hester regressou, os Aakuiq ainda dormiam e ela subiu ao seu quarto. Agarrou no dinheiro que tinha escondido debaixo do colchão que Pennyroyal lhe tinha dado em Airhaven e foi directa ao hangar do *Jenny*. Limpou a neve que estava presa à porta e arrastou-a para a abrir. A magnitude do *Jenny Haniver* elevava-se acima dela com as escadas apoiadas nas hélices de direcção meio pintadas e com os novos remendos que tapavam os buracos da barquinha como se fosse uma camada de pele nova sobre uma ferida recente. Subiu a bordo e ligou os aquecedores. Deixou o dirigível a aquecer e voltou com dificuldade para a neve dirigindo-se aos tanques de combustível.

Algures no meio da cúpula sombria do hangar algo se movimentou rapidamente e fez um ruído estridente.

Não era difícil perceber o que é que ela estava a planear. Caul deu um murro na mesa de comandos que estava à sua frente e resmungou:

— Hester, não faças isso! Ele estava bêbado! Não tinha intenção! — empoleirou-se na borda da cadeira sentindo-se um deus impotente que podia ver os acontecimentos a desenrolarem-se mas sem poderes para os alterar.

Mas até podia. Se Tom soubesse o que se estava a passar, Caul tinha a certeza de que ele iria direito à doca conversar com Hester pedir-lhe desculpa e tentar que ela compreendesse. Caul já tinha visto outros casais fazerem as pazes e tinha a certeza de que esta rixa idiota não precisava de ser radical. Se Tom *soubesse* o que se estava a passar...

Mas a única pessoa que lhe podia contar era Caul.

— Não sejas estúpido — disse furiosamente para consigo, tirando as mãos dos comandos da câmara. — O que é que dois «Gamados» significam para ti? Nada! Não ponhas o *Screw Worm* em risco. Não merecem que desobedeças ao Tio.

Voltou a agarrar nos comandos. Ele não podia evitar. Tinha uma responsabilidade.

Ligou a câmara que estava no palácio no quarto de Tom e fê-la rastejar pelo interior da conduta onde estava escondida. Tom continuava deitado a dormir com a sua estúpida boca aberta e sem a menor ideia de que a sua vida se estava a desmoronar.

Esquece, pensou Caul. Tentaste mas não o podias acordar, acabou. Já não interessa.

Foi ver como estava Hester e depois mandou uma câmara desembestada pelas condutas térmicas pela a *villa* na parte superior da metrópole onde Skewer e Gargle estavam a trabalhar, espreitando em todos os compartimentos até que os descobriu numa cozinha qualquer a encherem os seus sacos de pilhagem com pratas. A câmara bateu no interior da conduta. Três pancadas, uma pausa e depois mais três. *Regressem imediatamente.* As figuras foscas do ecrã deram um salto ao reconhecerem o código e continuaram desajeitadamente e à pressa a roubar o restante do saque e em seguida voltaram para a «lapa».

Caul hesitou durante uns momentos, maldizendo o seu coração de manteiga e lembrando-se do que o Tio lhe faria se viesse a saber disto. Em seguida, desatou a correr e subiu a escada passando pela escotilha em direcção ao silêncio da metrópole.

Hester tinha receio de que os tanques de combustível estivessem congelados mas teve de reconhecer que a

engenhosidade dos oitocentos anos de mestres de docas de Anchorage tinham encontrado forma de os adaptar às condições geladas do Ártico. O combustível estava misturado com anticongelante e os comandos da bomba estavam armazenados num edifício aquecido perto do tanque principal. Ela destrancou o tubo de alimentação e colocou o enorme bocal em cima do ombro caminhando depois pesadamente pela neve em direcção ao hangar com ele desenrolado. Já dentro do hangar fixou o bocal à válvula que ficava num dos lados do dirigível e voltou para a casinha da bomba para a ligar. O tubo foi enchendo aos poucos quando o combustível começou a gorgolejar por ele acima. Enquanto os tanques enchiam ela foi a bordo e começou a tratar dos preparativos. As luzes da barquinha ainda não estavam a funcionar mas ela foi-se arranjando com a luz dos candeeiros da rua. À medida que ia ligando os interruptores no painel de controlo, os instrumentos começaram a ganhar vida e os visores foram iluminando o convés de voo como se fossem pequenos pirilampos.

Tom acordou surpreso por ter adormecido. Sentia a cabeça pesada e cansada e além disso estava alguém no quarto com ele que se debruçou sobre a cama e lhe tocou no rosto com os dedos gelados.

— Freya? — perguntou.

Não era a Margravine. Uma lanterna com uma luz azulada iluminou o pálido rosto de um perfeito estranho. Tom achava que conhecia todos a bordo de Anchorage mas não reconheceu aquele rosto pálido com o cabelo louro platinado igual mente pálido. A voz era igualmente estranha com um ligeiro sotaque que não era o de Anchorage.

— Não há tempo para explicações, Tom! Tens de vir comigo. A Hester está na doca aérea. E vai zarpar sem ti!

— Quê? — Tom abanou a cabeça tentando afastar os resquícios de sonhos na esperança de que aquele fosse mais um. Quem seria aquele rapaz e do que estaria a falar? — Por que faria ela uma coisa dessas?

— Por tua causa, idiota! — gritou o rapaz. Arrancou os cobertores de cima de Tom e atirou-lhe com as roupas de rua. — Como é que achas que ela se sentiu quando te viu beijar a Freya Rasmussen?

— Não beije! — replicou Tom apavorado. — Foi apenas... E Hester não podia ter... Mas... e como é que tu sabes...? — mas a inquietação do estranho começava a contagiá-lo. Enfiou as roupas emprestadas, calçou as botas, colocou a máscara anti-frio, vestiu o velho casaco de aviador e seguiu o rapaz para fora do quarto e saíram por uma porta lateral que ele nunca tinha visto antes. A noite estava mais gelada que nunca e a metrópole parecia um sonho de Inverno. A ocidente, as montanhas da Gronelândia no meio do gelo inclinavam-se iluminadas pela lua com um ar encrespado, o que conferia um aspecto suficientemente próximo para se lhes tocar. A Aurora iluminava os telhados e, no silêncio, Tom julgou tê-los ouvido a crepitar e a zunir como uma corrente eléctrica numa manhã gelada.

O estranho levou-o por uma escada em Rasmussen Prospekt, através de uma passagem de manutenção por baixo da barriga da plataforma e depois subiram novamente outra escada em direcção à doca aérea. Quando voltaram à superfície, Tom percebeu que estava enganado quanto ao barulho. O crepitar era do telhado abaulado do hangar onde estava o *Jenny* que se ia abrindo e o zumbido eram as suas hélices de direcção a girarem para ficarem na posição correcta.

— Hester! — gritou Tom correndo pela neve. No hangar aberto, as luzes de navegação acenderam-se e os reflexos iluminaram os

vários sedimentos. Ouviu uma escada que tinha sido colocada contra um dos lados a cair e o triplo som metálico quando as garras se soltaram. Seria Hester a movimentar-se na escuridão pelas janelas do convés de voo? Ele lutou desesperadamente e nadou através de um oceano de neve. — Hester! Hester! — gritou ainda sem acreditar que ela levantasse mesmo voo. Como é que ela poderia saber daquele estúpido beijo? Ela tinha ficado transtornada quando ele lhe dissera que queria ficar e agora estava a vingar-se. Ele esperneou e lutou para conseguir atravessar aquela neve toda mais rapidamente mas quando estava a cerca de vinte metros do hangar, o *Jenny Haniver* levantou voo rumo ao céu e virou para sudeste, desaparecendo rapidamente sobre os telhados.

— Hester! — gritou ele sentindo-se subitamente furioso. Por que motivo ela não tinha sido capaz de lhe contar o que estava a sentir, como uma pessoa normal, em vez de fugir daquela forma? O vento de oeste aumentava levando o dirigível para longe dele enquanto a neve lhe fustigava o rosto. Voltou-se para o seu misterioso companheiro mas o rapaz tinha desaparecido. Ele estava só, à excepção do Mr. Aakuiq que se aproximava aos tropeções e gritava:

— Tom? O que é que aconteceu?

— Hester! — respondeu Tom numa voz baixa e sentou-se na neve. Sentiu as lágrimas a ensoparem o tecido que forrava a máscara de frio à medida que as luzes da popa do *Jenny* se iam afastando como uma pequena réstia de calor naquele imenso frio que aos poucos ia diminuindo acabando por se fundir com a Aurora.

Capítulo 17

Depois De Hester

Tom regressou pela plataforma inferior com uma horrível sensação de vazio e de quem tinha levado um pontapé no estômago. Já tinham passado várias horas desde que o *Jenny Haniver* zarpara. Mr. Aakiuq tinha tentado contactar Hester por rádio mas não tinha obtido resposta.

— Talvez não esteja ligado — disse o mestre da doca. — Ou talvez nem esteja a funcionar, afinal eu nunca cheguei a testar as válvulas todas. E o balão não tem ar suficiente, pois eu só o enchi para verificar as células. Mas por que razão aquela pobre criança teve de zarpar tão de repente?

— Não sei — respondeu Tom mas sabia. Se ao menos ele tivesse compreendido mais cedo que ela detestava estar ali. Se ao menos ele tivesse parado um pouco para pensar como é que ela se estava a sentir antes de começar a apaixonar-se pela metrópole. Se não tivesse beijado Freya. Mas a sua culpa insistia em dar a volta e a transformar-se em raiva. Afinal de contas, *ela* é que não pensado nos sentimentos *dele*. Se ele queria ali ficar por que motivo não podia? Ela era demasiado egoísta. Lá por ela não gostar da vida na cidade, não significava que ele tivesse de ser um vagabundo aéreo para sempre.

Mesmo assim, ele tinha de a voltar a encontrar. Ele não sabia se ela ainda o ia aceitar e nem mesmo se ele ainda a queria, mas não podia deixar que tudo acabasse de forma tão horrível, confusa e magoada.

Os motores da metrópole recomeçaram a trabalhar enquanto ele corria para a gelada plataforma superior. Correu para o Palácio de Inverno percorrendo o mesmo rasto molhado que tinha feito

anteriormente. Não queria ver Freya. As suas entranhas contorciam-se como folhas de papel queimado quando pensava no que tinha acontecido entre eles na Wunderkammer. Mas apenas Freya tinha o poder de mandar a metrópole voltar atrás e perseguir o *Jenny Haniver*.

lá ele a passar pela enorme sombra da Sala de Navegação quando a porta se escancarou surgindo uma aparição frenética de roupão de seda que foi contra ele no meio da neve.

— Tim! Tim, é verdade? — Pennyroyal tinha os olhos esbugalhados e fora de órbita e agarrou no braço de Tom com a mão gelada. — Disseram-me que aquela tua amiga se foi embora! Zarpou!

Tom acenou com a cabeça sentindo-se envergonhado.

— Mas sem o *Jenny Haniver*...

Tom encolheu os ombros.

— Se calhar vou mesmo ter de ir consigo para a América, Professor.

Ele afastou o explorador e continuou a correr deixando Pennyroyal regressar aos seus aposentos a murmurar:

— América! Haha! Claro! América!

Quando chegou ao Palácio de Inverno, Freya aguardava-o. Ela estava deitada numa *chaise longue* numa das saletas de audiências mais pequenas. Era uma sala do tamanho de um campo de futebol e com tantos espelhos alinhados que parecia que havia uma centena de Freyas ali sentadas e mais outra centena de Toms encharcados e desgrenhados a pingarem neve derretida no chão de mármore.

— Vossa Resplandecência! — disse ele. — Temos de voltar para trás.

— Voltar para trás? — Freya tinha estado à espera de tudo menos daquilo. Tinha vibrado de alegria ao receber a notícia da partida de Hester e já se imaginava a confortar Tom, assegurando-lhe que era melhor assim e a fazê-lo compreender que estava melhor sem aquela namorada hedionda e que era sem dúvida a vontade dos Deuses Gelados que ele permanecesse ali em Anchorage com ela. Tinha posto o seu vestido mais bonito para o ajudar a perceber e tinha deixado o botão de cima desapertado de forma a revelar um pequeno triângulo de pele branca e suave logo abaixo da cova da garganta. Tinha estado à espera de tudo, menos daquilo.

— Como é que podemos voltar para trás? — perguntou ela meio a sorrir na esperança de que ele estivesse a brincar. — E por que é que haveríamos de voltar para trás?

— Mas Hester...

— Não, não conseguimos apanhar um dirigível, Tom! E por que razão o haveríamos de fazer? Com Wolverinehampton algures por aí atrás de nós... — mas ele nem olhava para ela. Tinha os olhos brilhantes e marejados de lágrimas. Ela apertou rapidamente o botão do vestido sentindo-se envergonhada e prosseguiu. — Por que é que eu haveria de pôr em risco a minha metrópole inteira por causa de uma louca que fugiu num dirigível?

— Ela não é louca.

— Mas reage como tal.

— Está triste.

— Bem, eu também estou triste! — gritou Freya. — Pensava que gostavas de mim! Será que o que aconteceu esta noite não teve qualquer significado para ti? Pensava que tinhas esquecido Hester! Ela não vale nada! Não passa de lixo aéreo e ainda bem que te

deixou! Eu quero que sejas o meu, o meu, o meu namorado! Espero que compreendas a honra que isso significa!

Tom olhou para ela e não conseguiu responder. Viu-a subitamente como Hester a via: uma miúda gorda, mimada e petulante que esperava que o mundo inteiro concordasse em fazer o que ela queria. Ele sabia que ela tinha razão em recusar o seu pedido e que seria uma loucura voltar para trás mas de alguma forma aquela sua rectidão fez com que ela parecesse ainda mais irracional. Ele resmungou qualquer coisa e saiu.

— Onde é que vais? — perguntou Freya de forma estridente. — Quem disse que podias sair? Não te dei autorização para saíres de ao pé de mim!

Mas Tom não esperou pela autorização. Saiu da sala a correr batendo a porta e deixou-a ali só com todos os seus reflexos que por sua vez giravam as cabeças de um lado para o outro, olhando atónitos como se perguntassem uns aos outros, *O que é que nós fizemos de errado?*

Correu pelos corredores do Palácio de Inverno fora sem ter a mínima ideia de para onde estava a ir, quase sem reparar nos quartos por onde passava ou dos suaves barulhos que por vezes vinham das condutas e dos poços de ventilação. Desde que ele tinha saído de Londres que Hester o acompanhava, tomava conta dele, aconselhava-o, amando-o daquela sua forma intensa e envergonhada. E ele agora tinha-a afastado. E nem teria sabido que ela se tinha ido embora se não tivesse sido aquele rapaz...

Era a primeira vez desde que o *Jenny Haniver* tinha zarpado que Tom pensava no seu estranho visitante. Quem seria ele? Pela forma como estava vestido parecia alguém da subdivisão de máquinas (Tom lembrava-se de ver camadas e camadas de roupa escura, uma túnica manchada de óleo, graxa e bocados de tinta

preta a sair dos botões de latão). E como é que ele sabia o que Hester ia fazer? Teria ela desabafado com ele? Ter-lhe-ia contado coisas que nunca tinha contado a ele Tom? Sentiu um súbito e estranho ataque de ciúmes só de pensar que Het pudesse ter partilhado os seus segredos com outra pessoa qualquer.

E se o rapaz soubesse para onde é que ela tinha ido? Tom tinha de o encontrar e de falar com ele. Correu para fora do palácio em direcção à escada mais próxima e desceu até à subdivisão de máquinas, seguindo pelo barulho ensurdecedor e pelo nevoeiro das Esferas de Scabious em direcção ao escritório do mestre de máquinas.

Skewer e Gargle estavam à espera de Caul quando este chegou a correr da doca aérea esbaforido e nervoso. Esperavam-no dentro da escotilha com armas e facas, para o caso de os «Gamados» o virem a seguir, e puxaram-no para dentro e não o deixaram falar até terem a certeza de que ninguém o tinha seguido.

— Em que é que estavas a pensar? — perguntou Skewer furioso.

— O que é que pensaste que estavas a fazer? *Sabes* perfeitamente que é proibido deixar a «lapa» sem guarda. E ainda mais para falar com um «Gamado»! Não aprendeste nada no Furtário? — falou num tom de voz tão estranho e lamuriendo que Caul acabou por perceber que era uma suposta imitação sua. — *Tom! Tom! Rápido, Tom! Ela vai-se embora! És mesmo idiota!*

Caul sentou-se no chão do porão encostado a uma pilha de roupas roubadas com uma expressão de fracasso estampada no rosto como água derretida.

— Deste *realmente* cabo de tudo, Caul — disse Skewer a sorrir. — Estou a falar a sério, deste cabo de tudo. Vou assumir o

comando desta nave. O Tio vai compreender. Quando souber o que fizeste vai ficar arrependido de não me ter posto ao comando desde o princípio. Esta noite vou enviar-lhe um mensageiro para lhe contar o que aconteceu. Acabaram-se as espionagens, amigo dos «Gamados». Acabaram-se as expedições à meia-noite. Acabaram os devaneios pela margravines. Ah, julgas que não vi que ficavas todo sentimental cada vez que o rosto dela aparecia nos ecrãs?

— Mas Skewer... — gemeu Gargle.

— Calado! — exclamou Skewer dando-lhe uma palmada com força na cabeça e voltando-se para pontapear Caul quando ele se levantou para proteger o rapaz mais novo. Estava corado e satisfeito consigo próprio. — Tu também podes ficar quietinho, Caul. A partir de agora, vamos comandar esta «lapa» à minha maneira.

Como a casa em que vivia antes ficava na plataforma superior e lhe trazia demasiadas e tristes recordações, Mr. Scabious preferia passar o seu tempo livre enfiado no escritório. Um apertado cubículo enfiado numa fenda entre dois suportes da plataforma no centro da subdivisão das máquinas e que tinha apenas uma secretária, um armário atestado, um beliche, um fogão *Primus*, um pequeno lavatório, um calendário, uma caneca de esmalte e pouco mais. As vestes de luto de Scabious estavam penduradas num cabide nas costas da porta e quando Tom a empurrou de repente começaram a esvoaçar como asas negras. O próprio homem sentado à secretária parecia uma estátua de melancolia. O brilho da fornalha tremeluzente da subdivisão de máquinas penetrava pelas lâminas dos estores das janelas, listando-o de riscas de luz e sombra. Apenas moveu os olhos para ver quem era o recém-chegado com um olhar assustado.

— Mr. Scabious — arquejou Tom. — Hester foi-se embora! Agarrou no *Jenny* e zarpou!

O mestre de máquinas acenou com a cabeça olhando para a parede por trás de Tom como se estivesse a ser projectado algum filme que apenas ele conseguisse ver.

— Se ela se foi embora por que razão vieste ter comigo?

Tom deixou-se cair em cima do beliche.

— Apareceu um rapaz que eu nunca tinha visto antes. Era um rapaz pálido de cabelo claro um pouco mais novo que eu que surgiu da subdivisão de máquinas. Parecia saber tudo acerca da Hester.

Scabious mexeu-se pela primeira vez levantando-se de um salto e dirigindo-se rapidamente para Tom. Tinha uma estranha expressão no rosto.

— Também o viste?

Tom hesitou surpreendido com a súbita mudança de atitude do mestre de máquinas.

— Achei que ele talvez me pudesse dizer para onde é que ela tinha ido.

— Não há ninguém a bordo com a descrição que fizeste. Pelo menos *vivo*.

— Mas... parecia que ele tinha falado com ela. Se me pudesse dizer onde é que o posso encontrar...

— Não podes encontrar o Axel. Ele é que quando quiser te encontra a ti. Até eu ainda só o vi à distância. O que é que ele te disse? Falou em mim? Mandou algum recado para o pai?

— Para o pai? Não.

Scabious parecia nem estar a ouvir. Procurou no bolso do seu fato-macaco e tirou um pequeno porta-retratos de prata em forma de um pequeno livro. Tom sabia que havia muita gente que andava com estes altares portáteis e quando Scabious o abriu, ele espreitou

para ver a fotografia. Viu um jovem forte e atarracado como se fosse uma versão mais nova do próprio Scabious.

— Ah! — disse ele. — Esse não é o rapaz que vi. Era mais novo e mais magro...

Aquilo chocou o mestre de máquinas por alguns momentos.

— Não sejas tonto, Tom! — cortou Scabious. — Os fantasmas podem assumir a forma que bem entenderem. O meu Axel foi em tempos tão magro como tu. É natural que apareça jovem, bonito e cheio de esperanças como nessa altura.

Tom não acreditava em fantasmas. Pelo menos achava que não.

Ninguém volta do País sem Sol. Era o que Hester costumava dizer e ele murmurou aquilo várias vezes para seu conforto à medida que se afastava do escritório de Mr. Scabious e subia as escadas que entretanto se tinham tornado escuras e sombrias em direcção à plataforma superior. Era impossível aquele rapaz ser um fantasma. Tom tinha-lhe tocado, sentira o seu cheiro, o calor do seu corpo. Tinha deixado pegadas ao dirigir-se para o hangar. As pegadas podiam prová-lo.

Mas quando chegou à doca aérea o vento tinha aumentado e a neve tinha polvilhado a superfície com sedimentos como se fosse fumo. As pegadas à volta do hangar estavam tão ténues que era impossível distinguir quantos pés as teriam feito ou se o rapaz teria sido realidade, fantasma ou apenas o fragmento de um sonho.

Capítulo 18

O Ouro Do Predador

Hester ficou agradecida pelo vento que a afastava rapidamente de Anchorage apesar de instável e tempestuoso ora com rajadas intensas, ora quase que imperceptível. Ela tinha de se concentrar para manter o *Jenny Haniver* na rota certa, o que era bom pois assim não pensava em Tom nem nas coisas que planeava fazer. Ela sabia que se começasse a pensar muito em qualquer uma daquelas coisas que acabaria por perder a paciência, acabando por dar a volta ao dirigível e regressar a Anchorage.

Mas às vezes enquanto dormitava aos comandos não conseguia deixar de pensar no que Tom estaria a fazer. Teria ficado com pena dela se ter vindo embora? Teria dado por isso? Estaria Freya Rasmussen a confortá-lo?

— Não faz mal — disse para consigo. Em breve ela faria com que tudo fosse como antes e ele voltaria a ser seu.

Ao segundo dia, avistou Wolverinehampton. O subúrbio tinha virado para sul após não ter conseguido apanhar Anchorage, mas para sua grande sorte tinha encontrado uma presa. Um conjunto de cidades-baleeiras que devido à tempestade tinham perdido o rumo. Eram três e todas maiores que Wolverinehampton mas o subúrbio tinha acelerado de umas para as outras devorando as rodas de tracção e suportes dos patins e quando Hester reparou, estava a voltar atrás onde as tinha deixado avariadas para as acabar de devorar. Parecia-lhe que aquele subúrbio ia andar entretido durante mais algumas semanas e Hester ficou contente por não ir para ocidente, pois assim não ameaçaria novamente Anchorage e não interferiria nos seus planos. Ela continuou a voar durante breves dias e compridas, escuras e amargas noites. Por fim a sua procura

nocturna de um sinal de rádio foi recebida pelo uivo tremido da correcção de rumo do farol de uma metrópole. Ela alterou a rota e o sinal tornou-se mais claro e algumas horas mais tarde avistou Arkangel um pouco mais à frente no gelo a apoderar-se da sua presa.

A enorme e barulhenta doca aérea da metrópole predadora que se aproximava fez com que Hester sentisse uma estranha sensação da saudosa paz de Anchorage e a simples rudeza da sua tripulação de terra e dos guardas alfandegários fizeram-na pensar melancolicamente em Mr. Aakuiq. Gastou metade dos soberanos de Pennyroyal em combustível e hélio e escondeu o resto num dos compartimentos que Anna Fang tinha instalado por baixo do convés do *Jenny*. Depois, sentindo-se desgostosa e culpada pelo que ia fazer foi até ao Mercado Aéreo, um edifício enorme que ficava por trás da zona das reparações onde os comerciantes se encontravam com os mercadores de outras metrópoles. Quando começou a perguntar onde poderia encontrar Piotr Masgard, os outros aviadores olharam para ela com ar de desaprovação e uma mulher cuspiu para o convés junto dos pés dela. Mas passado pouco tempo, um velho mercador pareceu sentir pena dela e chamou-a educadamente para o seu lado.

— Arkangel não é como as outras metrópoles, minha querida — explicou ele encaminhando-a para uma estação de elevador. — Aqui os ricos não vivem na parte superior mas sim no meio onde é mais quente, numa zona chamada Núcleo. O jovem Masgard tem lá uma mansão. Sais na estação de Kael e, aí, voltas a perguntar.

Ele observou-a cuidadosamente enquanto ela pagava o bilhete e entrava para o elevador que a levaria ao Núcleo. Depois alçou as suas vestes e correu lançado para a sua loja que ficava na outra ponta da doca. Um estabelecimento grande, de mau gosto e desarrumado que se chamava *Antiguidades e Antiga-Tecnologia do Blinkoe*.

— Rápido mulheres! — gritou ao irromper pela apertada saleta por trás da loja. Acenou com os braços como um semáforo de emergência e as cinco Mrs. Blinkoe levantaram os olhos dos seus romances e bordados — Ela está aqui! A tal rapariga! A feia! Só de pensar que passei as últimas semanas a procurar e a perguntar por ela e ela agora entra no nosso próprio Mercado Aéreo lustrosa como latão! Rápido, temos de nos preparar!

Esfregou as mãos de satisfação já a imaginar como iria gastar o prémio que a Green Storm lhe iria pagar quando lhes entregasse Hester e o *Jenny Haniver*.

O Núcleo era um lugar que a deixou perplexa. Uma enorme caverna barulhenta repleta de um barulho ensurdecador produzido pelos motores da metrópole, enevoadada pelo fumo e vapor circundantes, cruzada por centenas de passagens e de caminhos-de-ferro e de poços de elevadores. Os edifícios estavam todos enfiados em saliências e plataformas suspensas ou presos por baixo como se fossem ninhos de andorinhas. Escravos com coleiras de ferro varriam os pavimentos enquanto outros passavam em bandos e eram chicoteados por capatazes vestidos de peles para irem fazer trabalhos desagradáveis nas subdivisões geladas do exterior. Hester tentou não olhar para eles, nem para as riquezas que passeavam miúdos com trela nem para um homem que insistia em pontapear um escravo que acidentalmente tinha chocado com ele. Hester sentia que não tinha a ver com aquilo. Arkangel era uma metrópole onde o mais forte fazia o que bem entendia.

Estátuas de ferro do deus-lobo Eisengrim guardavam os portões da mansão de Masgard. Lá dentro, candeeiros a gás colocados em tripés de ferro enchiam a enorme sala de recepção com padrões de luzes incertas e de sombras cortantes e aguçadas como lâminas. Uma jovem elegante com um colar de escrava transformado em jóia olhou para Hester de alto a baixo e perguntou-lhe o que queria. Hester respondeu-lhe o mesmo que tinha

respondido aos guardas que estavam no exterior: «Tenho informações para vender aos predadores de Arkangel»

Ouviu-se o barulho de motores no meio das sombras por baixo do telhado do terreiro superior e Masgard desceu repentinamente num sofá de cabedal que baloiçava por baixo de um pequeno balão, com mini-hélices de direcção que despontavam do encosto de cabeça. Era um sofá-móvel, um brinquedo dos ricos que Masgard conduziu até perto de Hester e deixou suspenso à sua frente enquanto apreciava o seu ar espantado. A escrava esfregou a cabeça na biqueira da bota dele como um gato.

— Bem — disse ele — eu conheço-te! És aquela andorinha de Airhaven com o rosto marcado pela cicatriz. Resolveste aceitar a minha proposta?

— Vim dizer-vos onde podeis encontrar presas — respondeu Hester tentando que a voz não lhe saísse a tremer.

Masgard aproximou mais o sofá-móvel obrigando-a a esperar e estudando o jogo de culpa e medo no seu rosto arruinado. A sua metrópole era grande demais para conseguir sobreviver sem a ajuda de escumalha como esta rapariga e ele odiava-a por isso mesmo.

— E então? — perguntou por fim. — Que cidade desejas trair?

— Não é apenas uma cidade — respondeu Hester. — É uma metrópole. Anchorage.

Masgard tentou mostrar um ar entediado, mas Hester viu o faiscar do interesse nos seus olhos. Ela fez o melhor que pôde para os inflamar.

— Deveis ter ouvido falar de Anchorage, Mr. Masgard. Uma enorme metrópole glacial. Apartamentos recheados de riquezas, a melhor roda de tracção dos glaciares e uma excelente panóplia de motores de Antiga Tecnologia chamada Esferas de Scabious.

Rumam em direcção ao norte da Gronelândia para prosseguirem para o glaciário ocidental.

— Porquê?

Hester encolheu os ombros (mais valia não falar na viagem para a América, pois era demasiado difícil de explicar e de acreditar).

— Quem sabe? Talvez tenham ouvido falar de algum lugar com Tecnologia Antiga e tenham resolvido ir explorá-lo. Tenho a certeza de que irias arranjar forma de arrancar os pormenores à sua bela Margravine...

Masgard sorriu.

— A Juliana era filha de um Margrave até que o grande Arkangel devorou a cidade do seu pai.

— Então pensa na mais-valia que Freya Rasmussen ia dar à vossa colecção — continuou Hester. Estava completamente fora de si. Não sentia nada, apenas um leve orgulho pela forma como conseguia ser tão cruel. — E se quiseses um pequeno aperitivo para te ir mantendo pelo caminho, posso dar-te as coordenadas de Wolverinehampton, um subúrbio-predador que acabou de fazer uma grossa caçada.

Masgard tinha sido apanhado. Tinha ouvido falar de Anchorage e de Wolverinehampton uns dias antes por Widgery Blinkoe mas o gorduroso antiquário não lhe tinha sabido indicar a presente rota de Wolverinehampton. E quanto a Anchorage, Masgard não sabia se havia de acreditar que uma metrópole gelada pudesse estar tão para oeste. No entanto, aquela miserável miúda-aérea parecia saber do que estava a falar e com o relatório de Blinkoe a ajudar, a sua informação seria suficiente para convencer o Concelho a mudar de rota. Ele deixou-a aguardar um momento para que ela tivesse a noção de quão desprezível era. Depois abriu um compartimento

num dos braços do seu sofá voador e tirou uma grossa folha de pergaminho que assinou com uma caneta de tinta permanente. A escrava passou o papel a Hester. Tinha umas palavras escritas em letra gótica e selos com os nomes dos deuses de Arkangel: Eisengrim e Thatcher.

— É uma promissória — explicou Masgard aumentando a velocidade dos motores do seu sofá e afastando-se dela. — Se a tua informação estiver correcta poderás cá vir levantar a tua recompensa quando devorarmos Anchorage. Dá os pormenores ao meu escrivão.

Hester abanou a cabeça.

— Não estou a fazer isto pelo ouro do predador.

— Então porquê?

— Existe uma pessoa a bordo de Anchorage. Tom Natsworthy, o rapaz com quem me viste em Airhaven. Quando devorares a metrópole guarda-o para mim. Mas ele não pode saber que foi tudo combinado. Quero que ele pense que eu o estou a salvar. Tudo o resto a bordo daquele lugar nojento é teu, excepto o Tom. Ele é meu. O meu prémio.

Masgard ficou a olhar para baixo para ela francamente surpreendido. Depois atirou a cabeça para trás e as suas gargalhadas ecoaram na sala.

Já na estação à espera do elevador que a ia levar de novo à doca aérea sentiu as placas do convés a estremecer à medida que o grande Arkangel se punha em movimento. Tacteu o seu bolso verificando novamente que tinha a promissória assinada por Masgard bem guardada. Que feliz que Tom iria ficar quando ela o fosse salvar das entranhas da metrópole predadora! Com que

facilidade ela o ia fazer esquecer a paixão pela Margravine assim que estivessem novamente juntos nas Estrada dos Pássaros!

Ela tinha feito o que era preciso pela vida de Tom e já não havia hipótese de voltar atrás. Ia buscar umas coisas ao *Jenny Haniver* e depois procurar um quarto algures enquanto durasse a viagem.

Já tinha anoitecido novamente quando ela chegou à doca aérea e os flocos de neve esvoaçavam pelas luzes de aterragem à entrada da doca. O barulho de gargalhadas roucas e de música rasca saía das várias tavernas por trás dos painéis dos tanques do convés, ouvindo-se ainda mais alto sempre que alguém abria uma porta. Os fracos candeeiros pareciam formar poças de sombra no chão por baixo dos enormes mercadores atracados. Havia dirigíveis com nomes do género: *Fram*, *Froud* e *Smaug*. Ela começou a sentir-se nervosa à medida que se encaminhava para a zona de estacionamento mais barata do convés onde o *Jenny* a aguardava. Esta metrópole era perigosa e ela tinha perdido o hábito de andar só.

— Menina Shaw? — disse um homem, surpreendendo-a ao surgir do lado que não tinha saída. Hester tentou agarrar na faca mas reconheceu o simpático e velho mercador que a tinha ajudado antes.

— Eu acompanho-a ao seu dirigível. Há por aí vários mercadores Gelófilos, rufiões. Não é seguro para uma jovem andar sozinha. O seu dirigível é o *Jenny Haniver*, certo?

— Correcto — respondeu Hester, pensando como é que ele saberia o seu nome e qual o seu dirigível. Supôs que tivesse perguntado antes ou que tivesse ido ver ao registo das novas chegadas no escritório da doca.

— Conseguiu falar com Masgard? — perguntou o seu novo amigo.

— Presumo que tenha tido alguma coisa a ver com esta súbita mudança para ocidente? Vendeu-lhe alguma cidade?

Hester acenou com a cabeça.

— Eu estou num ramo de trabalho parecido — continuou o mercador e atirou-a contra o espeque de metal por baixo de um mercador chamado *Temporary Blip*. Ela arquejou magoada e surpreendida tentando respirar ar suficiente para conseguir gritar por socorro. Algo se espetou de lado no seu pescoço como se fosse uma vespa. O mercador afastou-se dela a respirar pesadamente. Uma seringa de metal brilhou com a luz das tavernas quando ele a voltou a meter dentro do bolso.

Hester tentou colocar a mão no pescoço mas a droga começou logo a fazer efeito e os seus membros já não lhe obedeciam. Tentou gritar mas tudo o que saiu foi um grito fraco sem palavras. Deu uns passos e caiu com o rosto a alguns centímetros das botas do homem.

— Tenho muita pena — ouviu-o dizer num tom de voz quase inaudível e longínquo tal como a voz de Tom da última vez que a tinha ouvido através do telefone na sala dos Aakuiq. — Tenho cinco mulheres, todas com gostos requintados e estão sempre a pedir-me coisas.

Hester voltou a lançar emitir um som babando a placa do convés.

— Não te preocupes! — continuou a voz. — Vou só levar-te e ti e ao teu dirigível para Rogues' Roost. Estão à tua espera para te interrogarem. É só isso.

— Mas o Tom... — conseguir Hester gemer.

Surgiram outras botas, desta vez de senhora, caras, à moda e com borlas. E novas vozes a palrarem sobre a sua cabeça.

— Tens a certeza de que é ela, Blinkoe?

— Iac! É tão feia!

— Como é que pode valer tanto para alguém?!

— Dez mil em dinheiro quando a entregar a Roost — respondeu Blinkoe presunçosamente. — Vou levá-la no seu próprio dirigível e levo o tênder a reboque para poder regressar. Volto num ápice com os sacos cheios de dinheiro. Tomem conta da loja enquanto eu estiver fora, minhas queridas.

— Não! — tentou Hester dizer, pois se ele a levasse, ela não estaria ali para salvar Tom e ele seria devorado com o resto de Anchorage e todos os seus planos iriam por água abaixo... Mas apesar de tentar lutar quando começaram a remexer nos seus bolsos à procura das chaves, ela não conseguiu mexer-se e nem mesmo pestanejar. No entanto, levou bastante tempo a perder a consciência, o que foi ainda pior, pois percebia tudo o que se estava a passar à sua volta, enquanto o mercador e as respectivas mulheres a arrastavam para bordo do *Jenny Haniver* e começavam os preparativos para a descolagem.

Segunda Parte

Capítulo 19

A Câmara Das Memórias

Hester foi acordada por uma autêntica tempestade de água gelada que a atirava pelo chão de pedra gelado de um lado para o outro e contra uma parede de azulejos brancos. Arquejou, gritou e balbuciou. A água enchia-lhe a boca e colava-lhe o cabelo ao rosto não a deixando ver, e quando ela o afastou para o lado também não tinha muito para ver, a não ser uma sala branca gelada e iluminada por um simples globo de árgon com homens vestidos de branco a lançarem-lhe jactos de água através de mangueiras.

— Basta! — gritou uma voz feminina, e a tormenta cessou. Os homens afastaram-se para prenderem as pontas das mangueiras que pingavam numa estrutura de metal presa à parede. Hester engasgou-se, praguejou e cuspiu a água para o chão onde havia um remoinho que terminava num ralo de esgoto comum. Tinha súbitos rasgos de memória, de Arkangel e de um mercador. De acordar no ambiente frio e barulhento do porão do *Jenny* e de perceber que estava presa. Lembrava-se de ter tentado lutar e gritar mas o mercador tinha surgido com um ar tão solícito, e de repente só se lembrava de ter sentido uma picada tipo de vespa no pescoço e em seguida, apenas escuridão. Ele tinha-a drogado e mantido drogada e com ela assim, tinha-a levado de Arkangel para aquele lugar onde estava agora...

— Tom! — gemeu ela.

Aproximaram-se dela umas botas a chapinharem naquela água. Ela olhou para cima e grunhiu à espera de ver o mercador mas não era ele. Era uma jovem mulher vestida de branco com um crachá de bronze preso ao peito que a distinguia como subalterna

da Liga Antitracção e, no braço, uma braçadeira com um raio verde bordado.

— Vistam-na — ladrou a subalterna e os homens levantaram Hester pelos cabelos molhados. Nem se deram ao trabalho de a limpar e limitaram-se a enfiar os seus débeis braços e pernas dentro de um fato-macaco cinzento e disforme. Hester mal se conseguia manter de pé, quanto mais resistir. Empurraram-na descalça para fora daquele balneário e obrigaram-na a seguir um corredor extremamente húmido caminhando atrás da subalterna. As paredes estavam cheias de cartazes de dirigíveis a atacarem metrópoles e de belos homens e mulheres fardados de branco a observarem o pôr do Sol por trás de uma colina verdejante. Passaram por eles outros soldados produzindo um intenso ruído com as botas sob aquele tecto baixo. A maioria não era muito mais velha que Hester, e todos tinham uma espada embainhada e uma braçadeira com um raio bordado e uma expressão brilhante e convencida de que tinham sempre razão.

No final do corredor havia uma porta e por trás da porta uma cela que parecia a antecâmara de uma sepultura, alta e apertada com uma única janela no alto. As condutas térmicas serpenteavam pelo esboroadado tecto de cimento mas não emanavam qualquer calor. Hester estremeceu pois ia secando muito lentamente sob o esfarrapado fato-macaco que trazia vestido. Alguém lhe atirou com um pesado casaco e ela percebeu que era o seu próprio casaco e vestiu-o agradecida.

— Onde está o resto? — perguntou com dificuldade em fazê-los compreender, devido à forma como os seus dentes se entrechocavam e aos efeitos secundários das drogas do mercador que entorpeciam os seus já de si distorcidos lábios. — O resto das minhas coisas?

— Botas — disse a subalterna, arrancando-as das mãos de um dos seus homens e atirando-as a Hester. — O resto queimámos. Não te preocupes bárbara, não vais precisar mais delas.

A porta fechou-se, a chave rodou na fechadura e o som das botas foi-se afastando. Hester conseguia ouvir o mar algures ali perto a assobiar e a gemer contra a encosta rochosa. Abraçou-se a si mesma por causa do frio e começou a chorar. Não por ela nem por Tom, mas pelas roupas queimadas. O colete que tinha uma fotografia de Tom no bolso e aquele tão querido lenço vermelho que ele lhe tinha comprado em Peripatetiapolis. Agora, já não tinha qualquer lembrança dele.

A escuridão por trás da fenda lá no alto, foi-se transformando lentamente num cinzento esbatido. A porta abanou, abriu-se e um homem espreitou para dentro e disse:

— Levanta-te bárbara, a comandante está à tua espera.

A comandante aguardava numa grande e arejada sala onde, através da cal das paredes, se viam formas vagas de golfinhos e de ninfas marinhas e havia uma janela redonda com vista para um mar picado. Sentou-se por trás da sua enorme secretária de aço tamborilando obsessivamente com os dedos sobre uma pasta de manilha. Levantou-se apenas quando os guardas de Hester a cumprimentaram.

— Podem deixar-nos — disse-lhes.

— Mas comandante... — começou um deles.

— Acho que sou capaz de lidar com uma bárbara magricela — esperou que eles saíssem e deu calmamente a volta à secretária sem deixar de fitar Hester.

Hester já tinha visto aquele olhar frio e sombrio antes, pois a comandante era Sathya, a destemida protegida de Anna Fang de Batmunkh Gompa. Não se sentiu propriamente surpreendida. Desde

que tinha chegado a Anchorage que a sua vida tinha tomado a estranha lógica de um sonho e parecia-lhe justo que no final acabasse por encontrar um rosto antipático mas familiar. Tinham-se passado cerca de dois anos e meio desde a última vez que se haviam encontrado mas Sathya parecia ter envelhecido muito mais que isso. Estava com o rosto magro e austero e os olhos escuros tinham uma expressão que Hester não conseguia decifrar, como se raiva, culpa, orgulho e medo tivessem sido todos misturados dentro dela e se tivessem transformado em algo novo.

— Bem-vinda ao Complexo — disse friamente.

Hester olhou fixamente para ela.

— Que lugar é este? Onde fica? Nunca pensei que a tua força ainda tivesse bases aqui no Norte, pelo menos desde que Spitzbergen foi engolida.

Sathya limitou-se a sorrir.

— Não sabes muito acerca da minha força, Menina Shaw. O Supremo Conselho pode ter retirado as forças da Liga do palco do Ártico, mas alguns de nós não aceitaram a derrota tão facilmente. A Green Storm mantém várias bases no Norte. E dado que não vais sair daqui com vida posso dizer-te que o Complexo fica em Rogues' Roost, uma ilha a cerca de três quilómetros da extremidade sul da Gronelândia.

— Bonito — respondeu Hester. — Resolveram vir por causa do tempo, foi?

Sathya deu-lhe um estalo na cara deixando-a estupefacta e arquejante.

— Estes foram os céus onde Anna Fang cresceu — respondeu. — Os pais dela comercializaram nesta região antes de terem sido feitos escravos de Arkangel.

— Claro, por razões sentimentais — murmurou Hester. Encolheu-se à espera de apanhar outro estalo mas não apanhou. Sathya afastou-se dela e encaminhou-se para a janela.

— Destruíste há três semanas uma das nossas unidades no Desfiladeiro de Drachen — respondeu ela.

— Só porque atacaram o meu dirigível — retorquiu Hester.

— O dirigível não é teu — cortou Sathya. — Pertence... Pertencia a Anna Fang. Roubaste-o na noite em que Anna morreu, tu e o teu bárbaro namorado, o Tom Natsworthy. E por falar nisso, onde é que ele está? Não me digas que te abandonou?

Hester encolheu os ombros.

— E o que é que fazias sozinha a bordo de Arkangel?

— ... apenas a vender umas quantas metrópoles aos Predadores — respondeu Hester.

— Não tenho dúvidas. A traição está-te no sangue.

Hester franziu o sobrolho. Teria Sathya arrastado Hester para ali apenas para lhe dizer mal dos seus pais?

— Se estás a querer insinuar que saio à minha mãe, pois eu acho que ela foi muito estúpida em desenterrar aquela MEDUSA, mas não acho que tenha atraído quem quer que seja.

— Não — concordou Sathya — Mas já o teu pai...

— O meu pai era um agricultor — gritou Hester sentindo-se súbita e estranhamente furiosa por aquela rapariga estar ali a insultar a memória do seu pobre pai já falecido, que tinha apenas praticado o bem.

— Mentos — continuou Sathya. — O teu pai era Thaddeus Valentine.

Lá fora a neve parecia açúcar em pó a cair. Hester conseguia ver os icebergues abrindo caminho pelo confortável e invernal mar cinzento. Respondeu numa voz quase sumida:

— É mentira.

Sathya tirou uma folha de papel escrevinhada de uma das gavetas da sua secretária.

— Este é o relatório que Anna escreveu para o Alto Conselho da Liga no dia em que te trouxe para Batmunkh Gompa. Vejamos o que diz sobre ti... Ah, aqui está: *Dois jovens. Um deles é um adorável jovem Historiador Aprendiz de Londres inofensivo e a outra é uma pobre e desfigurada rapariga que estou certa ser a filha perdida de Pandora Rae e de Thaddeus Valentine.*

Hester respondeu:

— O meu pai era David Shaw da Ilha de Oak...

— A tua mãe teve vários amantes antes de se casar com Shaw — respondeu Sathya num tom de voz seco de desaprovação. — Valentine foi um deles. Tu és filha dele. A Anna jamais escreveria uma coisa se não tivesse a certeza absoluta.

— O meu pai era David Shaw — fungou Hester embora soubesse que não era verdade. Ela soube-o quando dois anos antes, quando o seu olhar se tinha cruzado com o de Valentine sobre o corpo da sua moribunda filha Katherine. Algo entre eles tinha estalado de forma tão rápida como a luz, uma espécie de reconhecimento que ela tinha tentado esquecer o mais depressa que tinha conseguido, pois não queria admitir que ele fosse seu pai. Mas no fundo, tinha admitido. Por isso é que não o tinha conseguido matar!

— Anna estava errada a teu respeito, não estava? — perguntou Sathya voltando e dirigindo-se para a janela. Tinha parado de nevar e grandes raios de luz manchavam o mar cinzento

com uma luz ainda mais cinzenta. E continuou: — Vocês não estavam perdidos e Tom não era inofensivo. Estavam feitos com Valentine. Usaram a bondade de Anna para entrarem em Batmunkh Gompa e ajudaram-no a incendiar a nossa frota aérea.

— Não! — exclamou Hester.

— Sim. Atraíram Anna para um local onde ele a pudesse matar e roubaram-lhe o dirigível.

Hester abanou a cabeça.

— Estás muito enganada!

— Pára de mentir! — gritou Sathya acercando-se novamente dela com os olhos marejados de lágrimas.

Hester tentou lembrar-se daquela noite em Batmunkh Gompa. Tinha sido basicamente um frenesim de chamadas e de correrias, mas ela tinha a sensação de que Sathya não tinha agido lá muito bem. Com toda aquela conversa, Sathya tinha deixado a sua querida Anna enfrentar Valentine sozinha e ele tinha acabado por matá-la. Hester sabia perfeitamente que este género de coisas não tinham perdão. Ou se apagavam as memórias ou então mais valia entregar-se ao desespero.

Ou encontrava-se alguém a quem atribuir a culpa. Como a filha de Valentine.

Sathya continuou:

— Vais pagar pelo que fizeste. Mas primeiro, talvez possas ajudar a corrigir umas coisas — agarrou numa arma que tinha na secretária e fez-lhe sinal para se dirigir para uma pequena porta que ficava do outro lado da sala. Hester atravessou-a sem se preocupar para onde ia ou se Sathya a ia matar. *Filha de Valentine*, continuava a pensar. *A filha de Valentine entrou por esta porta. A filha de Valentine está a descer as escadas de ferro. A filha de Valentine.*

Não admirava que tivesse um feitio tão difícil. Não admirava que tivesse conseguido vender uma metrópole cheia de gente boa a Arkangel sem ficar com um mínimo de peso na consciência. Era filha de Valentine e saía ao pai.

As escadas davam para um túnel que terminava numa antecâmara. Dois guardas observavam Hester friamente através dos visores de glástico matizado dos seus capacetes de protecção. Um terceiro homem aguardava junto a uma pesada porta de metal. Era um homem baixo, nervoso, com olhos vermelhos tipo coelho e que roía as unhas das mãos. Os candeeiros de árgon presos à parede projectavam reflexos brilhantes na sua cabeça calva. Entre as sobrancelhas tinha um círculo vermelho.

— Ele é um Engenheiro! — exclamou Hester. — Um Engenheiro de Londres! Pensava que tinham morrido todos...

— Alguns sobreviveram — explicou Sathya. — Após a explosão de Londres, liderei um esquadrão para reunir os sobreviventes que tinham escapado ao acidente. A maioria foi enviada para campos de trabalho de escravos no meio do território da Liga, mas quando interroguei o Dr. Popjoy e descobri qual tinha sido o seu trabalho, percebi que talvez nos pudesse ajudar.

— Ajudar em quê? Pensava que a Liga detestava a Antiga Tecnologia?

— Houve sempre quem na Liga achasse que para derrotar as metrópoles era necessário usar os seus próprios instrumentos contra elas — explicou Sathya. — Depois do que tu e o teu pai fizeram em Batmunkh Gompa as suas vozes ganharam projecção. Formou-se uma sociedade secreta de jovens oficiais, a Green Storm. Quando lhes falei em Popjoy compreenderam de imediato o seu potencial e concordaram em deixar-me montar este complexo.

O Engenheiro calvo fez um sorriso nervoso mostrando os seus dentes amarelos e disse:

— Então esta é que é Hester Shaw? Pode ser útil. Sim, sim. Alguém que por assim dizer, estava presente «na altura da matança». A sua presença no Ambiente Mnemónico poderá ser o gatilho de que temos andado à procura.

— Despache-se com isso — cortou Sathya e Hester percebeu que também ela estava extremamente nervosa.

Popjoy puxou uma série de alavancas presas à porta e as sólidas fechaduras electromagnéticas soltaram-se com ruídos ocos e metálicos como se fossem umas garras de atracção a soltarem-se. Os guardas ficaram tensos, fantasmagóricos rolos de vapor escapavam dos tubos das suas volumosas metralhadoras, quando com um pequeno safanão tiravam as patilhas de segurança. Esta segurança toda não estava destinada a manter as pessoas fora, percebeu Hester. Era exactamente para manter algo *dentro*.

A porta abriu-se de rompante.

Hester veio a saber mais tarde que a Câmara das Memórias era um antigo tanque de combustível. Apenas um das várias dezenas de globos de metal amontoados nos declives de Rogues' Roost mas à primeira vista parecia apenas uma sala impressionantemente grande com paredes ferrugentas que se curvavam formando sobre ela uma redoma e para baixo uma bacia. Ao longo das paredes havia enormes fotografias penduradas: Ampliações de rostos de pessoas com pouca definição, fotografias de Londres, Arkangel e Marselha, uma pintura de seda de Batmunkh Gompa numa armação de ébano. Arcos de películas com imagens cheias de grão repetiam-se indefinidamente por painéis brancos de cal. Via-se num prado uma rapariga loira com rabichos, e noutro, uma jovem a dar uma baforada num cachimbo muito comprido e a lançar o fumo para a câmara.

Hester sentiu um súbito receio sem perceber porquê.

Um passadiço rodeava a borda desta abóbada esférica e uma estreita ponte pedestre estendia-se até uma plataforma central onde uma figura com ar de monge esperava vestida de cinzento. Hester tentou ficar para trás enquanto Sathya e Popjoy percorriam a ponte mas um dos guardas que estava por trás dela empurrou-a de forma a fazê-la seguir em frente. Lá à frente, Sathya chegou à plataforma central e tocou no braço daquele que a esperava. Chorava silenciosamente e naquela luz fraca o seu rosto brilhava devido às lágrimas.

— Trouxe-te um presente, caríssima — disse suavemente. — Uma visita. Alguém de quem decerto te vais lembrar!

A figura vestida com um manto voltou-se, o capuz cinzento caiu para o lado, e Hester viu o que era — não, o que *tinha sido em tempos* — Anna Fang.

Capítulo 20

O Novo Modelo

Dr. Popjoy tinha feito um belo trabalho para os seus novos mestres. Claro que ele e os seus colegas Engenheiros tinham passado muitos anos a estudar a tecnologia dos Caçadores. Tinham aprendido muito com Strike, o assassino mecanizado, trabalhando por conta própria que em tempos adoptara Hester. Até tinham construído Caçadores. Hester tinha visto esquadrões de Homens-ressuscitados a marcharem pelas ruas de Londres na noite em que a MEDUSA explodiu. Mas comparar aquelas ébrias e estúpidas criaturas à coisa que estava à sua frente era como comparar um velho e desmazelado balão de carga com um Serapis Cloud Yatch novinho em folha.

Era mais magro e mais gracioso e pouco mais alto que a própria Menina Fang quando era viva. Tinha o rosto coberto por uma máscara mortuária de bronze da aviadora e as condutas e fios que brotavam da sua estrutura estavam arrumados por trás da cabeça. Os suaves e curiosos tiques de cabeça e das mãos quando olhava para Hester pareciam tão humanos que por momentos ela chegou a pensar que o Engenheiro tinha conseguido ressuscitar Anna.

Sathya começou a falar rápida e ininterruptamente.

— Ela ainda não se lembra mas vai acabar por se lembrar. Este lugar vai funcionando como a sua memória até que ela própria se volte a lembrar. Juntámos fotografias de todas as pessoas que ela conhecia, dos lugares por onde passou, das metrópoles com quem lutou, dos seus amantes e dos seus inimigos. Ela acabará por se lembrar de tudo. Afinal, só há alguns meses é que foi ressuscitada...

Parou abruptamente como se subitamente tivesse compreendido que toda aquela sua optimista conversa estivesse apenas a tornar mais horroroso aquilo que ela já tinha feito de tão tenebroso. O eco das suas palavras dispersou-se pelo interior daquele velho tanque de combustível.

— E, e, e, e, e...

— Pelos Deuses e Deusas — interrompeu Hester. — Por que motivo simplesmente não a deixaste descansar em paz?

— Porque precisamos dela! — gritou Sathya. — A Liga perdeu o rumo! Precisamos de novos líderes. A Anna era a melhor de todos. E irá mostrar-nos o caminho para a vitória!

O Caçador flectiu as mãos inteligentes e uma lâmina esguia deslizou de cada um dos seus dedos.

— Isto não é a Anna — disse Hester. — Ninguém regressa do País sem Sol. O vosso Engenheiro domesticado pode ter conseguido arranjar-lhe um corpo e tudo mas esta não é ela. Conheci em tempos um Caçador e eles não se lembram nunca de quem foram antes. Não são a mesma pessoa. Aquela pessoa *está morta* e quando lhe enfiarem uma dessas máquinas de Antiga Tecnologia na cabeça vão formar uma nova pessoa como se fosse um novo inquilino a entrar numa casa desabitada...

Popjoy começou a rir de forma abafada.

— Não tinha percebido que era uma perita no assunto, Menina Shaw. É óbvio que se está a referir ao antigo modelo Shrike. Um trabalho muito inferior. Antes de instalar o dispositivo Caçador no cérebro da Menina Fang, programei-o para pesquisar os seus centros de memória. Estou confiante de que conseguiremos reactivar as memórias que ali estão enterradas. É para isso que esta sala serve, para estimular o assunto com lembranças constantes da sua vida anterior. É tudo uma questão de descobrir o gatilho

mnemónico certo. Um odor, um objecto, um rosto. É aqui que a menina entra.

Sathya empurrou Hester para a frente até que ela ficou a escassos centímetros do novo Caçador.

— Olha, querida! — disse alegremente. — Olha! Esta é Hester Shaw! A filha de Valentine! Lembras-te de como a encontraste no Terreno Exterior e a trouxeste para Batmunkh Gompa? Ela estava lá quando morreste!

O Caçador aproximou-se inclinando-se. No meio das sombras por trás da máscara de bronze viu-se uma língua preta a lamber uns lábios definhados. A sua voz era um sussurro seco como um vento nocturno a soprar por entre vales de pedra.

— Eu não conheço esta rapariga.

— Conheces, Anna! — insistiu Sathya com muita paciência. — *Tens* de te lembrar! Tenta lembrar-te!

O Caçador olhou para cima perscrutando as centenas de fotografias presas à parede, ao chão e ao tecto da sua esférica prisão. Estavam lá os pais de Anna Fang, Silton Kael que tinha sido o seu mestre quando fora feita escrava nos terrenos dos recuperadores de Arkangel. Estavam também Valentine, Captain Kora e Pandora Rae mas nem uma fotografia do rosto desfigurado de Hester. O Caçador focou os seus olhos mecânicos novamente nela e as suas longas garras contraíram-se.

— Eu não conheço esta rapariga. Eu não sou Anna Fang. Vocês estão a fazer-me perder o meu recém-nascido tempo. Eu quero sair daqui.

— Claro, Anna mas tens de te tentar lembrar. Tens de ser novamente tu antes de te levamos para casa. Todos os que pertencem à Liga te adoram e quando souberem que voltaste erguer-se-ão e seguir-te-ão.

— Ah, Comandante — murmurou Popjoy voltando para junto da ponte. — Acho melhor retirarmo-nos...

— Eu não sou Anna Fang — repetiu o Caçador.

— Comandante, acho mesmo melhor...

— Anna, por favor!

Instintivamente Hester agarrou em Sathya e puxou-a para trás. As garras aguçadas passaram a escassos centímetros da garganta de Sathya. O guarda preparou a metralhadora e o Caçador hesitou o tempo suficiente para que eles fugissem pela ponte. Mal chegaram à porta, o homem lá colocado em posição puxou uma pesada alavanca vermelha. Surgiram luzes vermelhas de alerta em simultâneo com a sirene eléctrica que ia aumentando de tom.

— Eu não sou Anna Fang!

Hester ouvia o Caçador a gritar enquanto saía à pressa atrás dos outros para a antecâmara. Deitou uma última olhadela para trás mesmo antes de os guardas fecharem e trancarem a porta e viu-o a olhar para ela e a mexer as garras que brilhavam violentamente.

— Fascinante — disse Popjoy tomando notas no seu bloco de notas. — Fascinante. Foi prematuro senão mesmo um pouco insensato instalar tão cedo as lâminas nos dedos...

— O que é que se passa com ela? — perguntou Sathya.

— É difícil ter a certeza absoluta — admitiu Popjoy. — Presumo que os novos componentes pesquisadores de memória que acrescentei ao básico cérebro de Caçador tenham entrado em conflito com os seus instintos tácticos e agressivos.

— Quer dizer que está louca? — perguntou Hester.

— Sinceramente Menina Shaw «louca» é um termo muito vago. Prefiro dizer que a Menina Fang está com «uma sanidade diferente».

— Coitada da Anna — sussurrou Sathya passando as pontas dos dedos pela garganta.

— Não te preocupes com a Anna — disse Hester. — A Anna morreu. Coitada de ti era o que querias dizer. Tens ali uma máquina assassina louca e as tuas estúpidas armas não a vão conseguir manter ali durante muito tempo. Ele pode sair daquela plataforma quando quiser! Pode chegar à porta e...

— A ponte é electrificada Menina Shaw — respondeu Popjoy firmemente. — As traves por baixo da porta estão electrificadas. O próprio interior da porta está electrificado. Até os Caçadores detestam choques eléctricos em massa. Quanto às armas, tenho a certeza de que a Menina Fang não tem ainda a percepção da sua própria força. Ainda tem receio delas. O que poderá muito bem ser um sinal de que possui de facto fracas memórias de antigamente, da sua encarnação enquanto humana.

Sathya olhou para ele com um brilho de esperança no olhar.

— Sim, sim, Doutor. Não devemos desistir. Traremos cá a Hester novamente.

Ela afastou-se a sorrir mas Hester reparou no olhar de pânico por trás dos óculos de Popjoy. Ele não fazia a menor ideia de como é que ia restaurar as memórias da falecida aviadora. Em breve, até Sathya iria compreender que a sua tentativa de trazer a sua amiga de volta do País sem Sol estava condenada. E quando ela o descobrisse já não haveria razão para manter ali Hester.

Eu vou morrer aqui, pensou enquanto os soldados a levavam de novo para a cela e a trancavam. Ou a Sathya, ou aquela coisa louca vão matar-me e eu nunca mais verei Tom e nunca mais o poderei salvar e ele também morrerá nos buracos de escravos de Arkangel, amaldiçoando-me.

Encostou-se à parede e começou a deslizar por ela abaixo até ficar de joelhos e enrolou-se como se fosse um pequeno e abandonado nó. Conseguia ouvir o mar a silvar por entre as rochas de Rogues' Roost tão frio como a voz do novo Caçador. Ouvia pequenos pedaços de tinta e de cimento que caíam do tecto cheio de humidade da sua cela e suaves barulhinhos de arranhadelas nas velhas condutas térmicas que lhe faziam lembrar Anchorage. Pensou em Mr. Scabious e em Sathya e nas coisas desesperadas que as pessoas são capazes de fazer para tentarem prender aqueles que amam.

— Ai Tom! Ai, ai, Tom! — soluçou ela imaginando-o feliz e a salvo em Anchorage sem sequer se lembrar de que tinha lançado o grande Arkangel no seu encalço.

Capítulo 21

Mentiras E Aranhas

Passou-se uma semana, depois outra e ainda mais outra. Anchorage rumava para oeste seguindo pela extremidade norte da Gronelândia com os trenós hidrográficos a seguirem mais adiante para sondarem o gelo. Nunca uma metrópole se tinha aventurado por estes caminhos e a Menina Pye não confiava nos seus mapas.

Também Freya sentia como se estivesse a deambular em território desconhecido. E por que é que se sentia tão triste? Por que é que de repente tinha tudo começado a correr tão mal se estava a correr tão bem? Não conseguia compreender as razões pelas quais Tom não a queria. *Certamente*, pensou enquanto limpava um círculo no espelho empoeirado do seu quarto para ver o seu reflexo, *Será que ainda sentirá a falta de Hester? Será que a prefere a ela em vez de mim?*

Por vezes, choramingando com pena de si própria, começava a magicar esquemas para o reconquistar. Outras vezes, ficava furiosa e caminhava pesadamente pelos corredores empoeirados a resmungar todas as coisas que lhe *deveria* ter dito aquando da discussão. Por uma ou duas vezes deu por si a pensar em mandar decapitá-lo por alta traição mas o executor de Anchorage (um senhor bastante velho cujo cargo fora apenas cerimonial) tinha morrido e Freya duvidava que Smew conseguisse levantar o machado.

Tom tinha deixado os seus aposentos no Palácio de Inverno e tinha-se mudado para um apartamento abandonado num enorme e vazio edifício em Rasmussen Prospekt não muito longe da doca aérea. Sem a Wunderkammer, nem a biblioteca da Margravine para

o distrair, ele passava os dias cheio de pena de si próprio e a pensar como é que haveria de reconquistar Hester ou pelo menos a imaginar para onde é que ela teria ido.

A única certeza que tinha é que não havia forma de sair de Anchorage. Tinha chateado Mr. Aakuiq para equipar o *Graculus* de forma a fazer uma viagem de longa distância, mas *Graculus* era apenas um rebocador que nunca tinha voado mais do que uns quinhentos metros para fora da doca aérea e Mr. Aakuiq dizia ser impossível muni-lo de grandes tanques de combustível que seriam necessários para que Tom o pudesse levar para oriente.

— Além disso — acrescentou o mestre da doca —, com o que é que os ias encher? Estive a verificar os níveis de combustível nos tanques da doca e estão quase vazios. Não compreendo como. Os indicadores continuam a mostrar que o tanque está cheio mas eles estão quase vazios.

Mas não era apenas o combustível que estava a desaparecer. Não convencido com a conversa de Scabious sobre fantasmas, Tom tinha decidido perguntar na subdivisão de máquinas se alguém conhecia ou sabia de alguma coisa sobre o misterioso amigo de Hester. Ninguém sabia mas parecia que todos eles tinham a sua história acerca de figuras que vislumbravam nos cantos da subdivisão onde não era suposto haver gente e de ferramentas que eram colocadas em determinados sítios e que depois ninguém mais voltava a ver. Coisas que desapareciam de cacifos e de quartos trancados e um tanque de óleo em Heat Exchange Street que tinha secado apesar dos indicadores mostrarem que estava cheio.

— Mas o que é que se passa? — perguntou Tom. — Quem é que iria roubar todas estas coisas? Aham que poderá existir alguém a bordo sem que saibamos? Alguém que tenha ficado escondido depois da peste para nos esvaziar os bolsos?

— Pelos Deuses, meu rapaz — responderam os trabalhadores da subdivisão de máquinas —, mas quem é que iria ficar a bordo desta metrópole a não ser que quisesse ajudar Sua Resplandecência a levá-la para a América? Não há fuga possível nem forma de venderem o que roubaram.

— Então quem...?

— Fantasmas — foi o que responderam abanando as cabeças e agarrando nos amuletos que traziam presos ao pescoço. — Os Glaciares Superiores sempre foram assombrados. Os fantasmas vêm a bordo e pregam sustos aos vivos. Todos sabem disso.

Tom não estava tão certo disso. Havia algo de fantasmagórico na subdivisão de máquinas e por vezes quando andava só pelas ruas sombrias tinha a estranha sensação de estar a ser observado mas não conseguia perceber para que é que os fantasmas queriam óleo, ferramentas, combustível e as bugigangas do museu da Margravine.

— Ele anda de olho em nós — disse sombriamente Skewer numa das noites em que observava Tom nos ecrãs a espreitar para alguns edifícios desertos na extremidade da subdivisão de máquinas.

— Ele não sabe — respondeu Caul com lassidão. — Ele apenas suspeita. E nem sabe do que é que suspeita, tem apenas a percepção de que algo se passa.

Skewer olhou para ele surpreendido e depois riu-se.

— Tu sabes perfeitamente no que é que ele está a pensar, não sabes?

— Estou apenas a dizer que não precisas de te preocupar com ele — murmurou Caul.

— E eu estou apenas a dizer que temos e talvez devêssemos despachá-lo. Fazer com que parecesse um acidente. Que te parece?

Caul nem respondeu recusando-se a entrar na rixa. Era verdade que os ladrões tinham de passar a ter muito mais cuidado agora que Tom tinha resolvido começar a fazer as suas investigações pois isso poderia atrasá-los. Skewer estava determinado a provar que tinha tido razão em assumir o comando e decidiu que quando levasse o *Screw Worm* para casa, para o Tio, ele estaria repleto de pilhagem mas embora ele e Caul fossem lá acima quase todas as noites, não se atreviam a roubar nada demasiado óbvio com receio de aumentar ainda mais as desconfianças de Tom. Também teriam de retirar as mangueiras com ventosas nas pontas dos tanques de combustível da doca aérea, o que em breve se tornaria um problema porque o *mensageiro* e a maior parte dos sistemas do *Screw Worm* funcionavam com combustível de aviação roubado.

O lado de Menino Perdido de Caul sabia que Skewer tinha razão. Espetar uma faca no meio das costelas de Tom numa rua deserta e depois atirar o corpo para a galeria da popa fazia com que tudo se pudesse resumir a um simples assalto. Mas o outro lado dele, o lado bondoso não conseguia aceitar aquela ideia. Ele só queria que Skewer desistisse e voltasse para Grimsby e o deixasse ali sozinho a tomar conta de Tom, de Freya e dos outros. As vezes até pensava em se entregar, deixando-se à mercê do povo de Anchorage. Só que desde sempre lhe tinham dito que os «Gamados» não perdoavam. Durante a formação no Furtário, tanto os seus camaradas como a voz do Tio a sussurrar nos altifalantes na cantina de Grimsby, concordavam que independentemente de os «Gamados» serem ou não civilizados, por mais confortáveis que as suas metrópoles fossem, por mais bonitas que as raparigas fossem,

que fariam coisas horrorosas a um Menino Perdido caso o apanhassem.

Caul já não estava certo de que tudo aquilo fosse verdade mas também não tinha coragem para ir tirar isso a limpo. Como é que o poderia fazer? *Olá, chamo-me Caul e tenho andado a roubar-vos...*

O telégrafo que ficava na parte de trás da cabina começou a disparatar num frenesim interrompendo os pensamentos de Caul. Tanto ele como Skewer assustaram-se com o barulho e Gargle que se tinha tornado ainda mais assustadiço com a dura liderança de Skewer guinchou com o susto. A pequena máquina sacudiu os seus membros de latão para cima e para baixo como se fosse um grilo mecânico e uma comprida fita de papel branco perfurado começou a sair através de uma ranhura inserida na cúpula de glástico. Algures mais afastado e por baixo de Anchorage aproximava-se um *mensageiro* vindo de Grimsby que ia emitindo um sinal através do gelo.

Os três rapazes entreolharam-se. Aquilo era raro. Caul e Skewer nunca tinham estado a bordo de uma «lapa» que tivesse recebido uma mensagem do Tio. Com a surpresa, Skewer esqueceu a sua nova condição de líder e olhou preocupado para Caul.

— O que achas que poderá ser? Achas que houve algum problema em casa?

— O capitão agora és tu Skew — respondeu Caul —, mais vale ires ver.

Skewer atravessou a cabina empurrando Gargle para o lado e agarrou na fita enrolada da máquina. Os seus olhos estreitaram-se à medida que ia estudando as marcas dos buracos. O seu sorriso desvaneceu-se.

— O que é que foi Skew? — perguntou Gargle impaciente. — É do Tio?

Skewer acenou com a cabeça, olhou para cima e depois novamente para a fita como se não acreditasse no que tinha acabado de ler.

— Claro que é do Tio, seu estúpido. Ele diz que leu os nossos relatórios e que devemos regressar imediatamente a Grimsby e para levarmos o Tom Natsworthy connosco.

— Professor Pennyroyal!

O grande explorador tinha-se tornado uma visão rara nestas últimas semanas permanecendo nos seus aposentos e nem se dignando a comparecer às reuniões do Comité de Navegação.

— Estou constipado! — explicou num tom de voz abafado quando Freya mandou Smew bater à sua porta. Mas naquela noite, quando Tom emergiu das escadas que iam dar à subdivisão de máquinas para o Rasmussen Prospekt viu a familiar figura de Pennyroyal de turbante a caminhar pela neve mesmo à sua frente.

— Professor Pennyroyal! — gritou, desatando a correr e apanhando-o por fim à entrada da Sala de Navegação.

— Ah, Tim! — respondeu Pennyroyal com um sorriso desvanecido. Tinha a voz arrastada e os braços cheios de garrafas de vinho tinto barato que tinha acabado de tirar de um restaurante abandonado chamado *Comezainas do Norte*. — É bom voltar a verte. Calculo que não tenhas tido sorte com aquele rebocador?

— Rebocador?

— Um passarinho disse-me que tinhas andado a fazer perguntas a Aakuiq sobre o rebocador aéreo. O *Crapulous* ou coisa parecida. E de como estavas a pensar usá-lo para fugir deste entediante reino e voar de novo para a civilização.

— Mas isso foi há semanas, Professor.

— Ah?

— Não resultou.

— Ah, que pena.

Seguiu-se um silêncio constrangedor com Pennyroyal a balançar ligeiramente.

— Há imenso tempo que ando à sua procura — disse por fim Tom. — Queria perguntar-lhe uma coisa. Como explorador e como historiador.

— Ah! — respondeu Pennyroyal sabiamente. — Ah, é melhor subires.

A residência oficial do Director de Navegação honorário estava virada do avesso desde a última vez que Tom o tinha visitado. Pilhas de papéis e louça suja espalhados como fungos a germinarem pelos vários andares. Roupas dispendiosas espalhados pelo chão, montes de garrafas vazias espalhadas à volta do sofá, bugigangas metidas numa roda-viva de vinho roubado.

— Entra, entra — disse Pennyroyal fazendo vagamente sinal a Tom para se sentar numa cadeira e remexendo na confusão da sua secretaria à procura de um saca-rolhas. — Em que é que te posso ajudar?

Tom abanou a cabeça. Agora que o ia dizer em voz alta até parecia idiota.

— É que — começou —, bem, durante as suas viagens alguma vez lhe contaram histórias de intrusos a bordo das metrópoles geladas?

Pennyroyal quase que deixou cair ao chão a garrafa que estava a segurar.

— Intrusos? Não! Porquê? Não estás a querer dizer que existe alguém a bordo...

— Não. Não tenho a certeza. Talvez. Alguém tem andado a roubar coisas e não me parece que seja algum dos súbditos de Freya, pois podem ter tudo o que desejam. Não têm qualquer razão para roubar.

Pennyroyal abriu a garrafa e deu um grande gole directamente da garrafa. Parecia que lhe acalmava os nervos.

— Se calhar apanhámos um parasita — disse ele.

— O que é que quer dizer com isso?

— Nunca leste *As Metrópoles Ziggurat da Deusa Serpente* a minha empolgante expedição pelos Novos-Maias? — perguntou Pennyroyal. — Existe um capítulo que fala só de metrópoles parasitas: *Las Ciudades Vampiras*.

— Nunca ouvi falar numa metrópole parasita — respondeu Tom duvidoso. — Não está a falar de necrófagas?

— Não! — Pennyroyal sentando-se a seu lado e lançando para o seu rosto fortes baforadas com cheiro a vinho. — Existe mais do que uma forma de aprisionar uma metrópole. Estas metrópoles-vampiras escondem-se no meio do caos do Terreno Exterior até que outra passe sobre eles. Depois saltam e prendem-se à parte de baixo com ventosas gigantes. A pobre metrópole continua o seu caminho sem sequer imaginar que tem algo preso à sua barriga e entretanto o povo parasita vai-se esgueirando para bordo, drena os tanques de combustível, rouba equipamento, assassina os homens um por um, levam as mulheres mais bonitas para vender nos mercados de escravos de Itzal para serem sacrificadas aos deuses dos vulcões. Por fim, a metrópole hospedeira acaba por chegar a um tal ponto em que não passa de uma concha vazia, uma casca, com os motores destruídos, as pessoas mortas ou capturadas e a obesa metrópole vampira desprende-se e sai em busca de uma nova presa.

Tom ficou a pensar uns momentos naquilo.

— Mas isso é impossível! — disse por fim. — Então como é uma metrópole não percebe que tem uma cidade inteira pendurada por baixo de si? Como é que não vêm todas essas pessoas a correrem de um lado para o outro e a roubarem coisas? Não faz sentido! E... *ventosas*?

Pennyroyal olhou-o chocado.

— O que é que estás a querer dizer, Tom?

— Estou a dizer que o senhor... o senhor inventou tudo! Tal como em *Coisas Sem Valor? Coisas Sem Valor!* E quanto aos velhos edifícios que diz ter visto na América... Pelo Grande Quirke! — por momentos Tom sentiu-se enregelar apesar do apartamento estar quente e abafado. — Alguma vez *foi* à América? Ou também foi tudo invenção?

— Claro que fui! — respondeu Pennyroyal furioso.

— Não acredito! — o antigo Tom educado e respeitador dos seus superiores e de todos os historiadores jamais teria dito algo assim, nem mesmo em pensamento. Três semanas sem Hester tinham-no mudado tanto que nem ele próprio se tinha apercebido. Levantou-se e olhou para o rosto empolado e suado de Pennyroyal e percebeu que ele estava a mentir. — Era uma simples fantasia não era? — continuou. — Toda a sua viagem à América não passou de uma história inventada pelos aviadores e a lenda do desaparecimento do mapa do velho Snøri Ulvaeusson que provavelmente nem nunca existiu!

— Como é que o senhor se atreve! — Pennyroyal pôs-se em pé com dificuldade fazendo gestos com a garrafa vazia na mão. — Como é que um mero Aprendiz de Historiador se atreve a insultar-me? Pois fique sabendo que os meus livros venderam mais de cem mil exemplares! Foram traduzidos em dezenas de línguas

diferentes! Sou tido em excelente conta. «Brilhante, de cortar a respiração e credível», segundo a *Gazeta Shuddersfield*. «Uma extraordinária e excelente façanha», segundo a Revista *Panzerstadt Coblens*. «As obras de Pennyroyal são uma lufada de ar fresco no maçador mundo da História prática», segundo o Semanário *Wantage Waffle*...

Uma lufada de ar fresco era o que Tom estava a precisar mas não das de Pennyroyal. Empurrou o autoritário historiador e desceu pelas escadas abaixo em direcção à rua. Não admirava que Pennyroyal tivesse ficado tão ansioso para que o *Jenny Haniver* ficasse pronto e tão enlouquecido quando Hester tinha zarpado. Toda aquela conversa sobre lugares verdejantes era mentira! Ele sabia perfeitamente que Freya Rasmussen estava a conduzir a sua metrópole para a morte!

Começou a correr em direcção ao Palácio de Inverno mas logo mudou de ideias. Freya não era a pessoa indicada para falar sobre isto. Ela tinha investido tudo nesta viagem. E se ele entrasse de rompante e lhe dissesse que Pennyroyal estava errado desde o princípio ela teria de engolir o seu orgulho e Freya tinha muito orgulho para engolir. Ou pior ainda, podia achar que era algum estratagema de Tom para a fazer dar a volta à metrópole para poder ir à procura de Hester.

— Mr. Scabious! — gritou. Scabious nunca tinha acreditado muito no Professor Pennyroyal e ia certamente ouvir Tom. Voltou-se e correu o mais depressa que conseguiu para as escadas. Quando passou pela Sala de Navegação, Pennyroyal inclinou-se na varanda para o ver e gritou-lhe:

— «Um Talento Surpreendente!», segundo o semanário *Wheel-Tapper*!

Lá em baixo, na quente e escura subdivisão de máquinas tudo matraqueava e retumbava com o ruído dos motores enquanto a

metrópole se encaminhava para o desastre. Tom perguntou aos primeiros homens que viu onde estava Scabious. Eles abanaram a cabeça tocando nos amuletos.

— Foi procurar o filho como costuma fazer todas as noites.

Tom continuou a correr por ruas silenciosas e oxidadas onde nada se movia. Ou quase nada. Quando passou por baixo de um dos candeeiros suspensos de árgon um rápido movimento na saída da conduta de ventilação desviou um pouco da luz reflectida na direcção do canto do seu olho. Parou, a respirar com dificuldade e com o coração a bater descompassadamente, os pêlos eriçados nos pulsos e na nuca. Tinha ficado tão furioso com Pennyroyal que até se tinha esquecido dos intrusos. E agora, todas as suas teorias acerca deles voltaram a inundar-lhe a mente. O ventilador estava agora com um ar vazio e inocente mas ele tinha a certeza de que algo tinha desembestado com ar culpado para as sombras mal ele tinha voltado o olhar. E ele tinha a certeza de que ainda ali estava, a observá-lo.

— Ai, Hester — sussurrou, subitamente ao sentir-se deveras assustado, desejando que ela ali estivesse para o ajudar. Certamente Hester saberia como lidar com aquilo, mas ele não, pelo menos não sozinho. Tentando imaginar o que ela faria, forçou-se a caminhar, um passo a seguir ao outro sem olhar para o ventilador até ter a certeza de que estava fora do alcance do que quer que ali estivesse escondido.

— Acho que ele nos viu — disse Caul.

— Nunca! — zombou Skewer.

Caul encolheu tristemente os ombros. Eles tinham passado a noite toda a seguir Tom com as câmaras à espera que ele fosse parar a algum sítio suficientemente sossegado para colocarem o

Screw Worm e levarem a cabo a misteriosa ordem do Tio. Nunca tinham visto um «Gamado» tão de perto e durante tanto tempo e por vezes quando o rosto de Tom surgia na câmara, Caul sentia-se incomodado.

— Vá lá Skew — pediu. — Devem ir aumentando, não? Os ruídos e a sensação de estarmos a ser observados. E ele já antes estava desconfiado...

— Eles nunca vêm! — respondeu Skewer com firmeza. A estranha mensagem do Tio tinha-o deixado nervoso assim como o facto de ter de seguir Tom o ter obrigado a admitir que Gargle era o melhor operador de câmara a bordo e ter sido obrigado a passar-lhe os comandos. Ele mantinha-se fiel à sua ideia de superioridade sobre os «Gamados» como se fosse a coisa mais certa do mundo. — Eles podem até olhar mas nunca nos vêm. Não são tão observadores como nós. Estão a ver o que lhes dizia? Ele foi-se embora. Estúpido «Gamado».

Não era um rato. Todos os ratos de Anchorage tinham morrido e além disso aquele tinha um ar mais mecânico. Enquanto se esgueirava de volta pelas sombras em direcção ao ventilador Tom conseguiu ver a luz a espreitar nos segmentos de metal. Era um objecto bolboso do tamanho de um pulso suportado por demasiadas pernas e uma única lente.

Pensou no misterioso rapaz que o tinha ido procurar na noite em que Hester tinha fugido e de como ele parecia saber de tudo o que se passava na doca aérea e no Palácio de Inverno. Quantas coisas daquelas haveria a correrem e a espiarem as condutas da metrópole? E porque estaria aquela a observá-lo?

— Onde é que ele está, Gargle? Descobre-o...

— Acho que se foi embora — respondeu Gargle andando com os comandos rapidamente para a frente e para trás.

— Cuidado! — avisou Caul, colocando a mão no ombro do rapaz.

— O Tom ainda anda por aí algures, tenho a certeza.

— Quê, agora também és médium? — perguntou Skewer.

Tom respirou fundo três vezes e lançou-se para o ventilador. Aquela coisa de metal arranhava ao tentar fugir pela conduta escura. Satisfeito por ter ainda as suas luvas do frio calçadas Tom agarrou nas frágeis pernas e puxou-as.

— Ele apanhou-nos!

— Recolhe! Recolhe!

Oito pernas de metal com imanes nas patas. Um corpo armado e rugoso com rebites. Aquela lente ciclope zunia cada vez que tentava voltar-se para o focar. Parecia de tal forma uma aranha gigante que Tom a deixou cair e afastou-se ficando a observá-la caída no convés de patas para o ar e a contorcê-las desesperadamente. De repente, o fino cabo que saía da parte de trás esticou-se, puxando-a com força para trás contra o ventilador. Tom precipitou-se na sua direcção mas foi demasiado lento. Aquela coisa com aspecto de aranha foi rapidamente puxada pela conduta e desapareceu deixando-o a ouvir o barulho que ia enfraquecendo à medida que ia sendo puxada para as profundezas da metrópole.

Tom começou a subir com o coração a bater muito depressa. De quem seria aquela coisa? Quem estaria interessado em espiar Anchorage? Pensou na história de Pennyroyal sobre as cidades-vampiras e de repente aquilo já não lhe parecia tão descabido.

Encostou-se à parede para descansar um pouco e depois recomeçou a correr.

— Mr. Scabious! — gritou, o eco corria à sua frente pelas ruas tubulares ou desaparecia para cima para a grande, gotejante, abaulada e assombrada abóbada — Mr. Scabious!

— Voltei a perdê-lo! Não, ali... na câmara doze... — Gargle passou violentamente de uma câmara para a outra. Ouvia-se a voz de Tom pelos altifalantes, metálica e a gritar:

— Mr. Scabious! Ele não é um fantasma! Já sei de onde veio!

— Acho que se encaminha para a galeria da popa.

— Temos de o apanhar rapidamente! — bramiu Skewer inspeccionando os cacifos à procura de uma arma e de uma rede. — Ele vai entregar-nos! O Tio vai matar-nos! E quando digo matar, é mesmo matar! Pelos Deuses como eu odeio estas coisas! Somos ladrões, não raptadores! Em que é que o Tio estaria a pensar? Nunca antes nos pediu para raptar «Gamados», muito menos adultos...

— O Tio é quem sabe — recordou-lhe Gargle.

— Cala-te mas é!

— Vou andando — respondeu Caul. A situação tinha-o deixado calmo. Ele sabia o que é que tinha de ser feito e sabia como o ia fazer.

— Não vais sem mim — gritou Skewer. — Não confio em ti ali sozinho, seu amigo de «Gamados»!

— Está bem — Caul já ia a meio caminho da escotilha. — Mas deixa-me falar com dele. Ele já me conhece, lembra-te?

— Mr. Scabious?

Tom irrompeu pela galeria da popa. Apesar de a lua já ter nascido estava ainda escondida por detrás da metrópole e a roda de tracção espelhava o seu reflexo nas placas do convés. O rapaz ficou parado à espera sob o brilho tremeluzente como um fantasma prateado.

— Tudo bem contigo, Tom? — perguntou. Parecia nervoso e ligeiramente tímido mas simpático como se fosse a coisa mais natural do mundo para eles encontrarem-se daquela maneira.

Tom engoliu o seu grito de surpresa.

— Quem és tu? — perguntou afastando-se. — Aquelas coisas... deveres ter centenas delas espalhadas pela metrópole toda a observarem tudo. Porquê? Quem és tu?

O rapaz levantou a mão num gesto de súplica pedindo a Tom para não se ir embora.

— Chamo-me Caul.

Tom sentiu a boca seca. Pedacos da estúpida história de Pennyroyal começavam a despertar na sua cabeça como um alarme. *Assassinam homens, a metrópole fica transformada numa concha vazia, numa casca, todos mortos...*

— Não te preocupes — disse Caul, sorrindo como se tivesse compreendido. — Somos apenas ladrões e agora vamos voltar para casa. Mas tu tens de voltar connosco. São ordens do Tio.

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Tom voltou-se para fugir mas uma rede de cota de malha fina caiu sobre ele vinda de cima de um canteiro e atirou-o para o chão. Ao mesmo tempo ouviu Caul gritar:

— Skew! Não!

E outra voz gritou:

— Axel?

Voltou-se e viu Scabious na outra ponta distante da galeria petrificado ao ver o rapaz de aspecto frágil e de cabelo alourado que tinha tomado como sendo o fantasma do seu filho. E no meio das sombras, vindo de cima, ouviu-se um disparo com uma súbita estocada de chama azul de uma espécie de arma de pressão que fez ricochete uivando como um cão magoado. Scabious praguejou e precipitou-se para o lado para se esconder enquanto um segundo rapaz mais alto que

Caul com um longo cabelo escuro escorrido pelo rosto saltou para baixo para a galeria da popa. Juntos, ele e Caul agarraram em Tom que continuava a debater-se com a rede. Começaram a correr empurrando o seu preso para a entrada de um beco às escuras.

Estava muito escuro e os andares palpitavam e trepidavam a um ritmo constante. As espessas condutas despontavam das placas do convés e subiam pelas sombras sobre as suas cabeças como árvores numa floresta de metal. Algures por trás via-se um fraco brilho do luar e a furiosa e magoada voz de Mr. Scabious a gritar:

— Jovens...! Voltem! Parem!

— Mr. Scabious! — gritou Tom enfiando a cara pela malha fria da rede. — São parasitas! Ladrões! Eles...

Os seus captores deixaram-no cair sem cuidado no convés. Ele rodou e viu-os a rastejarem por uma abertura entre duas condutas. Os longos braços de Caul agarraram uma parte da placa do convés que se levantou e se abriu. Era uma escotilha camuflada.

— Parem! — gritou Scabious já mais perto com a sombra a surgir por entre as condutas da popa. O amigo de Caul agarrou na arma de pressão e apertou novamente o gatilho acertando numa conduta que começou a jorrar um enorme géiser branco de vapor.

— Tom! — gritou Scabious. — Vou buscar ajuda!

— Mr. Scabious! — gritou Tom mas Scabious tinha-se ido embora. Tom conseguia ouvir a voz dele a gritar por ajuda numa das condutas do lado. A tampa da escotilha estava aberta e dela saía um vapor azulado. Caul e o outro estranho agarraram nele e lançaram-no através dela. Vislumbrou uma escada que descia para um quarto sombrio e iluminado por uma luz azul e a seguir deu por si a cair como se fosse um saco de carvão atirado para uma cave e aterrou com força no chão duro. Os seus captores desceram ruidosamente a escada e a escotilha por trás dela foi fechada com força.

Capítulo 22

O Screw Worm

Um porão com o tecto abaulado, atulhado de coisas roubadas e com a barriga já bem cheia. Havia bolbos azuis em gaiolas de arame e um certo cheiro a humidade, a bolor e a gente mal lavada.

Tom tentou sentar-se. Ao cair pelas escadas abaixo uma das mãos tinha-se desprendido da rede mas quando ele deu por isso já Caul lhe tinha agarrado nos braços por trás, antes que ele se conseguisse libertar por completo, e o amigo de Caul, o tal rapaz chamado Skewer, estava de cócoras à sua frente. Skewer tinha enfiado a arma de pressão no coldre mas tinha na mão uma faca de lâmina curta de metal baço com ponta de serrilha que, sob aquela luz, emitia reflexos azulados à medida que a pressionava contra a garganta de Tom.

— Não, por favor! — guinchou Tom, apesar de achar que os estranhos não se tinham dado a todo aquele trabalho de o raptar só para o matar. Mas a lâmina era fria e Skewer estava com uma expressão selvagem nos seus olhos cor de chumbo.

— Não faças isso, Skewer — disse Caul.

— É apenas para ele perceber — explicou Skewer deslizando suavemente a faca. — E não ter dúvidas do que lhe poderá acontecer caso se arme em esperto.

— Ele tem razão, Tom — respondeu Caul, ajudando Tom a sentar-se. — Tu não podes fugir, por isso mais vale nem tentares. E vais ficar muito desconfortável se tivermos de te fechar num contentor de carga... — tirou uma corda de um dos seus bolsos e atou os pulsos de Tom. — Isto é apenas até estarmos bem longe de Anchorage. Se te portares bem, depois desamarramos-te.

— Longe de Anchorage? — perguntou Tom observando os dedos de Caul a darem os complexos nós. — Para onde vão?

— Para casa — respondeu Caul. — O Tio quer falar contigo.

— Tio de quem?

A porta circular situada na antepara por trás de Caul girou de repente como o diafragma de uma câmara fotográfica. O quarto para além dela estava atravancado de equipamento com ar duvidoso e um terceiro rapaz, assustadoramente mais novo gritou:

— Skewer temos mesmo de IR!

Caul sorriu rapidamente para Tom e disse:

— Bem-vindo a bordo do *Screw Worm!* — e entrou a correr para aquela nova sala. Tom seguiu-o empurrado para a frente pela mão firme de Skewer. Aquela estranha casota iluminada por uma luz azul não era, como a princípio tinha pensado, nenhuma galeria subterrânea de Anchorage mas também era óbvio que não era uma das cidades-parasita de que o Professor Pennyroyal tinha falado. Era um veículo e esta era a sua sala de comando. Era uma cabina em forma de meia-lua com painéis de mostradores e alavancas a toda a volta e janelas bolbosas que davam para uma impetuosa escuridão. Nos seis ecrãs ovais que ficavam sobre os comandos viam-se imagens granuladas de Anchorage. As Esferas de Scabious, a galeria da popa, o Rasmussen Prospekt, e um dos corredores do Palácio de Inverno. No quinto ecrã, Freya Rasmussen dormia profundamente e, no sexto, Scabious liderava um grupo de trabalhadores da subdivisão das máquinas rumo à escotilha secreta.

— Eles vêm atrás de nós! — disse o mais novo dos ladrões com uma voz muito assustada.

— Está bem Gargle, está na hora de partirmos. — Caul dirigiu-se a um dos bancos de alavancas. Tinham um aspecto rústico tal como tudo o resto a bordo daquela nave mas pareciam funcionar

apesar de rangerem e chiarem à medida que os ia tirando dali para fora. Uma por uma, as imagens dos ecrãs foram-se dobrando e desaparecendo até se reduzirem apenas a pontos brancos. A cabina foi invadida por um sibilar mecânico provocado pelos cabos das câmaras que tinham infestado as condutas de ar e os canos de Anchorage como as gavinhas de uma erva daninha e que eram agora rapidamente puxadas. Tom imaginou as pessoas na metrópole a olharem para cima surpreendidas com o súbito aumento de barulho nas suas condutas térmicas. Na cabina, o barulho das bobinas transformou-se num guincho ensurdecedor que terminou numa série de batiques monótonos à medida que as câmaras eram puxadas para orifícios localizados na carcaça sobre a sua cabeça e tampas blindadas se fechavam sobre elas. Quando o eco da última tampa se extinguiu, ele ouviu outro barulho indistinto. Era Scabious e os trabalhadores da sua subdivisão de máquinas a baterem na escotilha camuflada com martelos e picaretas.

Caul e Skewer estavam sentados lado a lado aos comandos onde as suas mãos se moviam rápida e confiantemente sobre os painéis atulhados. Tom que tinha tido sempre o máximo dos cuidados com os instrumentos do *Jenny Haniver* estava chocado com o estado destes. Ferrugentos, gastos e sujos, as alavancas chiavam nas ranhuras, os mostradores estavam partidos e cada vez que um interruptor disparava saltavam faíscas azuis. Mas a cabina começou a tremer e a gemer, os ponteiros dos manómetros rachados tremeluziram e Tom percebeu que aquela treta afinal funcionava. Esta máquina, o que quer que ela fosse, estava prestes a levá-lo de Anchorage antes que Scabious e os outros conseguissem fazer alguma coisa por ele.

— Vamos descer! — gritou Skewer.

Ouviu-se um novo som não muito diferente do que o *Jenny Haniver* fazia quando os ganchos de atracação se desengatavam dos tanques do convés, seguido de uma terrível sensação de

queda, quando o *Screw Worm* se soltou do seu esconderijo por baixo da barriga de Anchorage. O estômago de Tom começou a dar voltas e ele segurou-se a um manipulo na antepara por trás de si. Seria um dirigível? Mas não voava, apenas caía e logo a seguir sentiu uma grande trepidação quando aterrou no gelo por baixo da metrópole. As enormes formas dos guindastes e suportes de patins passaram rapidamente pelas janelas meio camufladas por um jacto de lama cinzenta e, de repente, a metrópole desapareceu e Tom deu por ele a olhar para a imensidão aberta do glaciário iluminado pela lua.

Gargle verificou os instrumentos.

— Camada de gelo fino a cerca de seis milhas de leste para nordeste equidistante para oriente — guinchou.

Tom não tinha a menor ideia do tamanho ou forma do *Screw Worm* mas os vigias que estavam na plataforma superior já o conseguiam ver claramente à luz do luar pois ele já tinha saído de debaixo da metrópole desviando-se à tangente da roda de tracção. Era constituído por um corpo alto de aracnídeo metálico e o seu grosso casco era suportado por oito pernas hidráulicas em que cada uma delas terminava numa pata larga com um disco estriado. Dos escapes dos flancos saía fumo negro à medida que seguia para oriente seguindo as marcas feitas pelas lâminas de Anchorage.

— Um parasita! — gritou Scabious saindo a correr para uma plataforma de manutenção que ficava sobre a roda de tracção para o ver afastar-se. A raiva borbulhava dentro de si forçando os fechos e trincos com que ele tinha trancado os seus sentimentos desde que o seu filho tinha morrido a rebentarem. Um parasita nojento tinha-se colado à sua metrópole como um carrapato! Um miúdo-parasita ladrãozinho tinha-o enganado fazendo-o acreditar que o seu filho Axel tinha regressado!

— Nós vamos apanhá-los! — gritou para os seus subordinados. — Vamos ensiná-los a que não se rouba a Anchorage! Digam à Sala de Navegação para se preparar! Umiak, Kinvig e Kneaves, venham comigo!

Anchorage enterrou os lemes a estibordo e viraram. Durante uns momentos não se conseguia ver nada devido à cortina de neve que os lemes tinham provocado no ar. Mas depois surgiu novamente o parasita a cerca de uma milha de distância virando para nordeste. A metrópole aumentou a velocidade para prosseguir a perseguição enquanto os subordinados de Scabious esforçavam-se para manterem as mandíbulas abertas rangendo-as de forma a limparem o gelo que se ia formando nos lados dos dentes de metal. Os holofotes perscrutavam a neve aumentando a estranha sombra do parasita que seguia à sua frente. Cada vez mais perto até que as mandíbulas já estavam tão perto da popa daquela coisa que uma baforada de fumo dos seus escapes entrou pela entranha adentro.

— Outra vez! — gritou Scabious de pé na plataforma da pequena entranha da metrópole. — Desta vez ele é nosso!

Mas Windolene Pye deu uma espreitadela aos seus mapas e reparou que a metrópole se estava a aproximar rapidamente de um lugar marcado pelas equipas hidrográficas com cruces vermelhas. Um lugar navegável onde a água tinha invadido o gelo tornando-o fraco para aguentar o peso de uma metrópole. Mudou o telégrafo da subdivisão de máquinas para PARAR IMEDIATAMENTE e Anchorage travou os motores, mergulhou todas as âncoras e parou com tal violência que na plataforma superior algumas telhas negras dos telhados caíram e ainda deitou abaixo um terraço vazio de edifícios corroídos pela ferrugem.

A máquina parasita continuou com as suas longas pernas pelo gelo perigoso. Scabious ficou a observar pelas mandíbulas abertas

a vê-lo abrandar até parar.

— Ha! Obrigámo-lo a ir para o gelo fino! Não se atreverá a continuar! Agora é nosso! — correu pela entranha até à garagem onde as equipas hidrográficas guardavam os seus trenós e arrancou uma arma a um dos homens por quem passou. Alguém lhe facultou um trenó e ligou o motor e ele saltou lá para dentro e saiu desembestado pela rampa de saída enquanto uma porta de metal se abriu à sua frente. Já no gelo deu a volta às mandíbulas da metrópole e acelerou em direcção àquele aracnídeo encurralado com mais uma dúzia dos seus homens que entretanto o tinham seguido e gritavam atrás dele.

Tom espreitou através das janelas da «lapa» tentando proteger os olhos da luz dos holofotes de Anchorage. Conseguia até ouvir os abafados gritos dos seus salvadores, o barulho dos tiros das armas no ar e o rouco gaguejar dos motores dos trenós que seguiam na sua direcção através do gelo.

— Se me deixarem ir eu peço-lhes para não vos fazerem mal — prometeu — Scabious não é um mau homem. Ele tratá-los-á bem se devolverem as coisas que roubaram da sua subdivisão de máquinas. E tenho a certeza de que Freya não vos irá castigar.

O rapaz mais novo fez um ar de quem estava convencido olhando assustado de Tom para os trenós que se aproximavam. Mas Skewer limitou-se a dizer:

— Calado — e as mãos pálidas de Caul mantiveram-se nas consolas. O *Screw Worm* voltou a movimentar-se baixando o seu pesado corpo até que o casco pousou no gelo. Da barriga saíram umas lâminas de serrilha que rodavam e lançavam jactos de água a ferver que se espalhavam pelo gelo formando intensas nuvens de vapor. Com os movimentos desajeitados das suas pernas, o *Screw Worm* foi-se virando e cortando a toda a sua volta um buraco de

fuga. Quando terminou de fazer o círculo, as lâminas voltaram a encolher para o casco e a própria máquina foi-se enterrando por ali abaixo à medida que ia afastando o tampão de gelo para o lado e forçava o corpo a mergulhar na água que estava por baixo.

A algumas centenas de metros de distância, Scabious observava aquela cena. Conduzindo o trenó com os joelhos tirou as mãos dos comandos e disparou a arma mas a bala fez ricochete no casco blindado e saiu projectada pelo gelo como uma abelha perdida. As bolbosas janelas redondas mergulharam desaparecendo do campo de visão. Pequenas ondas marulharam atrás do *Screw Worm* chapinhando sobre os arpéus magnéticos de bordagem e as escotilhas dos guinchos das câmaras. As longas pernas dobraram-se uma por uma para dentro do buraco e desapareceram.

Scabious parou o trenó e atirou com a arma. A sua presa tinha escapado levando Tom e os rapazes-parasitas e ele não fazia a menor ideia de para onde se dirigiam nem de como os seguir. *Pobre Tom*, pensou pois apesar da sua resmunguice, ele tinha simpatizado com o jovem aviador. Pobre Tom. E pobre Axel que estava completamente morto e afinal o seu espírito não deambulava por Anchorage. *Ninguém volta do País sem Sol Mr. Scabious.*

Ficou satisfeito por estar a usar a sua máscara contra o frio pois impedia que os seus homens vissem as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto enquanto paravam os trenós ao lado do seu e corriam para espreitar o buraco por onde o parasita tinha fugido.

Embora já não tivessem nada para ver a não ser um enorme círculo de água com as ondas a baterem e a saltarem as bordas produzindo um som semelhante a aplausos.

Freya tinha sido acordada pelo balanço súbito da metrópole, pelo barulho das garrafas de champô e dos frascos de sais de banho a caírem das prateleiras onde ela os tinha deixado e a estilhaçarem-se no chão. Ligou várias vezes para Smew, mas como ele não aparecia acabou ela própria por aventurar-se a sair do Palácio de Inverno sozinha. Provavelmente era a primeira Margravine a fazê-lo desde o reinado de Dolly Rasmussen.

Na Sala de Navegação todos gritavam acerca de câmaras fantasmas e rapazes-parasitas. E só quando tudo terminou é que Freya percebeu que Tom tinha desaparecido.

Não queria que Windolene Pye e os seus subordinados a vissem a chorar por isso saiu a correr da ponte e desceu as escadas. Mr. Scabious vinha a subir e a pingar neve e água derretida à medida que ia tirando as luvas e a máscara contra o frio. Desde a peste que Freya não o via com um aspecto tão corado e vivo. Parecia que a descoberta do parasita tinha despertado algo nele. Quase lhe sorriu.

— Uma máquina espectacular, Vossa Resplandecência! Perfurou a camada de gelo por completo. Só pode ser obra dos diabos! Já tinha ouvido falar dos parasitas dos Glaciares Superiores, mas tenho de confessar que sempre pensei que não passassem de lendas. Deveria ter estado mais atento.

— Eles levaram o Tom — disse Freya baixinho.

— Sim. Lamento. Era um valente rapaz. Tentou avisar-me e eles apanharam-no e arrastaram-no para dentro daquela máquina.

— O que é que lhe irão fazer? — sussurrou Freya.

O Mestre de Máquinas olhou para ela, abanou a cabeça e tirou o chapéu em sinal de respeito. Ele não fazia ideia do que é que a tripulação de uma máquina-gelada-vampira-parasita-aracnídea

poderia querer com o jovem aviador mas imaginava que não fosse nada de bom.

— Não podemos fazer nada? — perguntou Freya tristemente
— Não podemos cavar, perfurar ou qualquer coisa parecida? E se esta coisa parasita volta a emergir? Deveríamos ficar aqui à espera...

Scabious abanou a cabeça.

— Já está muito longe, Vossa Resplandecência. Nós não podemos ficar aqui.

Freya sobressaltou-se como se ele a tivesse esbofeteado. Não estava habituada a que as suas ordens fossem postas em causa e continuou:

— Mas o Tom é nosso amigo! Não o posso abandonar!

— Ele é apenas um rapaz, Vossa Resplandecência. E Vós tendes toda uma metrópole em que pensar. Pelo que sabemos, Wolverinehampton continua no nosso encalço. Temos de prosseguir imediatamente.

Freya abanou a cabeça mas sabia que o seu mestre de máquinas estava certo. Ela não tinha voltado atrás por causa de Hester quando Tom lhe tinha pedido e por muito que quisesse não podia voltar atrás agora por causa de Tom. Se ao menos tivesse sido mais simpática para com ele nestas últimas semanas! Se ao menos as últimas palavras que lhe tinha dirigido não tivessem sido tão secas e frias!

— Venha, Margravine — disse Scabious suavemente estendendo a mão. Por momentos, Freya ficou a olhar para ela surpreendida mas depois esticou a sua e subiram juntos as escadas. A ponte estava muito silenciosa. Viraram-se todos para Freya quando ela entrou e algo naquele silêncio lhe disse que tinham estado a falar sobre ela mesmo antes de ter entrado.

Ela fungou, limpou os olhos à manga e disse:

— Menina Pye, por favor, faça-nos seguir viagem.

— Em que direcção, Vossa Resplandecência? — perguntou a Menina Pye.

— Para Ocidente — respondeu Freya. — Rumo à América.

— Ah, Clio! — choramingou Pennyroyal que enfiado a um canto passava despercebido. — Ah, Poskitt!

Os motores recomeçaram a aquecer. Freya sentia as vibrações a espalharem-se pelas vigas da Sala de Navegação. Empurrou Scabious e dirigiu-se para a ponte olhando sobre a popa da metrópole quando esta se começou a movimentar deixando para trás apenas os rabiscos das marcas dos trenós e um buraco perfeitamente circular já coberto por uma nova camada de gelo.

Capítulo 23

As Profundezas Ocultas

Passaram-se dias embora fosse difícil precisar exactamente quantos. A sombria luz azul a bordo do *Screw Worm* dava a sensação de que o tempo tinha parado às quinze e quarenta e cinco de uma tarde de Novembro.

Tom dormiu a um canto do porão sobre uma pilha de colchas e tapetes roubados às casas de Anchorage. Por vezes sonhava que andava de mão dada com alguém pelos corredores poeirentos do Palácio de Inverno e acordava sem saber se tinha sido com Hester ou com Freya. Seria mesmo possível que nunca mais voltasse a ver nenhuma delas?

Imaginava-se a fugir, a chegar à superfície e a ir à procura de Hester mas o *Screw Worm* navegava pelos luminosos desfiladeiros sob o gelo e não havia fuga possível. Imaginava-se a debater-se para chegar à cabina de comando e a enviar sinais a Anchorage avisando Freya das mentiras de Pennyroyal, mas mesmo que Tom conseguisse perceber qual daquelas máquinas ferrugentas era o rádio, certamente que os rapazes que o tinham raptado jamais o deixariam chegar perto dele.

Todos desconfiavam de Tom. Skewer era distante e hostil e sempre que Tom estava presente lançava-lhe olhares carrancudos fazendo ares de superioridade e falava muito pouco. Fazia-lhe lembrar Melliphant, o rufia que o provocava durante as aulas em Londres. Quanto a Gargle, que não devia ter mais de dez ou onze anos, ficava a olhar para Tom com os olhos muito esbugalhados quando Tom não percebia. Apenas Caul estava pronto para falar. Era estranho, meio simpático mas até ele parecia cauteloso e não estava com vontade de responder às perguntas de Tom.

— Vais perceber quando lá chegarmos — limitava-se a responder.

— Aonde?

— A casa. A nossa base. Onde o Tio vive.

— Mas quem é o vosso Tio?

— Ele não é meu tio. É apenas o Tio. É o líder dos Meninos Perdidos. Ninguém sabe o seu verdadeiro nome nem de onde veio. Contaram-me uma vez que ele tinha sido um homem muito importante que vivia a bordo de Breidhavig ou de Arkangel ou de outra metrópole qualquer e que tinha sido escorraçado não sei porquê e foi então que resolveu começar a roubar. É um génio. Inventou as «lapas» e as «camaracnídeas», descobriu-nos e construiu o Furtário para nos treinar.

— Descobriu-vos? Onde?

— Não sei — admitiu Caul. — Por todo o lado. Em metrópoles diferentes. As «lapas» raptavam as crianças que depois era treinadas como Meninos Perdidos para roubarem tudo aquilo de que o Tio precisasse. Eu era tão pequeno quando fui levado que não me lembro de nada da minha vida anterior. Nenhum de nós se lembra.

— Mas isso é horrível!

— Não é nada! — riu-se Caul que acabava de falar sempre a rir. Era engraçado e frustrante tentar explicar a vida que tinha tido desde sempre a um estranho. Como é que ele conseguiria explicar a Tom que o facto de ter sido levado para o Furtário tinha sido uma honra e que preferia ser um Menino Perdido a ser um chato «Gamado»? — Vais perceber quando lá chegarmos — prometeu. E como se sentia pouco à vontade pelo facto de ter de ir para casa e de dar explicações ao Tio mudou de assunto e perguntou. — Como é que a Freya é? Achas mesmo que Pennyroyal não sabe o caminho para a América?

— Ele sabe o caminho — respondeu Tom friamente. — Qualquer pessoa com metade do cérebro dele sabe o caminho para a América a partir dos velhos mapas. O problema é que acho que ele mentiu acerca do que os espera no final. Acho que os lugares verdejantes só existem na imaginação do Professor Pennyroyal — deixou pender a cabeça desejando ter arranjado forma de avisar Freya dos seus receios antes que os Meninos Perdidos o tivessem apanhado. Por esta altura, Anchorage já deveria ir tão adiantada no seu rumo que já não teria combustível suficiente para voltar para trás.

— Nunca se sabe — respondeu Caul esticando a mão para tocar no braço de Tom e depois tirando-a rapidamente como se tocar num «Gamado» o fosse queimar. — Ele afinal estava mais ou menos certo em relação aos parasitas.

Finalmente chegou o dia (ou talvez a noite) em que Tom foi acordado dos seus sonhos irrequietos por Caul a gritar.

— Tom! Chegámos! — Tom pôs-se de gatas e levantou-se do seu ninho de tecidos roubados para ir ver onde estavam, mas quando chegou aos comandos da cabina percebeu que o *Screw Worm* ainda estava submerso na água. Um som repetitivo saía de uma das máquinas. Skewer que estava concentrado a mexer nos instrumentos só teve tempo de dizer:

— É o sinal do Tio!

Seguiu-se uma viragem muito forte à medida que a «lapa» ajustava a sua rota. A escuridão que se via das janelas começava a desaparecer, mudando para um azul brilhante, e Tom percebeu que já não estava debaixo da camada de gelo mas sim em pleno mar e que a luz do sol penetrava através de uma superfície recortada a alguns metros da sua cabeça. Os sopés dos gigantescos icebergues passavam como se fossem montanhas de pernas para o ar. E na obscuridade mais adiante, outras sombras começaram a ganhar

forma. Guindastes e barrotes cobertos de musgo, a lâmina de uma hélice gigante incrustado de bernacas, um aeroplano inclinado e obstruído onde camadas de blocos ferrugentos apareciam no meio da lama e do lixo. O *Screw Worm* navegava sobre as ruas de uma imensa metrópole afundada como se fosse um dirigível a sobrevoar uma paisagem de planaltos e desfiladeiros.

— Bem-vindo a Grimsby — disse Skewer rumando em direcção à plataforma superior.

Tom já tinha ouvido falar de Grimsby. Toda a gente tinha ouvido falar de Grimsby. Um dos maiores e mais temíveis predadores do Atlântico Norte que, durante o Inverno de Ferro de há cerca de noventa anos, tinha sido afundado pelo gelo comprimido. Tom espreitou espantado pelas janelas da «lapa» para ver a paisagem. Viam-se cardumes de peixes que passavam por entre as casas abandonadas, os templos e os enormes edifícios da Sede que estavam infestados de musgo. E no meio de todos aqueles cinzentos, azuis e pretos, algo quente e dourado começou a brilhar. Gargle gritou de satisfação e Skewer sorriu afrouxando as alavancas de navegação do *Worm* levando-o para a borda da plataforma mais alta da cidade.

Tom ficou surpreso. Mais à frente viam-se luzes nas janelas da Câmara Municipal e as pessoas moviam-se de um lado para o outro, tornando aquele edifício submerso confortável e habitável como uma casa bem iluminada em plena noite de Inverno.

— O que é aquilo? — perguntou Tom. — O que eu quero dizer é, como...?

— É o nosso lar — respondeu Caul. Tinha estado até então calado e preocupado com o tipo de recepção que o aguardava mas sentiu-se orgulhoso por Grimsby ter impressionado Tom que já tinha visto tantas metrópoles estranhas.

— Foi o Tio que a construiu! — disse Gargle.

O *Screw Worm* deslizou através de um armazém da Câmara, coberto de água, seguindo pelos canais tubulares onde ficou à espera que umas portas automáticas se abrissem à frente e fechassem atrás. Este sistema de portas hidráulicas e de câmaras de descompressão serviam para manter o resto do edifício seco mas Tom não compreendia e foi uma surpresa e um enorme alívio quando a «lapa» chegou à superfície e atracou num tanque por baixo de um enorme telhado abaulado.

O barulho dos motores parou mas lá de fora começaram a ouvir-se uns sons metálicos e uns ruídos surdos à medida que os braços de atracação se encaixavam içando o *Screw Worm* para fora da água. Uma das escotilhas do tecto da cabina abriu-se com um suspiro. Caul agarrou numa escada e prendeu-a à abertura.

— Sai tu primeiro — disse a Tom e Tom saiu pela parte de trás da «lapa» e ficou ali à espera, a respirar aquele ar frio que cheirava a amoníaco enquanto olhava à volta.

A «lapa» tinha emergido de um enorme buraco circular no chão de uma gigantesca divisão que fazia eco e que em tempos poderia muito bem ter sido a sala principal do conselho (no tecto via-se o espírito do *Darwinismo Municipal*, uma mulher jovem e robusta com asas, que mostrava aos patronos das metrópoles um futuro próspero). Dúzias de entradas semelhantes pontuavam o extenso chão, cada uma delas suspensa por um complicado guindaste de atracagem. Vários tinham «lapas» penduradas e Tom ficou assustado ao ver a forma como os navios estavam deteriorados e como se tivessem sido remendados com bocados de tudo o que aparecesse. Era óbvio que alguns estavam a ser reparados, mas quem tinha estado a trabalhar neles (jovens e adolescentes pouco mais velhos que Caul ou Skewer) tinham deixado os seus postos e dirigia-se para o *Screw Worm*. E todos eles observavam Tom.

Tom recuou sentindo-se confortado por Caul ter subido e estar ao lado dele. Mesmo nas metrópoles mais violentas que o *Jenny Haniver* tinha visitado, Tom nunca tinha visto um bando de olhares tão hostis como estes. Rapazes da sua idade, estranhos jovens com expressões frias, rapazes mais novos que Gargle, e todos eles olhavam Tom com uma expressão entre o ódio e o medo. Tinham quase todos a cabeça rapada e os poucos mais velhos com idade para fazerem a barba, não se tinham dado a esse trabalho. As suas roupas eram uma miscelânea de tamanhos muito grandes e muito pequenos. Bocados de uniformes, xales e chapéus de senhora, fatos de mergulho e capacetes de aviadores, abafadores de chá e coadores transformados em chapéus. Parecia que tinham sido polvilhados pelos restos de uma explosão de roupas em segunda mão.

Ouviu-se um barulho vindo de cima, seguido de um intenso guincho de repercussão. Todos os rostos se voltaram. Os altifalantes aflautados presos aos guindastes de atracação começaram a vomitar estática e uma voz que parecia vir de todo o lado disse:

— Tragam o «Gamado» aos meus aposentos, meus meninos. Falarei imediatamente com ele.

Capítulo 24

O Tio

Grimsby não era exactamente o que Tom esperava de um covil subaquático de um mestre do crime. Era demasiado frio e cheirava muito a mofo e a couves cozidas. O edifício recuperado que parecia tão mágico visto do lado de fora era afinal de tal forma pequeno e atravancado com os despojos de anos de roubos que mais parecia um ferro-velho. O espólio de tapeçarias roubadas cobria os corredores e os ricos desenhos bordados misturavam-se com novos padrões de bolor. Ao passar pelas portas abertas dos quartos e das oficinas, Tom deu uma espreitadela e viu pilhas de roupas empilhadas em prateleiras e cubículos, livros e documentos de morenas a desfazerem-se, enfeites e jóias, armas e ferramentas, manequins de lojas requintadas com ar arrogante, ecrãs de observação e volantes, baterias e lâmpadas, peças grandes e oleosas máquinas arrancadas das barrigas das metrópoles.

E por todo o lado se viam as «camaracnídeas». Os tectos estavam repletos daquelas pequenas máquinas e os cantos escuros brilhavam com as suas pernilongas. Sem qualquer motivo para se esconderem, agachavam-se em pilhas de loiças ou rastejavam sobre as capas das caixas de livros, corriam sobre as tapeçarias e balançavam-se nos pesados e perigosos cabos de electricidade que infestavam as paredes. Os seus olhos de ciclopes brilhavam e zumbiam seguindo Tom à medida que Caul e Skewer o levavam por escadarias intermináveis até aos aposentos do Tio. Viver em Grimsby significava viver para sempre sob o olhar do Tio.

E era óbvio que o Tio os aguardava. Levantou-se da sua cadeira quando eles entraram na sala e aproximou-se deles passando pela luz de milhares de ecrãs de vigilância. Era um homem baixo, magro e pálido, talvez por viver há demasiado tempo

sem ver a luz do sol. Na ponta do nariz tinha encavalitados uns óculos em forma de meia-lua. Usava luvas sem dedos, um chapéu pentagonal, uma túnica bordada que deveria ter pertencido a algum general ou a algum porteiro de elevador, um vestido de seda comprido cuja bainha ia deixando marcas no chão empoeirado, calças de nanquim e chinelos de peluche com cabeças de coelho. Madeixas de cabelo branco e ralo escorriam pelos seus ombros e dos seus bolsos espreitavam livros que os seus meninos tinham roubado ao acaso das prateleiras de dezenas de bibliotecas. E tinha migalhas presas à penugem cinzenta do queixo.

— Caul, meu caro! — murmurou. — Obrigado por teres obedecido tão prontamente ao teu velho Tio e teres-me trazido tão rapidamente o «Gamado». Presumo que não lhe tenha acontecido nada de mal, pois não? Não lhe fizeram mal?

Caul lembrando-se da forma como se tinha comportado em Anchorage e dos relatórios que Skewer tinha enviado para o Tio sobre ele ficou demasiado assustado para responder. Skewer respondeu de forma áspera:

— Vivinho da silva, Tio, tal como o senhor ordenou.

— Excelente, excelente — ronronou o Tio. — E Skewer... Meu pequeno Skewer, presumo que também devas ter andado muito ocupado.

Skewer acenou com a cabeça, mas antes que pudesse responder, o Tio deu-lhe uma chicotada com tanta força que Skewer tropeçou para trás e caiu dando um grito infantil de dor e surpresa. O Tio deu-lhe vários pontapés por se ter portado mal. Os seus chinelos com bem-dispostas cabeças de coelho tinham a biqueira em aço.

— Quem é que tu pensas que és? — gritou. — A assumires a posição de capitão sem a minha autorização? Sabes o que acontece aos rapazes que me desobedecem, não sabes?

Lembraste do que é que eu fiz ao pequeno Sonar em relação ao «Remora» quando ele resolveu fazer uma brincadeira como a tua?

— Sim, Tio — fungou Skewer. — Mas a culpa não foi minha, Tio. O Caul falou com um «Gamado»! Pensei que as regras...

— O Caul infringiu um pouco as regras — continuou o Tio num tom bondoso e deu outro pontapé a Skewer. — Sou um homem sensato. Não me importo que os meus meninos usem a sua iniciativa própria. Não era propriamente um «Gamado» velho a quem o jovem Caul se revelou, pois não? Era o nosso amigo Tom.

E entretanto, tinha-se acercado lentamente de Tom esticando de repente a mão pegajosa e agarrando no queixo dele voltando-o para a luz.

— Não o vou ajudar — disse Tom. — Se está a pensar em atacar Anchorage, eu não o vou ajudar.

O tom do riso do Tio era demasiado agudo.

— Atacar Anchorage? Mas esse não é meu plano, Tom. Os meus meninos são ladrões, não são guerreiros. São ladrões e observadores. Eles observam. Ouvem. Envia-me relatórios sobre o que se passa a bordo das metrópoles, o que se diz. Sim. É assim que mantenho os meus meninos a pilharem e a observarem. É por isso que nunca fui descoberto. Recebo vários relatórios que junto, comparo e contrasto, depois faço umas anotações e somo dois mais dois. Procuro nomes que recolho em sítios estranhos. Tais como Hester Shaw. E Thomas Natsworthy.

— Hester? — perguntou Tom chegando-se mais à frente, mas foi reprimido por Caul. — O que é que ouviu sobre Hester?

No meio das sombras por trás do Tio, dois guardas assustados com o súbito movimento de Tom desembainharam as suas espadas. O Tio fez-lhes sinal para se afastarem.

— Quer dizer que os relatórios do Caul estavam correctos? — perguntou ele. — És o querido da Hester Shaw? O seu amante? — A sua voz adquiriu uma tonalidade desagradável e lisonjeadora e Tom sentiu-se corar enquanto acenava com a cabeça. O Tio observou-o durante uns momentos e depois riu-se de forma abafada. — Foi o dirigível que primeiro me despertou a atenção e tomei nota. O *Jenny Haniver*. Ora aí está um nome que reconheço. É o dirigível daquela bruxa da Anna Fang, não é?

— A Anna era nossa amiga — respondeu Tom.

— Amiga?

— Ela morreu.

— Eu sei.

— Nós herdámos mais ou menos o *Jenny*.

— Herdaram? — o Tio lançou uma longa gargalhada dissimulada. — Ah, gostei dessa, Tom! Herdaram! Como vês tenho imensas coisas aqui em baixo que eu e os meus meninos *herdámos*. Só gostava de te ter apanhado há uns dez anos atrás e teria feito de ti um Menino Perdido — riu-se novamente e voltou a sentar-se na cadeira.

Tom olhou para Caul, depois para Skewer que já estava de novo em pé com o rosto marcado pela mão vermelha do Tio. *Porque será que eles o aturam?* Pensou Tom. *Se são todos mais jovens e mais fortes que ele porque será que fazem o que ele quer?* Mas a resposta tremeluzia nas paredes à sua volta em ecrãs de observação roubados, de várias dimensões e formatos onde se viam imagens azuis da vida em Grimsby que se moviam e desapareciam. E dos altifalantes ouviam-se as conversas cheias de interferências. Quem se atrevia a desafiar o poder do Tio quando ele sabia tudo o que eles diziam e faziam?

— Mencionou algo sobre Hester — recordou Tom ao velho tentando ser educado.

— Informação Tom — respondeu o Tio ignorando-o. As imagens de vigilância dançavam nas lentes dos seus óculos. — Informação. É a chave de tudo. Os relatórios que os meus ladrões me enviaram encaixam todos como os dentes de uma serra. Provavelmente sei mais do que qualquer outro homem acerca do que se passa no Norte. E presto atenção a pequenos detalhes. A mudanças. Mudanças que podem ser perigosas.

— E Hester? — perguntou novamente Tom. — Sabe alguma coisa acerca dela?

— Por exemplo — respondeu o Tio. — Existe uma ilha chamada Rogues' Roost não muito longe daqui que costumava ser o covil de Red Loki e dos seus piratas do ar. Não era má pessoa o Red Loki. Nunca nos chateou. Ele e eu ocupávamos diferentes plataformas da cadeia alimentar. Mas já cá não está. Foi banido. Assassinado. E agora Rogues' Roost alberga um grupo de Antitraccionistas. Apelidam-se de Green Storm. Uma facção firme e intransigente. Terroristas, conflituosos. Já ouviste falar na Green Storm, Tom Natsworthy?

Tom que continuava a pensar em Hester e numa forma de obter respostas. Lembrava-se de Pennyroyal ter gritado qualquer coisa sobre a Green Storm durante a perseguição sobre as Tannhäusers mas entretanto tanta coisa tinha acontecido que ele já nem se lembrava do que tinha sido dito.

— Nem por isso — respondeu.

— Bem, mas eles ouviram falar de ti — continuou o Tio inclinando-se na sua cadeira. — Por que outra razão teriam eles contratado um espião para controlar o vosso dirigível? E por que razão seria a tua amiguinha hóspede deles?

— Hester está com eles? — perguntou subitamente Tom. — Tem a certeza?

— Foi o que eu disse não foi? — o Tio voltou a levantar-se de um salto, esfregando as mãos e estalando as articulações dos dedos enquanto se acercava de Tom. — Apesar de que «hóspede» não é bem o termo mais apropriado para o caso. Ela não está propriamente confortável e feliz. Está só, presa numa cela e a ser levada sabe-se lá por quem para ser interrogada e torturada...

— Mas como é que ela foi lá parar? Porquê? O que é que querem dela? — Tom ficou perturbado sem perceber se o Tio estava a dizer a verdade ou a gozar com ele. Ele só conseguia pensar em Hester presa e a sofrer. — Eu não posso ficar aqui! — exclamou. — Tenho de ir a esse tal Roost e tentar ajudá-la...

O Tio voltou a sorrir.

— Mas é claro que sim, meu caro rapaz. Foi por isso mesmo que te trouxe até aqui, não foi? Tu e eu temos interesses em comum. Tu vais salvar a tua amiguinha do Roost. E eu e os meus meninos vamos ajudar-te.

— Porquê? — perguntou Tom. Como Hester costumava dizer, ele confiava demasiado nas pessoas, mas não era assim tão ingénuo a ponto de confiar no Tio. — Por que motivo haveria de me ajudar a mim e à Hester? O que é que ganha com isso?

— Boa pergunta! — respondeu o Tio sorrindo entredentes esfregando as mãos e a estalando as articulações como se fossem um fio de estalinhos. — Anda, vamos comer. O jantar está servido na Sala dos Mapas. Caul, meu rapaz, acompanha-nos. Skewer, desaparece da minha frente.

Skewer saiu furtivamente como um cão com a cauda entre as pernas e o Tio mandou os outros saírem da sala dos ecrãs por uma porta nas traseiras e subirem umas escadas geminadas em

direcção a uma sala cheia de prateleiras de madeira de cima a baixo. Mapas enrolados e dobrados tinham sido enfiados à força em todas as frestas possíveis e rapazes com olhares tristes e macilentos (ladrões falhados que tinham sido retirados dos seus trabalhos nas «lapas») escalavam as diferentes prateleiras localizando as cartas e os mapas das ruas que o Tio ia precisando para preparar novos assaltos e arrumando o material que já tinha sido utilizado. *É aqui que o desgraçado do Gargle vira parar*, pensou Caul pois sabia que depois dos relatórios que ele tinha enviado de Anchorage, o Tio jamais voltaria a enviar o rapaz noutra missão. Por momentos sentiu-se triste ao imaginar como seria o resto da vida de Gargle, passado no ninho da águia enfiado no meio destas montanhas de pergaminhos ou a brincar com as câmaras de espionagem do Tio.

O Tio sentou-se à cabeceira da mesa, ligando uma pequena câmara portátil ao lado do prato para poder manter os seus meninos debaixo de olho.

— Sentem-se! — ordenou apontando generosamente para a comida que estava em cima da mesa e para as cadeiras vazias. — Comam! Comam!

A única coisa que havia para comer em Grimsby era o que os Meninos Perdidos roubavam e eles roubavam apenas aquilo que rapazes que não tinham quem os reprimisse sobre o que podiam ou não comer, roubariam. Ou seja, biscoitos açucarados, chocolate rasca a saber a sabão, sanduíches de *bacon* a escorrer gordura, fatias finas de pão de algas besuntado com uma camada gordurosa, copos coloridos e brilhantes com um vinho de muito mau aspecto que mais parecia combustível de dirigíveis. E a única coisa com ar saudável era uma terrina com espinafres cozidos colocada no meio da mesa.

— Certifico-me sempre que os rapazes trazem um pouco de verduras — explicou o Tio servindo-se. — Ajuda a combater o escorbuto — e despejou-os no prato de Tom como se fosse qualquer coisa dragada de um colector entupido. — E por que é que achas que te estou a ajudar, perguntas tu? — continuou o Tio comendo rapidamente enquanto falava e olhava constantemente para o seu ecrã de observação. — Bem Tom, o que se passa é o seguinte, não é assim tão fácil espiar um local como Rogues' Roost como seria se fosse uma metrópole. Já lá tivemos um posto de escuta colocado durante meses e continuamos sem saber o que é que a Green Storm está a tramar. São autênticos coelhos. Nem uma «camarachnídea» lá conseguimos enfiar quanto mais mandar para lá algum dos meus meninos, pois teriam nove em cada dez hipóteses de serem apanhados pelos sentinelas. Por isso pensei em enviar-te antes a ti. Sempre tens hipótese de salvar Hester e de descobrir algo mais sobre Roost.

Tom ficou a olhar a para ele.

— Mas os seus meninos são ladrões profissionais! Se não conseguem lá entrar sem serem apanhados por que razão acha que eu consigo?

O Tio riu-se.

— Se fosses apanhado, não haveria qualquer problema. Pelo menos para mim. Só de te ver entrar ficaria a saber muito mais sobre a segurança deles e se te interrogassem não poderias delatar nenhum dos meus segredos. Não sabes a localização de Grimsby. Não sabes quantas «lapas» temos. E eles provavelmente não iriam acreditar em ti. Daria a sensação que estavas a trabalhar por conta própria, por amor àquela rapariga. Que romântico!

— Até parece que está à espera que me apanhem! — disse Tom.

— Não propriamente à espera — protestou o Tio. — Mas temos de estar preparados para qualquer eventualidade, Tom. Com um pouco de sorte e a ajuda dos meus meninos, vais conseguir entrar, salvar a tua amiga, sair e daqui a alguns dias estaremos todos aqui sentados a ouvir Hester a explicar o que se passa com a Green Storm para andar com tantos secretismos e a preparar-se militarmente mesmo à minha frente.

Enfiou uma mancheia de pipocas na boca e voltou-se novamente para o ecrã, passando calmamente de canal em canal. Caul olhou infeliz para o prato, chocado com o que o Tio estava a sugerir. Parecia que ele queria usar Tom como uma «camaracnídea» dispensável de duas pernas...

— Eu não vou! — exclamou Tom.

— Mas Tom! — exclamou o Tio olhando para cima.

— Como é que posso ir? Eu quero ajudar a Hester mas isso seria uma loucura! Esse tal de Rogues' Roost parece ser uma fortaleza! Eu sou um historiador não um comando!

— Mas tens de ir — disse o Tio. — É a Hester que lá está. Eu li os tristes relatórios do Caul e do Skewer sobre ti. A forma como a amas. Como te tens torturado desde que ela se foi embora. Pensa como irá ser pior se não a tentares salvar agora que tens essa oportunidade. *Ela* deve provavelmente estar a ser torturada. Nem quero pensar nas coisas que a Green Storm lhe deve estar a fazer. Eles acusam-na de ter assassinado a Anna Fang, sabias?

— Mas não está certo! Isso é ridículo!

— Talvez o seja. Talvez seja isso mesmo que Hester esteja a dizer aos interrogadores da Green Storm. Mas não me parece que acreditem nela. E mesmo que eventualmente decidam que ela está inocente, não me parece que a deixem sair com um simples pedido de desculpas, não achas? Dão-lhe um tiro na cabeça e atiram-na do

penhasco abaixo. Já imaginaste, Tom? Bom. Acostuma-te. Se não a tentares ajudar vai ser essa a imagem com que vais ficar para o resto da tua vida, sempre que fechares os olhos.

Tom empurrou a cadeira e afastou-se da mesa. Queria encontrar uma janela para poder ter outra coisa para onde olhar sem ser o rosto irónico do Tio mas não havia janelas na Sala dos Mapas e nada para onde olhar a não ser a água gelada e os telhados de uma cidade afogada.

Havia um enorme mapa pendurado num quadro perto da porta mostrando Rogues' Roost, com as trincheiras e cumes do fundo do mar que o circundavam. Tom olhou para aquilo tentando imaginar onde estaria Hester e o que lhe estaria a acontecer no meio daqueles pequenos quadrados de edifícios marcados a azul no cume da ilha. Fechou os olhos mas tal como o Tio tinha prometido, lá ela estava por detrás das suas pálpebras à sua espera no meio da escuridão.

A culpa era toda dele. Se não tivesse beijado Freya, Het nunca teria zarpado daquela forma, nem tinha sido capturada pelos agentes da Green Storm. Freya também estava em perigo mas ela estava muito longe e não havia nada que ele pudesse fazer para a ajudar a ela ou à sua metrópole. No entanto, poderia ajudar Hester. Ele tinha uma hipótese em vez de ajudar Hester.

Acalmou-se o mais que pôde tentando manter a sua voz calma e destemida quando voltou para junto do Tio.

— Está bem — disse ele — Eu vou.

— Excelente! — riu o Tio à socapa, aplaudindo com as suas luvas sem dedos — Eu sabia que irias! Caul levar-te-á ao Roost no seu *Screw Worm* logo de manhã.

E Caul olhou sentindo-se arrastado para duas direcções ao mesmo tempo por ondas de emoção súbitas como nunca antes

tinha sentido. Por um lado, receava por Tom, claro, mas por outro, sentia-se feliz pois tinha estado extremamente receoso que o Tio o punisse pelo que ele tinha feito na metrópole de Freya. Felizmente aqui estava ele de novo a comandar o *Screw Worm*. Levantou-se e dirigiu-se a Tom que estava encostado às costas da cadeira a olhar para as mãos com um ar trémulo e maldisposto.

— Vai correr tudo bem — prometeu. — Não irás sozinho. Agora estás com os Meninos Perdidos. Nós vamos meter-te lá dentro e tirar-te de lá com a Hester e vai correr tudo bem.

O Tio passou rapidamente pelos canais do ecrã de observação pois nunca sabia que diabruras os seus meninos poderiam andar a fazer se não os controlasse o tempo todo. Em seguida lançou um olhar fulminante a Tom e Caul e encheu novamente os copos com mais vinho para lavar o monte de meias verdades e categóricas mentiras com que os tinha alimentado.

Capítulo 25

A Câmara Do Dr. Popjoy

Para Hester o tempo passava devagar. Em Rogues' Roost não havia muita diferença entre o dia e a noite a não ser em determinadas alturas em que a janela quadrada e alta da cela mudava de escuro para cinzento. Uma das vezes, a lua quase cheia veio espreitá-la e foi quando ela percebeu que tinha passado mais de um mês desde que tinha deixado Tom.

Sentava-se a um canto, comia quando os guardas lhe empurravam a comida através de uma abertura na porta, sentava-se de cócoras sobre um balde de metal sempre que a natureza chamava. Traçava as rotas de Anchorage e Arkangel o melhor que podia no bolor das paredes tentando calcular onde e quando é que a grande metrópole predadora apanharia a sua presa. E a maior parte do tempo só pensava no facto de ser filha de Valentine.

Havia dias em que lhe apetecia tê-lo morto quando tinha tido hipótese e outras em que desejava que ele ainda estivesse vivo pois tinha muitas perguntas para lhe fazer. Teria ele amado a sua mãe? Teria sabido quem Hester era? Porque se teria ele preocupado tanto com Katherine e não tinha querido saber da sua outra filha?

Por vezes a porta abria-se de rompante e os soldados entravam e levavam-na para a Câmara das Memórias onde Sathya aguardava com Popjoy e aquela coisa que em tempos tinha sido Anna Fang. Uma enorme e feia fotografia do rosto de Hester tinha sido adicionada aos outros retratos que estavam pendurados nas paredes do ambiente mnemónico, mas Sathya continuava a achar que a presença física de Hester ajudava enquanto ela repetia as histórias de Anna Fang ao impassível Caçador. A raiva que sentia por Hester parecia ter amainado como se uma parte dela tivesse

percebido que aquela assustada e subnutrida rapariga não era propriamente a assassina impiedosa que ela imaginava. E Hester por seu lado começava a compreender um pouco mais Sathya e o porquê de ela estar tão determinada a ressuscitar a aviadora.

Sathya tinha nascido numa zona desértica, algures na destruída metrópole a sul da Índia num acampamento de cavernas, escavadas nas paredes de um antigo trilho de lagartas com portas feitas de panos. Na estação seca o seu povo tinha de se desenraizar durante uns meses para evitar ficarem esmagados pela passagem de alguma metrópole que como Chidanagaram, Gutak ou Juggernautpur passavam por ali. Quando se deram as grandes chuvas, o mundo derreteu-se em lama por baixo dos seus pés descalços e todos começaram a falar do dia em que se mudariam para uma colónia estática nas terras altas. Mas à medida que Sathya ia ficando mais velha, começou a perceber que aquela viagem jamais seria feita. A simples sobrevivência tomava-lhes todo o tempo e energia.

E foi então que apareceu aquele dirigível. Era um dirigível vermelho conduzido por uma alta, simpática e bela aviadora que aterrou para fazer umas reparações a caminho do norte vinda de uma missão na ilha de Palau Pinang. As crianças do acampamento rodearam-na fascinadas ouvindo ansiosas as histórias do seu trabalho para a Liga Antitracção. Anna Fang tinha afundado uma cidade flutuante que ameaçava atacar as Cem Ilhas. Tinha travado batalhas com os dirigíveis de reconhecimento de Paris e de Cittàmotore e tinha colocado bombas na sala de máquinas de outras metrópoles esfomeadas.

Sathya que estava timidamente encostada e mais afastada da multidão, percebeu pela primeira vez que não precisava de viver para o resto da sua vida como um bicho. Podia lutar.

Uma semana depois a meio caminho da capital da Liga em Tienjing, a Menina Fang ouviu uns barulhos no *Jenny Haniver* e quando foi investigar encontrou Sathya escondida no meio da carga. Ficou com pena da rapariga e resolveu pagar-lhe o treino para aviadora da Liga. Sathya trabalhou arduamente, aprendeu rapidamente e logo se tornou numa tenente-coronel da Frota Aérea do Norte. Todos os meses enviava três quartos do seu ordenado para o Sul para ajudar a família mas raramente pensava neles. A sua família tinha passado a ser a Liga e Anna Fang era a sua mãe, irmã e a sua sábia e gentil amiga.

E como é que ela tinha retribuído toda aquela gentileza? Escalando as cavernas geladas de Zhan Shan onde a Liga sepultava os seus importantes guerreiros com um esquadrão de activistas da Green Storm e roubado o corpo congelado de Anna Fang. Trazendo-a posteriormente para Rogues' Roost onde deixou que Popjoy fizesse aquele horrível trabalho alquímico com ela. Apesar de tudo, Hester sentia cada vez mais pena daquela pobre rapariga enquanto a observava a tentar arrancar as memórias do Caçador.

— Eu não sou Anna Fang — insistia aquela coisa em dizer no seu tom de voz metálico e agressivo.

Por vezes ficava de tal forma furioso que elas tinham de sair. Um das vezes, não houve sessões durante vários dias e mais tarde Hester veio a saber que aquilo tinha morto um guarda e tentado evadir-se da Câmara.

Nos dias bons em que a criatura parecia mais obediente, iam todos juntos através de uma passagem blindada que saía da Câmara das Memórias até ao hangar de carga mais próximo, onde estava ancorado o *Jenny Haniver*. Nos estreitos confins da barquinha, Hester era obrigada a reconstituir tudo o que se lembrava das suas curtas viagens com a aviadora e Sathya voltava

a contar a velha história de como Anna tinha construído aquele dirigível roubando peça por peça do depósito de salvados de Arkangel onde ela tinha sido feita escrava, juntando secretamente as peças do *Jenny* debaixo do nariz do bruto mestre.

O Caçador olhava para ela com aqueles olhos verdes frios e sussurrava:

— Eu não sou Anna Fang. Estamos a perder tempo. Construíste-me para liderar a Green Storm e não para perecer aqui. Quero destruir metrópoles.

Uma das noites, Sathya apareceu sozinha na cela. A expressão trémula, absorta e assustada do seu rosto era mais impressionante que nunca e estava com olheiras muito escuras. Tinha roído as unhas até ao sabugo. Uma estranha ideia passou pela cabeça de Hester quando ela a foi visitar: *Encarcerou-se na sua própria prisão.*

— Anda — foi tudo o que Sathya disse.

Levou Hester por túneis escuros como breu para um laboratório onde prateleiras de tubos de ensaio as recebiam com sorrisos desanimados. O Dr. Popjoy estava debruçado sobre a sua bancada com a careca a reluzir sob a luz do candeeiro de árgon enquanto analisava uma delicada peça de maquinaria. Sathya teve de o chamar várias vezes antes de ele se pôr a resmungar, fazer alguns ajustes finais e largar o seu trabalho.

— Doutor, quero que a Hester veja tudo — disse Sathya.

Os olhos vermelhos e húmidos de Popjoy pestanejaram focando Hester.

— Tem a certeza de que é acertado? Se alguém sabe... Mas suponho que a Menina Shaw não vá sair daqui com vida, pois não?

Pelo menos não de forma convencional! — e fez uns sons de fungadelas que poderiam ter soado a risos. Depois convidou as suas visitas a segui-lo. Quando Hester seguia atrás de Sathya pelo meio das bancadas, é que percebeu que aquilo em que ele estava a trabalhar era o cérebro de um Caçador.

— É uma impressionante peça de maquinaria não é minha querida? — comentou Popjoy orgulhoso. — É claro que precisa de um corpo para infestar. Aqui deitado não passa de um brinquedo inteligente mas espera só até eu o espetar num pau! Uma pitada de químicos e um pouquinho de electricidade e já está!

E começou a dançar pelo laboratório passando por prateleiras com réplicas em vidro, carne viva conservada em frascos e uma enorme pilha de peças de Caçadores. Numa estante em forma de T estava um enorme pássaro morto num poleiro a olhar para as visitantes com os olhos verdes a brilhar. Quando Popjoy estendeu a mão, ele esticou as asas esfarrapadas e abriu o bico.

— Como podes ver — disse o Engenheiro, afagando-o. — Não me limito a ressuscitar seres humanos. Protótipos de Pássaros-caçadores já patrulham os céus do Complexo e estou a considerar outras hipóteses como gatos-caçadores e talvez até umas baleias-caçadoras que poderiam transportar explosivos por baixo de uma metrópole flutuante. Entretanto tenho estado a fazer grandes progressos no campo da ressurreição humana...

Hester olhou para Sathya mas ela não retribuiu o olhar limitando-se apenas a seguir Popjoy em direcção à porta na outra ponta da sala. Estava equipada com um fecho magnético igual ao da porta da Câmara das Memórias. O Engenheiro passou os compridos dedos pelas teclas de marfim marcando um código. O fecho fez barulho a destrancar e zuniu e a porta abriu-se revelando uma cave gelada onde estranhas estátuas aguardavam, cobertas de plásticos.

— Sabem, aqueles velhos construtores de Caçadores tinham falta de imaginação e gosto — explicou Popjoy, bafejando, enquanto se precipitava para a grande câmara frigorífica desvendando as suas criações. — Lá porque um Caçador precisa de um cérebro humano e de um sistema nervoso não significa que tenha de ficar limitado à forma humana. Porquê ficar preso a dois braços e duas pernas e apenas dois olhos? Para quê uma boca? Se eles não comem e não os construímos para os ouvirmos falar...

Os plásticos congelados foram puxados para o lado expondo os centauros revestidos a metal com vinte braços e tractores de lagartas em vez de pernas, aranhas-Caçadoras com patas e garras e revólveres de metralhadoras na barriga. Caçadores com olhos sobressalentes na nuca. E deitado numa mesa ao pé da porta da câmara, jazia o corpo inacabado do pobre Widgery Blinkoe.

Hester pôs a mão à frente da boca enojada e engasgada.

— Este foi o homem que me drogou em Arkangel!

— Ah, era apenas um agente subornado — comentou Sahtya.
— Sabia demais. Mandeí liquidá-lo na noite em que te trouxe.

— E se as esposas resolverem vir todas à procura dele?

— Se fosses mulher dele, virias à sua procura? — perguntou Sathya sem sequer olhar para o espião morto. O seu olhar demorou-se noutros Caçadores e em Popjoy.

— Enfim! — disse Popjoy alegremente voltando a colocar as capas no lugar. — Mais vale irmos embora antes que estes tipos sobreaqueçam. Existe um ligeiro perigo de decomposição antes de acordarem.

Hester não se conseguia mexer mas Sathya puxou-a para fora do laboratório dizendo:

— Obrigada, Dr. Popjoy, foi deveras interessante.

— O prazer foi todo meu, minha senhora — respondeu o Engenheiro com uma insinuante vénia — É sempre um prazer. E brevemente tenho a certeza de que vamos encontrar uma forma de restabelecer a memória de Anna... Até breve! E até breve, Menina Shaw! Ficarei ansiosamente à espera de a trabalhar após a sua execução.

Saíram do laboratório, desceram um pequeno túnel e passaram por uma porta que se abriu para um corredor ferrugento sobre a superfície escarpada. O vento ecoou, rugindo sobre o gelo do topo do mundo. Hester calculou a direcção antes de se inclinar sobre o corrimão para vomitar.

— Perguntaste-me por que razão a Green Storm me mantinha aqui a trabalhar — disse Sathya — Agora já sabes. Eles não estão propriamente interessados na Anna. Eles querem que Popjoy construa um exército de Caçadores para conseguirem ganhar poder dentro da Liga e comecem a sua guerra contra as metrópoles.

Hester limpou a boca e pôs-se a olhar para baixo para as agitadas línguas cremosas de espuma que deslizavam pelas estreitas passagens nas rochas.

— Por que é que me contaste? — perguntou ela.

— Porque quero que tu saibas e porque quero que quando as bombas comecem a cair e os Caçadores da Green Storm estiverem à solta que alguém saiba que a culpa não foi minha. Eu fiz tudo isto pela Anna. Apenas pela Anna.

— Mas a Anna tê-lo-ia odiado. Ela não iria querer uma guerra.

Sathya abanou tristemente a cabeça.

— Ela achava que só devíamos atacar metrópoles quando elas ameaçassem as nossas colónias. Ela discordava que os cidadãos fossem todos bárbaros. Dizia que tinham apenas sido mal orientados. Achei que quando a Anna voltasse a si que nos fosse

mostrar um novo caminho. Algo mais forte que a antiga Liga e mais destemível que a Green Storm. Mas a Storm está a tornar-se cada vez mais poderosa e os seus novos Caçadores estão quase prontos e a Anna continua perdida.

Hester sentiu o seu rosto a contorcer-se num sorriso sarcástico e voltou o olhar antes que Sathya percebesse. Era difícil digerir todas estas preocupações éticas vindas de uma rapariga que tinha assassinado o velho Blinkoe sem qualquer escrúpulo, mas Hester pressentiu uma oportunidade. As dúvidas de Sathya eram como uma barra solta na janela de uma prisão. Uma fraqueza com a qual ela poderia negociar e disse:

— Devias avisar a Liga. Envia um mensageiro ao Conselho Supremo a contar-lhes o que os teus amigos estão aqui a fazer.

— Não posso — respondeu Sathya. — Se a Storm soubesse matar-me-ia.

Hester continuou a olhar para o mar e a saborear os salpicos *salgados* na boca.

— E se um preso fugisse? — perguntou. — Não te poderiam culpar, pois não? Se um prisioneiro que soubesse o que se estava a passar, fugisse e roubasse um dirigível e zarpasse, a culpa também não seria tua.

Sathya olhou para cima bruscamente. Hester sentiu-se estremecer com a mera possibilidade de fuga. Poderia deixar aquele local! Ainda teria tempo para salvar Tom! Sentia-se orgulhosa da forma como estava a contar com a infelicidade de Sathya. Parecia-lhe uma coisa inteligente e impiedosa para fazer e digna de uma filha de Valentine.

— Deixa-me fugir e levar o *Jenny Haniver* — pediu Hester. — Eu voo para território da Liga, encontro alguém de confiança como o Capitão Khora. Ele traz os dirigíveis do Norte e retoma este lugar. E

lança as novas criaturas do Popjoy ao mar antes que possam ser usadas.

Os olhos de Sathya brilharam só de imaginar do charmoso aviador africano a saltar da barquinha do seu *Achebe 9000* para a ajudar a sair da armadilha em que se tinha metido. Mas abanou a cabeça.

— Não posso — respondeu. — Se Khora vir Anna no presente estado, poderá não compreender. Não posso deixar que nada interrompa o meu trabalho com ela, Hester. Já estamos tão perto. Às vezes consigo senti-la a olhar para mim de dentro daquela máscara... E como é que eu te poderia deixar partir? Tu ajudaste a matá-la.

— Não posso crer que acredites nisso — disse Hester — Ainda. Se não, mais valia teres-me mandado matar.

Duas lágrimas escorreram pelo rosto de Sathya deixando duas marcas prateadas contrastando com a pele escura.

— Não sei — acrescentou. — Tenho dúvidas. Mas tenho dúvidas sobre tantas coisas.

De repente abraçou Hester encostando o rosto ao seu ombro sobre a túnica engomada e áspera. — É bom ter com quem falar. Não te vou matar. Quando a Anna melhorar, poderá contar-me ela própria se és ou não culpada pela sua morte. Tens de ficar aqui até a Anna melhorar.

Capítulo 26

O Panorama Geral

Se pudéssemos contemplar o mundo de algum lugar bem alto, como se fôssemos um deus ou um espírito a assombrar uma das antigas estações espaciais ainda em órbita acima do pólo, os Desertos Gelados apareceriam primeiro tão brancos como as paredes brancas da cela de Hester. Uma brancura espalhada sobre a coroa da pobre e antiga Terra como uma catarata num olho azul. Mas olhando mais de perto veríamos coisas a moverem-se no meio daquela alvura. Aquelas pequenas manchas a oeste da Gronelândia? É Anchorage a seguir um grupo de trenós de vigilância que serpenteiam pelas montanhas geladas através das inexploradas extensões de mar gelado. Serpenteiam cuidadosamente mas não muito devagar pois todos a bordo se lembram do parasita que tinha raptado o pobre Tom e que outros pudessem irromper a qualquer momento do gelo. Os sentinelas estão a postos na subdivisão de máquinas e patrulhas inspeccionam o casco todas as manhãs em busca de visitantes inesperados.

Mas o que ninguém a bordo suspeita é que o verdadeiro perigo não vem de baixo mas sim de outra mancha (maior e mais escura) que se desloca na sua direcção vinda de leste com os trenós levantados, as lagartas em baixo, içando o seu imenso volume através da crista montanhosa da Gronelândia. É Arkangel que na sua entranha vai destruindo Wolverinehampton e mais três pequenas metrópoles-baleeiras enquanto que bem no seu núcleo, no escritório do Direktor forrado a marfim, Piotr Masgard incita o pai a aumentar a velocidade.

— Mas velocidade é sinónimo de despesa, meu rapaz — respondeu o Direktor esfregando a barba. — Apanhámos Wolverinehampton e não me parece que valha a pena desembestar

atrás de Anchorage. Poderemos nunca vir a encontrá-la. Poderá ser uma armadilha. Contaram-me que a rapariga que te vendeu a informação desapareceu.

Piotr Masgard encolheu os ombros.

— As minhas andorinhas fogem muitas vezes antes da presa. Mas neste caso tenho um pressentimento de que a voltaremos a ver. Ela voltará para reclamar o ouro do predador — e bateu os punhos com força na mesa do pai.

«Temos de a apanhar, pai! Não é de uma simples metrópole que estamos a falar! E Anchorage! As riquezas do Palácio de Inverno dos Rasmussen! E aqueles motores. Eu verifiquei os registos. É suposto serem vinte vezes mais eficientes do que qualquer outra coisa no gelo.

— Verdade — admitiu o pai. — A família Scabious guardou sempre muito bem o segredo da sua construção. Presumo que com receio de que algum predador os apanhasse.

— Bem, agora há um que o *fará* — respondeu Masgard triunfante. — *Nós!* Imagine que Sören Scabious poderá estar em breve a trabalhar para *nós!* Poderá redesenhar os nossos motores de forma a necessitarmos de apenas metade do combustível e a apanhar duas vezes mais presas!

— Está bem — suspirou o pai.

— Não se vai arrepender pai. Mais uma semana no seu encalço e depois vou com os meus Predadores e descubro onde estão.

«E se fôssemos um fantasma lá em cima metido no meio de intermináveis papéis, canetas, chávenas de plástico e astronautas congelados, talvez usasses os instrumentos daquela antiga estação espacial para espreitar através das águas para os secretos corredores de Grimsby onde o Tio estava sentado a observar no

maior dos seus ecrãs, enquanto o *Screw Worm* arrancava as patas da «lapa» com Caul ao comando, Skewer como tripulante levando Tom Natsworthy para o Rogues' Roost.

— Amplia rapaz! Amplia! — disse rapidamente o Tio desfrutando do brilho das luzes de navegação da «lapa» à medida que iam desaparecendo dentro de água. Gargle sentado ao lado dele no comando da câmara ampliou obedientemente. O Tio afagou a desgrenhada cabeça do rapaz. É um bom rapaz e será bastante útil ali a ajudá-lo com os arquivos e os ecrãs. Às vezes, o Tio achava que gostava mais daqueles pequenos indefesos e parvalhões como o Gargle. Pelo menos não davam trabalho. Já o mesmo não se podia dizer dos rapazes meigos e estranhos como Caul que ultimamente tinham demonstrado os péssimos sintomas de uma consciência ou dos violentos e ambiciosos como Skewer que tinham de estar sob vigilância vinte e quatro horas caso um dia resolvessem revoltar-se e usar as habilidades que o Tio lhes tinha ensinado contra ele.

— Desapareceu Tio — disse Gargle. — Acha que vai resultar? Acha que o «Gamado» o vai fazer?

— Quero lá saber! — respondeu o Tio rindo-se entredentes. — Ganhamos sempre, meu rapaz. É verdade que não sei tanto quanto gostaria sobre o que se passa em Roost. Mas o relatório de Wrasse já nos deu algumas pistas. Pequenas coisas que para um génio como eu no final se completam. Um Engenheiro de Londres... Aquele caixão que chegou de Shan Guo envolto em gelo... Aquela miúda Sathya a lamentar a sua pobre amiga defunta. Elementar, meu caro Gargle.

Gargle olhou para ele com os olhos esbugalhados sem perceber.

— Então... o Tom?

— Não te preocupes, rapaz — disse o Tio despenteando-o novamente. — Pôr aquele «Gamado» lá dentro foi apenas uma forma de distrair a atenção da Green Storm.

— Distrair de quê, Tio?

— Ah, depois verás rapaz, depois verás.

Capítulo 27

As Escadas

Os Meninos Perdidos tinham estabelecido o seu posto de escuta na zona Leste de Rogues' Roost onde negras encostas caíam a pique cerca de setenta metros em direcção às águas. Um dos incendiados dirigíveis de Red Loki tinha-se afundado ali durante a batalha com a Green Storm e no meio da sua armação fundida três «lapas» tinham atracado formando uma base provisória, prendendo as suas longas pernas nos corpos umas das outras como se fossem caranguejos dentro de uma panela. O *Screw Worm* penetrou no emaranhado e uma câmara de descompressão na sua barriga ligou-se à escotilha no tecto da «lapa» central o *Ghost of a Flea*.

— Então é este o novo recruta do Tio? — perguntou um jovem alto que aguardava dentro da escotilha quando Caul, Skewer e Tom desceram para aquele ar viciado e nauseabundo. Era o membro mais velho do grupo do Tio que Tom já vira e que o observava de alto a baixo com um sorriso estranho e condescendente como se soubesse de alguma piada que Tom não conhecesse.

— A namorada do Tom é a Hester Shaw que está presa em Rogues' Roost — começou Caul a explicar.

— Sim, sim, o mensageiro do Tio chegou antes de vocês. Já sei tudo sobre estes dois pombinhos. Uma missão de misericórdia, certo?

Voltou-se para uma passagem estreita.

— Chama-se Wrasse — sussurrou Caul seguindo-o com Tom e Skewer. — É um dos primeiros.

— Um dos primeiros a quê? — perguntou Tom.

— Um dos primeiros que o Tio trouxe para Grimsby. Um dos líderes. O Tio deixa-o ficar com metade de tudo o que traz para casa. É o braço direito do Tio.

O braço direito do Tio levou-os através de um porão que tinha sido limpo de carga e transformado em sala de vigilância. Outros rapazes mais novos que Wrasse e mais velhos que Skewer e Caul, vagueavam indolentemente com um ar aborrecido ou estavam sentados e inclinados sobre os painéis de controlo àquela meia-luz azulada olhando para um painel de ecrãs circulares que preenchiam toda uma parede. Aquele lugar estava à pinha. Caul nunca tinha visto tantos rapazes a fazerem o trabalho de um só. Porque teria o Tio enviado tantos, seria para espiar? E porque estariam tantos ecrãs desligados?

— Só têm três câmaras a funcionar! — exclamou ele. — Em Anchorage tínhamos trinta!

— Bem, isto não é bem como roubar uma metrópole citadina, laposo — cortou Wrasse. — A Green Storm é da pesada. Há sempre guardas e armas por todo o lado. A única forma de uma câmara se mover é através dos canos de esgoto que desembocam numa casa de banho abandonada na zona oeste. Conseguimos lá enfiar três câmaras assim como nas condutas térmicas mas os «Gamados» ouviram barulhos e começaram a investigar, por isso não lhes podemos mexer muito e nunca mais lá voltámos a tentar pôr mais. Nem teríamos conseguido lá meter estas três se o Tio não nos tivesse enviado estes novos modelos com controlo remoto e sem cabos para atrapalhar. E mais uns acessórios especiais.

E voltou a fazer aquele sorriso. Caul olhou de relance para as compridas mesas de comandos. Pilhas de anotações vazias abandonadas nas chávenas de café, com a listagem dos horários, mudanças de turnos e hábitos dos sentinelas da Green Storm. Um amontoado de botões gordos e vermelhos chamou-lhe a atenção.

— E aqueles servem para quê? — perguntou.

— Esquece aqueles — respondeu Wrasse.

— E o que é que achas que se está a passar ali? — perguntou Skewer.

Wrasse encolheu os ombros mudando de canal.

— Sei lá. Os lugares que mais interessam ao Tio como o Laboratório e a Câmara das Memórias, ainda não *conseguimos* lá entrar. Conseguimos ouvir o que se passa no hangar principal mas nem sempre compreendemos o que se está a passar. Eles não *falam* anglo ou nórdico como as pessoas normais. Palram em esperanto aéreo e em línguas de leste completamente estranhas. Esta rapariga é a líder — e viu-se uma cabeça escura que encheu o ecrã vinda de um estranho ângulo através de uma mancha listada de um ventilador colocado no tecto do escritório. Tom achou-a parecida com a rapariga que tinha sido muito rude para ele em Batmunkh Gompa. — É maluca. Não para de falar numa amiga que já morreu como se ainda estivesse viva. O Tio estava muito interessado nela. E tem cá um feitio...

Tom arquejou. Wrasse apontava para alguém no ecrã que estava acocorada num profundo quarto que mais parecia um poço. A imagem estava tão desfocada e mal iluminada que se parássemos de olhar fixamente deixava de se parecer com uma pessoa dissolvendo-se numa mixórdia de formas abstractas. Mas Tom não precisava de olhar durante tanto tempo.

— É Hester! — gritou.

Os Meninos Perdidos riram-se à socapa e acotovelaram-se uns aos outros. Já tinham visto o rosto de Hester nos seus ecrãs e achavam hilariante que alguém se pudesse preocupar com ela.

— Tenho de ir ter com ela — disse Tom aproximando-se e desejando poder alcançá-la através do vidro do ecrã de observação

e tocar-lhe só para ela saber que ele ali estava.

— Ah, mas vais — assegurou Wrasse. Agarrou em Tom pelo braço e empurrou-o para uma porta divisória que dava para um pequeno compartimento onde nas paredes estavam alinhados suportes de armas, espadas e lanças com pontas de aço. — Estamos prontos. Recebemos instruções do Tio e já fizemos os nossos planos. — Escolheu uma arma de pressão e entregou-a a Tom e a seguir um pequeno e curioso objecto de metal. — Um seleccionador de fechaduras — explicou.

Por detrás dele, na sala de operações, Tom conseguia ouvir um crescente burburinho de actividade. Já ninguém tinha um ar aborrecido. Através da porta entreaberta conseguia ver vários rapazes a andarem de um lado para o outro com papeladas e quadros, a ligarem botões nos compridos painéis de controlo das câmaras e a experimentarem auriculares.

— Vão enviar-me já para lá? — perguntou Tom. — Mesmo já? — ele contava ter tempo para se preparar e até talvez alguém lhe fizesse um breve relatório do que se passava em Rogues' Roost. Ele não estava à espera de ser posto em acção assim que chegasse.

Mas Wrasse voltou a agarrá-lo pelo braço impelindo-o de voltar à sala de operações pelo emaranhado de passagens.

— Não há nada como o presente — respondeu.

Uma antiga escada em ziguezague descia pela encosta escarpada da zona oeste de Rogues' Roost e, na sua base, um molhe de ferro avançava sobre a superfície coberta por compridas rochas pontiagudas.

Tinha sido utilizado por barcos de abastecimento que ancoravam na época dos piratas, mas desde que a Green Storm se

tinha apoderado de Rogues' Roost que nenhum barco lá ia e o molhe estava com um ar desleixado, mal cuidado e corroído pela ferrugem e pelo mar revolto. O *Screw Worm* emergiu da sua sombra ao mesmo tempo que no horizonte o Sol mergulhava num espesso banco de nevoeiro. O vento tinha amainado quase por completo mas ainda se sentia uma forte ventania e a rebentação batia na carapaça da «lapa» enquanto os seus grampos magnéticos faziam contacto com o molhe.

Tom olhou através das janelas molhadas para as luzes que vinham dos edifícios acima dele e sentiu náuseas. Durante todo o caminho desde Grimsby tinha dito para consigo que ia correr tudo bem, mas aqui na ondulação sob o molhe não acreditava que alguma vez fosse conseguir entrar naquela fortaleza chamada Green Storm e conseguir fugir sozinho com Hester.

Desejou que Caul ali estivesse mas Wrasse tinha vindo sozinho a pilotar o *Screw Worm* obrigando Caul a ficar para trás a bordo do *Ghost of a Flea*.

— Boa sorte! — tinha-lhe desejado o rapaz abraçando-o na câmara de descompressão e Tom começou a perceber que de facto ia precisar mesmo de muita sorte.

— As escadas levam a uma porta a cerca de uns. trinta metros de altura — explicou Wrasse. — Não tem guarda, pois eles não esperam um ataque por mar. Deve estar trancada mas isso não é nada que as nossas ferramentas não resolvam. Tens o seleccionador de fechaduras?

Tom deu uma palmadinha no bolso do casaco. Levantou-se mais uma onda enrolada que abanou o *Screw Worm*.

— Bem — continuou ele nervoso, pensando se estaria ainda a tempo de voltar para trás.

— Ficarei aqui à espera — prometeu Wrasse com aquele sorriso desvanecido e suspeito. Tom desejou poder confiar nele.

Subiu rapidamente pela escada acima tentando pensar apenas em Hester porque sabia que se pensasse, por um momento que fosse, nos soldados e nas armas que havia dentro daquela fortaleza perderia a coragem. Uma onda rebentou sobre o *Screw Worm* quando ele abriu a escotilha encharcando-o de água gelada. Tom saltou para a carcaça no meio da escuridão, do ar fresco e do forte barulho do mar à sua volta. Enfiou-se para dentro dos apoios por baixo do molhe enquanto outra onda passava e depois tacteou o caminho que conduzia até à parte de cima. Estava completamente encharcado e já começava a tremer.

Enquanto corria em direcção às escadas, o molhe começou a mexer-se por baixo dele como um animal acorrentado que o tentasse sacudir.

Ele correu rapidamente satisfeito com a oportunidade de poder aquecer. Os pássaros esvoaçavam à sua volta no crepúsculo, assustando-o. *Pensa em Hester*, dizia para consigo mas mesmo relembrando os melhores momentos que tinham passado juntos não conseguia apagar aquele medo crescente. Tentou deixar de pensar fosse no que fosse e dizer para consigo que tinha um trabalho para fazer mas os pensamentos insistiam em não largar o seu cérebro. Esta missão era um suicídio. O Tio estava simplesmente a usá-lo. Aquela história de precisar de um espião dentro do Roost não era completamente verdade e ele agora tinha a certeza disso. E o posto de escuta com todas aquelas armas, ele tinha reparado no olhar chocado de Caul ao vê-las. Ele tinha sido enganado. Era apenas o peão num jogo cujas regras desconhecia. Talvez devesse apenas render-se à Green Storm, gritar aos sentinelas e entregar-se. Poderiam não ser tão maus como se dizia e pelo menos sempre teria uma hipótese de ver Hester...

Uma sombra negra surgiu do crepúsculo. Ele levantou os braços e voltou a cara fechando os olhos com força. Ouviu um grito agudo e sentiu uma bicada na cabeça, uma pancada aguda e dolorosa como uma martelada de um pequeno martelo. Seguiu-se um oscilar e um bater de asas e depois mais nada. Olhou para cima e para os lados. Já tinha ouvido falar naquilo. Eram gaivotas que atacavam quem quer que se aproximasse dos seus ninhos. Sobre ele, milhares voavam em redor na completa escuridão. Começou a subir as escadas mais depressa na esperança de que não tivessem todas a mesma ideia.

Tinha conseguido chegar a outro lanço de escadas quando a ave voltou a atacar, surgindo do outro lado com um grito gutural. Desta vez, ele tinha-a conseguido ver melhor com as asas encardidas como um manto puído e os olhos verdes cintilantes sobre o bico. Atingiu-o com o punho cerrado e o antebraço e o pássaro fugiu. Recomeçou a subir as escadas e sentiu uma dor e olhou para baixo e viu sangue a escorrer de três longos cortes de um dos lados da mão. Que tipo de pássaro seria aquele? As suas garras tinham trespassado as suas melhores luvas de cabedal!

Seguiu-se outro grito estridente suficientemente perto para ser ouvido pela algazarra das outras aves. As asas esvoaçaram à volta da cabeça de Tom gerando uma confusão de penas que o atingiam no rosto e no cabelo. Sentiu um cheiro a químicos e desta vez percebeu que o brilho verde dos olhos do pássaro não era o reflexo das luzes vindas de cima. Puxou da arma que Wrasse lhe tinha dado e acertou na ave que se afastou para barlavento mas um instante mais tarde outras garras se agarraram ao seu escalpe, ou seja, estava a ser atacado por mais duas criaturas.

Começou a correr cada vez mais para cima com as aves, se é que eram aves, a bicarem-no e a gritarem à sua volta, por vezes precipitando-se para o atacarem na cabeça ou no pescoço. Eram apenas duas, pois as outras estavam demasiado ocupadas a

circundarem o cume da ilha. Eram apenas duas, mas duas eram mais do que suficientes. Pequenos clarões de luz faiscavam das garras feitas de lâminas e dos bicos de metal, as asas esvoaçavam e chicoteavam como bandeiras num forte temporal.

— Socorro! — gritou Tom inutilmente — Saiam daqui! Saiam daqui! — pensou em descer novamente para a segurança da «lapa» que o aguardava mas as aves esvoaçavam à sua frente quando se voltava e a porta já estava demasiado perto e só faltava mais um lanço de escadas.

Ele trepou as escadas escorregando nos degraus gelados com as mãos levantadas e as luvas rasgadas calçadas para proteger a cabeça. Sentia pingos de sangue a escorrerem pelo rosto. No último lance daquele extenuante dia viu a porta à sua frente e lançou-se na sua direcção mas estava demasiado ocupado a afastar os aguçados bicos e as mandíbulas afiadas para conseguir colocar o seleccionador de fechaduras. Desesperado, agarrou na arma e apontou-a para cima. Um tiro seco ecoou nos penhascos e uma das aves de olhos verdes caiu para o lado deixando um grande rasto de fumo para trás enquanto caía na rebentação. As outras afastaram-se mas voltaram a atacar. Tom escondeu o rosto e a arma escorregou das suas mãos ensanguentadas caindo no meio da escuridão pelas calhas para fora do seu alcance.

O feixe branco de um holofote percorreu a encosta escarpada incidindo sobre ele através do turbilhão de asas e de sombras agitadas. Ele agachou-se contra a porta. Ouviu-se uma sirene seguindo-se outras com os longos ecos a varrerem as encostas.

— Wrasse! — gritou ele — Caul! Socorro!

Parecia impossível que de repente tudo tivesse começado a correr assim tão mal.

Uma voz crepitou no rádio do *Screw Worm*.

— Eles apanharam-no.

Wrasse abanou calmamente a cabeça. O Tio já lhe tinha dito que era o que provavelmente iria acontecer.

— Ponham essas «patas» a andar — disse pelo rádio. — Temos apenas alguns minutos para que eles não perceberam que ele não está sozinho.

E começou a pressionar botões e a ligar interruptores. Uma escotilha no casco abriu-se despejando um balão de carga velho e desgastado. Enquanto o balão ia subindo pelo meio da tempestade de pássaros e de holofotes que circundavam o pico da ilha, os imanes do *Screw Worm* foram-se soltando um por um do molhe, dobrando em seguida as juntas e afundando-se como uma pedra.

A porta de metal abriu-se encharcando Tom com a luz amarela. Ele estava tão feliz por se ver livre dos pássaros que lhe pareceu um alívio quando os guardas o agarraram. Prenderam-lhe os braços atrás das costas e seguraram-lhe as pernas, e de seguida alguém lhe encostou com força o cano de uma Welschmerz automática por baixo do queixo.

«Obrigado» proferia ele ininterruptamente seguido de «Perdão», enquanto o deslocavam à força para o lado e fechavam a porta com determinação atirando-o para o chão gelado. Levantaram-no, levaram-no e sentaram-no enquanto vozes se repetiam vindas do andar de baixo. Lá fora eram projectados mísseis. As vozes falavam esperanto aéreo com sotaques ocidentais e várias palavras de dialecto que ele não conseguia compreender.

— Está só? — perguntou uma voz estranhamente familiar.

— Pensamos que sim, Comandante. O (não sei quantos) encontrou-o nas escadas.

A mulher voltou a falar e Tom não percebeu o que ela disse mas calculou que tivesse perguntado como é que ele tinha chegado ali pois uma das vozes respondeu:

— Por balão, um balão de dois. A nossa bateria abateu-o.

Algo lhe soou a mentira.

— Por que motivo os vigias não o viram aproximar-se?

— Não havia balão nenhum — sussurrou Tom confuso.

— O prisioneiro, Comandante...

— Vamos analisá-lo...

— Perdão — murmurou Tom sentindo o sabor a sangue. Alguém lhe iluminou o rosto com uma lanterna e quando ele conseguiu ver novamente, reparou que aquela rapariga parecida com Sathya que estava inclinada sobre ele, não era apenas parecida com Sathya, era a própria Sathya. — Olá. Obrigado. Perdão — sussurrou. Ela perscrutou através do sangue e das madeixas de cabelo molhado e os seus olhos esbugalharam-se, estreitando-se depois de forma cruel ao reconhecê-lo.

Após meses sem terem o que observar, os Meninos Perdidos tinham de repente muito com que se entreter. Acotovelavam-se uns aos outros em frente aos ecrãs para ver o que se estava a passar entre os «Gamados». Caul empurrou-os ficando à frente a ver Tom a ser levado à força por um grupo de guardas vestidos de uniforme branco. Noutro ecrã, viam-se os aposentos da Comandante vazios, com a refeição nocturna em cima da mesa ainda por acabar. Uma terceira mostrava os aviadores a aproximarem-se dos seus dirigíveis no enorme hangar como se a Green Storm achasse que a chegada de Tom pudesse significar o início de um ataque. O resto dos ecrãs estavam simplesmente escuros. Dúzias de câmaras remotas aguardavam junto à saída do esgoto do Roost e agora os Meninos Perdidos estavam a aproveitar para as enviar por ali acima para a

base. As pequenas máquinas saíam em catadupa de uma casa de banho avariada desembestando pela câmara de ar e dispersando-se pelas condutas e galerias do Complexo cortando caminho por grelhas de segurança e sensores desarmados sendo o seu barulho abafado pelas sirenes activas.

E no meio de toda aquela confusão, Caul sentiu-se estremecer quando o *Screw Worm* atracou. Momentos depois, Wrasse surgiu pela câmara de descompressão com um ar tenso e excitado fazendo perguntas rápidas sobre o tempo de resposta da Green Storm.

— São rápidos — respondeu um dos rapazes.

— Ainda bem que o Tio não me mandou vir observá-los!

— Existe uma espécie de pássaros treinados a guardarem as escadas que deram os primeiros sinais de alarme.

— Estaremos prontos para eles.

Caul puxou várias vezes pela manga de Wrasse até que por fim o rapaz mais velho olhou para ele aborrecido.

— Deverias ter esperado pelo Tom! — gritou Caul. — E se ele escapa? Como é que vai conseguir fugir sem o *Screw Worm*?

— O teu amigo teve o que merecia, ó amigo de «Gamados» — respondeu Wrasse afastando-o. — Não te preocupes. Está tudo a correr como o Tio planeou.

As chaves entraram na fechadura dando a volta e abrindo a porta de rompante. Os barulhos acordaram Hester. Levantou-se a custo e Sathya entrou na cela atirando-a para o chão. Os soldados iam entrando e arrastando uma figura encharcada e a pingar no meio deles. Hester não fazia a mínima ideia de quem seria, nem mesmo quando Sathya levantou a cabeça molhada e lhe mostrou o

rosto magoado e ensanguentado mas ao ver o casaco de cabedal de aviador pensou, *o Tom tem um casaco igual*, o que a fez olhar novamente apesar de achar impossível que fosse ele.

— Tom? — sussurrou.

— Não faças esse ar de surpreendida! — gritou Sathya. — Esperas que acredite que não estavas a contar que ele viesse? Como é que ele soube que estavas aqui? O que é que vocês planearam? Para quem é que trabalham?

— Para ninguém! — exclamou Hester. — Para ninguém! — e começou a chorar quando os guardas o obrigaram a pôr-se de joelhos ao lado dela. Ele tinha vindo salvá-la mas estava com um ar muito assustado e magoado e o pior é que nem sabia o que ela tinha feito. Ele tinha feito tudo isto para a salvar e ela não merecia ser salva — Tom — soluçou.

— Eu confiei em ti! — gritou Sathya. — Tu iludiste-me tal como iludiste a pobre Anna a fazer-te de inocente, a fazer-me duvidar de mim própria quando durante o tempo todo, o teu amigo bárbaro vinha a caminho! Qual era o vosso plano? Existe algum dirigível à espera? Estava o Blinkoe de parceria convosco? Calculo que quisessem raptar o Popjoy e levá-lo para uma das vossas nojentas metrópoles para *poderem* ter os vossos Caçadores?

— Não é nada disso, estás a distorcer tudo — choramingou Hester, mas percebeu que tudo o que dissesse não iria convencer a rapariga que o súbito aparecimento de Tom não fazia parte de nenhum plano traccionista.

Quanto a Tom, estava demasiado gelado e em estado de choque para conseguir perceber o que se estava a passar, mas ouviu a voz de Hester e viu-a acorada ao seu lado. Já nem se lembrava de como ela era tão feia.

De seguida, Sathya agarrou-o pelo cabelo forçando-o a baixar novamente a cabeça de forma a deixar o pescoço nu à vista. Ele ouviu-a desembainhar a espada com um deslizar sibilante, ouviu um chocalhar e um arranhar nas condutas no tecto e Hester a dizer:

— Tom! — e fechou os olhos.

Nos ecrãs dos Meninos Perdidos a espada em riste tinha-se transformado numa luz branca. A voz de Sathya ouvia-se de forma metálica pelos rádios das câmaras, gritando coisas absurdas sobre planos e traição.

— Faz alguma coisa! — gritou Caul.

— Ele não passa de um «Gamado», Caul — avisou Wrasse indiferente — Esquece!

— Temos de o ajudar! Ele vai morrer!

Wrasse empurrou Caul para o lado.

— Ele ia sempre acabar por morrer, seu idiota! — gritou. — Achaste que o Tio ia mesmo deixá-lo viver depois do que ele viu? Mesmo que ele conseguisse salvar a rapariga, as minhas ordens eram para interrogá-los e matá-los. O Tom serviu apenas para criar uma diversão.

— Porquê? — uivou Caul. — Para poderes enfiar mais umas câmaras lá dentro? Para que o Tio possa ver o que se passa dentro da Câmara das Memórias?

Wrasse deu-lhe um murro atirando-o contra os painéis de controlo.

— O Tio já percebeu há meses o que se passa na Câmara das Memórias. Aquilo não são apenas câmaras. São bombas. Vamos colocá-las em posição, dar algum tempo aos «Gamados» para

acalmarem depois rebentamos com tudo e então entramos para fazer uma pilhagem a sério.

Caul olhou para os ecrãs sentindo o sangue que escorria pelo nariz. Os outros rapazes afastaram-se dele como se o facto de gostar de «Gamados» fosse uma doença contagiosa. Começou a levantar-se e viu um painel de botões vermelhos com umas tampas perto da sua mão. Fixou-os durante uns instantes. Nunca tinha visto controlos daqueles mas calculava para o que serviam.

— Não! — alguém gritou. — Ainda não!

Instantes antes de chegarem ao pé de Caul, ele levantou as tapas dos botões que conseguiu e acertou-lhes com toda a força com os dois punhos.

Os ecrãs desligaram-se.

Capítulo 28

Contra O Tempo

Algo o atingiu nas costas e ele caiu para a frente com a cara no chão frio e pensou, *É desta, estou morto*. Mas não estava, pois sentia a humidade da pedra contra o seu rosto e quando se virou viu que a explosão tinha deitado o tecto abaixo. Pelo aspecto do entulho e do pó, tinha sido uma bela explosão e ele estava à espera que tivesse feito muito barulho mas não conseguia ouvir nada mesmo com os enormes bocados de tecto a caírem e as pessoas a debaterem-se acenando com lanternas e a gritarem com as bocas bem abertas. Mas não, ele não conseguia ouvir qualquer gemido, apenas um assobio e um ruído algures dentro do seu cérebro e mesmo quando espirrou não ouviu qualquer barulho, mas sentiu uns dedos pequenos e quentes fecharem-se à volta da sua mão a puxarem-no e quando olhou para cima, viu Hester muito branca no meio da confusão e das luzes das lanternas como se fosse uma estátua iluminada à excepção de que estava a dizer algo e a puxá-lo e a apontar para a saída. Ele começou a sair de debaixo da coisa que lhe tinha caído em cima, que afinal era Sathya e pensou se ela estaria gravemente ferida e se a deveria ajudar, mas Hester puxava-o em direcção à porta, tropeçando nos corpos dos homens que deveriam estar definitivamente mortos, pisando os bocados das condutas térmicas que estavam todas retorcidas, escancaradas e a deitar fumo como se tivessem explodido pelo interior e quando olhou para trás, alguém disparou contra ele. Viu o clarão e sentiu a bala passar perto do seu ouvido mas também não a conseguiu ouvir.

E começaram a descer rapidamente as escadas, a passar por outras portas, fechando-as com força e silenciosamente atrás deles. Pararam para respirar, dobrar-se e tossir e ele tentou perceber o que se tinha passado. A explosão... a conduta térmica...

— Tom! — Hester estava debruçada sobre ele mas a sua voz parecia muito distante, indistinta e tremida como se ela estivesse debaixo de água.

— O quê?

— O Dirigível! — gritou ela. — Onde está o teu dirigível? Como é que aqui chegaste?

— De submarino — respondeu ele. — Mas presumo que se tenha ido embora.

— O quê? — ela também estava surda.

— Embora!

— O quê? — lanternas começaram a brilhar pelo meio do fumo e do pó no final do corredor. — Vamos no *Jenny*! — gritou ela e começou a puxar Tom em direcção a outra escada. Era escura como o corredor e cheia de fumo e ele começou a perceber que tinha havido mais explosões para além daquela na cela. Em alguns corredores, a luz ainda piscava mas a maioria estava às escuras. Grupos de soldados assustados e confundidos corriam com lanternas nas mãos. Era fácil para Tom e Hester vê-los a aproximarem-se e esconderem-se enfiando-se por estreitas saídas ou escondendo-se em passagens laterais no meio dos escombros. Aos poucos, Tom voltou a ouvir e o apito dos seus ouvidos deu lugar ao som fixo e ansioso das sirenes. Hester empurrou-o para a saída de uma escada enquanto mais pessoas passavam, desta vez aviadores. — Eu nem sei onde estamos — grunhiu quando eles passaram. — No escuro tudo parece diferente — olhou para Tom que tinha o rosto malhado de pó. — Como é que conseguiste fazer aquela explosão?

Tinha sido a decisão mais difícil que Wrasse alguma vez tinha tomado. Por momentos quase perdeu a cabeça ali no *Ghost of a*

Flea a olhar em pânico para os ecrãs apagados. Todos os planos do Tio destruídos! Tudo aquilo para que tinham trabalhado estava desfeito! As câmaras explodidas antes que a maioria estivesse a postos!

— O que é que fazemos, Wrasse? — perguntou um dos rapazes.

Só havia duas coisas a fazer. Voltar para casa e deixar que o Tio os esfolasse vivos por voltarem de mãos vazias ou seguir em frente.

— Vamos seguir em frente — decidiu e sentiu as forças a voltarem enquanto os outros iam buscar armas, redes e outros aparelhos e prendiam as lanternas às cabeças e arrastavam Caul dali para fora.

— Skewer, Baitball, vocês ficam com as câmaras e tu ficas aqui, o resto vem comigo!

E enquanto a Green Storm entrava em pânico, discutia e tentava combater as chamas que as câmaras tinham provocado, os holofotes percorriam o céu e as baterias de mísseis disparavam salvas atrás de salvas contra inimigos imaginários, uma lisonjeira e acostumada «lapa» desprendia-se do posto de observação e emergia para o molhe. Os Meninos Perdidos juntavam-se e subiam rápida e silenciosamente as mesmas escadas que Tom tinha subido uma hora antes.

Já à superfície um Pássaro-Caçador descobriu-os e atirou um dos meninos pelo corrimão que caiu aos gritos na rebentação. Outro foi atingido por uma rajada de tiros que surgiu de uma das plataformas nos penhascos e Wrasse teve de o matar porque o Tio tinha dado ordens para que ninguém ficasse para trás para ser interrogado pelos «Gamados». Por fim chegaram à porta e entraram seguindo os desenhos das plantas do andar até à Câmara das Memórias, deixando alguns rapazes para trás naquele cruzamento

para protegerem a fuga. Soldados da Green Storm em pânico surgiram no meio do fumo e os Meninos Perdidos mataram-nos pois era outra das ordens do Tio. Não deixar testemunhas.

Os guardas da Câmara das Memórias tinham desaparecido. As maciças fechaduras desanimaram Wrasse por momentos. A energia estava desligada e quando se aproximou da porta, esta abriu-se de par em par. As lanternas dos Meninos Perdidos iluminaram a ponte que se estendia até uma plataforma central onde alguém andava de um lado para o outro como um animal enjaulado. Uma máscara brilhante de bronze voltou-se subitamente para a luz.

Todos estremeceram. Apenas Wrasse tinha uma vaga ideia do que é que era suposto roubarem mas mesmo ele nunca o tinha visto. O Tio tinha-o avisado para não o confrontar, *Apanha-o de surpresa*, tinham sido as suas ordens, *por trás ou por cima. Lança-lhe as redes e os ganchos antes que ele se aperceba do que está a acontecer*. Mas agora não havia tempo para isso e mesmo que tivesse havido, Wrasse não tinha a certeza de que resultasse. Tinha um ar tão forte! Pela primeira vez na sua vida, ele começou a pensar se o Tio é que saberia mesmo o que era melhor.

Escondeu o medo o melhor que pode.

— É isto — respondeu. — É isto que o Tio quer. Toca a pilhar.

Os Meninos Perdidos prepararam as armas, as espadas, as cordas, as correntes, os ganchos magnéticos e as pesadas redes de arremesso com que o Tio os tinha equipado e começaram a atravessar a ponte.

E o Caçador estalou os dedos e foi ao encontro deles.

Ouviam-se tiros pelos corredores que ecoavam por todo o lado sendo difícil dizer de onde vinham. Tom e Hester continuavam a seguir o vago mapa mental que Hester tinha daquela base aérea. Começaram por passar por cadáveres empilhados que pertenciam

às tropas da Green Storm, mais à frente viram um jovem vestido com roupas escuras que não condiziam e um tufo de cabelos alourados sob um barrete de lã preto. Por um breve instante, Tom pensou que fosse Caul mas este rapaz era mais velho e maior. Fazia parte da equipa de Wrasse.

— Os Meninos Perdidos estão cá! — exclamou.

— Quem? — perguntou Hester. Tom não respondeu pois estava demasiado ocupado a tentar perceber o que se estava a passar e qual tinha sido o seu papel. Antes que ela pudesse voltar a perguntar, uma barulheira infernal interrompeu-os vindo dali de perto. A princípio ouviam-se rajadas de tiros mas que se foram atenuando e transformando em gritos desiguais, desesperados e inúteis. Por fim ouviu-se um último grito gorgolejante seguido de silêncio.

Até as sirenes pararam.

— O que foi *aquilo*! — perguntou Tom.

— Como é que eu hei-de saber? — Hester agarrou na lanterna do Menino Perdido e desviou-se para outra escada arrastando Tom atrás — Vamos embora daqui...

Tom seguiu-a satisfeito. Adorava a mão dela na sua a guiá-lo. Pensou se lhe haveria de dizer e se este seria o melhor momento para lhe pedir desculpa pelo que tinha acontecido em Anchorage mas antes que ele pudesse dizer alguma coisa, chegaram ao fim das escadas e Hester parou arfando e fazendo-lhe sinal para ficar quieto e calado.

Estavam numa espécie de antecâmara onde uma porta de metal circular estava aberta de par em par.

— Pelos Deuses e Deusas! — disse Hester suavemente.

— Que foi?

— A energia! As fechaduras falharam! A barreira eléctrica! Ele escapou!

— Mas o *quê!*

Ela respirou fundo e moveu-se silenciosamente até à porta.

— Anda! — disse para Tom. — Existe um caminho até ao hangar...

Passaram juntos a porta. Sobre as suas cabeças havia uma espessa nuvem provocada pelos tiros, suspensa no que enchia o ar, formando um toldo branco. As sombras estavam cheias de um líquido a pingar. Hester iluminou a ponte com a lanterna varrendo as poças e gatafunhos de sangue, as diferentes pegadas ensanguentadas como se fosse a coreografia de alguma dança violenta e os pingos de sangue que escorriam do alto tecto abaulado. Havia coisas espalhadas pela ponte. A princípio pareciam pilhas de roupas velhas até que ao aproximarem-se começaram a distinguir mãos, rostos. Tom reconheceu alguns daqueles rostos do posto de escuta. Mas porque teriam ido ali? O que lhes teria acontecido? E começou a tremer descontroladamente.

— Não tenhas medo — disse Hester, iluminando a parte central da plataforma. Estava vazio, à excepção de um manto cinzento no centro, ensopado em sangue como se fosse uma crisálida acabada de se libertar. O Caçador tinha desaparecido. Provavelmente em busca de novas vítimas na confusão de divisões e corredores sobre eles. Hester agarrou novamente na mão de Tom levando-o rapidamente para a outra ponta da sala em direcção a uma porta que ela tantas vezes tinha atravessado com Sathya e os outros nos bons dias do Caçador. Naquela escada, o ar gemia suavemente como se fossem vozes de fantasmas. — Isto vai dar ao hangar onde está o *Jenny* — explicou descendo rapidamente com Tom a seu lado.

As escadas terminaram e a passagem fazia um apertado cotovelo abrindo subitamente para o hangar. Com a luz da lanterna de Hester, Tom vislumbrou o balão vermelho e remendado do *Jenny Haniver* suspenso sobre ele. Hester encontrou um painel de comandos na parede e começou a puxar as alavancas uma por uma. As roldanas iam ganhando vida algures no cimo do escuro tecto e aparas de ferrugem iam caindo à medida que as rodas giravam e as amarras se iam apertando, abrindo pesadamente as enormes contraportas à entrada do hangar. A imensa abertura revelou uma estreita pista de aterragem que avançava sobre o penhasco e o nevoeiro à volta de Roost. Era uma paisagem de sonho com montanhas brancas, pregas e ondas que velavam o mar. Por cima o céu estava limpo e a luz das estrelas e dos satélites mortos chegava ao hangar revelando o *Jenny Haniver* no seu tanque de convés e a fila de pegadas ensanguentadas no chão de betão.

Por baixo das sombras das hélices de direcção do *Jenny*, surgiu uma figura alta que bloqueou a passagem para a porta. Dois olhos verdes brilharam no escuro como pirilampos.

— Por Quirke! — guinchou Tom. — É a ...? Não pode ser a...? É?

— É a Menina Fang — respondeu Hester. — Mas não está em si.

O Caçador aproximou-se em direcção à intensa luz vinda das contraportas. Vagos reflexos brilhavam nos seus longos membros de aço, no seu torso e na máscara de bronze que lhe cobria o rosto, incidindo nos pequenos dentes e cicatrizes que as inúteis balas dos Meninos Perdidos tinham provocado. O sangue deles ainda escorria das garras do Caçador e cobria as suas mãos e antebraços como se fossem compridas luvas vermelhas.

O Caçador tinha adorado o massacre da Câmara das Memórias mas após matar o último rapaz tinha ficado sem saber o que fazer. O odor do fumo das armas e os abafados sons de batalha que ecoavam pelos corredores tinham despertado os seus instintos Caçadores mas ele tinha olhado relutantemente para a porta pois recordava-se das barreiras eléctricas que da última vez tinham descarregado quando tinha tentado fugir. Por fim, tinha escolhido a outra porta levado por sentimentos que não compreendia e desceu até ao hangar onde um dirigível vermelho aguardava. Tinha estado a circundar o *Jenny* no meio da escuridão, passando os dedos de metal pelo granulado das pranchas da barquinha quando Hester e Tom entraram de rompante. As suas garras saíram de imediato e aquele incontrolável desejo de matar percorreu as suas veias eléctricas como um aumento súbito de tensão.

Tom voltou-se pensando em fugir pela pista mas chocou com Hester que escorregou no chão ensanguentado e caiu. Ele baixou-se para a ajudar e quando deu por si, o Caçador estava em cima dele.

— Menina Fang? — sussurrou Tom olhando para cima para aquele rosto familiar.

O Caçador olhou para ele agachado sobre a rapariga caída no chão de betão ensanguentado e de repente um rasgo de memória súbito invadiu a maquinaria do seu cérebro excitado e confuso. Hesitou mexendo as garras. Onde teria visto aquele rapaz? O retrato dele não estava pendurado junto dos outros quadros nas paredes da câmara mas ele conhecia-o. Lembrava-se de estar deitado na neve com o rosto dele a observá-lo. Por trás daquela máscara os seus lábios mortos proferiram um nome.

— Tom Nitsworthy?

— Natsworthy — corrigiu Tom.

Aquela estranha memória voltou a agitar-se dentro do cérebro do Caçador. Não sabia as razões pelas quais aquele rapaz lhe era tão familiar mas sabia que não lhe queria fazer mal. Deu um passo atrás e depois mais outro e encolheu as garras.

— Anna!

Uma voz, um grito agudo ecoou fortemente pelo hangar cavernoso fazendo com que os três olhassem para a porta. Sathya estava ali parada com a lanterna numa mão e a espada na outra, o rosto ainda branco do pó do estuque e o sangue a escorrer da ferida que tinha na cabeça, provocada pela granada que tinha explodido na conduta e que a tinha atingido. Pousou a lanterna e correu para junto do seu adorado Caçador.

— Ai Anna! Tenho andado à tua procura por todo o lado! Deveria ter calculado que estarias aqui com o *Jenny*...

O Caçador não se mexeu apenas voltou novamente o seu rosto metálico para Tom. Sathya só então reparou nas figuras agachadas aos seus pés.

— Apanhaste-os Anna! Boa! São inimigos, estão feitos com os intrusos! São os teus assassinos! Mata-os!

— Todos os inimigos da Green Storm devem morrer — concordou o Caçador.

— É isso mesmo Anna! — estimulou Sathya — Mata-os já! Mata-os como mataste os outros!

O Caçador voltou a cabeça para o lado e as luzes verdes dos seus olhos percorreram o rosto de Tom.

— Então, mata-os eu! — gritou Sathya dando um passo em frente levantando a espada. O Caçador fez um movimento brusco. Tom guinchou de terror e sentiu Hester a encostar-se mais a ele. As

garras de metal brilharam com a luz da lanterna e a espada de Sathya caiu no chão com a mão dela ainda agarrada ao punho.

— Não — disse o Caçador.

Por momentos houve um silêncio absoluto enquanto Sathya olhava para o sangue que jorrava inacreditavelmente do punho do seu braço.

— Anna! — sussurrou caindo de joelhos e escondendo o rosto.

Tom e Hester observavam a cena sem falar e sem respirar agachados muito quietos e o mais baixo que conseguiam como se a sua quietude fizesse com que o Caçador se esquecesse deles. Mas ele voltou o olhar para eles e levantou novamente as suas garras que pingavam sangue.

— Vão — sussurrou e apontou para o *Jenny Haniver*. — Vão e nunca mais se atravessem no caminho da Green Storm.

Tom ficou quieto agachado contra Hester demasiado assustado para se mexer mas Hester seguiu à risca as palavras do Caçador levantando-se e arrastando Tom com ela incitando-o a correr para o dirigível.

— Anda, pelo amor dos deuses! Ouviste o que ele disse!

— Obrigado — foi o que Tom conseguiu dizer lembrando-se da sua educação enquanto passavam pelo Caçador e subiam a prancha de embarque do *Jenny*. O interior da barquinha tinha um cheiro estranho e gelado devido à sua longa estada, mas quando Hester ligou os motores começaram logo a funcionar com o seu habitual, antigo e familiar estremecer e o ronco invadiu o hangar. Tom sentou-se no lugar do piloto tentando não olhar para a coisa que o observava com a sua armadura cintilante com os reflexos verdes e vermelhos das luzes de navegação.

— Ela vai mesmo deixar-nos partir? — perguntou com os dentes a ranger e a tremer de tal forma que mal conseguia agarrar nos comandos. — Porquê? Por que é que não nos mata como fez aos outros?

Hester abanou a cabeça ligando os instrumentos e os aquecedores. Lembrava-se de Strike e das estranhas emoções que tinham brotado dele ao recuperar um autómato destruído e a salvar uma criança desfigurada às portas da morte. Mas limitou-se a dizer:

— É uma coisa, não uma ela e não sabemos no que está a pensar. Vamos antes que mude de ideias.

Os ganchos soltaram-se, as hélices mudaram para a posição de levantar voo e o *Jenny* subiu de forma incerta do seu tanque e dirigiu-se para a noite, roçando uma das hélices na parede do hangar ao sair. O Caçador caminhou até à pista de aterragem e ficou a ver o velho dirigível a zarpar de Rogues' Roost desaparecendo no nevoeiro antes que as baterias dos mísseis da Green Storm decidissem se era ou não um alvo a abater. E mais uma vez aquela estranha memória assolou a memória de traça do Caçador. Lembrava-se de Tom ajoelhado sobre ele no meio da neve a dizer *Menina Fang! Não é justo! Ele esperou até que ficasse encadeada!*

Por momentos sentiu uma estranha satisfação como se tivesse retribuído um favor.

— Para onde? — perguntou Tom quando Rogues' Roost já estava a cerca de uma milha de distância no meio do nevoeiro e se sentiu novamente calmo para voltar a falar.

— Para noroeste — respondeu Hester. — Para Anchorage. Tenho de lá voltar. Vai acontecer uma coisa terrível.

— O Pennyroyal! — adivinhou Tom. — Eu sei. Percebi mesmo antes de me vir embora. Não tive tempo para contar a ninguém. Tinhas razão acerca dele. Deveria ter-te dado ouvidos.

— Pennyroyal? — Hester ficou a olhar para ele como se ele tivesse falado numa língua incompreensível para ela. — Arkangel vai no seu encalço.

— Pelo Grande Quirke! — sussurrou Tom. — Tens a certeza? Mas como é que Arkangel soube a rota de Anchorage?

Hester agarrou nos comandos e marcou a rota nor-noroeste. Depois voltou-se mantendo as mãos atrás a agarrar a ponta do painel de controlo com tanta força que doía. E continuou:

— Eu vi-te a beijar Freya... e eu... eu... — o silêncio formava-se entre as suas palavras como gelo. Ela queria muito contar-lhe a verdade mas ao olhar para o seu triste, arranhado e assustado rosto percebeu que não tinha coragem.

— Het, desculpa — disse ele de repente.

— Não faz mal — disse ela. — A sério, eu também.

— O que é que vamos fazer?

— Acerca de Anchorage?

— Eles não podem prosseguir se têm apenas um continente morto à sua frente e não podem voltar para trás com Arkangel no seu encalço.

— Não sei — respondeu Hester. — Primeiro vamos até lá. Depois pensamos no que fazer.

— Mas o quê? — perguntou Tom mas não teve tempo de acabar porque Hester tinha agarrado no seu rosto com as duas mãos e estava ocupada a beijá-lo.

O som do *Jenny Haniver* foi desaparecendo até que por fim, já nem os ouvidos do Caçador o conseguiam ouvir. A lembrança que tinha surgido para poupar a vida de Tom e Hester também se estava a desvanecer como num sonho. Mudou os olhos para visão noturna e voltou para o hangar. A mão acidentada de Sathya estava a gelar rapidamente mas o seu corpo ainda tinha um resquício de calor. O Caçador aproximou-se do sítio onde ela estava, levantou-a pelos cabelos e abanou-a até ela acordar e começar a gemer.

— Prepara os dirigíveis e as armas. Vamos sair do Complexo.

Sathya gorgolejou esbugalhando os olhos de dor e medo. Teria o Caçador estado à espera disto enquanto ela o tinha mantido fechado na Câmara das Memórias enquanto lhe mostrava fotografias e o punha a ouvir a música preferida da Anna? Mas era óbvio, tinha sido para isto que tinha sido construído! Não tinha ela pedido a Popjoy para ressuscitar a Anna para comandar a Liga?

— Sim Anna — soluçou. — Claro, Anna!

— Eu não sou a Anna — respondeu o Caçador. — Sou o Caçador Fang e estou farto de estar aqui escondido.

Outros recém-chegados dirigiam-se para o hangar: soldados, cientistas e aviadores tinham ficado chocados e sem líder como consequência daquela batalha com os misteriosos intrusos. O Dr. Popjoy estava com eles e quando o Caçador se voltou para lhes falar, eles empurraram-no rapidamente para a frente. Carregando Sathya como uma boneca articulada, o Caçador aproximou-se dele o suficiente para sentir o cheiro a sal que brotava dos seus poros e de ouvir o agudo chiar da sua respiração assustada.

— Vocês vão obedecer-me — disse. — Os seus protótipos devem ser terminados imediatamente, Doutor. Vamos regressar a Shan Guo, reunir forças com as outras bases da Green Storm. Os elementos da Liga Antitracção que nos resistirem serão mortos.

Assumiremos o comando dos estaleiros, dos campos de treino e das fábricas de armamento. E depois soltaremos uma tempestade que limpará a Terra das Metrópolis Traccionistas para sempre.

Terceira Parte

Capítulo 29

A Força

— Quero contar-te uma pequena história — disse a voz. — Estás bem pendurado? Então vou começar.

Caul abriu os olhos, ou seja, abriu um olho pois o outro estava tão inchado por causa das nódoas negras que nem o conseguia abrir. Que grande tarefa que ele tinha apanhado dos sobreviventes da equipa do pobre Wrasse enquanto o *Screw Worm* o levava de Rogues' Roost para a casa coberto de vergonha! Quando por fim se consciencializou de que tinha cometido um erro crasso, o seu último pensamento foi ter-se sentido orgulhoso por ter ajudado Hester e Tom a fugir. Depois voltou a acordar em Grimsby onde as sovas recomeçaram e pouco depois já não sentia qualquer orgulho. Nem queria acreditar na estupidez que tinha feito ao desperdiçar assim a sua própria vida para salvar a de dois «Gamados».

O Tio tinha um castigo especial para os rapazes que o desiludiam. Os Meninos Perdidos arrastaram Caul até às pernas da «lapa» e puseram-lhe uma corda à volta do pescoço prendendo a outra ponta ao guindaste do cais e içaram-no lentamente até a corda começar a estrangulá-lo. Durante o turno do dia, os Meninos Perdidos iam parando por ali a gozar com ele, a gritar e a lançar-lhe bocados de comida e de lixo, enquanto Caul ali pendurado tentava respirar com dificuldade. E quando começou o turno da noite e todos regressaram aos seus dormitórios, a voz recomeçou. Era tão vaga e sussurrante que Caul pensou a princípio que estava a imaginá-la só que era bem real. Era a voz do Tio que surgia suavemente vinda do altifalante ao pé da sua cabeça.

— Ainda estás acordado, Caul? Ainda estás vivo? O Jovem Sonar durou cerca de uma semana assim pendurado. Lembras-te?

Caul tentou inspirar a custo através dos seus lábios cortados e inchados por entre os espaços onde em tempos tinham existido os dentes da frente. Acima dele a corda chiava, balançando suavemente e de tal forma que parecia que a perna da «lapa» rodava sem parar à sua volta e que as sombras das poças das «lapas» silenciosas e das figuras pintadas no tecto o observavam. Ele conseguia ouvir a respiração húmida e constante do Tio através do altifalante.

— Quando eu era jovem — disse o Tio —, e eu já fui tão jovem como tu, vivi a bordo de Arkangel. Depois cresci, o que não te irá acontecer. O meu nome era Stilton Kael. Os Kael eram uma família boa. Dirigiam lojas, hotéis, salvados e tinham a concessão da sinalética. Aos dezoito anos fiquei encarregue do estaleiro dos salvados. Não queria dizer que eu visse os salvados como o meu futuro. O que eu queria era ser um poeta, escrever grandes epopeias, alguém cujo nome vivesse para sempre, como aquele não sei das quantas, sabes, o Coiso, o tipo Grego, cego... É engraçado como os sonhos da juventude não dão em nada. Mas isso já tu sabes, jovem Caul.

Caul balançou e arquejou com as mãos atadas atrás das costas e a corda a morder-lhe o pescoço. Às vezes desmaiava mas quando voltava a si, a voz ainda lá estava, sibilando a sua insistente história aos seus ouvidos.

— Os escravos é que mantinham o movimento dos salvados a funcionar. Eu estava encarregue de grandes grupos. Tinha o poder da vida e da morte. E foi então que surgiu uma rapariga que me deu a volta à cabeça. Era bela. Um poeta repara nestas coisas. O cabelo parecia uma cascata de tinta-da-china. A pele era da cor das lâmpadas. Os olhos pareciam a noite do Ártico mas cheios de luzes e de mistério. Estás a perceber, Caul? É claro que só te estou a contar isto porque em breve não passarás de alimento para peixes. Não quero que os meus Meninos Perdidos me julguem

suficientemente lamechas a ponto de me apaixonar. Lamechices e amor não funcionam para um Menino Perdido, Caul.

Caul pensou em Freya Rasmussen e imaginou por onde ela andaria e como estaria a decorrer a sua viagem para a América. Por momentos sentiu-a tão perto e nítida que quase conseguia sentir o seu calor, mas a voz do Tio continuou a sussurrar destruindo o seu sonho.

— Anna era o nome desta escrava. Anna Fang. Tinha uma certa melodia para um poeta. Mantive-a afastada do trabalho pesado e perigoso e arranjei-lhe boa comida e boas roupas. Eu amava-a e ela disse-me que também me amava. Planeava libertá-la e casar com ela sem me preocupar com o que a minha família pudesse dizer. Mas afinal a minha Anna andava a fazer-me passar por parvo. Enquanto eu devaneava por causa dela, ela esgueirava-se para os meus estaleiros de recuperadores e ia montando o balão de um velho dirigível. Umas hélices de direcção aqui fazendo com que os meus empregados as colocassem numa barquinha sob o pretexto de eu o ter ordenado e vendendo os presentes que eu lhe dava para comprar combustível e hélio. E um dia, estava eu a tentar encontrar algo que rimasse com Fang e a palavra que descrevesse a cor precisa das suas orelhas quando me vieram contar que ela se tinha ido embora. Tinha conseguido construir um dirigível com todos os pedaços que roubava. E foi o fim da minha vida em Arkangel. A minha família repudiou-me, o Direktor mandou prender-me por ter ajudado um escravo a fugir e fui banido para o gelo sem nada, nada.

Caul conseguia inspirar muito pouco o que não chegava para lhe encher os pulmões.

— Foi só uma questão de ganhar reputação, Caul. Prossegui com um grupo de Gelófilos vasculhadores que tinham trazido os salvados dos destroços de Grimsby. Matei-os um por um, roubei-lhes o submarino e vim aqui para baixo. E comecei a arranjar lugar

para os roubos. Comecei por roubar pequenas ninharias para repor tudo o que tinha perdido. Também roubei informação pois jurei a mim próprio que a partir de então nunca mais me iriam sonegar segredos. Por isso, de certa forma, ela tornou-me o homem que hoje sou, aquela bruxa da Anna Fang.

A repetição daquele nome seguiu pelo turbilhão de luzes coloridas que explodiam na cabeça de Caul.

— Fang — tentou pronunciar.

— Exacto — sussurrou o Tio. — Há já algum tempo que eu tinha percebido o que se estava a passar em Rogues' Roost. Todas aquelas fotografias que apareciam e a forma como tentavam a qualquer custo encontrar o *Jenny Haniver*. Ou estão a montar um museu sobre a Anna Fang, disse para comigo ou estão a tentar ressuscitá-la.

Caul lembrava-se do posto de escuta e da violenta confusão e os resultados da incursão. Algumas câmaras tinham continuado a funcionar enquanto os seus operadores procuravam desesperadamente por alguns indícios do grupo de pilhagem enquanto conseguiam vislumbrar de vez em quando o Caçador e apanhavam o som da sua terrível voz aterradora com uivos de guerra.

— Foi por isso que investi tanto no golpe de Rogues' Roost — disse o Tio. — Pensa bem! Raptar a pessoa que me deitou abaixo há tantos anos. A minha carreira a voltar ao princípio como uma cobra a comer a própria cauda! Justiça poética! Eu ia trazer aquela Caçadorazeca para aqui, reprogramá-la e torná-la minha escrava sem qualquer descanso até o sol desaparecer e o mundo congelar para sempre!

«E era o que eu teria feito se tu não tivesses explodido as câmaras-bombas antes do tempo, e tivesses obrigado Wrasse e os

miúdos a entrarem mais cedo, tudo tinha acabado bem. Mas tu estragaste tudo Caul. Chegaste lá e estragaste tudo.

— Por favor... — foi o que Caul conseguiu proferir inspirando com grande esforço o suficiente para formar uma palavra — Por favor...

— Por favor o quê? — gozou o Tio. — Deixar-te viver? Deixar-te morrer? Não depois do que fizeste Caul, meu rapaz. Os rapazes precisam de alguém a quem culpar pelo que aconteceu a Wrasse e raios se vou ser eu. Por isso, deixa-te ficar aí até perderes o pio e começas a cheirar tão mal que nem os Meninos Perdidos te vão aguentar e depois atiramos-te pela comporta. Só para lembrar a todos que O Tio É Quem Sabe.

Seguiu-se um longo suspiro, um remexer de dedos no microfone e por fim aquela espécie de barulho de um balão a rebentar do botão a desligar e até o sibilar de fundo da estática desapareceu. A corda chiava, a sala rodava, o mar pressionava contra as paredes e as janelas de Grimsby tentando arranjar forma de entrar. Caul deixava-se levar pela escuridão, acordava e voltava a deixar-se levar.

Nos seus aposentos, o Tio observava o rosto moribundo do rapaz numa dezena de ecrãs, ampliado, reduzido depois bocejou e afastou-se. Até o sempre alerta tinha às vezes de dormir embora não gostasse nem que o mais fiel dos seus meninos o soubesse.

— Mantém-no debaixo de olho, Gargle — disse ao seu jovem assistente e subiu as escadas para o quarto. A cama estava praticamente escondida pelas pilhas de papéis, pastas, relatórios, livros e documentos colocados em contentores de estanho. O Tio aninhou-se na coberta da cama (bordada a ouro e roubada à Margravine de Kodz) e adormeceu rapidamente.

Nos seus sonhos, que eram sempre os mesmos, ele era novamente jovem, exilado, pobre e com o coração destroçado.

Quando Caul voltou a si ainda era de noite e a corda que o estava a estrangular começava a dar esticões e a girar. Ele tentou respirar fazendo horríveis roucos quando alguém sobre ele sibilou:

— Fica quieto!

Ele abriu o olho que estava bom e olhou para cima. Sobre a sua cabeça no meio das sombras viu uma faca a cortar os grossos e fortes fios da corda.

— Ei! — tentou dizer.

O último fio rasgou-se e ele aterrou com força no meio da escuridão, no chão do casco do *Screw Worm* e ali ficou a tentar respirar por entre sons arquejantes. Sentiu alguém cortar as cordas dos seus pulsos. Umas mãos pousaram nos seus ombros e voltaram-no. Era Gargle.

Caul tentou falar mas o seu corpo estava demasiado ocupado a tentar respirar para se preocupar com palavras.

— Recompõe-te — disse suavemente Gargle. — Tens de ir embora.

— Embora? — roncou Caul. — Mas o Tio vai ver!

Gargle abanou a cabeça.

— Ele está a dormir.

— O Tio nunca dorme!

— Isso é o que tu pensas. De qualquer forma, todas as câmaras que te estavam a controlar foram abaixo. Eu tratei do assunto.

— Mas quando ele descobrir o que fizeste...

— Ele não vai descobrir — e o sorriso de Gargle brilhou na escuridão. — Escondi os bocados das câmaras que apanhei no

beliche do Skewer. O Tio vai achar que foi ele.

— O Skewer odeia-me! O Tio sabe perfeitamente disso!

— Não, não sabe. Eu tenho andado a dizer-lhe como tu e ele se deram bem a bordo do *Screw Worm*. E da forma como Skew tomou o comando só por estar preocupado contigo. E como faria *qualquer coisa* por ti. O Tio acha que tu e o Skew são unidos como ladrões.

— Pelos Deuses! — disse Caul com a voz rouca surpreendido com a astúcia do caloiro e aterrorizado só de pensar no que ia acontecer a Skewer.

— Eu não podia deixar o Tio matar-te — continuou Gargle. — Foste muito bom para mim a bordo de Anchorage. E é lá o teu lugar, Caul. Agarra no *Screw Worm* e volta para Anchorage.

Caul massajou a garganta. Todos os seus anos de treino lhe gritavam que roubar uma «lapa» era o pior pecado que um Menino Perdido podia cometer. Ao mesmo tempo sabia-lhe bem estar vivo e cada inspiração que lhe entrava nos pulmões lhe dava mais determinação para assim continuar.

— Porquê o Anchorage? — perguntou. — Ouviste o que Tom e Pennyroyal disseram. Anchorage está condenado. E eu nunca serei lá bem-vindo. Pelo menos um ladrão como eu.

— Eles vão receber-te bem, principalmente quando perceberem como precisam de ti e vão rapidamente esquecer que os roubaste. Vais precisar disto — e Gargle passou-lhe qualquer coisa para a mão. Era um comprido e esguio tubo de metal. — Não há tempo para conversas Caul — continuou. — O teu lugar não é aqui. Nunca foi. Agora enfia-te naquela «lapa» e desaparece daqui para fora.

— Também vens?

— Eu? Claro que não. Eu sou um Menino Perdido. Vou ficar aqui e tornar-me útil ao Tio. Ele já está velho, Caul. A vista e a audição já não são o que eram. Ele vai precisar de alguém da sua inteira confiança para tomar conta das câmaras e dos arquivos. Dá-me alguns anos e serei o seu braço direito. Mais alguns e quem sabe? Talvez eu próprio fique ao comando de Grimsby.

— Isso é que era bom, Gargle — respondeu Caul rindo-se dolorosamente. — Gostava de te ver ao comando de Grimsby e a pôr cobro a todas estas tiranias.

— Pôr cobro? — Gargle esboçou um sorriso frio e cínico que Caul nunca antes tinha visto e que não gostou nada. — Não me parece! Vou ser o maior tirano de todos! É isto que me faz continuar, Caul, todo aquele tempo em que Skewer e os outros me trataram mal no Furtário e a pensar no que lhes iria fazer quando chegasse a minha vez.

Caul fixou-o durante mais alguns momentos meio inclinado a acreditar se tudo aquilo não passaria de mais um sonho.

— Vai — disse Gargle novamente e abriu a escotilha do *Screw Worm*. Sonho ou não, mais valia não discutir com ele que deixava transparecer uma certeza tão grande na voz que Caul sentiu-se novamente um caloiro a receber ordens de um rapaz mais velho e confiante. Quase deixou cair ao chão o que Gargle lhe tinha dado mas ele apanhou-o e voltou a dar-lhe. — Vai e mantém-te longe daqui e boa sorte!

Caul agarrou no tubo e entrou a custo pela escotilha e depois desceu as escadas pensando como é que aquele tubo martelado de metal laçado o iria ajudar.

Capítulo 30

Anchorage

Freya acordou cedo e deixou-se ficar deitada no escuro a sentir a sua metrópole a estremecer por baixo à medida que ia navegando sobre a camada de gelo e os cumes aguçados. Anchorage já estava bastante mais afastada para ocidente da Gronelândia e dirigia-se para sul pelo gelo desconhecido e pelas zonas rochosas e corcundas das ilhas geladas. Por várias vezes, Mr. Scabious tinha de içar a roda de tracção e deixar as lagartas levarem a metrópole pelas rochas sólidas e cobertas de neve e de glaciares fendidos. À sua frente estendia-se agora um mar gelado e virgem rumo ao horizonte. A Menina Pye julgou ser a Baía de Hudson, a grande planície gelada de que o Professor Pennyroyal tinha falado e que os levaria até ao coração do Continente Morto e quase até às margens das zonas verdes. Mas seria suficientemente forte para aguentar o peso de Anchorage?

Se ao menos o Professor Pennyroyal nos desse a certeza, pensou Freya dando um pontapé aos cobertores e caminhando calmamente até à janela. Mas Pennyroyal tinha atravessado aquela zona a pé e as descrições do seu livro eram surpreendentemente vagas. Mr. Scabious e Menina Pye tinham tentado obrigá-lo a ser mais preciso, mas ele tinha ficado amuado e aborrecido e uns tempos depois tinha deixado de aparecer nas reuniões do Comité de Navegação. Na verdade, desde que Hester tinha zarpado no *Jenny Haniver* que o bom professor andava de facto muito estranho.

Uma brisa gelada golpeou o rosto de Freya quando ela abriu as cortinas para observar o gelo. Era estranho pensar que aquele era o lado mais afastado do mundo! Mais estranho ainda lembrar-se que em breve estariam no novo terreno de caça e as vistas das janelas seriam todas verdes com relva, arbustos e árvores. A ideia

ainda a assustava um pouco. Governariam os Deuses Gelados as terras que só tinham neve durante alguns meses do ano? Ou precisaria Anchorage de novos deuses?

Um rasgo de luz amarelada iluminou a neve fora da Sala de Navegação quando a porta se abriu e alguém saiu. Freya limpou o vapor que a sua respiração tinha provocado e encostou a cara ao vidro. Aquela silhueta era inconfundível. Uma figura corpulenta vestida com um manto quente e com um turbante de pêlo a sair com um ar suspeito pelo Rasmussen Prospekt.

Atendendo às recentes atitudes do Professor Pennyroyal este era um comportamento deveras estranho. Freya vestiu-se rapidamente enfiando umas simples roupas de lã de trabalho que ultimamente constituíam a sua indumentária e enfiou uma lanterna no bolso. Saiu sorrateiramente do palácio sem acordar Smew. Pennyroyal não estava à vista mas as suas profundas pegadas na neve mostravam-lhe para onde se tinha dirigido.

Há alguns meses Freya não se atreveria a sair do recinto do palácio sozinha mas durante esta viagem pelo topo da Gronelândia ela tinha mudado muito. A princípio o choque de ter perdido Tom quase a atirou de volta para os dias de outrora, em que ficava nos seus aposentos, sem querer ver ninguém e dava ordens através de Scabious e de Smew. Mas depressa se chateou de estar enfiada dentro do Palácio de Inverno. Sentia-se comichosa por saber o que se estava a passar lá fora. E resolveu aventurar-se e lançar-se na vida da sua metrópole como nunca antes o tinha feito. Sentava-se a falar com os trabalhadores que almoçavam nos pavilhões aquecidos à beira da metrópole superior a verem o gelo a passar. Aprendeu com a Windolene Pye a tomar banho, a lavar os dentes e cortou o cabelo muito curto. Juntava-se às patrulhas que Scabious enviava todas as manhãs aos suportes das lâminas para inspeccionar se havia parasitas, conduzia máquinas de carga na subdivisão de máquinas e até já tinha saído para o gelo à frente de Anchorage

com uma equipa hidrográfica espantada e comprometida. Ela tinha-se visto livre das tradições da família com uma sensação de alívio, tal como se estivesse a deitar fora roupas velhas e que já não lhe serviam.

E agora andava furtivamente pelas sombras a estibordo de Rasmussen Prospekt a espiar o seu próprio director de navegação!

À sua frente, o turbante enfeitado do professor provoca súbitas manchas coloridas contra os sombrios edifícios cobertos de gelo à medida que se ia enfiando pelo meio dos portões da doca aérea.

Freya corria atrás dele misturando-se nas diferentes sombras até se lançar para o abrigo das alfândegas já dentro dos portões do atracadouro. Coroada pela névoa do seu próprio hálito quente, olhou à volta a pensar que já tinha perdido o seu suspeito no meio daqueles hangares e tanques do convés cobertos de neve. Não... ali estava ele! As manchas claras do seu turbante oscilavam sob a luz do candeeiro do outro lado do atracadouro e depois desapareceram quando ele penetrou nas sombras da entrada do armazém de Aakuiq.

Freya atravessou o atracadouro seguindo as pegadas nervosas que o explorador tinha feito na neve. A porta do armazém estava aberta. Parou um momento e espreitou nervosamente para a escuridão de lá de dentro e lembrou-se de como os meninos-parasitas a tinham usado como capa para assombrarem e pilharem a sua metrópole... Mas já não havia perigo e a lanterna que ela via a deambular ao fundo do armazém não pertencia a nenhum pirata do gelo maléfico mas sim a um estranho explorador.

Ela conseguia ouvir a sua voz a murmurar no silêncio empoeirado. Com quem estaria a falar? Consigo próprio? Windolene Pye contou-lhe que ele tinha esvaziado a adega do director de navegação e que agora roubava bebidas dos restaurantes abandonados da Suprema Arcada. Se calhar estava bêbado e a

delirar. Ela aproximou-se passando por entre a pilha de velhas peças de motores.

— Pennyroyal chama! — ouviu a sua voz desesperada a dizer num tom baixo. — Pennyroyal chama alguém! Respondam por favor! Por favor!

Agachou-se no charco de luzes verdes que irradiavam do mostrador de um velho rádio que ele deveria ter posto de alguma forma a funcionar. Tinha os auscultadores presos aos ouvidos e as mãos tremiam ligeiramente ao agarrar o microfone.

— Está aí alguém? Por favor! Eu pago o que for preciso! Mas tirem-me desta metrópole de loucos!

— Professor Pennyroyal? — perguntou Freya levantando a voz.

— Bolas! Clio! Poskitt! Ceroulas! — gritou o professor. Levantou-se de um salto e ouviu-se o ruído de qualquer coisa a cair aos seus pés quando o fio dos seus auscultadores puxou uma avalanche de velhas peças que não estavam presas. As luzes dos mostradores apagaram-se e algumas válvulas soltaram pequenas faíscas como um ligeiro fogo-de-artifício. Freya agarrou na sua lanterna e acendeu-a. O aterrorizado rosto de Pennyroyal apanhado no meio daquele feixe de poeira luminosa estava pálido e suado mas depressa se transformou num sorriso afectado ao vislumbrar Freya através da luz.

— Vossa Resplandecência?

Já quase ninguém se dava ao trabalho de a tratar assim. Até a Menina Pye e Smew a tratavam por «Freya». O professor tinha-se tornado tão insensível!

— Apraz-me ver que anda ocupado, Professor — disse. — Mr. Aakiuq sabe que anda a bisbilhotar no armazém dele?

— A bisbilhotar, Vossa Resplandecência? — Pennyroyal fez um ar chocado — Um Pennyroyal nunca bisbilhota! Não, não, não... eu estava apenas... não queria incomodar Mr. Aakiuq...

A lanterna de Freya falhou e ela lembrou-se de que provavelmente já não deveria haver assim tantas pilhas a bordo de Anchorage. Descobriu um interruptor e acendeu uma das lâmpadas de árgon que pendia de uma das traves ferrugentas do tecto. Pennyroyal pestanejou com a súbita luz. Estava com muito mau aspecto, magro como um palito, os olhos vermelhos, uma penugem de pêlos brancos manchavam os aparados cortes da sua barba.

— Com quem é que estava a falar? — perguntou ela.

— Com ninguém. Ninguém.

— E por que motivo quer que eles o tirem desta metrópole de loucos? Pensava que vinha connosco! Pensava que estava desejoso por voltar aos vales verdejantes da América e à bela *Código Postal*.

Ela achou que era impossível ele ficar ainda mais pálido, mas ficou.

— Ah! — respondeu — Pois.

Por vezes, durante estas últimas semanas um horrível pensamento tinha-a assolado. E sempre em alturas estranhas... quando estava a tomar banho, ou deitada ainda acordada às três da manhã ou a jantar com a Menina Pye e Mr. Scabious mas nunca tinha falado disto a ninguém embora achasse que também eles o tivessem pensado. Normalmente quando o sentia a inundar a sua mente, tentava pensar noutra coisa porque afinal, era uma estupidez, ou não?

Só que não era uma estupidez, mas sim a verdade.

— O Professor não sabe o caminho para a América, pois não?
— perguntou ela tentando não deixar tremer a voz.

— Pois.

— Percorremos todo este caminho seguindo os seus conselhos e o seu livro e o senhor nem sabe como encontrar novamente os seus vales verdejantes? Ou será que afinal simplesmente não existem? Alguma vez esteve na América, Professor?

— Como é que se atreve? — começou Pennyroyal por dizer e depois percebendo que já não tinha como continuar a mentir suspirou e abanou a cabeça — Não. Não. Inventei tudo — afundando-se com um ar miserável e derrotado na cobertura amovível de um motor que estava virada ao contrário — Nunca fui a lugar algum, Vossa Resplandecência. Apenas li os livros dos outros, vi fotografias e inventei tudo. Escrevi *A Deslumbrante América*, enquanto descansava na piscina de um hotel na plataforma superior de Paris na companhia de uma adorável jovem chamada Peaches Zanzibar. Tive o cuidado de a retratar num lugar agradável e remoto, claro. Mas nunca imaginei que alguém pudesse mesmo querer *ir* lá.

— E por que razão não admitiu que tudo não passava de uma grande mentira? — perguntou Freya — Quando o nomeei para Director de Navegação por que motivo não me contou que tudo não passava de mentiras?

— E recusar a hipótese de ter todo aquele dinheiro, os apartamentos luxuosos e a adega do chefe de navegação? Eu sou apenas humano, Freya. Além disso, se isto se souber no Terreno de Caça, serei a piada do século! Estava à espera de me ir embora com Tom e Hester.

— Por isso é que ficou tão triste quando Hester levou o *Jenny Haniver*!

— Exacto! Ela tirou-me o meu meio de fuga! Fiquei sem forma de fugir desta metrópole e não podia admitir o que tinha feito, pois a Freya mandava-me matar.

— Não mandava nada!

— Bem, mas o seu povo mandava. Por isso tenho andado a usar estes velhos rádios para tentar pedir ajuda, na esperança de que haja por aí algum mercador aéreo perdido ou navio de exploração à volta que me possa tirar daqui.

Era impressionante a pena que sentia de si próprio enquanto nem se preocupava de todo com a metrópole que tinha condenado à morte. Freya tremeu de raiva.

— O senhor, o senhor... o senhor está despedido, Professor Pennyroyal! Já não é o meu chefe de navegação! E devolva-me imediatamente a sua bússola de cerimónia e as chaves da Sala de Navegação!

Mas aquilo não a fez sentir-se melhor. Caiu em cima de uma pilha de gaxetas velhas que chiaram e saltaram sob o seu peso. Como é que ela ia dar esta notícia à Menina Pye e a Mr. Scabious e a todos os outros? Que estavam presos do lado errado do mundo apenas com um continente morto à frente e sem combustível suficiente para voltar para casa e que tinha sido *ela* a levá-los até ali! Ela tinha dito a todos que aquela viagem para ocidente era vontade dos Deuses Gelados mas afinal era apenas a vontade *de* *ela*. Se ao menos não tivesse sido influenciada por Pennyroyal e pelo seu estúpido livro!

— O que é que eu vou fazer agora? — perguntou ela. — O que é que hei-de fazer?

Ouviu-se um grito vindo algures das ruas das traseiras do atracadouro. Pennyroyal olhou para cima. Ouvia-se um zumbido e

um roncar vindo de algures. Era um murmurar vago que ia aumentando e diminuindo e que mais parecia...

— Motores aéreos! — exclamou Pennyroyal com um salto deitando abaixo mais umas pilhas de peças sobressalentes na sua avidez de chegar à porta — Obrigado Clio! Estamos salvos!

Freya correu atrás dele limpando as lágrimas e colocando a máscara para o frio. Lá fora, a escuridão tinha dado lugar a um crepúsculo prateado. Pennyroyal afastava-se ruidosamente dela pelo atracadouro parando para apontar para o céu para algo que deslizava sobre o escritório do atracadouro. Freya franziu os olhos para o vento e viu um grupo de luzes e um rasto cremoso de fumo de escape que manchava a escuridão.

— Um dirigível! — gritou Pennyroyal dançando de forma alucinada no meio da neve dos tanques de convés — Alguém ouviu a minha mensagem! Estamos salvos! Salvos!

Freya passou por ele a correr tentando manter a máquina debaixo de olho. Os Aakuiq estavam à porta do escritório do atracadouro a olhar para cima.

— Um dirigível, aqui? — ouviu o mestre da doca a dizer — Quem será?

— Os Deuses Gelados avisaram-te que vinha, minha querida Freya? — perguntou Mrs. Aakuiq.

Um homem chamado Lemuel Quaanik surgiu a correr com os sapatos de neve a nadarem nos enormes pés. Era um dos elementos da equipa hidrográfica com quem Freya tinha trabalhado e que sentia muito à-vontade para falar com ela.

— Resplandecência? Já vi aquele dirigível antes. Aquele é o falso do Piotr Masgard, o *Clear Air Turbulence*!

— Os Predadores de Arkangel! — arquejou Mrs. Aakuiq.

— Aqui? — gritou Freya. — Não pode ser! Arkangel jamais caçaria a ocidente da Gronelândia. Não há aqui nada para eles devorarem.

— Nós — respondeu Mr. Quaanik.

O *Clear Air Turbulence* circundou Anchorage e depois ficou suspenso sobre a popa como um lobo solitário a vigiar a sua presa. Freya correu para a Sala de Navegação e para a ponte. Windolene Pye já lá estava ainda de camisa de noite com o seu longo e grisalho cabelo solto.

— São os Predadores Freya! — respondeu ela. — Como é que nos terão encontrado? Por todos os deuses como é que eles nos encontraram?

— O Pennyroyal! — percebeu Freya — O Professor Pennyroyal e as suas estúpidas comunicações...

— Estão a fazer sinais — gritou Mr. Umiak saindo da sala do rádio. — Estão a mandar-nos desligar os motores.

Freya olhou para a popa, àquela média luz o gelo parecia pálido e vagamente iluminado e ela conseguiu distinguir as esbatidas marcas da roda da popa da sua metrópole estendendo-se para nordeste e desaparecendo no meio do nevoeiro. Não havia sinal de perseguição, apenas aquele dirigível negro que se deslocava e tremia enquanto circundava o rasto da metrópole.

— Respondo-lhes Freya?

— Não! Fingimos que não ouvimos.

Mas Piotr Masgard não ficou por ali. O *Clear Air Turbulence* aproximou-se até estar frente a frente com a Sala de Navegação. Freya olhou para ele através da parede de vidro e viu os dois aviadores dobrarem-se sobre os comandos no convés de voo e um artilheiro a sorrir para ela de uma pequena bolha escondida entre as

hélices de direcção. Ela viu a escotilha abrir-se e o próprio Piotr Masgard sair a gritar qualquer coisa através do corno de um touro.

A Menina Pye abriu o ventilador e a voz forte irrompeu até eles.

— Parabéns, povo de Anchorage! A vossa metrópole foi escolhida como presa do grande Arkangel! O Flagelo do Norte está a um dia de viagem e a ganhar terreno. Desliguem os motores e poupem-nos uma perseguição e serão bem tratados.

— Eles não podem devorar-nos! — exclamou a Menina Pye. — Agora não! Ai, é mesmo uma pena!

Freya sentiu um súbito entorpecimento como se de repente tivesse caído dentro de água gelada. A Menina Pye olhava para ela tal como todos os outros que estavam na ponte à espera que os Deuses Gelados falassem através dela e lhes dissessem o que fazer. Ela pensou se lhes deveria dizer a verdade. Talvez fosse melhor ser devorado por Arkangel do que percorrer indefinidamente um gelo desconhecido em direcção a um continente que afinal estava mesmo morto. Depois pensou em tudo o que tinha ouvido sobre Arkangel e na forma como tratavam as pessoas que devoravam e pensou, *Não, não, qualquer coisa é preferível a isso. Quero lá saber se nos despenhamos no gelo ou se morremos à fome na América Morta mas eles não nos vão devorar!*

— Desliguem os motores! — gritou Masgard.

Freya olhou para oriente. Se Arkangel tivesse cortado caminho pela crista da Gronelândia talvez estivesse mais perto do que Masgard dizia mas Anchorage ainda conseguiria fugir-lhe. A metrópole predadora não iria querer aventurar-se por esta planície gelada desconhecida. Por isso é que tinham enviado os predadores à frente...

Como não tinha um megafone para poder responder, agarrou numa caneta de tinta-da-china que estava na mesa dos mapas e

escreveu em letras maiúsculas nas costas do mapa: *NÃO!*

— Menina Pye — continuou. — Diga por favor a Mr. Scabious «A Todo o Gás».

A Menina Pye dirigiu-se para o telefone de indução e Freya pressionou a sua mensagem contra o vidro. Viu o esforço que Masgard teve de fazer para conseguir ler e a sua expressão quando percebeu. Voltou a entrar na sua barquinha e fechou a escotilha com força e o dirigível afastou-se.

— Afinal o que é que eles podem fazer? — perguntou um dos navegadores — Não nos vão atacar senão arriscam-se a destruir as coisas pelas quais nos querem devorar.

— Aposto que Arkangel está a mais de um dia de distância — declarou a Menina Pye. — Aquele enorme e forte urbívoro! Devem estar desesperados ou não enviariam uns janotas mimados para brincarem aos piratas do ar. Bem Freya, fez bem em não cair na conversa deles. Escapar-lhes-emos facilmente!

E o *Clear Air Turbulence* mergulhou na saraiva de pó de gelo que se formava por trás da metrópole e disparou uma bateria de mísseis em direcção aos suportes de bombordo da roda da popa. Fumo, faíscas e chamas saíram da popa de Anchorage. O eixo deu de si e a roda caiu para o lado deslizando pelo gelo ficando presa por um emaranhado de correntes de transmissão e de suportes distorcidos na ponta a estibordo, um mar de destroços que fez com que a metrópole deslizesse e parasse de repente.

— Depressa! — gritou Freya sentindo o pânico a apoderar-se dela quando as luzes do dirigível suspenso desapareceram na suave nuvem do gelo da popa — Ponha-nos novamente a andar! Baixem as lagartas...

A Menina Pye estava ao telefone de indução a ouvir os distorcidos relatórios que vinham lá de baixo.

— Ai, Freya não podemos, a roda é demasiado pesada para arrastar deve ter ficado cortada e Sören diz que vai demorar horas!

— Mas nós não temos horas! — gritou Freya e depois percebeu que provavelmente nem minutos. Agarrou-se à Menina Pye e ficaram ambas a observar a doca aérea. O *Clear Air Turbulence* aterrou o tempo suficiente para vomitar um rasto de escuras figuras armadas que desciam as escadas para proteger a subdivisão de máquinas. E depois voltou a ficar suspensa no céu sobre a Sala de Navegação. As paredes de vidro cederam sob as botas de mais homens que desciam da barquinha por cordas e que entraram pela ponte espalhando estilhaços brilhantes. Seguiu-se uma confusão de gritos, berros, espadas iluminadas pela luz das lâmpadas e a mesa dos mapas voltada. Freya tinha perdido a Menina Pye. Tentou correr para o elevador mas já lá estava alguém à sua espera, vestido de peles, armadura e com um rosto sorridente e as mãos enluvadas esticadas para a agarrar e ela só conseguia pensar: *Chegamos aqui! Chegamos até aqui para sermos devorados!*

Capítulo 31

A Atiradora De Facas

A alguns metros abaixo da barquinha do *Jenny Haniver* deslizavam enormes placas de gelo entrecruzadas com valas, reentrâncias e cumes destruídos. Tom e Hester olhavam para baixo pelas janelas do convés de voo para aquela imensidão branca e sentiram como se desde sempre tivessem voado naquele oceano blindado.

Um dia depois de fugirem de Rogues' Roost atracaram numa pequena estação baleeira de Gelófilos, compraram combustível com os últimos soberanos de Pennyroyal que ainda tinham e rumaram para noroeste em busca de Anchorage. Não dormiam muito com receio que a aviadora viesse assombrar os seus sonhos. Ficavam no convés de voo a mordiscar biscoitos duros, a beber café e a contarem um ao outro de forma atabalhoada, por entre rompantes, as coisas que cada um tinha passado desde que se tinham separado.

Não falaram na viagem que Hester tinha feito ao sair de Anchorage e nem no que a tinha causado. Não falavam disso desde aquela primeira vez em que se tinham sentado sem fôlego, trémulos e agarrados um ao outro no duro convés e em que Hester em voz baixa tinha dito:

— Há uma coisa que não te contei. Depois de me ter ido embora, fiz uma coisa terrível...

— Ficaste irritada e zarpaste — respondeu Tom sem perceber. Estava tão contente por tê-la de volta que não queria arriscar uma discussão por isso tinha feito com que parecesse uma coisa sem importância e fácil de esquecer.

Hester abanou a cabeça.

— Não, é... — mas não conseguiu explicar.

E continuaram a voar, dia após dia, sobre o ondulado mar gelado e os terrenos congelados até ao dia em que Tom repentinamente disse:

— O que aconteceu comigo e com a Freya não foi propositado. Eu prometo que quando chegarmos a Anchorage nada vai ser como da outra vez. Vamos apenas avisá-los da vinda de Arkangel e depois zarpamos em direcção às Cem Ilhas ou outro sítio qualquer, só nós os dois como antes.

Hester abanou a cabeça.

— É demasiado perigoso, Tom. Vem aí uma guerra. Talvez não seja este ano ou para o próximo, mas será muito brevemente e vai ser muito violenta, e é demasiado tarde para fazer alguma coisa para a evitar. E a Liga vai continuar a achar que nós é que incendiámos a Frota Aérea do Norte e a Green Storm vai continuar a culpar-nos pelo ataque a Rogues' Roost e aquele Caçador não vai estar sempre por perto para nos proteger.

— Então para onde é que podemos ir que seja seguro?

— Para Anchorage — respondeu Hester. — Havemos de arranjar forma de manter Anchorage a salvo e ficar uns tempos por lá e quem sabe até...

Mesmo que houvesse forma de salvarem a metrópole, ela sabia que não haveria lugar para ela a bordo. Ela deixaria Tom a salvo com Freya e ir-se-ia embora. Anchorage era um lugar bom, gentil e pacífico e não era um lugar para a filha de Valentine.

Naquela noite, sob as luzes da Aurora que dançavam sobre ele, Tom olhou para baixo através de um buraco nas nuvens e viu uma grande marca desenhada lá em baixo no gelo onde centenas

de sulcos profundos e paralelos seguiam para oriente por terrenos montanhosos e nublados e desapareciam para ocidente pela noite vazia.

— Rastos de metrópoles! — gritou ele indo a correr acordar Hester.

— Arkangel — disse Hester sentindo-se mal e assustada.

A imensa visão da metrópole predadora lembrou-lhe o tamanho dela. Como é que ela podia conseguir travar uma coisa daquelas?

Viraram o *Jenny* para a rota de Arkangel e uma hora depois Tom apanhou o irritante som da sonante sirene do predador cortando a estática do rádio e logo depois avistaram as suas luzes a piscarem um pouco mais à frente no meio da neblina.

A metrópole deslocava-se a velocidade de cruzeiro protegida por uma guarda-avançada de veículos de vigilância e subúrbios ronronantes, reduzidos às suas partes essenciais, que iam sondando o gelo. Alguns dirigíveis sobrevoavam-na na sua maioria mercadores a saírem da doca aérea e a voltarem para leste relutantes em deixar Arkangel levá-los tão para fora dos limites de todos os mapas. Tom queria falar com eles mas Hester avisou-o para não o fazer.

— Não podes confiar nos dirigíveis que negociam com Arkangel — disse ela receosa que algum dos mercadores a reconhecesse e contasse a Tom o que ela tinha feito e continuou: — Fiquemos bem afastados deles e continuemos o nosso caminho.

Permaneceram afastados, a andar, e o brilho de Arkangel fundiu-se na escuridão por detrás deles à medida que a neve começava a cair vinda de norte. Mas enquanto o sinal da sua sirene se ia extinguindo foi logo repostado por outro som a princípio muito ténue mas que ia aumentando vindo algures do gelo mais à frente.

Puseram-se a procurar na escuridão enquanto o vento soprava contra o balão do *Jenny* e os flocos de neve batiam nos vidros. Mais à frente um conjunto de luzes desmaiadas reluziam e a longa e sombria nota da sonante sirene sobressaía da estática tão solitária como o uivo de um lobo.

— É Anchorage.

— E está parada!

— Algo se passa...

— Chegámos tarde de mais! — exclamou Tom. — Não te lembras? Arkangel manda primeiro os seus Predadores para capturar as metrópoles que quer devorar. Aquele brutamontes que conhecemos em Airhaven! Ele obriga-os a virar e encaminha-os para as mandíbulas de Anchorage... Temos de voltar para trás. Se lá aterrarmos, os Predadores vão manter-nos ali até Arkangel chegar e o *Jenny* será devorado com a metrópole...

— Não — disse Hester. — Temos de aterrar. Temos de fazer alguma coisa — E olhou para Tom desejando poder contar-lhe por que razão aquilo era tão importante para ela. Ela tinha a certeza de que caso se quisesse redimir teria de lutar contra os Predadores e muito provavelmente acabaria morta. Ela queria contar a Tom o negócio que tinha feito com Masgard para que ele a perdoasse. Mas e se ele não lhe conseguisse perdoar? E se ele a afastasse horrorizado? Ela tinha as palavras na ponta da língua mas nem se atrevia a deixá-las sair.

Tom desligou os motores do *Jenny* e deixou que o vento os aproximasse silenciosamente. Tinha ficado comovido com a súbita e surpreendente preocupação de Hester para com a metrópole gelada.

Só quando a viu é que se apercebeu da falta que tinha sentido dela. Os seus olhos encheram-se de lágrimas fazendo com que as

luzes da Casa de Navegação e do Palácio de Inverno se transformassem em teias de aranha.

— Está tudo tão iluminado que parece uma árvore de Quirkemas...

— É para que Arkangel a possa ver — respondeu Hester.

— Masgard e os Predadores devem ter parado os motores e ligado todas as luzes e a sonante sirene. Devem estar provavelmente no palácio de Freya à espera que a metrópole chegue.

— E Freya? — perguntou Tom. — E o resto do povo?

Hester não sabia responder.

A doca aérea estava estranhamente bem iluminada e acolhedora mas de forma alguma iriam atracar lá. Hester apagou as luzes de navegação e deixou Tom ao comando, coisa em que tinha sido desde sempre melhor que ela. Ele desceu tanto o *Jenny* que a quilha da barquinha quase tocou no gelo antes que ele a conseguisse subir rapidamente fazendo-a passar pela estreita fenda entre dois armazéns que ficavam na ponta a bombordo da plataforma inferior. O barulho que os ganchos de atracação fizeram no convés de voo pareceu-lhes excessivo, mas ninguém apareceu para ver o que se tinha passado e quando se aventuraram a sair não viram qualquer movimento nas ruas silenciosas e cobertas de neve.

Subiram ambos rápida e silenciosamente para a doca aérea, calados, envolvidos nas diferentes recordações que tinham daquela metrópole. O *Clear Air Turbulence* estava atracado num dos tanques abertos mais ou menos a meio do atracadouro com a marca vermelha de Arkangel que brilhava no balão, um lobo. Um sentinela vestido de peles estava a seu lado e via-se algum movimento nas janelas da barquinha.

Tom olhou para Hester.

— O que é que vamos fazer?

Ela abanou a cabeça ainda sem saber. Tom seguiu-a através das espessas manchas salpicadas por trás dos tanques de combustível e entraram pela porta das traseiras da casa do mestre da doca. Estava tudo às escuras excepto pelas súbitas luzes do atracadouro que de vez em quando entravam pelas janelas geladas. Parecia que tinha passado um furacão pela sala e pela cozinha em tempos arrumadas e que tinha partido a colecção de pratos comemorativos, estilhaçando a louça de barro e arrancando os retratos dos filhos dos Aakuiq do altar da família. A antiga caçadeira que costumava estar pendurada na parede da sala tinha desaparecido e o fogão estava gelado. Hester agachou-se sobre os pedaços estilhaçados dos reluzentes rostos dos Rasmussen que estavam sobre a cómoda e abriu a gaveta das facas.

Por trás dela ouviu-se um barulho na escada. Tom que estava mais perto da escada voltou-se a tempo de ver um rosto cinzento desbotado olhar para ele por entre o corrimão mas que desapareceu quase de imediato como se quem quer que fosse que estivesse ali escondido tivesse subido rapidamente para o andar de cima. Tom deu um grito surpreendido e pôs rapidamente a mão na boca ao lembrar-se do homem que estava lá fora. Hester passou por ele empurrando-o empunhando a faca de cozinha mais aguçada de Mrs. Aakuiq. Seguiu-se uma confusa luta no meio das sombras ferozes por trás do corrimão e uma voz a implorar:

— Misericórdia! Poupem-me! — e o barulho de um corpo pesado a escorregar e a ser arrastado pela parte de trás das calças. Hester afastou-se, arquejando, apontado a faca muito direita, e Tom olhou para o seu prisioneiro.

Era Pennyroyal. O explorador estava com um ar sujo, despenteado com espessos pêlos brancos nas zonas cavadas do

rosto e parecia ter envelhecido uns dez anos enquanto eles tinham estado fora como se em Anchorage o tempo tivesse passado mais depressa que no mundo exterior. Gemeu ligeiramente com os olhos esbugalhados e olhando ora um ora outro.

— Tom? Hester? Pelos Deuses e Deusas pensava que eram alguns daqueles malditos Predadores. Mas como é que aqui chegaram? Têm o *Jenny* convosco? Felizmente! Temos de partir imediatamente!

— O que é que se tem estado a passar por aqui Professor? — perguntou Tom — Onde estão todos?

Pennyroyal mantendo um olhar apreensivo na mão de Hester que segurava a faca arrastou-se pondo-se numa posição mais confortável encostado a um suporte.

— Os Predadores de Arkangel, Tom. *Hooligans* aéreos liderados pelo execrável Masgard. Chegaram há cerca de dez horas, destruíram a roda de tracção e tomaram conta da metrópole.

— Há mortos? — perguntou Hester.

Pennyroyal abanou a cabeça.

— Acho que não. Quiseram manter toda a gente em boa forma para os enfiar nos seus porões de escravos por isso limitaram-se a juntar todos e a aprisioná-los no Palácio de Inverno enquanto esperavam que a sua metrópole cá chegasse. Alguns dos bravos homens de

Scabious tentaram ripostar mas levaram uma grande sova mas além disso não há mais ninguém magoado.

— E o senhor? — Hester inclinou-se para a luz para que ele visse o seu olhar de górgona — Por que razão não está preso com os outros?

Pennyroyal fez um sorriso amarelo.

— Ah, Menina Shaw já sabe qual o lema dos Pennyroyal: «Quando as coisas aquecem, os sensatos escondem-se debaixo de uma grande pilha de móveis.» Eu por acaso estava na doca aérea quando eles aterraram. Com a minha habitual e rápida forma de pensar fugi e escondi-me aqui debaixo da cama. E só saí daqui quando tudo acabou. Pensei em apresentar-me ao jovem Masgard e reclamar a minha recompensa mas sinceramente acho que ele não é fiável por isso deixei-me aqui ficar.

— Que recompensa? — perguntou Tom.

— Ah... — Pennyroyal fez um ar envergonhado e tentou esconder o seu velho sorriso maroto. — Bem, Tom, acho que fui eu que trouxe os Predadores até cá.

Por alguma razão que Tom desconhecia, Hester começou a rir.

— Eu só enviei uns quantos pedidos de socorro! — queixou-se o explorador. — Nunca pensei que Arkangel os pudesse interceptar! Quem é que poderia escutar um sinal de rádio a esta distância? Só um louco destes climas Boreais, sem dúvida... Mas como podem ver não me dei nada bem. Estou aqui escondido há horas na esperança de me poder enfiar a bordo daquele dirigível predador e fugir mas está lá sempre um idiota de um sentinela a guardá-lo e mais uns quantos lá dentro...

— Nós vimos — respondeu Tom.

— Mas — continuou o explorador alegremente. — Vocês voltaram com o *Jenny Haniver* e já não há problema, certo? Quando é que partimos?

— Não partimos — respondeu Hester. Tom olhou para ela ainda não muito seguro quanto à sua conversa sobre atacar os Predadores e ela continuou rapidamente — Como é que podemos partir? Devemo-lo aos Aakiuq, a Freya e a todos. Temos de os salvar.

Deixou-os a olhar para ela e dirigiu-se à janela da cozinha espreitando pelos pedaços de gelo. Flocos de neve caíam ao acaso redemoinhando nos focos de luz por baixo dos candeeiros do atracadouro. Imaginou os guardas a bordo do dirigível, o seu companheiro cá fora nos tanques de convés a tirar o gelo dos pés enquanto que o resto da equipa de Masgard estava no Palácio de Inverno a aquecer-se com os vinhos da Adega Rasmussen. Estariam com certeza entorpecidos e confiantes e não à espera de problemas. Não teriam estado à altura de Valentine. Talvez se ela tivesse herdado força, crueldade e astúcia suficiente também eles não estivessem à altura dela.

— Hester? — disse Tom aproximando-se dela assustado com o seu ar gelado. Era mais habitual ser ele a engendrar planos para ajudar os indefesos, enquanto que ouvir Hester a sugerir tal coisa parecia que o mundo tinha perdido o norte. Colocou gentilmente a sua mão no ombro dela e sentiu-a contraída e a começar a tremer. — Hester, eles são muitos e nós somos apenas três...

— Antes dois — intrometeu-se Pennyroyal. — Não quero fazer parte do vosso plano suicida...

Por breves momentos, Hester encostou a faca ao seu pescoço. A mão tremia ligeiramente fazendo com que os reflexos tremeluzissem na ponta da lâmina.

— Vai fazer o que eu lhe disser — respondeu a filha de Valentine. — Ou eu própria o matarei.

Capítulo 32

A Filha De Valentine

— Come Margravinezinha! — exclamou Piotr Masgard da outra ponta da mesa acenando a Freya com uma perna de frango meio comida.

Freya olhou para o seu prato onde a comida começava a coagular. Desejou estar presa no salão de Festas com os outros a comer as porcarias que os Predadores lhes tinham dado, mas Masgard tinha insistido para que ela jantasse com ele. Disse que estava apenas a demonstrar-lhe a cortesia que ela merecia e que não seria apropriado a uma Margravine comer com os seus subordinados. Como líder dos Predadores de Arkangel era seu dever e prazer recebê-la à sua mesa.

Excepto que a mesa era de Freya assim como a sala de jantar, a comida que vinha das suas despensas e era cozinhada nas suas cozinhas pelo pobre Smew. E sempre que ela elevava os olhos encontrava os olhos azuis de Masgard com uma expressão muito divertida avaliadora e orgulhosa da sua caçada.

No primeiro e confuso ataque à Sala de Navegação, ela consolou-se pensando, *Scabious jamais aceitará isto e ele e os seus homens vão ripostar e salvar-nos*. Mas quando ela e os seus compatriotas cativos foram levados para o salão de Festas e ela viu quantos já lá estavam à espera, apercebeu-se de como tudo fora rápido. Os homens de Scabious tinham sido surpreendidos ou então estavam demasiado ocupados a apagar os fogos provocados pelo ataque dos mísseis. O mal tinha triunfado sobre o bem.

— O Grande Arkangel juntar-se-á a nós dentro de algumas horas — anunciou Masgard circundando os prisioneiros enquanto os seus homens mantinham uma sentinela apertada com armas e

bestas a postos. As suas palavras saíam dos altifalantes instalados nas campânulas reluzentes do capacete do seu tenente — Portem-se bem e poderão ter uma vida saudável e produtiva na entranha. Se tentarem resistir, morrerão. Esta metrópole é um prémio muito bom e posso dar-me ao luxo de sacrificar alguns escravos caso insistam em que vos prove que estou a falar a sério.

Ninguém insistiu. O povo de Anchorage não estava habituado a violência e os brutais rostos dos Predadores e as suas armas de pressão eram mais do que suficientes para os convencer. Juntaram-se todos ao centro da sala, as mulheres agarradas aos maridos, as mães a tentarem silenciar o choro dos filhos, a falarem ou a fazerem qualquer coisa para desviarem a atenção dos guardas. Quando Masgard mandou chamar a Margravine para jantar com ele, Freya achou que seria mais sensato aceitar. Era melhor para o manter de bom humor.

Mas, pensou ela picando rapidamente a sua gelada refeição, se jantar com Masgard é o pior que terei de suportar, então devo conseguir sair-me bem. Mas não parecia assim tão fácil, pelo menos quando olhou para ele e sentiu o ar entre os dois infestado de ameaças. Sentiu o estômago às voltas e por momentos pensou que ia vomitar. Como desculpa para não ter de comer tentou fazer conversa.

— E como é que nos encontrou Mr. Masgard?

Masgard sorriu ficando com os olhos quase escondidos por baixo das pesadas pálpebras. Tinha ficado um pouco desiludido ao chegar ali pois as pessoas tinham-se rendido muito facilmente e o guarda-costas de Freya era tão ridículo que nem merecedor era da espada de Masgard. Mas ele estava determinado a ser galante para com a sua cativa Margravine. Sentia-se importante, belo e vitorioso sentado no trono de Freya à cabeceira da mesa e achava que a estava a impressionar.

— Como é que sabe que não foi o meu talento natural de predador que me guiou até aqui? — perguntou.

Freya fez um sorriso tenso.

— Não é assim que actuam, pois não? Já ouvi falar de vós. Arkangel é tão ávida por presas que paga às pessoas para darem informações sobre outras metrópoles.

— Vender.

— O quê?

— Vender outras metrópoles. Se quiserdes utilizar o calão dos porões, Vossa Resplandecência, deveis fazê-lo como deve ser.

Freya corou.

— Foi o Professor Pennyroyal não foi? Com aquelas estúpidas mensagens que enviou. Ele disse-me que estava apenas a tentar contactar algum explorador que passasse por aqui ou um mercador mas presumo que tenha andado a mandar-vos mensagens.

— Professor quê? — perguntou Masgard a rir. — Não, minha querida foi um ratinho voador que vos vendeu.

Freya sentiu os olhos a saltarem das órbitas.

— Hester!

— E sabes a melhor de todas? É que nem sequer quis ouro em troca pela tua metrópole. Apenas um rapaz. Um insignificante pedaço de lixo aéreo chamado Natsworthy...

— Ai, *Hester!* — sussurrou Freya. Sempre soube que aquela rapariga daria problemas mas nunca pensou que fosse capaz de uma coisa tão terrível. Trair uma metrópole inteira apenas para ficar com um rapaz que não merecia e que ficaria muito melhor com outra pessoa qualquer! Tentou que Masgard não se apercebesse da

sua raiva pois só o faria rir. E continuou: — O Tom desapareceu. Presumo que tenha morrido...

— Fugiu com muita sorte — gozou Masgard com a boca cheia de comida. — Não que isso interesse. A sua andorinha desapareceu, voou antes que a tinta do contrato tivesse tempo de secar...

A porta da sala de jantar abriu-se de rompante e Freya esqueceu Hester e voltou-se para ver o que tinha acontecido. Um dos homens de Masgard, o das campânulas no capacete, estava à porta.

— Fogo, meu senhor! — disse abruptamente. — No atracadouro!

— Quê? — Masgard foi à janela atirando o guardanapo para o lado. A neve rodopiava pelos jardins e por trás via-se um brilho vermelho intenso, que se espalhava, transformando os beirais e condutas dos telhados de Rasmussen Prospekt numa silhueta viva. Masgard acercou-se do seu tenente.

— Alguma notícia de Garshang e dos homens que estavam no atracadouro?

O Predador abanou a cabeça.

— Pelos dentes afiados do Lobo! — gritou Masgard. — Alguém ateou aquele fogo! Estão a atacar o nosso dirigível! — desembainhou a espada parando junto à cadeira de Freya a caminho da porta. — Se algum dos vossos verminosos cidadãos fez mal ao *Clear Air Turbulence* eu esfolo-os vivos e ainda vendo as suas entranhas para tapetes de lareira.

Freya tentou encolher-se fazendo pressão na cadeira.

— Não pode ser nenhum dos meus, vocês prenderam-nos todos... — Mas ao dizer aquilo lembrou-se do Professor Pennyroyal.

Não o tinha visto no salão de Festas. Estaria solto? Estaria a fazer alguma coisa para ajudar? Parecia-lhe pouco provável mas era a única réstia de esperança que tinha e agarrou-se a ela enquanto Masgard a içava da cadeira e a atirava contra o tenente.

— Leva-a outra vez para o salão de Festas! — gritou. — Onde estão Ravn, Tor e Skaet?

— Continuam a guardar a entrada principal, meu senhor.

Masgard desatou a correr deixando o outro homem a arrastar Freya da sala de jantar e empurrando-a pela graciosa curva do corredor em direcção ao salão de Festas. Pensou em tentar fugir mas o guarda era tão grande e forte e estava tão bem armado que nem se atreveu. Os seus familiares pendurados nos quadros olhavam-na desapontados à medida que ela ia passando sem ripostar. Então ela disse:

— Espero que alguém *tenha* incendiado o vosso precioso dirigível!

— Não nos fará qualquer diferença — grunhiu o seu guarda. — Vocês é que irão sofrer as consequências. Arkangel chegará brevemente e não precisaremos de um dirigível para sair da vossa nojenta metrópole assim que estiver na barriga do Flagelo.

À medida que se aproximavam da porta do salão de Festas começaram a ouvir murmúrios de vozes vindas do interior. Os cativos também deviam ter visto o fogo e falavam excitados enquanto os guardas gritavam para se calarem. De repente algo passou rente à cabeça de Freya e o tenente de Masgard caiu com um grito. Freya pensou que ele tivesse escorregado mas quando se voltou viu uma flecha a sair da frente do capacete e um espesso fio de sangue a sair de um dos cornos.

— Iac! — exclamou ela.

De uma reentrância ao lado da sala de Festas surgiu uma figura esguia.

— Professor Pennyroyal? — sussurrou Freya. Mas era Hester Shaw a colocar uma nova flecha na enorme besta que carregava. — Voltaste! — cuspiu Freya.

— Mas que bela dedução, Vossa Resplandecência!

Freya enrubesceu de raiva. Como é que aquela rapariga se atrevia a gozar com ela? O que estava a acontecer era por culpa dela!

— Vendeste a nossa rota! Como é que foste capaz? *Como?*

— Pois mudei de ideias — respondeu Hester. — E vim ajudar.

— *Ajudar?* — Freya falava num sussurro rouco e furioso temendo que os guardas do salão de Festas ouvissem. — Como é que podes *ajudar*? A melhor ajuda que nos poderias ter dado era nunca mais chegares perto da minha metrópole! Não precisamos de ti! Tom não precisava de ti! És egoísta, má e fria e não te preocupas com ninguém a não ser contigo própria...

Parou de falar pois ambas se lembraram ao mesmo tempo, que Hester tinha uma besta armada na mão e que bastava um ligeiro toque do seu dedo para pendurar Freya na parede. Ela considerou a hipótese durante um momento com a extremidade da besta apontada ao peito de Freya.

— Tens razão — sussurrou. — Sou má, saio ao meu pai. Mas preocupo-me com Tom o que significa que também tenho de me preocupar contigo e com a tua estúpida metrópole. E acho que agora precisas de mim.

Baixou a besta e olhou para o homem que tinha acabado de matar. Viu que ele tinha uma arma de pressão presa ao cinto.

— Sabes usar aquela coisa? — perguntou.

Freya acenou com a cabeça. Os seus tutores tinham apostado mais em etiqueta e boas maneiras do que em treino com armas pequenas mas achou que até percebia.

— Então vem comigo — respondeu Hester e disse num tal tom de comando que Freya nem ousou desobedecer.

A pior parte até agora tinha sido ver-se livre de Tom. Não queria deixá-lo em perigo mas não podia fazer jus a ser filha de Valentine com ele atrás de si. No meio da escuridão da sala dos Aakuiq tinha-o puxado para junto de si e tinha-lhe dito:

— Conheces alguma forma de entrar no Palácio de Inverno pelas traseiras? Se aquilo estiver empestado de Predadores não poderemos entrar pela entrada principal e anunciarmos que queremos falar com Masgard.

Tom pensou por momentos e depois remexeu nos bolsos do casaco e tirou um pequeno e brilhante objecto que ela nunca tinha visto antes.

— É um seleccionador de fechaduras de Grimsby. Um dos rapazes de Caul deu-mo. Aposto que consigo entrar pelo pequeno armazenador de calor que fica por trás da Wunderkammer!

Ele fez um ar tão excitado e feliz que Hester não conseguiu evitar e beijou-o. Quando terminou disse:

— Então vai e espera por mim na Wunderkammer.

— Como? Não vens? — e fez um ar menos excitado, apenas assustado.

Ela encostou os dedos aos lábios dele para o silenciar.

— Eu vou inspeccionar para os lados do dirigível.

— Mas os guardas...

Ela tentou fazer um ar de quem não estava assustada.

— Fui aprendiz do Strike, lembra-te? Ele ensinou-me muita coisa que nunca cheguei a pôr em prática. Vai correr tudo bem. Agora vai.

Ele ainda tentou dizer qualquer coisa mas desistiu, abraçou-a e desatou a correr. Por momentos ela sentiu-se aliviada por estar sozinha mas de repente, sentiu uma necessidade premente de o ter junto de si, de ficar abraçada a ele e dizer-lhe tudo o que nunca antes tinha dito. Correu para a porta mas ele já tinha desaparecido por algum caminho secreto até ao palácio.

Ela sussurrou o seu nome à neve. Não estava à espera de voltar a vê-lo. Sentia que estava a cair muito rapidamente num abismo.

Pennyroyal continuava agachado por baixo das escadas. Hester empurrou-o até à cozinha e foi buscar um candeeiro de petróleo que estava num armário sobre o lava-loiças.

— O que é que estás a fazer? — sibilou quando ela o acendeu. A chama amarela foi subindo calmamente por trás de um vidro fumado e depois espalhou-se subindo pela mecha e vidros e pelo rosto pálido e suado de Pennyroyal. — Os homens de Masgard vão ver!

— É essa a ideia — respondeu Hester.

— Não te vou ajudar! — respondeu o explorador com a voz a tremer. — Não me podes obrigar! É uma loucura!

Desta vez, ela nem se preocupou em apontar-lhe a faca limitando-se a encostar o seu hediondo rosto ao dele e disse:

— Fui eu, Pennyroyal — ela queria que ele percebesse como ela podia ser implacável. — Não foste tu. Fui eu que mandei os Predadores para cá.

— Tu? Mas pelo Grande e Poderoso Poskitt, *porque?*

— Pelo Tom — respondeu simplesmente. — Porque queria o Tom só para mim. Ele ia ser o meu ouro do predador. Só que não correu como eu queria e agora vou tentar remediar as coisas.

Ouviram-se da janela da cozinha passos arrastados vindos da neve e um chiar quando a termovedação foi aberta de rompante. Hester escondeu-se por trás da porta quando o sentinela vindo dos tanques do convés entrou na sala e estava tão perto que ela conseguia sentir o frio que saía do seu casaco de peles.

— De pé! — ladrou para Pennyroyal e voltou-se para ver se havia mais fugitivos. Um momento antes de a ver, Hester esticou o braço e espetou a faca no espaço que ficava entre a armadura e o fundo da máscara de frio. Ele gorgolejou e ao voltar-se, o seu enorme corpo arrastou o cabo da faca da mão de Hester. Ela desviou-se para o lado quando a sua besta disparou e ouviu a flecha acertar na porta de um armário por trás dela. O Predador começou a procurar pela faca que tinha presa ao cinto mas ela agarrou no braço dele tentando impedi-lo. Só se ouvia o som rouco das suas respirações e o barulho de louças partidas sob os seus pés enquanto andavam de um lado para o outro com Pennyroyal a fugir da frente deles. Os enormes olhos verdes do Predador fixavam Hester através das lentes da sua máscara com um ar furioso e indignado até que por fim pareceu focar um ponto muito para além dela e parou de gorgolejar e caiu para o lado quase levando Hester atrás. Os seus pés tremeram por momentos e depois ficou muito quieto.

Hester nunca tinha morto ninguém antes. Estava à espera de ficar com um sentimento de culpa mas nem isso. Não sentiu nada. *Tal como era para o meu pai*, pensou vestindo o casaco do homem, o barrete e colocando a máscara de frio. *Apenas um trabalho que tinha de ser feito para manter a sua metrópole e a sua amada a*

salvo. Foi o que sentiu após matar os meus pais. Um trabalho limpo, rápido e firme como um vidro. Arrancou a besta ao Predador e o jogo de setas e disse para Pennyroyal.

— Traz o candeeiro.

— Mas, mas, mas...!

Lá fora a neve circundava os candeeiros do atracadouro como traças. Atravessou os tanques do convés empurrando o aterrorizado Pennyroyal à sua frente. Deitou uma olhadela através da abertura entre dois hangares e viu uma enorme e afastada mancha de luz no céu para leste.

A escotilha do *Clear Air Turbulence* estava aberta. E lá estava outro Predador à espera.

— O que foi Garstang? — gritou. — O que é que descobriste?

— Apenas um velhote — respondeu Hester na esperança que a máscara abafasse a sua voz e que o casaco de peles disfarçasse a sua figura magra.

— É só um velho — disse o Predador para alguém que estava dentro da barquinha. E depois acrescentou mais alto. — Leva-o para o Palácio, Garstang! Junta-o aos outros! Não o queremos aqui.

— Por favor Sr. Predador! — gritou Pennyroyal repentinamente. — É uma armadilha! Ela é...

Hester voltou o arco para cima premiu o gatilho e o Predador caiu para trás aos gritos. Enquanto os seus companheiros tentavam passar por cima do corpo dele, Hester agarrou no candeeiro de petróleo que Pennyroyal trazia e atirou-o pela escotilha. O casaco de um dos Predadores incendiou-se e o fogo alastrou dentro da barquinha. Pennyroyal guinchou aterrorizado e fugiu. Hester voltou-se para o seguir mas dois passos depois percebeu que estava a voar, levada por uma rabanada de ar quente que vinha de trás,

caindo na neve que de branco já pouco tinha misturado com tons de açafrão e vermelho. Não se ouviu um estrondo mas apenas um suave sibilar quando as células de gás foram apanhadas. Ela rolou na neve e olhou para trás. Os homens fugiam da barquinha a arder tentando apagar as chamas que queimavam os casacos e mantos. Eram apenas dois. Um correu na direcção de Hester fazendo-a correr para a sua besta caída no chão mas ele não olhava para ela, apenas gritava qualquer coisa relacionada com sabotadores o que lhe deu tempo suficiente para armar novamente a besta e acertar nas costas dele. Não havia sinal de Pennyroyal. Deu a volta ao dirigível em chamas e encontrou o outro Predador numa zona onde o fumo era espesso e escuro. Arrancou-lhe a espada da mão enquanto ele morria. Embainhou-a no seu cinto e correu em direcção a Rasmussen Prospekt e às luzes do Palácio de Inverno.

O aparelho do Tio deu uns cliques na fechadura e o armazenador de calor abriu-se. Tom esgueirou-se lá para dentro sentindo o odor familiar do palácio. O corredor estava deserto. Nem uma pegada se via naquele espesso pó. Correu por entre as sombras para a Wunderkammer onde os esqueletos dos Caçadores o voltaram a assustar mas o seleccionador de fechaduras também funcionou neste andar e ele entrou para o silêncio coberto de teias de aranha por entre as vitrinas sentindo-se trémulo e orgulhoso de si mesmo.

A folha de alumínio brilhava sob uma luz fraca recordando-lhe muito vivamente Freya e a «camaracnídea» que os tinha estado a observar por entre as grades das condutas térmicas superiores quando a tinha beijado.

— Caul? — chamou esperançoso perscrutando no escuro. Mas agora não havia ladrões a bordo de Anchorage, apenas Predadores. Sentiu um súbito medo sufocante ao pensar no que Hester estava a

fazer. Detestava pensar que ela andava lá fora no meio do perigo enquanto ele esperava ali. Viu um brilho tremeluzente no céu que vinha algures do atracadouro. Que se estaria a passar? Deveria ir lá ver?

Não. Hester tinha dito que ia ali ter com ele e ela nunca o tinha decepcionado. Tentou distrair-se escolhendo uma arma do mostruário da parede. Escolheu uma espada pesada e romba com o punho enfeitado e bainha. Quando a agarrou sentiu-se um autêntico guerreiro. Andou de um lado para o outro por entre as vitrinas de animais comidos pelas traças e máquinas velhas deslizando a espada à espera de Hester para juntos salvarem Anchorage.

Mas foi apenas quando começou a confusão de tiros, gritos e berros no salão de Festas que ecoavam pelos corredores do palácio que ele percebeu que ela tinha entrado pela entrada principal e não tinha esperado por ele.

A arma de pressão era mais pesada do que Freya estava à espera. Tentou imaginar-se a dispará-la contra alguém mas não conseguiu. Pensou se deveria ter explicado a Hester que estava muito assustada mas parecia nunca haver tempo. Hester já estava à porta do salão de Festas a fazer rápidos sinais com a cabeça a Freya para seguir em frente. Tanto o cabelo como as roupas tresandavam a fumo.

Juntas empurraram a grande porta. Ninguém se voltou quando entraram. Tanto os Predadores como os prisioneiros estavam a observar pelas janelas as imensas e sinuosas labaredas de fogo que se agitavam sobre o atracadouro. Freya segurou a arma com as duas mãos e esperou que Hester gritasse: «Mãos ao alto!» ou «Ninguém se mexe!» ou o que quer que fosse suposto dizer-se nestas situações. Em vez disso, Hester levantou a besta e atirou sobre o Caçador de costas que estava mais perto.

— Ei, isso não é... — começou Freya a dizer e depois atirou-se para o chão porque quando o morto caiu para a frente o homem que estava ao lado dele voltou-se e lançou uma rajada de metralhadora contra ela. Ela estava sempre a esquecer-se de que isto era a sério. Contorceu-se pelo chão e sentiu as balas a arrancarem bocados das portas e a saltarem no mármore ao lado dela. Hester arrancou-lhe a arma da mão e disparou transformando a cara do Predador numa mancha vermelha. Smew agarrou na arma quando ele caiu e apontou-a para um terceiro guarda que tinha ficado atordoado com o súbito pânico dos cativos.

— *Rasmussen!* — gritou alguém e de repente a sala toda ecoava aquele grito, o grito de guerra de Anchorage dos tempos em que os antecessores de Freya tinham conduzido batalhas contra os piratas aéreos e os Caçadores dos Impérios Nómadas. — *Rasmussen!* — seguiram-se gritos, tiros e um longo e chocalhado tilintar de metal quando um dos moribundos Predadores caiu sobre um dos lustres impregnados de naftalina. Tudo terminou muito rapidamente. Windolene Pye começou a organizar pessoas para tratarem dos feridos enquanto os homens se armavam com espadas e outras armas brancas dos Predadores mortos.

— O Scabious? — gritou Hester e alguém o empurrou para junto dela. O mestre de Máquinas estava com um ar ávido e agarrado a uma arma que tinha apanhado. Ela continuou — Arkangel aproxima-se. Consegui ver as suas luzes do atracadouro. É preciso pôr esta antiguidade a andar e depressa.

Scabious acenou com a cabeça.

— Mas há Predadores na subdivisão de máquinas e na zona da roda da popa. Além disso, neste momento, só conseguimos andar a velocidade cruzeiro e apenas com as lagartas. Mas até nem isso podemos fazer até que os destroços da roda da popa tenham sido retirados.

— Então tirem-nos — continuou Hester descartando a sua besta e desembainhando a espada.

Scabious tinha ainda mais uma série de questões a colocar mas afastou-as e encolheu os ombros. Encaminhou-se para as escadas com meia Anchorage atrás dele e os que não tinham armas, agarraram em cadeiras e garrafas à medida que iam saindo. Freya, assustada como estava, achou por bem ir com eles e liderar o ataque como uma daquelas antigas Margravines. Juntou-se à crescente aglomeração que se dirija para a porta mas Hester agarrou-a e impediu-a.

— Tu ficas aqui. O teu povo vai precisar de ti viva. Onde está Masgard?

— Não sei — respondeu Freya — Acho que se dirigiu para a entrada principal.

Hester abanou a cabeça com um gesto rápido e curto que poderia ter significado qualquer coisa.

— O Tom está no museu — respondeu ela

— O Tom está cá? — perguntou Freya, tentando assimilar tudo.

— Por favor, Vossa Resplandecência, mantendo-o a salvo quando tudo isto terminar.

— Mas... — começou Freya a dizer e Hester saiu com as portas cravejadas de balas a fecharem-se por trás dela. Freya pensou se deveria ir atrás dela mas o que é que ela poderia fazer contra Masgard? Voltou para o salão de Festas e viu uma série de pessoas ainda agachadas. Os mais velhos e os mais novos, os feridos, e aqueles que estavam demasiado assustados para se juntarem à luta. Freya percebia como eles se estavam a sentir. Cerrou os punhos para evitar que as mãos tremessem e colocou o

seu melhor sorriso de Margravine — Não tenham receio, os Deuses Gelados estão connosco.

Ao dirigir-se para o salão de Festas, Tom encontrou Scabious e os seus homens que iam contra ele numa confusa mancha escura de membros, com a luz a incidir nas lâminas de metal e nos rostos pálidos e severos. Enchiam o corredor como o mar a invadir um navio a afundar-se. Tom teve receio que o confundissem com um Caçador mas Scabious viu-o e gritou pelo seu nome e aquela onda arrebatou-o e aquela mancha foi-se transformando em rostos sorridentes e conhecidos. Aakiuq, Probsthain, Smew. As pessoas aproximavam-se dando-lhe palmadinhas nos ombros e no peito.

— Tom! — gritou Smew agarrando-se à sua cintura. — Que bom voltar a ver-te!

— Hester! — gritou Tom lutando enquanto aquela onda o levava para fora do palácio. — Onde está Hester?

— Ela salvou-nos, Tom! — gritou Smew correndo mais à frente. — Que temperamento! Entrou no salão de Festas e abateu os Predadores, impiedosa como um Caçador! Que rapariga!

— Mas onde... Mr. Scabious, ela está convosco?

As suas palavras ficaram perdidas com o barulho dos pés e os gritos de «*Rasmussen, Rasmussen!*» à medida que a multidão passava por ele e seguia afundando pelas escadas em direcção à subdivisão de máquinas. Ouviu tiros a virem do telhado de baixo e pensou se deveria ir tentar ajudar mas depois pensou que Hester o tinha deixado para trás. Correu pela Arcada Boreal a gritar pelo nome dela e depois saiu para o turbilhão de neve de Rasmussen Prospekt. Havia duas linhas de marcas de pegadas pintadas na neve que se dirigiam para a doca aérea. Hesitante e tentando

distinguir quais as pegadas de Hester viu um rosto a observá-lo da entrada de uma loja do outro lado da rua.

— Professor Pennyroyal?

Pennyroyal desembestou para um dos lados, tropeçando na neve e desaparecendo por um beco estreito entre duas lojas. As moedas que tinha na mão espalharam-se. Ele tinha estado a encher os bolsos com as moedas da caixa registadora da loja.

— Professor! — chamou Tom embainhando a espada e correndo atrás dele — Sou eu! Viu a Hester?

As pegadas desastradas do explorador iam em direcção à beira da plataforma onde havia uma escada que dava para a metrópole inferior. Tom desceu-a rapidamente colocando os pés nas enormes pegadas tipo de urso das botas de neve de luxo de Pennyroyal. Quando estava a chegar ao fim, parou de repente com o coração a bater muito depressa com o susto ao vislumbrar umas asas negras que não pertenciam a um Pássaro-Caçador mas sim à tabuleta da porta de uma taberna chamada *The Spread Eagle*. Continuou a correr e a pensar se iria continuar a ter medo de pássaros.

— Professor Pennyroyal?

Masgard não tinha ficado à espera à entrada do palácio no meio dos corpos dos homens que ela tinha matado ao entrar. *Talvez o grupo do Scabious o tenha apanhado*, pensou Hester. Ou talvez tivesse ouvido o barulho das lutas e percebido de que lado o vento soprava. Talvez tivesse voltado a correr para o atracadouro na esperança de arranjar um dirigível que o levasse de volta a Arkangel.

Ela saiu pelo armazenador de calor mas a máscara de frio tirava-lhe a visão periférica e ela resolveu deitá-la fora e desceu em

direcção a Rasmussen Prospekt com os flocos de neve a baterem-lhe no rosto como chicotadas geladas. Umas compridas linhas de pegadas recentes surgiram à sua frente a marcarem a neve. Seguiu-as medindo os compridos passos largos. Mais à frente via-se a silhueta de um homem contra o brilho fosco da doca aérea. Era Masgard. Acelerou o passo e à medida que se aproximava conseguia ouvi-lo a chamar pelos companheiros já mortos.

— Garstang? Gustavsson? Spüe?

Apercebeu-se do pânico a aumentar na sua voz. Ele não passava de um menino rico da cidade que gostava de brincar aos piratas e que nunca tinha esperado que alguém lhe fizesse frente. Tinha vindo em busca de uma luta e agora que a luta o tinha encontrado já não sabia o que fazer.

— Masgard! — chamou-o Hester.

Ele voltou-se respirando com dificuldade. Por trás dele o *Clear Air Turbulence* tinha ficado reduzido a uma carcaça de ferros retorcidos e queimados. Os tanques do convés pareciam acotovelar-se na réstia de luz alucinada do fogo vacilante.

Hester levantou a espada.

— Qual é a tua ideia, aviadora? — gritou Masgard. — Vendes-me esta metrópole e depois resolves tentar ajudá-los a recuperá-la? Não percebo! Qual é o teu plano?

— Não existe nenhum — respondeu Hester. — Vou inventando à medida que vou precisando.

Masgard desembainhou a espada e manejou-a de um lado para o outro praticando movimentos espalhafatosos de esgrima à medida que se ia aproximando dela. Quando ele estava a escassos metros de distância, Hester avançou espetou a lâmina no ombro dele. Pensou que não o tinha ferido muito mas Masgard deixou cair a espada e colocou as mãos na ferida, deslizando e caindo na neve.

— Por favor! — gritou — Tem piedade! — procurou no meio das peles e tirou uma sacola cheia e despejou na neve à sua frente as enormes e brilhantes moedas — O rapaz não está aqui mas fica com isto e deixa-me viver!

Hester aproximou-se dele e levantou a espada com ambas as mãos descendo-a depois várias vezes até que os seus gritos pararam. Depois atirou a espada para o lado e ficou a observar a neve encharcada de tons rosados enquanto os enormes flocos de neve começavam a tapar o ouro que ele lhe tinha atirado. Hester sentia os ombros doridos e uma estranha sensação de desilusão. Ela tinha esperado mais desta noite. Esperava algo mais que esta sensação confusa e oca com que tinha ficado. Estava à espera de morrer. Parecia errado o facto de estar viva e nem sequer magoada. Pensou em todos os Predadores mortos. Também outros tinham morrido durante a luta e tudo por causa do que ela tinha feito. E não deveria ela ser punida?

Algures no meio dos armazéns da plataforma inferior ouviu-se um só tiro de pistola.

O rasto de pegadas tinha levado Tom até ruas familiares iluminadas pelos fogos do atracadouro superior. Começou a sentir-se pouco à vontade e por fim virou na última esquina e viu o *Jenny Haniver* parado onde ele o tinha deixado no meio das sombras dos armazéns com Pennyroyal a tentar abrir a escotilha.

— Professor! — gritou Tom caminhando na sua direcção. — O que é que está a fazer?

Pennyroyal olhou para cima.

— Raios! — murmurou quando descobriu que tinha sido apanhado e depois empregando um pouco da sua velha fanfarronice. — O que é que te parece que eu estou a fazer, Tom? Estou a tentar

sair desta fortaleza enquanto é tempo! Se tu fores minimamente inteligente, vens comigo. Pelo Grande Poskitt, escondeste-o bem! Levei séculos a descobri-lo...

— Mas agora já não vale a pena fugir! — disse Tom — Podemos voltar a pôr os motores a trabalhar e fugimos de Arkangel. De qualquer forma, não vou abandonar Hester!

— Abandonarias se soubesses o que ela tinha feito — disse Pennyroyal sombriamente. — Aquela rapariga não presta, Tom. É completamente doida. Demente e feia...

— Não se atreva a falar assim dela! — exclamou Tom indignado e aproximando-se para afastar o explorador da escotilha.

Pennyroyal tirou uma pistola de dentro do manto e deu-lhe um tiro no peito.

O coice da bala atirou-o para trás contra a neve. Tentou debater-se mas não conseguia. Tinha um buraco quente e molhado no seu casaco.

— Não está certo! — sussurrou e sentiu o sangue a subir à garganta e a encher a sua boca quente e salgado. A dor surgia como um daqueles compridos e cinzentos recifes de Rogues' Roost calmos e suaves em que cada onda se fundia noutra.

Seguiu-se um ranger de passos na neve e Pennyroyal debruçou-se sobre ele ainda com a arma na mão. Parecia quase tão surpreso quanto Tom.

— Desculpa, queria apenas assustar-te mas ela disparou. Tirei-a a um dos rapazes que a tua alucinada amiga matou.

— Socorro — conseguiu Tom sussurrar.

Pennyroyal abriu o casaco de Tom e olhou para a desgraça que tinha feito.

— Bolas! — disse e abanou a cabeça. Vasculhou nos bolsos interiores e tirou as chaves do *Jenny*.

Tom sentiu as placas do convés a tremerem à medida que os motores da metrópole iam ganhando vida. Serras uivavam na popa enquanto os homens de Scabious iam cortando os destroços da roda.

— Oiça! — sussurrou Tom percebendo que a sua voz parecia a de outra pessoa tão fraca e distante. — Não leve o *Jenny*! Não é preciso! Mr. Scabious vai voltar a pôr-nos a andar. Vamos conseguir fugir de Arkangel...

Pennyroyal endireitou-se.

— Sinceramente Tom és um romântico incurável. Para onde é que pensas que vão fugir? Não há espaços verdes na América, lembras-te? Esta metrópole dirige-se para uma morte lenta e gelada ou então para uma bem quente na entranha de Arkangel e eu não faço questão nenhuma em ficar a ver o que é que vai acontecer!

Atirou as chaves ao ar e voltou a apanhá-las afastando-se.

— Está na hora. Desculpa mais uma vez. Adeusinho!

Tom tentou arrastar-se pela neve, determinado a encontrar Hester mas alguns metros depois já nem se lembrava do que lhe queria dizer. Ficou deitado na neve e passado pouco tempo ouviu o ronco dos motores aéreos que chegaram até ele subindo e depois desvanecendo à medida que Pennyroyal levantava o *Jenny Haniver* do labirinto de armazéns e o conduzia pela noite dentro. Já nada lhe parecia ter importância. Até a morte já não parecia ter importância mas parecia-lhe estranho que, depois de ter combatido os Fox Spirits, de ter escapado aos Caçadores e sobrevivido a tão estranhas aventuras debaixo do mar, fosse acabar assim.

A neve continuava a cair e já não sentia frio apenas uma sensação suave e aconchegante que ia enchendo a metrópole de

silêncio e abraçava o mundo inteiro num sonho de paz.

Capítulo 33

A Camada De Gelo Fino

Pouco depois do nascer do Sol, um entusiasmo percorreu a subdivisão de máquinas quando os destroços da roda da popa foram por fim retirados e a metrópole recomeçou a andar em direcção a sudoeste. Mas sem a roda e apenas as lagartas para andar, Anchorage conseguia apenas mover-se muito a custo e as umas míseras dez milhas por hora. Por entre as aberturas dos nevões já se conseguia vislumbrar Arkangel a leste como uma montanha poluída.

Freya permanecia com Mr. Scabious na galeria da popa. O mestre de máquinas tinha um penso cor-de-rosa colado na testa onde a bala de um Predador tinha passado de raspão mas era a única vítima da batalha a assinalar na subdivisão de máquinas. Ao verem que eram em menor número, os Predadores tinham fugido para o gelo à espera que os subúrbios hidrográficos de Arkangel os salvassem.

— Só temos uma esperança — murmurou Scabious enquanto ele e Freya observavam os reflexos intensos e baixos do sol nas janelas da metrópole predadora. — Se nos conseguirmos afastar o suficiente para sul, o gelo tornar-se-á mais fino e pode ser que eles desistam da perseguição.

— Mas se o gelo é mais fino não teremos também de o atravessar?

Scabious acenou com a cabeça.

— Existe sempre esse perigo. E se queremos manter uma certa distância não nos podemos preocupar em enviar equipas hidrográficas e de reconhecimento. Temos de prosseguir o mais

rápido que conseguirmos e esperar pelo melhor. Ou é a América ou o nosso fim, certo?

— Sim — respondeu Freya e sentindo que não havia mais razões para continuar a mentir. — Não, Mr. Scabious era tudo mentira.

Pennyroyal nunca esteve na América. Inventou tudo. Por isso é que atirou sobre Tom e levou o *Jenny Haniver*.

— Ah, a sério? — respondeu Scabious voltando-se para a observar. Freya esperou por mais algum comentário.

— É só isso? — perguntou ela. — Só «ah, a sério»? Não me vai dizer como fui uma tola por ter acreditado em Pennyroyal?

Scabious sorriu.

— Para ser sincero Freya, sempre tive as minhas dúvidas acerca daquele tipo desde o princípio. Havia qualquer coisa nele que não batia certo.

— Então por que motivo não me disse nada?

— Porque mais vale viajar com esperança do que marcar passo — respondeu o mestre de máquinas. — Agradou-me a ideia de atravessar os Glaciares Superiores. O que era esta metrópole antes de rumar a ocidente? Uma ruína ambulante. As pessoas que não partiram foram as que se lamentavam por não terem para onde ir. Parecíamos mais uns fantasmas do que seres humanos. E agora, olhe para nós. Olhe para si. A jornada chocalhou-nos, fez-nos dar uma reviravolta e estamos novamente vivos.

— Provavelmente não por muito tempo.

Scabious encolheu os ombros.

— Mesmo assim. E nunca saberemos. Talvez até consigamos encontrar uma saída. Basta mantermo-nos afastados das mandíbulas daquele monstro.

Permaneceram em silêncio um ao lado do outro e a estudarem a metrópole perseguidora. Enquanto a observavam parecia que se tornava cada vez mais sombria e próxima.

— Tenho de admitir — disse Scabious. — Nunca pensei que Pennyroyal chegasse ao cúmulo de disparar contra as pessoas. Como é que está o pobre Tom?

Estava deitado numa cama, branco como uma estátua com as disfarçadas cicatrizes e mazelas da sua luta com os Pássaros-Caçadores a sobressaírem no seu rosto pálido. Quando Hester lhe segurou na mão estava gelada e apenas o bater fraco da pulsação lhe confirmou que ele ainda estava vivo.

— Lamento muito Hester — disse Windolene Pye baixinho como se falasse mais alto pudesse chamar a atenção da Deusa da Morte para esta improvisada enfermaria no Palácio de Inverno. Durante toda a noite e todo o dia, a senhora navegadora tinha estado a tratar dos feridos e em especial de Tom que tinha sido gravemente atingido. Ela estava com um ar envelhecido, cansado e derrotado. — Fiz tudo o que pude mas a bala está alojada junto ao coração. Não me atrevo a extraí-la pelo menos com a metrópole a tremer desta maneira.

Hester acenou com a cabeça olhando para o ombro de Tom. Ela não conseguia olhar para o rosto dele e a Menina Pye tinha-o entretanto tapado com cobertas por uma questão de pudor mas o braço e o ombro junto a Hester estavam descobertos. Era um ombro pálido e anguloso ligeiramente sardento e a ela parecia-lhe a coisa mais bonita que alguma vez tinha visto. Tocou-lhe e acariciou-lhe o braço observando os pêlos a baixarem quando passava os dedos, sentindo os músculos e os tendões fortes por baixo da pele e da fraca pulsação no seu pulso azul.

Tom estremeceu com o seu toque e abriu ligeiramente os olhos.

— Hester? — murmurou. — Ele levou o *Jenny*. Desculpa.

— Não faz mal, Tom, não faz mal, eu não quero saber do dirigível, apenas de ti — disse ela puxando a mão dele para o seu rosto.

Quando a batalha terminou e a foram chamar, dizendo que Tom tinha sido atingido e que estava a morrer, ela pensou que tinha havido algum engano. Mas agora percebia que não. Tinha sido este o seu castigo por ter entregue a metrópole de Freya às mandíbulas de Arkangel. Tinha sido preciso sentar-se nesta sala e ver que Tom estava a morrer. Era muito, muito pior do que a sua própria morte alguma vez o seria.

— Tom — sussurrou ela.

— Ele está novamente inconsciente, pobrezinho — disse uma das mulheres que estava a ajudar a Menina Pye. Tinha-se aproximado para limpar a testa de Tom com água fria e alguém trouxe uma cadeira para Hester se sentar.

— Talvez ele fique melhor assim. — Hester ouviu outra enfermeira comentar.

Através das compridas janelas via-se o dia a escurecer. As luzes de Arkangel estendiam-se pelo horizonte.

Quando amanheceu a metrópole predadora estava ainda mais próxima. Quando não estava a nevar conseguia-se distinguir os edifícios individualmente. A maior parte eram fábricas e edifícios desmantelados, as intermináveis prisões dos escravos da metrópole e um enorme templo atorreado do deus Lobo acorado na plataforma mais alta. Enquanto a sombra do predador sondava o gelo em direcção a Anchorage, surgiu um dirigível de

reconhecimento para ver o que tinha acontecido a Masgard e aos seus Predadores mas mal sobrevoou por momentos os destroços incendiados do *Clear Air Turbulence* deu meia volta e fugiu a toda a velocidade para o seu ninho. E naquele dia, mais nenhum dirigível se aproximou de Anchorage. O Direktor de Arkangel estava de luto pela morte do filho e o concelho não via qualquer interesse em desperdiçar mais dirigíveis para assegurar um prémio que ao nascer do Sol já seria deles. A metrópole abriu as suas mandíbulas dando aos observadores da popa de Anchorage um vislumbamento das imensas fornalhas e máquinas de desmontagem que os aguardavam.

— Devíamos dizer-lhes pelo rádio o que aconteceu aos seus Predadores! — declarou Smew manifestando-se naquela tarde numa reunião improvisada do Comité de Navegação. — Dizemos-lhes que o mesmo lhes acontecerá se não recuarem.

Freya não respondeu. Tentava prestar atenção à discussão mas a sua mente insistia em afastar-se para a enfermaria. Perguntava-se se Tom ainda estaria ainda vivo. Gostaria de ficar a seu lado mas a Menina Pye tinha-lhe dito que Hester estava sempre presente e Freya ainda sentia um certo receio da terrível rapariga. Principalmente depois do que ela tinha feito aos Predadores. Por que razão não tinha sido Hester alvejada? Por que motivo tinha de ter acontecido a Tom?

— Acho que ainda ia piorar mais as coisas, Smew — respondeu Scabious depois de esperar o tempo razoável para a Margravine dar a sua opinião. — Não os queremos irritar ainda mais.

Um forte estrondo, como o de um tiro de canhão chocalhou os vidros das janelas. E todos olharam para cima.

— Estão a disparar contra nós! — exclamou a Menina Pye agarrando na mão de Scabious.

— Não se atreveriam! — exclamou Freya. — Nem mesmo Arkangel...

As janelas ficaram enevoadas com o gelo. Freya vestiu o casaco de pele e correu para a varanda com os outros atrás. Dali conseguiam ver a proximidade do predador. O sibilar das suas lâminas à medida que percorria o gelo parecia encher o céu, levando Freya a pensar se seria a primeira vez que as metrópoles vinham quebrar o silêncio destas planícies inexploradas. Depois, seguiu-se novamente outro estrondo e ela percebeu que não era um tiro de canhão mas o som que todos a bordo de uma metrópole gelada temiam. O som do gelo a partir-se.

— Pelos deuses! — murmurou Smew.

— Eu deveria estar na Sala de Navegação — disse a Menina Pye.

— Eu deveria estar com os meus engenheiros — murmurou Scabious. Mas não havia tempo e nenhum deles se mexeu. Não havia nada que pudessem fazer a não ser ficar ali a ver.

— Ai não! — Freya deu por si a dizer. — Ai, não, não, não!

Mais um estrondo e desta vez mais forte, como um trovão. Ela olhou para o rosto escarpado de Arkangel tentando perceber se a metrópole predadora tinha ouvido os mesmos estrondos e se tinha travado. Mas ela, continuava a ganhar terreno e a jogar tudo num último e alucinado ímpeto. Freya agarrou-se com força ao corrimão da varanda e rezou aos Deuses Gelados. Já não estava muito certa se ainda devia acreditar neles mas quem mais a poderia ajudar agora?

— Tornai-nos mais rápidos Meu Deus e Minha Deusa — implorou. — Mas não nos deixeis atravessar o gelo!

O estrondo seguinte foi mais perto e desta vez Freya viu a racha a abrir. Uma fresta escura que ia aumentando a cerca de um

quarto de milha a estibordo. Anchorage guinou e desviou-se. Freya imaginou os timoneiros a tentarem desesperadamente mudar a rota através de um gelo que quebrava em ziguezague. Mais um solavanco e algures no palácio ouviram-se objectos de vidro a caírem e a partirem-se. Os estrondos e as rachas estavam cada vez mais próximos e surgiam de todos os lados.

Ao sentir que já não podia manter a rota por muito mais tempo, Arkangel acelerou pela última vez. As mandíbulas abriram-se de par em par e o sol brilhou nas reentrâncias dos seus dentes de metal giratórios. Freya viu os empregados a descerem rapidamente as escadas em direcção à entranha do predador e observadores com casacos de pele a juntarem-se nas altas varandas parecidas com as suas para assistirem à caçada. E de repente, antes que as mandíbulas pudessem fechar-se na traseira de Anchorage, o edifício inteiro pareceu estremecer e abrandar. Um lençol de chuva branca elevou-se no ar como uma cortina de pérolas de gelo desenhada entre as duas metrópoles.

E caiu sobre Anchorage como chuva gelada. Arkangel tentou desesperadamente inverter a marcha mas o gelo por baixo começou a partir-se e as rodas de tracção não se conseguiram levantar. Lentamente como uma montanha a cair, inclinou-se para a frente e as suas mandíbulas e partes da frente da plataforma inferior dobraram-se para um imenso zigazeado de águas escuras. Géisers de vapor irromperam enquanto o mar gelado inundava as fornalhas lançando um enorme rugido como se fosse uma enorme criatura ferida e enganada pela sua presa.

Mas Anchorage também estava em apuros e ninguém a bordo tinha tempo para celebrar a derrota do predador. A metrópole estava a pender perigosamente para bombordo com as lagartas a chiarem à medida que lutavam para se manterem presas ao gelo com os salpicos a saltarem por todos os lados. Freya nunca tinha passado por momentos assim e não sabia o que queriam dizer mas

conseguia adivinhar. Agarrou numa das mãos da Menina Pye e na de Smew enquanto a outra mão da Menina Pye já se esticava para a de Mr. Scabious e juntaram-se à espera que as gorgolejantes águas escuras subissem as escadas num turbilhão e os afogassem.

E esperaram, esperaram. Lentamente a luz foi-se desvanecendo mas era apenas o anoitecer a chegar. A neve tocou os seus rostos.

— É melhor ir ver se consigo descer até à subdivisão de máquinas — disse Scabious levemente acanhado, desprendendo-se e fugindo. Pouco depois, Freya sentiu os motores a pararem. Os estremecimentos da metrópole pareciam ter abrandado mas o chão continuava incerto e pairava ainda uma leve incerteza e uma estranha emoção na estrutura do palácio.

Smew e a Menina Pye voltaram para dentro para longe do frio e Freya permaneceu na varanda. A noite e a neve cobriam a destroçada Arkangel mas ela conseguia ainda ver as luzes e ouvir o rugido dos motores a tentarem levantá-la para a colocarem sob o gelo firme. Ela não sabia o que tinha provocado a queda de Arkangel. Os estranhos movimentos ondulantes continuavam e mesmo sem motores a metrópole parecia mover-se seguramente para longe do seu predador encurralado.

Uma sombra corpulenta correu pelos jardins do palácio e Freya debruçou-se sobre o corrimão da varanda e gritou:

— Mr. Aakuiq?

Ele olhou para ela com o carapuço da sua parca de pêlo branco em forma de O a envolver o seu rosto escuro.

— Freya? Está bem?

Ela acenou com a cabeça.

— O que é que se passa?

Aakuiq colocou as mãos em concha à volta da boca e gritou:

— Estamos à deriva! Devemos ter chegado ao fim do gelo e o pedaço em que estamos deve ter-se desprendido.

Freya ficou a olhar para a escuridão para além da borda da metrópole. Não conseguia ver nada mas ao menos o estranho subir e descer das placas do convés já fazia sentido. Anchorage estava a ser levado pelas águas, balançando perigosamente na sua placa de gelo como alguém muito pesado a apanhar banhos de sol, à deriva no mar em cima de um colchão. Lá se ia aquela espessa planície de mar gelado que os levaria ao coração do Continente Morto!

— Pennyroyal! — gritou ela para o céu vazio. — Os deuses castigar-te-ão por nos teres trazido para aqui!

Mas os deuses não castigaram o Professor Pennyroyal. Ele usou algum do seu ouro roubado para comprar combustível a um navio-cisterna acabado de sair de Arkangel e já estava bastante afastado rumando a oriente pela marca profunda que a metrópole predadora tinha feito pelos campos gelados. Ele não era muito bom aviador mas estava com sorte pois o tempo também não estava a ir contra ele. Encontrou uma pequena metrópole gelada a oriente da Gronelândia e mandou pintar e mudou o nome ao *Jenny Haniver* e contratou uma bonita aviadora chamada Kewpie Quinterval para o levar para sul. Passadas poucas semanas estava novamente em Brighton deliciando os seus amigos com as histórias da sua aventura no norte gelado.

Por essa altura, o Direktor de Arkangel tinha já sido forçado a admitir que a sua metrópole não poderia ser salva. Mas já os mais ricos tinham zarpado para leste numa fila de iates-aéreos e dirigíveis-chárter (as cinco mulheres de Blinkoe tinham feito dinheiro suficiente a venderem lugares a bordo do *Temporary Blip* para comprarem uma adorável Mansão na plataforma superior de

Jaegerstadt Ulm). Os escravos que tinham tomado controlo dos conveses inferiores no meio daquele caos também se tinham ido embora zarpando em cargueiros roubados ou seguindo pelo gelo em trenós-hidrográficos ou em subúrbios barulhentos. Por fim, foi dada uma ordem geral de evacuação e pelo solstício de Inverno já a metrópole estava completamente vazia, transformando-se numa escura e imensa carcaça que lentamente ia embranquecendo e perdendo a forma por baixo de um espesso manto de neve. Em pleno Inverno, algumas cidades-recuperadoras de Gelófilos visitaram os destroços, retirando o combustível dos tanques e enviando equipas a bordo para retirarem os objectos de valor que os seus cidadãos em fuga tinham deixado para trás. Com a Primavera vieram ainda mais, para além de bandos de dirigíveis necrófagos como abutres mas nessa altura o gelo por baixo dos destroços estava a ficar mais fraco. Em pleno Verão iluminado pela estranha luz do sol da meia-noite, a metrópole predadora moveu-se novamente, estremecendo através de um bombardeamento de salpicos de gelo e seguiu para a sua derradeira viagem descendo pelos diferentes níveis do mar até ao gelado e estranho mundo subterrâneo.

Nesse Verão soubesse-se de um golpe dentro do grupo da Liga Anti-Tracção em Shan Guo, que o Supremo Conselho tinha sido derrubado e substituído por um grupo chamado Green Storm cujas forças eram lideradas por um Caçador de máscara de bronze. Ninguém no Terreno de Caça ligou muito ao assunto. O que é que lhes interessava que um grupo de Antitraccionistas andasse com querelas entre si? A bordo de Paris, Manchester, Peste, Traktiongard, Gorky e Peripatetiapolis a vida corria normalmente. Todos falavam da queda de Arkangel e praticamente todos liam a nova e espectacular obra de Nimrod Pennyroyal.

NOVO LANÇAMENTO DE FEWMET E SPRaint!
O último *best-seller* interpolitano do autor de
**A DESLUMBRANTE AMÉRICA & AS METRÓPOLES ZIGURRAT
DA DEUSA SERPENTE**

O OURO DO PREDADOR

do Professor Nimrod B. Pennyroyal

A VERDADEIRA **HISTÓRIA CRUA** E APAIXONANTE
DAS AVENTURAS DE UM HOMEM A BORDO DE ANCHORAGE
APRISIONADO POR UMA JOVEM, BELA E TRESLOUCADA MARGRAVINE
OBCECADA EM CONDUZIR A SUA CONDENADA METRÓPOLE
PELOS GLACIARES SUPERIORES ATÉ À AMÉRICA!



MARAVILHE-SE com as batalhas do Professor Pennyroyal
com os piratas-parasitas do subgelo!



IMPRESSIÃO-SE com as suas opiniões sobre os selvagens terrenos
gelados a ocidente da Gronelândia e as primitivas metrópoles caçadoras!



EMOCIONE-SE com a trágica história de uma jovem aviadora desfigurada
e de como o seu desesperado amor pelo Professor Pennyroyal a levaram a
trair Anchorage vendendo-a à temível metrópole predadora de Arkangel!



REJUBILE com a espectacular vitória do Professor
Pennyroyal sobre os Predadores!



ARREPIE-SE com as suas descrições dos últimos dias de Anchorage, a mais
bela das metrópoles geladas e a sua arriscada fuga enquanto
se afundava nas águas geladas de um mar desconhecido.



Capítulo 34

A Terra Das Brumas

Mas Anchorage não se tinha afundado. Afastada de Arkangel por fortes correntes, flutuava em direcção a um denso nevoeiro e a irregular placa de gelo onde estava empoleirada colidia por vezes com outras massas de gelo flutuantes.

Quando a luz do dia voltou, grande parte dos habitantes da metrópole acercou-se dos corrimões do arco da plataforma superior. Com os motores desligados havia muito pouco para se fazer e para conversar pois o futuro parecia tão gelado e breve que ninguém queria falar sobre isso. Permaneciam em silêncio a ouvir o bater das ondas contra o gelo e espreitavam pelas aberturas do nevoeiro para esta estranha e nova paisagem, o mar.

— Acham que isto poderá ser apenas uma porção de água no meio do gelo ou uma estreita extensão de água navegável? — perguntou Freya esperançada, saindo para o convés de observação da frente com o Comité de Navegação. Ela não estava bem cerna do que é que uma Margravine deveria usar para uma Visita a uma Sepultura Marinha por isso tinha colocado um velho anoraque bordado, umas botas de pele de foca que costumava calçar para as viagens a bordo da barça de gelo da mãe e um chapéu a condizer com pompons. Mas agora estava arrependida pois os pompons insistiam em balançar alegremente e de forma desapropriada dando-lhe um ar optimista. — Será que depois de a atravessarmos, encontraremos gelo suficientemente forte para voltarmos a andar?

Windolene Pye que estava com um ar abatido e cansado por andar a tratar dos feridos abanou a cabeça.

— Presumo que estas águas só congelem no pico do Inverno. Parece-me que vamos continuar à deriva até encontrarmos alguma

costa nua ou então o bloco de gelo parte-se e afundamo-nos. Pobre Tom! Pobre Hester! Fizeram todo este esforço para nos salvarem e afinal foi tudo em vão!

Mr. Scabious pôs o braço à volta dos seus ombros e ela encostou-se a ele agradecida. Freya voltou o rosto embaraçada. Pensou se lhes deveria contar que tinha sido Hester que tinha mandado Arkangel persegui-los mas ao mesmo tempo não lhe parecia justo para com a pobre rapariga que vigiava o leito de morte de Tom. E além disso, neste momento Anchorage precisava de um heroína e mais valia deixar que as culpas recaíssem sobre aquele impostor do Pennyroyal. Afinal, a culpa era toda dele.

Continuava a pensar no que dizer quando um dorso negro e brilhante surgiu à superfície mesmo na ponta dianteira da placa de gelo.

Parecia uma baleia a surgir no meio de um repuxo de água branca lançando ar através de um jacto sibilante e todos pensaram tratar-se de facto de uma baleia até que começaram a distinguir desenhos de rebites no casco de metal, escotilhas, janelas e uma inscrição gravada.

— São os demónios daqueles parasitas! — exclamou Smew desatando a correr com a caçadeira na mão. — Voltaram para mais umas pilhagens!

A espojada máquina estendeu as pernas de aranha para se agarrar às bordas da placa de gelo içando-se para fora de água. Os trenós já seguiam ao seu encontro equipados com homens armados da subdivisão de máquinas. Smew levantou a arma fazendo cuidadosamente pontaria à escotilha que se abria.

Freya esticou o braço e afastou a arma.

— Não Smew. É apenas um.

Certamente que esta solitária embarcação ao vir à superfície tão à vontade não poderia constituir uma ameaça! Ela espreitou para a figura muito direita e magra que subia pela escotilha do parasita acabando por ser presa e amarrada por alguns dos homens de Scabious. Freya conseguia ouvir as vozes sonoras mas não conseguia perceber o que diziam. Correu para a parte superior das escadas que davam para o andar de baixo e para os lados da metrópole com Smew, Scabious e a Menina Pye, esperando ansiosa que o capturado fosse levado até ela. Quanto mais se aproximava mais grotesco lhe parecia, tinha o rosto deformado com tonalidades púrpuras, amarelas e verdes. Ela sabia que os parasitas eram ladrões mas nunca tinha pensado que fossem monstros!

Mas quando ficou frente a frente com ele, viu que não era um monstro, apenas um rapaz da sua idade a quem tinham sido feitas coisas horrorosas. Faltavam-lhe alguns dentes e tinha uma enorme cicatriz vergada na garganta mas os seus olhos que pestanejavam para ela no meio daquela máscara de cicatrizes e nódoas negras desvanecidas eram negros, brilhantes e bastante bonitos.

Recompôs-se e tentou falar como uma Margravine:

— Bem-vindo a Anchorage forasteiro. Que te traz aqui?

Caul abriu e fechou a boca sem saber o que dizer. Estava fora do seu elemento. Desde que saíra de Grimsby que planeava este momento mas tinha passado tanto tempo da sua vida a tentar não ser visto pelos «Gamados» que lhe parecia demasiado falso estar aqui a descoberto no meio de tantos. Freya também o chocou ligeiramente. Não era apenas o cabelo curto mas ela parecia maior e mais alta do que ele se lembrava e com o rosto mais rosado. Já não era aquela rapariga pálida e sonhadora que ele se tinha habituado a ver nos seus ecrãs. Por trás dela estavam Scabious, Smew, Windolene Pye e mais cerca de metade da metrópole

observando-o. Começou a pensar se não sido mais fácil morrer em Grimsby.

— Fala rapaz! — ordenou o anão que estava ao lado de Freya, colocando a barriga de Caul com a espingarda. — Sua Resplandência fez-te uma pergunta!

— Ele trazia isto, Freya — disse um dos captores de Caul mostrando-lhe um fino tubo desgastado. As pessoas que estavam por trás de Freya afastaram-se com nervosas exclamações mas Freya reconheceu aquilo como sendo um velho porta-documentos. Tirou-o ao homem, abriu a tampa e puxou o rolo de papéis. E olhou novamente para Caul a sorrir.

— O que são?

O vento que entretanto se tinha levantado sem ninguém dar conta desde que o *Screw Worm* tinha emergido, deu-lhes um puxão agitando as suas margens envelhecidas e endurecidas pelo tempo ameaçando arrancá-los das mãos de Freya. Caul aproximou-se e agarrou-os.

— Cuidado! Vai precisar deles!

— Porquê? — perguntou Freya olhando para baixo. Ao rasgarem a carne, as cordas tinham deixados os pulsos do rapaz com marcas vermelhas sujando igualmente os papéis. As palavras estavam escritas à moda antiga com uma tinta cor de ferrugem, com latitudes, longitudes e a fina e serpenteada linha da costa. Um carimbo de borracha avisava: *Não remover da Biblioteca de Erykjavik*.

— É o mapa de Snøri Ulvaeusson — respondeu Caul. — O Tio deve tê-lo roubado de Reykjavik há muitos anos e desde então tem estado na sala de mapas. Existem igualmente umas notas. Diz-vos como chegar à América.

Freya sorriu com o seu acto de gentileza e abanou a cabeça.

— Mas não vale a pena. A América morreu.

Com o ímpeto de a fazer entender, Caul agarrou-lhe na mão.

— Não! Eu li tudo quando vinha para cá. Snøri não era um impostor. Ele encontrou de facto zonas verdes. Mas não eram grandes florestas como o Professor Pennyroyal imaginava. Nem ursos, nem pessoas. Apenas lugares onde existe erva e árvores e... — ele nunca tinha visto erva quanto mais árvores mas a sua imaginação não parava. — Não sei. Deve haver animais e pássaros e peixes na água. Talvez tivessem de se tornar sedentários mas poderiam lá viver.

— Mas jamais lá chegaríamos — disse Freya. — Mesmo que seja real, nunca lá chegaríamos. Andamos à deriva.

— Não... — disse Mr. Scabious que tinha estado a ver o mapa sobre o ombro dela. — Não Freya, conseguiremos sim! Se conseguirmos estabilizar esta placa onde estamos e acrescentar-lhe hélices...

— Não é longe — disse a Menina Pye acercando-se do outro ombro de Freya e pousando o dedo no mapa onde a cabeça de uma comprida incrustação dizia *Nineland*. Mostrava várias pequenas ilhas dispersas que poderiam até ser borrões de tinta, que o velho Snøri Ulvaeusson tinha marcado cada uma delas com um desenho infantil de uma árvore. — Talvez umas setecentas milhas. Nada comparado com a distância que já percorremos!

— Mas em que é que estamos a pensar? — Scabious voltou-se para Caul e este deu uns passos para trás lembrando-se de como tinha deixado aquele pobre homem meio louco com as suas aparições fantasmagóricas na subdivisão de máquinas. Scabious pareceu também lembrar-se pois o seu olhar tornou-se frio e distante e por momentos apenas se ouviu os leves e nervosos sons da multidão e o barulho dos papéis que o vento provocava nas mãos de Freya. — Como te chamas, rapaz? — perguntou.

— Caul, senhor — respondeu-lhe.

Scabious estendeu a mão e sorriu.

— Bem Caul, estás com um ar gelado e faminto. Não te vamos deixar aqui ao frio, quando podemos discutir tudo isto no palácio.

Freya recordou-se das suas maneiras.

— Claro! — disse ela à medida que a multidão à sua volta se começava a dispersar e a falar de forma excitada sobre o mapa. — Tem de vir ao Palácio de Inverno Mr. Caul. Vou pedir a Smew que faça chocolate quente. Onde está Smew? Ah, deixe lá, eu própria o faço...

E assim, a Margravine indicou o caminho por Rasmussen Prospekt com Scabious e a Menina Pye a seu lado e Caul a caminhar nervosamente no meio deles enquanto os outros se apressavam juntar-se à estranha procissão à medida que a palavra se espalhava de que o rapaz vindo do mar tinha trazido uma nova esperança. Os Aakuiq, os Umiak, Mr. Quaanic e Smew tentavam chegar à frente e Freya acenava com o mapa de Snøri Ulvaeusson dentro do seu velho porta-documentos rindo-se e brincando com as pessoas. Não era um comportamento muito digno e ela sabia que os seus pais, a sua professora de etiqueta e as suas damas de honor não o teriam aprovado, mas ela também já não estava preocupada. O tempo deles tinha acabado e agora a Margravine era Freya.

Capítulo 35

Uma Arca De Gelo

Que barulheira de marteladas e estrondos invadiu Anchorage nos dias seguintes! Que brilho dos candeeiros de trabalho durante as longas noites e as chuvas de faíscas enquanto Scabious supervisionava o corte das improvisadas lâminas das hélices das placas de convés sobressalentes e a construção de suportes de encaixe de antigas coberturas de lagartas! Que gaguejar e roncar de motores a serem testados, veios de excêntricos e correias de transmissão reposicionadas! Caul usava o *Screw Worm* para perfurar a placa de gelo e as novas hélices eram cuidadosamente descidas para a água debaixo da metrópole enquanto Scabious fazia experiências com um improvisado e bem aparelhado leme. Nenhum deles trabalhava muito bem mas todas juntas faziam um bom trabalho. Uma semana depois de Caul ter chegado, os motores recomeçaram verdadeiramente a trabalhar e Freya sentiu a sua metrópole a navegar premeditadamente por baixo dela e a começar a andar lentamente pelo mar afora com a água a bater nas bordas da sua arca de gelo.

E em breve os dias foram-se tornando maiores e os icebergues mais reduzidos e o calor dos raios de sol penetravam o nevoeiro, pois Anchorage rumava para latitudes onde ainda imperava um Outono tardio.

Hester não tomou parte nas festas e reuniões de planeamento e ritmos monótonos que ocupavam o resto da metrópole naquelas últimas semanas de viagem. Nem sequer foi ao casamento de Søren Scabious e de Windolene Pye. Passava a maior parte do tempo no Palácio de Inverno com Tom e mais tarde quando

relembrou aqueles dias, não eram os pontos de referência que se lembrava, nem das ilhas mortas e das espessas pressões das massas de gelo à deriva que Anchorage tinha tido de ultrapassar, das montanhas sem vida da América curvadas sobre o horizonte, mas dos marcos importantes da recuperação de Tom.

Houve um dia em que a Menina Pye se encheu de coragem e com todos os conhecimentos que conseguiu assimilar dos seus livros de medicina, operou Tom com a ajuda de pinças por entre as pulsações húmidas e escuras do seu corpo. A dada altura já Hester tinha desmaiado mas quando voltou a si, a Menina Pye entregou-lhe a pequena, dentada e arrebitada bala de metal azulado que mais parecia nunca ter feito mal a ninguém.

Depois, seguiu-se o dia em que pela primeira vez Tom abriu os olhos e falou. Disse coisas sem nexos e febris sobre Londres, Pennyroyal e Freya mas sempre era melhor que nada e ela segurava-lhe na mão e beijava-lhe a testa acalmando-o de volta para um sono estremecido e murmurante.

Agora que Tom já não estava em perigo de vida, Freya vinha visitá-lo várias vezes e Hester até por vezes a deixava ficar no lugar dela durante a noite, pois também ela por vezes não se sentia bem como se o movimento da metrópole flutuante discordasse com ela. A princípio as coisas entre as duas raparigas andavam estranhas mas após algumas visitas Hester acabou por lhe perguntar:

— Vais contar-lhes?

— Contar o quê a quem?

— Contar a todos que fui eu que vos vendi a Arkangel?

Freya também tinha andado a matutar naquilo. Pensou um pouco antes de responder:

— E se contar?

Hester olhou para o chão alisando os pêlos da grossa carpete com as suas velhas botas gastas.

— Se contares eu não poderei ficar. Partirei para outro lugar qualquer e tu ficarás com Tom só para ti.

Freya sorriu. Tinha sempre gostado muito de Tom mas o seu fraquinho por ele tinha ficado algures perdido no gelo da Gronelândia.

— Eu sou a Margravine de Anchorage — respondeu. — Quando me casar será por verdadeiras razões políticas com alguém da metrópole inferior, talvez ou... — hesitou e corou ligeiramente ao pensar em Caul tão simpático e desajeitado. — De qualquer forma — continuou rapidamente —, quero que fiques. Anchorage precisa de alguém como tu a bordo.

Hester acenou. Conseguia imaginar o seu pai há algum tempo atrás numa câmara da Londres Superior a ter o mesmo tipo de conversa com Magnus Crome.

— Para quando houver problemas, como por exemplo o Tio e os seus Meninos Perdidos descobrirem a tua pequena colónia, ou piratas do ar resolverem atacar ou um traidor tipo Pennyroyal precisarem de ser apagados, possas contar comigo para fazer o trabalho sujo?

— Bem, pareces ser muito boa nesse campo — concordou Freya.

— E se eu não o quiser fazer?

— Então contarei a todos o que aconteceu em Arkangel — respondeu Freya. — Mas caso contrário, ficará apenas entre nós.

— Isso é chantagem — resmungou Hester.

— Ai é? Bolas! — Freya fez um ar satisfeito como se finalmente estivesse a conseguir governar uma metrópole.

Hester observou-a durante uns momentos e depois sorriu com a sua habitual forma distorcida.

E por fim, já perto do fim da viagem, surgiu uma noite em que ela foi acordada dos seus sonhos na cadeira ao lado da cama de Tom por uma voz familiar que disse:

— Het?

Ela assustou-se e debruçou-se sobre ele acariciando a sua sobancelha e sorrindo para o seu rosto pálido e preocupado.

— Tom, estás melhor!

— Pensei que ia morrer — disse ele.

— Quase morreste.

— E os Predadores?

— Foram-se embora. E Arkangel ficou algures presa no gelo longe de nós. Estamos a dirigir-nos para sul para o coração da velha América. Bem, tecnicamente, até poderá ser o velho Canadá. Já ninguém se recorda onde ficava a fronteira.

Tom franziu o sobrolho.

— Então quer dizer que o Professor Pennyroyal não estava a mentir? O Continente Morto está novamente verde?

Hester coçou a cabeça.

— Sobre isso não sei. Apareceu um mapa... é complicado explicar. A princípio não percebi por que motivo haveriam de acreditar mais em Snøri Ulvaeusson do que em Pennyroyal mas não há dúvida de que há por aqui umas zonas verdes. Por vezes, quando o nevoeiro levanta consegue-se distinguir pequenas árvores torcidas e umas coisitas que pendem das encostas das montanhas com ar de estar a ganhar vida. Presumo que tenha sido isto que deu

origem às lendas do aviador. Mas não é nada como Pennyroyal prometia. Não é um Terreno de Caça. Apenas uma ou duas ilhas. E Anchorage terá de se transformar numa colónia sedentária.

Tom fez um ar assustado e Hester apertou-lhe mão maldizendo-se por o ter assustado. Tinha-se esquecido de como os cidadãos como ele temiam a vida na terra.

— Eu nasci numa ilha, lembras-te? E era bom. Teremos uma boa vida aqui.

Tom acenou e sorriu olhando para ela. Ela parecia bem, embora um pouco pálida e continuava a não ser o ideal de beleza para ninguém, mas estava muito elegante vestida com umas roupas pretas novas, contou-lhe que as tinha tirado de uma loja na Arcada Boreal para substituir o uniforme da prisão. Tinha lavado o cabelo e prendera-o com uma coisa prateada atrás e pela primeira vez desde que ele se lembrava não tinha tentado esconder o rosto enquanto ele a observava. Esticou a mão e tocou-lhe no rosto.

— Estás bem? Pareces um pouco pálida.

Hester riu-se.

— És a única pessoa que repara no meu aspecto. Para além do óbvio. Tenho andado um pouco indisposta — mais valia não lhe contar já o que Windolene Pye tinha descoberto quando ela se tinha ido queixar dos enjoos. O choque poderia fazer com que ele piorasse.

Tom toucou-lhe na boca.

— Eu sei que te debes ter sentido muito mal por teres tido de matar todos aqueles homens. Ainda me sinto culpado por ter morto Shrike, Pewsey e Gench. Mas a culpa não foi tua, Hester. Tiveste de o fazer.

— Sim — sussurrou ela e sorriu ao pensar como eram diferentes, pois quando pensava nas mortes de Masgard e dos Predadores, não sentia qualquer culpa, apenas uma certa satisfação e uma feliz admiração por ter escapado ilesa. Deitou-se a seu lado na cama e abraçou-o a pensar em tudo o que se tinha passado desde que tinham saído de Anchorage. — Sou filha de Valentine — disse suavemente quando teve a certeza de que ele estava a dormir e parecia-lhe uma coisa boa. E ali ficou deitada abraçada a Tom com um filho dele no ventre.

Freya acordou com um raio de luz cinzenta por entre as cortinas. Vozes gritavam lá em baixo na rua fora do palácio.

— Terra à vista! Terra à vista!

Aquilo não eram propriamente novidades uma vez que Anchorage há já vários dias que navegava perto de terra, seguindo cuidadosamente ao longo de um comprido e estreito braço de mar em direcção a um lugar que Snøri Ulvaeusson tinha apelidado de *Vineland*. Mas os gritos continuavam e Freya saiu da cama, endireitou a camisa de dormir, abriu a cortina e a comprida janela e saiu para a varanda gelada. O dia tinha amanhecido claro como o gelo. De ambos os lados da metrópole viam-se as montanhas escuras que reflectidas na água, estriadas de neve e por entre os penhascos e as encostas de cascalho surgiam pequenos pinheiros famintos como os primeiros cabelos de uma cabeça rapada. E ali...

Freya agarrou-se com força ao corrimão da varanda com as duas mãos, feliz por a dentada que o metal gelado lhe tinha dado na mão provar que ela não estava a sonhar. Mais à frente, o delineado de uma ilha sobressaía da névoa que pairava sobre a água parada. Viu os pinheiros nos píncaros e as bétulas ainda cheias de folhas de um tom pálido dourado do último Verão. Viu encostas escarpadas verdejantes com urze e ferrugem e fetos mortos. Viu um entrelaçado

de neve em florestas escuras de sorveira, espinheiro negro e carvalho. E por trás, sobre um brilhante estreito, outra ilha e a seguir mais outra. E sorriu em voz alta e sentiu a sua metrópole por baixo dela a tremer pela última vez, à medida que guinava e abrandava levando-a com segurança para os secretos ancoradouros do Ocidente.